

CECÍLIA DA SILVA

**A INFÂNCIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFESSOR DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA!**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa Educação e Infância.  
Orientadora: Profa. Dra. Jucirema Quinteiro.

Florianópolis, agosto de 2009.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“A INFÂNCIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA: A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA!”**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de  
Mestrado em Educação do Centro de Ciências da  
Educação em cumprimento parcial para a  
obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/8/2009

Dra. Jucirema Quinteiro (CED/UFSC-Orientadora)

Dr. Maurício Roberto da Silva (CDS/UDSC-Examinador)

Dra. Diana Carvalho de Carvalho (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Maria Isabel Batista Serrão (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Iracema Soares de Sousa (CDS/UFSC-Suplente)

**CECÍLIA DA SILVA**

FLORIANÓPOLIS/ SANTA CATARINA/ AGOSTO/ 2009

*“Mais é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
(...)  
Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre”  
(Milton Nascimento)*

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: minha irmã *Ana*, minha mãe *Célia* e minha vó *Zulma*, por tudo que me ensinaram na vida e pela força com que me impulsionaram para a realização deste sonho.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora *Jucirema Quinteiro*, pela dedicação na orientação desta pesquisa, transcendendo sua carga horária, me orientando, muitas vezes, no horário do almoço e nos finais de semana, e transcendendo ainda, o espaço desta universidade, me acolhendo em sua casa nas férias. Agradeço também por depositar confiança em mim e me impulsionar no campo da pesquisa. Ainda, agradeço pelas conversas que extrapolaram a orientação, momentos estes que me fizeram dar boas risadas, mas que, especialmente, me fizeram refletir sobre muitas coisas...

Ao professor *Maurício Roberto da Silva*, por aceitar o convite para participar da banca de defesa desta dissertação, mas, sobretudo, pela grande contribuição que marcou minha formação acadêmica na Educação Física.

À professora *Maria Isabel Batista Serrão*, pelas contribuições na banca de qualificação, por aceitar o convite para participar da banca de defesa, mesmo estando afastada do País para pós-doc e, especialmente, pelo exemplo profissional no âmbito da formação universitária de professores.

À professora *Diana Carvalho de Carvalho*, por aceitar o convite para participar da banca de defesa desta dissertação.

À professora *Iracema Soares de Sousa*, pelas contribuições no exame de qualificação.

Ao *GEPIEE*, pelos debates e embates que contribuíram sobremaneira para a realização desta pesquisa.

Aos professores do mestrado. Em especial, *Eneida Oto Shiroma*, *Carlos Eduardo Reis* e *Paulo Tumolo*, pela contribuição na formação acadêmica, política e de pesquisa.

Aos colegas do mestrado. Em especial, às colegas da linha de pesquisa Educação e Infância (*Cristina*, *Isabel*, *Isabela* e *Rute*), pelas discussões e contribuições. À *Carol “Ruiva”*, pelo compartilhamento de tarefas no levantamento nas revistas da área da Educação. À *Carol “Morena”*, pela amizade. Aos colegas da Bahia, *Amália* e *David*, por contribuírem marcadamente em minha formação política e por se tornarem importantes amigos.

À professora *Luciana Fiamoncini* por disponibilizar o plano de ensino da disciplina “Educação Física na Infância” e me convidar para participar de um debate com os estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.

Ao *PPGE*, pela acolhida.

À *CAPES*, pela concessão de sete meses de bolsa de estudos.

Aos funcionários do CDS, em especial *Cris* e *Sérgio*, por disponibilizar vários documentos indispensáveis para a realização desta pesquisa.

À *Lucyelena Amaral Picelli*, por disponibilizar sua dissertação via correio eletrônico.

À minha prima *Francine*, por fazer o abstract desta pesquisa.

Ao professor *Giovani De Lorenzi Pires*, por estar sempre disposto a auxiliar, servindo como uma espécie de “google” da Educação Física. Sempre quando me questionava sobre algo, ia até sua sala e sempre saía de lá com algumas respostas ou, pelo menos, indicativos.

Ao grupo *PET Educação Física da UFSC*, por me acolher, mesmo depois da graduação (Afinal, eu levei a sério a expressão “Uma vez petiana; sempre petiana!).

Aos colegas do *MNCR*, pela formação, pela luta e pela amizade.

Ao Grupo de Estudos sobre o Materialismo Histórico Dialético (*GEMHD*), pelo importante espaço de discussão.

Aos colegas do *SINTRASEM*, pela experiência que me fez compreender que a formação política se dá na luta.

À *Creche Orlandina Cordeiro*, pela oportunidade, confiança e formação.

Às profissionais da *Creche Morro da Queimada* por compreenderem minhas faltas, e por às vezes, mesmo não entendendo o que eu fazia dizendo “tens tempo”, valorizaram meu trabalho.

Às profissionais da *Creche Morro do Mocotó*, pela acolhida, valorização e compreensão sobre minhas ausências. Vocês são especiais! Eu me sinto parte deste grupo!

Aos funcionários da *Diretoria de Educação Infantil*, por contribuírem comprando meus artesanatos, que me financiaram durante algum tempo.

Ao grupo *GESTOS*, pelo apoio, amizade e por agüentar meus momentos “como anda minha dissertação”.

À minha mãe *Célia*, pelo incansável incentivo e dedicação. Pelos cafés levados até a mesa do computador. Por se privar, algumas vezes, de ouvir o jogo do Avaí pelo rádio, para não fazer barulho, pois eu estava estudando. Por compreender meu mau humor matinal. Enfim, por ser a mãe tão especial que ela é.

Ao meu pai *Fábio* que, mesmo parecendo imparcial, sei que nutre um orgulho por mim.

À minha irmã *Ana*, pelo incentivo essencial nesta pesquisa. Por ler os meus textos e tentar contribuir de alguma maneira. Por auxiliar na venda de meus artesanatos, quando eu estava sem bolsa de estudos. Pelos passeios, conversas, risadas e choros compartilhados.

À minha vó *Zulma*, pelo exemplo de garra e ternura. Por me dar uma máquina de costura, falando que eu tinha que parar de estudar e costurar, pois a costureira dela ganhava muito mais que eu, mas, ao mesmo tempo, me incentivando e nutrindo um carinho e orgulho muito especial por mim.

À minha prima *Bi*, colega de profissão, por confiar em mim não somente como prima e amiga, mas como pesquisadora.

Às minhas primas *Flávia e Jaque*, por compartilhar conversas sobre a profissão docente.  
Ao *Ego* por ter sido meu companheiro e namorado nesses anos. À família *Smaniotto e Mascherin* pela valorização e pelas festas divertidíssimas de final de ano.

À minha amiga *Fabi*, por sua amizade e por ser, muitas vezes, meu refúgio.

À todos que não estão citados nomeadamente aqui, mas que de alguma maneira contribuíram para a realização desta pesquisa.



**Para os que virão**

Como sei pouco, e sou pouco,  
faço o pouco que me cabe  
me dando inteiro.  
Sabendo que não vou ver  
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente  
para não enganar a ninguém:  
principalmente aos que sofrem  
na própria vida, a garra  
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido  
no meu bolso de palavras.  
Sou simplesmente um homem  
para quem já a primeira  
e desolada pessoa  
do singular - foi deixando,  
devagar, sofredamente  
de ser, para transformar-se  
- muito mais sofredamente -  
na primeira e profunda pessoa  
do plural.

Não importa que doa: é tempo  
de avançar de mão dada  
com quem vai no mesmo rumo,  
mesmo que longe ainda esteja  
de aprender a conjugar  
o verbo amar.

É tempo sobretudo  
de deixar de ser apenas  
a solitária vanguarda  
de nós mesmos.  
Se trata de ir ao encontro.  
( Dura no peito, arde a límpida  
verdade dos nossos erros. )  
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,  
e saber serão, lutando.

(Thiago de Mello)

## RESUMO

Esta pesquisa busca analisar o *lugar* que ocupa a infância, entendida como condição social de *Ser* criança, no âmbito da formação universitária do professor de Educação Física, mediante um rigoroso levantamento e um exercício de análise sobre a produção científica existente na área da Educação Física, no período de 1979 a 2007, bem como, das reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, pautada nos elementos da perspectiva sócio-histórica (Karel Kosik; George Snyders; Miriam Limoeiro Cardoso; Marília Gouvêa de Miranda; Jucirema Quinteiro; Coletivo de Autores; Celi Nelza Zulke Taffarel). Como resultados desta pesquisa destacam-se: a formação universitária do professor de Educação Física é recente e ainda marcada pelo caráter autoritário que a constituiu; conseqüentemente, as presenças das categorias criança e infância apresentam-se indistintamente e caracterizam-se pelas perspectivas naturalizantes e idealistas. Finalmente, as questões concernentes à infância na formação universitária do professor de Educação Física, apresentam-se limitadas a uma disciplina, e dentro desta disciplina, circunscritas à Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Infância; Criança; Formação Universitária de Professores; Educação Física.

## ABSTRACT

This research pursues to analyze the *place* that childhood occupies, understood as the social condition of *Being* a child, in the ambit of the university formation of the Physical Education Professor, through a rigorous data gathering and an analyze exercise about the scientific production existent in the Physical Education area, in the period from 1979 to 2007, as well as the curricular reform of the graduation course in Physical Education of the Federal University of Santa Catarina, guided by the perspective of social and historical elements (Karel Kosik; George Snyders; Miriam Limoeiro Cardoso; Marília Gouvêa de Miranda; Jucirema Quinteiro; Coletivo de Autores; Celi Nelza Zulke Taffarel). As a result of this research it is possible to highlight: the university formation of the Physical Education Professor is recent and still marked by the authoritarian aspect in which it was constituted; therefore, the presence of the categories child and childhood are characterized by the idealist and natural perspectives, and finally, the issues concerning childhood in the university formation of the Physical Education Professor, present themselves limited to a discipline and inside this discipline, circumscribed in Children Education.

Key words: Childhood; Child; University Formation of Professors; Physical Education.

## LISTA DE QUADROS

### QUADRO 1

Teses e dissertações sobre Educação Física, Formação de Professores e Infância – 1987 a 2007..... 60

### QUADRO 2

Teses e dissertações sobre Educação Física, Formação de Professores e Criança - 1987 a 2007..... 61

### QUADRO 3

Teses e dissertações sobre Educação Física, Infância e Criança - 1987 a 2007..... 63

### QUADRO 4

Dissertações selecionadas para a análise sobre as relações entre Educação Física, Infância e Criança..... 64

### QUADRO 5

Criança e infância nos artigos em periódicos na área da Educação Física - 1970 a 2007..... 71

### QUADRO 6

Trabalhos dos CONBRACE's que possuem em seu título e/ou resumo e/ou palavras-chave as categorias criança(s) e/ou infância(s), no período de 1997 a 2007..... 76

### QUADRO 7

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, distribuídos pelos GTT's ..... 78

### QUADRO 8

Disciplinas da segunda e da terceira grade curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC ..... 97

**LISTA DE GRÁFICOS****GRÁFICO 1**

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, em valores absolutos..... 81

**GRÁFICO 2**

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, em valores relativos..... 81

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABE – Associação Brasileira de Educação  
ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
CDC – Convenção dos Direitos da Criança  
CDS – Centro de Desportos  
CFE – Conselho Federal de Educação  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte  
CONBRACE's – Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte  
CONFED – Conselho Federal de Educação Física  
CREF – Conselho Regional de Educação Física  
CREF's – Conselhos Regionais de Educação Física  
DEF – Departamento de Educação Física  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
ENADE – Exame Nacional de Desempenho do Estudante  
ENEEF – Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física  
ES – Espírito Santo  
FBME – Federação Brasileira de Medicina do Esporte  
GEPIEE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola  
GO – Goiás  
GT – Grupo de Trabalho  
GT's – Grupos de Trabalho  
GTT – Grupo de Trabalho Temático  
GTT's – Grupos de Trabalhos Temáticos  
IES – Instituições de Ensino Superior  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
JINEF – Jogos Internos da Educação Física  
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
LEPEL – Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer  
MEC – Ministério da Educação

MEEF – Movimento Estudantil de Educação Física

MG – Minas Gerais

MNCR – Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NEPEF – Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física

PA – Pará

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PE - Pernambuco

PET – Programa de Educação Tutorial

PPCC – Prática Pedagógica como Componente Curricular

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGEF – Programa de Pós-Graduação em Educação Física

PPP – Projeto Político Pedagógico

RA – Reunião Anual

RA's – Reuniões Anuais

RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte

RBCE's – Revistas Brasileiras de Ciências do Esporte

RJ – Rio de Janeiro

SC – Santa Catarina

SESu/MEC – Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior

SP – São Paulo

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UGF – Universidade Gama Filho

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

USP – Universidade Estadual de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 A FORMAÇÃO (UNIVERSITÁRIA) DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: DA “APTIDÃO FÍSICA” À “CULTURA CORPORAL” .....</b>	<b>35</b>
<b>2 A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA .....</b>	<b>52</b>
2.1 A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA .....	60
2.1.1 Características do estágio atual da produção sobre infância na Educação Física: qual o “lugar” da formação universitária do professor? .	65
2.2 ARTIGOS EM PERIÓDICOS: AUMENTA A PRODUÇÃO, AS TEMÁTICAS SE DIVERSIFICAM E A INFÂNCIA ADQUIRE VISIBILIDADE COMO CATEGORIA DE PESQUISA .....	71
2.3 ANAIS DOS CONBRACE’S E AS IDÉIAS CIRCULANTES DE INFÂNCIA .....	76
<b>3 A INFÂNCIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA! .....</b>	<b>83</b>
3.1 1974 - CRIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: PRIMEIRA GRADE CURRICULAR .....	83
3.2 1988 - REFORMA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: SEGUNDA GRADE CURRICULAR .....	85
3.3 2005 - REFORMA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: TERCEIRA GRADE CURRICULAR .....	89
3.4 A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA: A “EDUCAÇÃO FÍSICA NA INFÂNCIA” .....	101

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>127</b>
APÊNDICE A – Levantamento dos artigos das revistas selecionadas da área da Educação Física sobre a criança e a infância .....	127
APÊNDICE B – Trabalhos selecionados das edições do CONBRACE, no período de 1997 a 2007, distribuídos pelos GT's .....	140
<b>ANEXOS .....</b>	<b>158</b>
ANEXO A – Dissertações e Testes coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Formação de Professores e Infância .....	158
ANEXO B – Dissertações e Testes coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Formação de Professores e Criança .....	160
ANEXO C - Dissertações e Testes coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Infância e Criança .....	167
ANEXO D - Resumos das dissertações da amostra coligidos no Banco de Teses da CAPES .....	173
ANEXO E – Primeira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC .....	176
ANEXO F – Segunda Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC .....	179
ANEXO G – Terceira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC .....	184
ANEXO H – Programa de Ensino da Disciplina “Educação Física na Infância” .....	189
ANEXO I – Plano de Ensino da Disciplina “Educação Física na Infância” .....	191

## INTRODUÇÃO

“O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um ‘conhece-te a ti mesmo’ como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário”. (*Gramsci*)

Esta pesquisa busca analisar o “lugar” que ocupa a infância, entendida como condição social de ser criança, no âmbito da formação universitária do professor de Educação Física, mediante um rigoroso levantamento e um exercício de análise sobre a produção científica existente na área da Educação Física, no período de 1979 a 2007, bem como, das reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dentre as razões que levaram a pesquisadora a eleger este problema de investigação destacam-se três: a primeira refere-se a própria formação docente em Educação Física, que colocou-a de frente para a complexidade da formação do professor e os desafios do exercício docente; a segunda razão refere-se a experiência profissional como professora de Educação Física, tanto no Ensino Fundamental como na Educação Infantil, que, apesar de recente, instigaram-na a conhecer qual a contribuição dos estudos sobre a criança e a infância na formação dos professores de Educação Física e, conseqüentemente, das novas gerações no interior da escola; e, finalmente, a entrada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFSC, Linha de Pesquisa Educação e Infância, que proporcionou participar dos estudos, debates e discussões realizados tanto no interior das disciplinas cursadas como, particularmente, no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola (GEPIEE<sup>1</sup>).

É importante destacar que naquele momento, a pesquisadora estava imersa no referencial da denominada Sociologia da Infância. Este campo de estudos é apropriado pelos pesquisadores brasileiros, em grande medida, a partir de autores europeus como Sarmiento, Pinto, Montandon, Corsaro, Sirota. Esta produção europeia contribuiu em grande medida para

---

<sup>1</sup> Grupo coordenado pelas professoras Dras. Jucirema Quinteiro, Diana Carvalho de Carvalho e Maria Isabel Batista Serrão, nesta Universidade. Grupo vinculado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde o ano de 2001.

que os estudos voltassem sua atenção para as crianças, entendidas como atores sociais (SARMENTO, 2005). Entretanto, por sua base fenomenológica, os estudos, em sua maioria, estão reduzidos à experiência imediata, à narrativa simbólica e descritiva, “[...] que considera[m] a categoria social infância como susceptível de ser analisada em si mesma” (ibid., p. 18). Sob outra perspectiva, como expõe Quinteiro (2003), estudos acerca da infância sob o enfoque sociológico já existem no Brasil e são anteriores ao “boom” da sociologia européia, como, por exemplo, o trabalho de Florestan Fernandes, da década de 40, intitulado “As Trocinhas de Bom Retiro”, no qual o autor realiza um registro inédito das culturas infantis.

Destacadas as razões que levaram esta pesquisadora ao tema de pesquisa, se apresenta importante esclarecer também qual a conjuntura política, econômica e social mais ampla que acompanharam este processo.

A partir da década de 1990, ocorreram algumas mudanças em aspectos do modo de produção capitalista, que materializam novas alterações no conteúdo e novas formas de organização do trabalho, nas relações sociais e de produção. Estas mudanças têm-se apresentado como estratégias burguesas para a superação da crise estrutural do capital, crise esta constituída pelas escancaradas contradições produzidas por este sistema (NEVES; SANT’ANNA, 2005; TAFFAREL, 2007).

No Brasil, a abertura ao neoliberalismo iniciou-se a partir do governo Collor e aprofundou-se no governo Fernando Henrique Cardoso. Com as eleições de 2002 e a vitória de Luís Inácio Lula da Silva, muitos acreditaram que esta poderia significar a derrota política do neoliberalismo. Contudo, assiste-se a uma continuação do projeto iniciado por Collor, definido por Antunes, R. (2004), como a “desertificação neoliberal no Brasil”, que busca a redefinição de estratégias com o fim de obter o consenso da sociedade através do Estado educador. Segundo Neves; Sant’anna (op. cit., p. 26),

O Estado educador [...] deve servir para determinar a vontade de construir, no invólucro da sociedade política, uma complexa e bem-articulada sociedade civil, em que o indivíduo particular se governe por si sem que, por isso, esse autogoverno entre em conflito com a sociedade política, tornando-se, ao contrário, sua normal continuação [...].

Neste processo de redefinição de estratégias com objetivo de legitimar o consenso, surge um projeto que foi pensado como alternativa para aliviar os efeitos negativos do

neoliberalismo. Este, denominado de Terceira Via, de centro esquerda, tem como representantes Tony Blair, Nestor Kirchner, Ricardo Lagos, Lula da Silva, entre outros, e mostra-se contra algumas teses mais ortodoxas do neoliberalismo, mas considera que algumas políticas de cunho neoliberal foram necessárias para o desenvolvimento e modernização da sociedade. Ao mesmo tempo, busca dismantelar a idéia de que exista uma hierarquização entre os países, colocando a globalização diluindo pólos concentradores de poder. Dentro deste pressuposto, quer destruir o fato de existir lutas entre as classes sociais e propaga um “novo homem”. Mas que homem seria este? De acordo com Falleiros (2005, p. 211),

O “novo homem”, nessa visão de mundo, deve: *sentir-se responsável individualmente* pela amenização de uma parte da miséria do planeta e pela preservação do meio ambiente; estar preparado para doar uma parcela do seu tempo livre para atividades voluntárias nessa direção; exigir do Estado em senso estrito transparência e comprometimento com as questões sociais, mas *não deve jamais questionar a essência do capitalismo*. À escola, portanto, é transmitida a tarefa de ensinar as futuras gerações a *exercer uma cidadania “de qualidade nova”*, a partir da qual o *espírito de competitividade seja desenvolvido em paralelo ao espírito de solidariedade*, por intermédio do *abandono da perspectiva de classe e da execução de tarefas de caráter tópico na amenização da miséria em nível local (grifos meus)*.

Neste sentido, os representantes da Terceira Via propagam a idéia de que o capitalismo é capaz de humanizar todos os homens, basta a colaboração de todos nesta direção. Assim, esta amplia a teoria liberal de Estado, já que seus autores clássicos colocam que o poder só se efetiva dentro de um Estado forte e os representantes da Terceira Via afirmam a parceria entre sociedade civil e Estado (LIMA; MARTINS, 2005). Porém, cabe destacar que esta articulação não se dá de forma recíproca, já que o Estado mobiliza as classes a se unirem e ajudarem-se mutuamente, mas não se apresenta como provedor diante desta situação.

Inseridas às táticas e estratégias do capital na manutenção de sua hegemonia estão as reformas educacionais. Exemplo disto é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)<sup>2</sup> (Lei n. 9394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)<sup>3</sup>, as Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação<sup>4</sup>, a legitimação de órgãos de fiscalização e

---

<sup>2</sup> Sobre isto ver Saviani (1999).

<sup>3</sup> Sobre isto ver Falleiros (2005) e Rodrigues (2002).

<sup>4</sup> Discussões no âmbito da Educação Física ver Quelhas; Nozaki (2006), David (2002), Taffarel; Lacks (2007) e Nozaki (2003).

certificação (como o sistema CONFEF/CREF)<sup>5</sup> e os avanços da Reforma Universitária (TAFFAREL; LACKS; SANTOS JÚNIOR, 2006).

Sob esta conjuntura, esta pesquisadora ingressou no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, já no alvorecer do século XXI, no ano de 2002, precisamente.

A escolha pelo curso de Educação Física foi conseqüência da formação como atleta de Atletismo. A expectativa inicial era buscar conhecimentos que habilitassem trabalhar com o chamado esporte de rendimento. Como muitos estudantes deste curso, ainda não tinha clareza sobre os sentidos, significados e dimensões de um curso de licenciatura<sup>6</sup>.

Na segunda fase do curso, participou-se do processo seletivo para a entrada no Programa de Educação Tutorial (PET), mantido pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC). O grupo é formado por doze bolsistas e um tutor e tem como objetivos (PETEF, 2008):

- desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão; - oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando a formação de um profissional crítico e atuante; - promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional; e - estimular a melhoria do ensino de graduação.

A escolha por integrar este grupo foi a possibilidade de complementar a formação, indo além das discussões de sala de aula. Neste processo, deparou-se com o objetivo maior da universidade: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A partir das atividades que preconizavam este objetivo, passou-se a compreender melhor o papel da universidade e o próprio papel de um estudante de um curso de licenciatura.

Neste mesmo momento pôde-se participar de um fato importante na história do presente curso: a realização do XIV Jogos Internos da Educação Física (JINEF). O JINEF é uma competição organizada pelos estudantes das terceiras fases A e B do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, na disciplina de “Organizações de competições esportivas”. Os jogos são realizados todos os semestres e, na maioria das vezes, este evento é organizado de forma competitiva entre as fases, buscando o desempenho atlético. O XIV JINEF, realizado em 2002/2, surgiu com outra proposta: as provas estavam pautadas por atividades recreativas, voltadas para o âmbito escolar, e tinham como objetivo a integração

---

<sup>5</sup> Sobre isto ver Penna (2006), Nozaki (2004) e site do Movimento Nacional Contra a Regulamentação (MNCR): <http://mncref.sites.uol.com.br/>.

<sup>6</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre “Sentido e significado” como elementos constitutivos da atividade de aprendizagem ver Serrão (2006), p. 145 a 174.

dos estudantes, desvincilhando-se do modelo do esporte de rendimento. Entretanto, para o espanto desta pesquisadora esta proposta não foi bem aceita pelos estudantes. Afinal, por que recusavam a maioria dos estudantes tal proposta? Nesta ocasião, cursava-se a disciplina “Princípios de Conduta Profissional”, da segunda fase, e a partir dos debates aí travados realizou-se o trabalho final desta disciplina buscando compreender esta recusa dos estudantes e discutir sobre a natureza, as finalidades e os objetivos do curso. Realizou-se entrevistas com estudantes e pôde-se constatar que a rejeição ao XIV JINEF foi provocada pela mudança no caráter do evento, já que não contemplou o esporte de rendimento. Por que o afastamento do esporte de rendimento causou tanta rejeição em um curso de formação de professores para atuarem na escola? Será que os estudantes e professores têm claro quais são os objetivos formativos do curso?

Tais inquietações não pararam por aí. Os debates encaminhados nesta e em outras disciplinas, conjuntamente com as discussões no grupo PET, fizeram-na perceber a falta de debate sobre a formação de professores, expresso na ausência dos sujeitos do processo educativo (o professor e o estudante) na esfera do presente currículo, centrado no esporte, suas regras e metodologias. Os poucos debates existentes sobre estas relações apareceram mais no final do curso, nas disciplinas Prática de Ensino I e II. Um destaque merece ser feito sobre estas disciplinas. Foram nestes momentos que se esteve mais perto das crianças e conviveu-se com outros profissionais da área da educação.

A Prática de Ensino I foi realizada nas Escolas Rurais do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), em Fraiburgo/SC<sup>7</sup>. A turma onde a pesquisadora e seu parceiro de estágio, Diogo Vieira Moura, realizaram a intervenção foi a 3ª série do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que esta disciplina fazia parte de um projeto que estabelecia relações entre as disciplinas de Prática de Ensino dos cursos de Pedagogia e Educação Física. No momento desta intervenção o projeto foi coordenado pela professora Maria Isabel Batista Serrão (Pedagogia) e pelos professores Paulo Ricardo do Canto Capela e Edgard Matiello Júnior (Educação Física). De acordo com Serrão (2006, p. 24-25) o objetivo do projeto era

[...] Admitir os limites dos cursos específicos e conquistar possibilidades de *agir coletivamente* [...]. Nesse caso, para os futuros pedagogos, o que se almejava era que compreendessem a prática pedagógica escolar voltada às crianças, reconhecendo as contribuições da Educação Física, principalmente no que tange à ‘cultura corporal/de movimento’. Já no que se refere aos futuros professores de Educação

---

<sup>7</sup> Fraiburgo fica à 450 Km de Florianópolis.

Física, visava-se que entendessem a ‘cultura corporal/de movimento’ produzida naquele contexto, considerando os elementos teórico-metodológicos que a Pedagogia poderia oferecer. Para ambos, o objetivo era que elaborassem uma síntese dessas abordagens sobre o fenômeno em tela, respeitando a particularidade da educação rural e especialmente os aspectos histórico-culturais que constituem a realidade educacional construída por sujeitos participantes de um determinado movimento social (*grifos meus*).

A escolha por este campo de intervenção foi fruto de conversas com outros estudantes que já haviam realizado a Prática de Ensino neste contexto. Tais conversas instigaram-na a conhecer a realidade social de Escolas Rurais vinculadas ao MST. A partir desta intervenção pôde-se travar uma fecunda relação entre as áreas da Pedagogia e da Educação Física, no caminho da construção de um diálogo que permitiu reconhecerem-se como parceiros da práxis educativa. Neste momento, foram poucos os espaços para a discussão sobre a criança e a infância, já que as discussões correspondiam às temáticas mais amplas sobre a educação; a educação na realidade social do MST; e, o exercício docente.

Entretanto, a escolha por este projeto trouxe algumas conseqüências, já que não correspondia ao modelo tradicional de Prática de Ensino do curso. Como ter-se-ia que se ausentar das aulas das outras disciplinas do curso por três semanas (uma semana para a observação e duas para a intervenção, em Fraiburgo), perder-se-ia as discussões de alguns conteúdos transmitidos em sala de aula. Cientes disto, os estudantes conversaram com os professores ministrantes das respectivas disciplinas para pensar uma articulação destas com a Prática de Ensino. Alguns professores pensaram esta articulação, porém outros ignoraram esta possibilidade e ainda não aceitaram a justificativa sobre as faltas dos estudantes. Diante disto ficava visível a fragmentação na formação. Os entraves entre a Prática de Ensino nas Escolas Rurais do MST e outras disciplinas do curso já vinham acontecendo há tempos. Como conseqüência disto, o ano de 2004, o qual se participou, foi o último a oferecer este tipo de Prática de Ensino no âmbito da Educação Física.

Já a Prática de Ensino II aconteceu em uma creche da Rede Municipal de Florianópolis/SC. A turma onde a pesquisadora e sua parceira de estágio, Beatriz Zacchi da Cunha, realizaram a intervenção foi o Berçário II. Neste contexto, somente estudantes de Educação Física realizavam o estágio. O que se pôde perceber naquela ocasião foi que o diálogo entre os vários profissionais da educação que havia sido travado na Prática de Ensino anterior não se apresentava neste espaço. Devido também ao curto tempo institucional, a prática foi aligeirada e possibilitou escassos momentos de diálogo com os profissionais que

atuavam na creche. Neste sentido, a intervenção ficou subordinada ao projeto da professora da turma.

Entretanto, diferentemente do que aconteceu na Prática de Ensino I, as discussões da disciplina Prática de Ensino II giravam em torno de questões mais específicas como as metodologias de ensino de Educação Física, a Educação Infantil e a infância. Em vários momentos desta disciplina foram discutidos textos sobre a concepção de infância como categoria social, histórica e cultural.

A escolha por realizar a Prática de Ensino II em uma instituição de Educação Infantil foi devido a aproximação e necessidade desta pesquisadora de ampliar os conhecimentos a respeito da realidade educacional, bem como das condições sociais, das crianças matriculadas no Ensino Básico. Como já havia realizado a Prática de Ensino I com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, optou-se pela creche para conhecer a intervenção pedagógica com as crianças que estão na Educação Infantil. Contudo, pensar a prática pedagógica da Educação Física para uma turma de bebês foi um desafio muito grande. Muitas vezes questionou-se sobre as especificidades da Educação Física e a relevância destas intervenções para a instituição e principalmente para as crianças. Promoveram-se várias atividades que exploravam os sentidos e o movimento, mas não se tinham claro qual era a importância da Educação Física para crianças, tão pequenas, como os bebês.

Estas e outras discussões foram encaminhando esta pesquisadora para a temática sobre a infância na formação de professores e, assim, esta entrou para o Grupo de Estudos Educação Física, Infância e Juventude<sup>8</sup>. Indo ao encontro das discussões do grupo realizou seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “‘O que você vai ser quando crescer?’: A infância e a criança no curso de licenciatura em Educação Física/CDS/UFSC”<sup>9</sup>. A escolha e realização deste trabalho devem-se a observação, evidenciada durante todo o curso, sobre a ausência de estudos e discussões sobre os sujeitos do processo educativo, neste caso, as crianças. Neste trabalho, analisaram-se as ementas e programas de algumas disciplinas do currículo do presente curso, bem como as falas (materializadas pelas entrevistas) de seus professores ministrantes. O título do trabalho reflete o conteúdo registrado pelas entrevistas, já que os professores demonstram querer saber o que a criança vai ser, ignorando o que a criança já é e que esteja inserida na sociedade, sendo sujeito concreto, síntese de múltiplas determinações e

---

<sup>8</sup> Grupo vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física (NEPEF), da UFSC, coordenado pelo professor Dr. Maurício Roberto da Silva. O NEPEF é o núcleo que agrega os grupos de pesquisa relacionados com a prática pedagógica da Educação Física. Existem outros núcleos dentro do CDS, entretanto estes estão ligados aos estudos sobre aptidão física.

<sup>9</sup> Trabalho orientado pelo professor Dr. Maurício Roberto da Silva e pela professora Msc. Ana Claudia da Silva.

relações sociais. Dentre os resultados desta pesquisa, concluiu-se que ainda predomina o viés psicológico e biologicista nas intervenções dos professores, bem como nas ementas do currículo analisado. A infância é entendida apenas como uma etapa inicial da vida, regida pelos valores de preparação para a vida adulta. Já a criança é entendida um sujeito incompleto, em constante mudança e só estará completo quando se tornar adulto. Contudo, foi possível observar que, apesar desta lógica imperante, existem alguns professores que caminham na direção de discutir a infância como construção histórica, superando a crença da criança como ser incapaz e naturalmente dependente.

Quando da conclusão do curso de graduação, iniciou-se a experiência profissional. Estas experiências, tanto no Ensino Fundamental como na Educação Infantil, evidenciaram a falta de diálogo entre os profissionais. O que saltou a vista foi o modelo de formação fragmentada que se materializava em práticas expressas por dicotomias tais como: teoria/prática, sala/pátio, mente/corpo, cultura/natureza, ensinar/brincar. Questões emergentes: Os profissionais da Pedagogia, das Artes e da Educação Física estão visando a formação do mesmo ser humano? Qual a contribuição destas áreas na formação das crianças? O que une e o que distancia estes profissionais? Mais especificamente, qual a finalidade formativa da Educação Física na escola?

Estas e outras inquietações levaram-na a participação no Processo Seletivo para o Mestrado. O objetivo era continuar a formação como professora. Como não vislumbrava muitas possibilidades de orientação sobre a temática da infância no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da UFSC, optou-se pela inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação desta universidade. Como pré-projeto, apresentou-se o texto intitulado: “Os tratos para com as questões de gênero na infância: As meninas nos relatórios do UNICEF”. Este projeto teve influência do orientador da graduação, já que este vinha estudando a exploração do trabalho infantil das meninas, ditas “empregadinhas”. Entretanto, ao longo do mestrado, o projeto foi sendo redimensionado.

Como já exposto anteriormente nesta introdução, quando da entrada no mestrado a pesquisadora estava imersa na literatura da denominada Sociologia da Infância. No momento em que esta ingressou no GEPIEE, este grupo estava estudando o livro “Dialética do concreto”, de Karel Kosik. Inserindo-se neste estudo, a pesquisadora deparou-se com várias questões: Será que a infância pode ser estudada em si, como apregoam os sociólogos da infância? Como afirmar que a criança é um sujeito de direitos em uma conjuntura social, política e econômica que negligencia a maioria destes direitos? A infância é um conceito? Ou é uma categoria empírica?

Outras questões foram se delineando a partir da apresentação dos pressupostos deste grupo, a saber:

As relações entre Educação, Infância e Escola têm suas origens na Modernidade;

A infância é a condição social de ser criança, portanto é *universal* e plural;

A criança é “um ser humano de pouca idade”, capaz de “participar” da cultura em interação com outras crianças, adultos e com os artefatos humanos, materiais e simbólicos;

“A escola é um lugar privilegiado da infância nos nossos tempos”;

A participação constitui o ser humano e é uma das condições para a criança se tornar um sujeito de direitos, assim, exige o acesso a informações e a apropriação de conhecimentos;

O princípio da *indissociabilidade* entre ensino, pesquisa e extensão é uma exigência da universidade pública e o GEPIEE orienta suas práticas por este princípio, entre outros (GEPIEE, 2009, p. 01-02).

Diante destes pressupostos, questionava-se: O que é compreender a infância como condição social de ser criança na sociedade capitalista? Qual o papel da escola nesta sociedade? Este papel permite a efetivação da escola como lugar privilegiado da infância? As políticas educacionais privilegiam tais questões? A formação de professores abarca uma discussão sobre a infância e sobre a formação humana?

Pautado em tais pressupostos, este grupo de pesquisa vem desde o ano 2000, desenvolvendo pesquisas em nível, principalmente, de mestrado, onde é possível afirmar que tais estudos sobre criança e infância são recentes e marcados por hiatos, equívocos e ambigüidades, o que levou Quinteiro (2009a) a afirmar que se trata de *um campo de estudos em construção*<sup>10</sup>.

Cabe ainda destacar, que nas pesquisas realizadas no âmbito da formação de professores para a Educação Básica, salta à vista a ausência do entendimento da infância como construção histórica e social, predominando estudos sobre a criança apenas na sua condição de “aluno”, portanto, limitando o estudo sobre a formação humana a uma de suas dimensões, a cognitiva. Diante destas teses preliminares do GEPIEE, compartilha-se das mesmas questões que este grupo apresenta:

---

<sup>10</sup> Sobre estes estudos ver coletânea organizada por Quinteiro; Carvalho (2007), intitulada “Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola”: Pinto, M. R. B. (2007); Antunes, K. (2007); Hasckel (2007); Stroisch (2007); Schneider, M. L. (2007); e, Batista (2007).

- Qual é a importância dos estudos sobre a infância, a criança e a escola para a formação de professores?

- Qual o papel das instituições sociais e educativas, especialmente, a escola, para a construção do conceito de infância?

- Como rever as idéias de infância; de criança; das finalidades formativas; das relações entre educação, sociedade e escola; para o processo de socialização da criança na contemporaneidade?

Tais questões instigaram esta pesquisadora e a partir dos debates e embates de idéias com o grupo e, principalmente, com a orientadora desta pesquisa, percebeu-se que não cabia mais investigar o proposto no projeto inicial do mestrado, já que não apenas o campo encontra-se em construção, mas, principalmente, algumas questões urgentes se impõem no âmbito da pesquisa, a saber: Qual a importância dos estudos da infância na formação universitária do professor de Educação Física? Qual é a contribuição da Educação Física na perspectiva da formação humana e particularmente, da criança na escola?

Todo este movimento, conjuntamente com as discussões com os colegas do mestrado, fez perceber que a pesquisadora deveria voltar o foco para a formação de professores e restabelecer o diálogo com a Educação Física, deixada de lado no projeto inicial de mestrado. Tratava-se, como orienta Gramsci, de fazer o próprio inventário, isto é, voltar ao estudo realizado na graduação e retomar as questões colocadas naquele momento, relacionando com outras questões que emergiram durante o processo do mestrado, no sentido de entender a formação universitária do professor de Educação Física.

É nesta direção que se apresenta como questão de partida: *O que tem orientado a discussão em torno das relações infância, formação universitária de professores e Educação Física? Quais pressupostos orientam a formação universitária de professores de Educação Física?*

Derivadas do problema apresentado surgem outras questões, a saber:

- Como a criança e a infância vêm sendo investigadas nos âmbitos da Educação Física e da Educação? Tais estudos se relacionam? Valorizam a infância como categoria histórica e cultural na formação universitária de professores de Educação Física?

- Quais as finalidades formativas do curso de licenciatura em Educação Física? Como a infância e a criança apresentam-se neste curso?

- Qual a relevância dos estudos da infância para a formação universitária do professor de Educação Física? E na aprendizagem da profissão docente? O que isto reflete na

organização e prática pedagógica da Educação Física na escola? Quais são as contribuições da Educação Física na formação da criança na escola?

- Quais são as possibilidades para se pensar a infância na formação universitária de professores de Educação Física?

Buscando problematizar estas questões, os objetivos do trabalho são:

Objetivo geral:

- Buscar identificar e analisar os elementos filosóficos, políticos e ideológicos que estão subjacentes a formação universitária do professor de Educação Física, no que se refere às categorias criança e infância.

Objetivos específicos:

- Traçar um panorama sobre a produção acadêmica (teses e dissertações, artigos em periódicos e publicações em anais de congressos), para mapear as tendências da produção atual sobre a criança e a infância;

- Analisar as implicações destas tendências na prática pedagógica e na formação universitária de professores;

- Analisar o processo de reformulações curriculares de um curso de licenciatura em Educação Física, no sentido de buscar identificar como a infância e a criança aparecem na formação universitária do professor de Educação Física.

Esta pesquisa tem como hipóteses:

- A criança e a infância vêm sendo investigadas, essencialmente, a partir dos paradigmas empírico-analíticos e fenomenológicos, o que reflete uma concepção naturalizante e romântica.

- As categorias criança e infância são tratadas como sinônimos (QUINTEIRO et al, 2008).

- Os currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física não abarcam disciplinas específicas sobre as questões da infância e quando existem estas se apresentam isoladamente.

- As discussões sobre a infância nos cursos de licenciatura em Educação Física estão voltadas, em sua maioria, para a Educação Infantil.

A partir de um levantamento inicial percebeu-se que a produção acadêmica sobre a infância, na área da Educação Física é escassa. Esta questão agrava-se quando se relaciona a infância e a Educação Física com a formação de professores. Do levantamento realizado somente um texto aproximou-se da temática, a saber: “A Prática de Ensino e a infância na formação de professores/as de Educação Física”, de Deborah Thomé Sayão, Alexandre Fernandez Vaz e Fábio Machado Pinto, apresentado no XII Congresso Brasileiro de Ciências

do Esporte (CONBRACE), em 2001. Este estudo centra sua discussão na formulação de uma proposta de Prática de Ensino. As questões relacionadas à infância, especificamente, são tratadas no final do texto.

Segundo os autores (SAYÃO; VAZ; PINTO, 2001, p. 05), “Direta ou indiretamente a infância está presente nos cursos de Educação Física. Ou seja, há um ‘lugar’ para a infância nos referidos cursos e na própria Educação Física”. Mas que ‘lugar’ seria este? De acordo com os autores este ‘lugar’ tem se materializado em duas concepções de criança: num primeiro momento como talento esportivo; e, num segundo momento como ser inocente e alheio às condições sociais. Neste sentido, os autores atentam para a necessidade de “[...] aprofundar os sentidos da imagem da *criança-cidadã*” (*grifos dos autores*, *ibid.*, p. 07), entendida como sujeito de direitos e de partir do pressuposto da infância como enigma (LARROSSA apud SAYÃO; VAZ; PINTO, *op. cit.*).

Ressalta-se, nesta pesquisa de mestrado, que a criança é entendida como um sujeito concreto, síntese de relações sociais. Reafirmando o exposto por Pistrak (2000, p. 42-43) “[...] é preciso nunca perder de vista que as crianças não se preparam para se tornar membros da sociedade, mas já o são, tendo já seus problemas, interesses, objetivos, ideais, já estando ligadas à vida dos adultos e do conjunto da sociedade”. Como expõe Benjamin (apud BOLLE, 1984, p. 11), a criança

não é uma miniatura do cosmos adultos; bem ao contrário, um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando.

Neste sentido, a criança é entendida como um ser social. Entretanto, isto não nega sua formação como ser biológico também, já que

Sem dúvida, ela é um ser de formação biológica, ainda não plenamente constituída do ponto de vista maturacional. Contudo, o desenvolvimento biológico não corresponde a toda realidade da criança. Mesmo porque o aspecto biológico se caracteriza como um componente do desenvolvimento que sofre as determinações da condição social do indivíduo (MIRANDA, 1984, p. 128).

A partir desta concepção de criança, a infância deve ser entendida como uma construção histórico-cultural. Mas o que implica esta compreensão? Afirmar isto, implica compreender que ela não é uma categoria estática; estará mudando a partir da história e do tempo em que se estará travando estas relações. Neste sentido, “história, sociedade e cultura vão se delineando como categorias importantes para se reconceber a infância [...]” (KRAMER, 2002, p. 45). Vale ressaltar, que, além disso, a infância irá variar dentro de uma mesma época e sociedade, pois existem outros fatores determinantes como classe, raça/etnia, gênero, família, comunidade, etc.

Posto que este trabalho insere-se nas produções do GEPIEE e este grupo coloca a escola como lugar privilegiado da infância, cabe aqui esclarecer o entendimento sobre ela:

A escola é o local onde a criança irá passar da representação aproximativa e mágica do mundo, que se limitou a absorver no seu meio impregnando de folclore, para uma certa objetividade, para a compreensão das leis da natureza e da sociedade. Resumindo: para as premissas do espírito científico, do senso do verificável (SNYDERS, 2005, p. 272).

Snyders (op. cit.) destaca ainda que a escola faz parte do mundo. Assim, considerando seu caráter dialético, a escola é vista em seus diferentes modos de atuação, tanto como um meio de propagação das idéias da classe burguesa, como também, por ser meio de efetivação dos conflitos sociais, espaço que interessa à classe trabalhadora e seu projeto de superação do capitalismo (FRIGOTTO, 2006; MIRANDA, op. cit.).

Partindo destes pressupostos e deste entendimento de escola, corrobora-se com a idéia de Saviani (1989, p. 83) quando expressa que a Educação é uma “atividade mediadora no seio da prática social global”. Ainda, Cardoso (2004, p. 03) acrescenta expondo que “a educação é sempre uma prática social determinada, definida social e historicamente no âmbito de uma forma particular e específica de organização da sociedade”. Esta compreensão implica considerar que esta atividade não é espontânea, neutra e autônoma; está permeada por um contexto social, possui intencionalidade e esta intencionalidade reflete sempre um posicionamento político e ideológico. É isto que, ao mesmo tempo, descarta ou possibilita a formação de sujeitos transformadores.

Quanto à Educação Física, entende-se sua função dentro da escola como parte integradora da realidade complexa do homem. Assim, esta se destaca como disciplina que trata do conhecimento da cultura corporal. Segundo Escobar (1995, p. 91), a cultura corporal

é a “denominação dada ao amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas, externalizadas pela expressão corporal”. Mas o que implica esta compreensão? Entender a Educação Física como disciplina que trata de um campo da cultura, evidencia perceber sua prática não mais através de ações motoras (puramente biológicas e descontextualizadas), mas através de atividades que foram construídas historicamente como respostas a determinadas necessidades humanas (ESCOBAR, op. cit.).

Nessa perspectiva da reflexão da cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola. A sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade. Como compreender a realidade natural e social, complexa e contraditória, sem uma reflexão sobre a cultura corporal humana? (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 42).

Apoiando-se em Arce (2001), acredita-se que a formação de professores é em um espaço não somente de formação didático-metodológica, mas também como espaço de formação filosófica, histórica, social e política, onde o professor é formado para refletir sobre sua prática social, propondo transformações qualitativas no sentido de garantir o acesso a cultura histórica e socialmente produzida aos estudantes em processo de formação.

Sobre a estruturação desta pesquisa, elucida-se que sua realização está baseada na idéia de *monografia de base*, exposta por Saviani (2002). Segundo o autor, o mestrado mostra-se como uma iniciação à formação do pesquisador. Também, devido ao encurtamento do tempo de mestrado para dois anos, o autor sugere que na dissertação o mestrando elenque um tema ainda não suficientemente explorado e realize “um levantamento, o mais completo possível, das informações disponíveis, [para] organizá-las segundo critérios lógico-metodológicos adequados e redigir o texto correspondente que permitiria o acesso ágil ao assunto tratado” (ibid., p. 156). Isto possibilita que, mais tarde, o pesquisador retorne a este material para realizar outros estudos e análises que demandam um tempo maior.

É neste sentido que se optou pela análise da produção científica, já que também, como aponta Gramsci (1991, p. 13),

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e sobretudo, difundir

criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; transformá-las, portanto em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.

Este excerto também esclarece que a ciência, enquanto produto social é uma categoria histórica, que acompanha um movimento de contínua transformação da sociedade.

Demarcando uma posição, aponta-se que este trabalho se inscreve na luta da superação deste modo de produção e na construção de uma sociedade em que sejam abolidas as relações de dominação entre os homens. Acredita-se, como escreveu Marx (2006a, p. 53) que “A arma da crítica não pode substituir, sem dúvida, a crítica das armas; a força material só será abatida pela força material”. Entretanto, Marx também elucida que a teoria se converte em força material quando demonstra a verdade e se apossa dos homens.

Nesta direção, a dissertação é encaminhada a partir dos elementos de uma análise sócio-histórica. Para isto, embasou-se no estudo de Kosik (1985) e Freitas, M. T. (2002). Segundo estes autores, a pesquisa científica é o processo de compreensão da realidade que ultrapassa o entendimento imediato dos fatos. Nesta direção, a pesquisa é uma atividade que busca apreender o movimento do fenômeno, em um processo mediato, que exige esforço e rigor teórico-metodológico. Como expõe Kosik (op. cit., p. 29-30) é “o caminho entre a ‘caótica representação do todo’ e a ‘rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações’”.

Complementando, Freitas, M. T. (op. cit.) esclarece que a análise sócio-histórica “[...] deve refletir o indivíduo em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, considerando a relação do sujeito com a sociedade à qual pertence”. Esta análise permite possibilidades para a superação de reducionismos empiristas e idealistas, compreendendo que a essência não é algo estático, imutável, mas, como apresenta Kosik (op. cit., p. 27-28), é “[...] a dinâmica mesma do objeto, a sua dialética [...], é o próprio *movimento da coisa ou a coisa em movimento*” (grifos do autor).

Para a seleção dos dados iniciais da pesquisa, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo que, segundo Bardin<sup>11</sup> (s/d, p. 42), resumidamente é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a

---

<sup>11</sup> O livro original, em francês, data de 1977, entretanto, a versão traduzida para a língua portuguesa, utilizada nesta pesquisa, não indica o ano da publicação.

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ela caracteriza-se como uma atitude de vigilância crítica, onde não admite uma leitura simples do real, procurando fazer uma compreensão dos fatos para além dos seus significados imediatos (BARDIN, op. cit.). A autora destaca três “pólos cronológicos” da técnica: a pré-análise; a exploração do material; e, o tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Acredita-se que a apropriação desta técnica nesta pesquisa atingiu o primeiro pólo: a pré-análise. Este pólo compreende a seleção, organização e a leitura inicial dos dados e auxilia para a formulação de hipóteses e objetivos da pesquisa.

Para a organização do material da pesquisa separou-se três grupos bibliográficos, a saber: teses e dissertações do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); periódicos da área da Educação Física e da Educação; e, anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACE’s) e das Reuniões Anuais (RA’s) da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

A seleção destes grupos bibliográficos foi feita tendo em vista a relevância que possuem tanto na área da Educação Física como na Educação. A escolha pela produção dos CONBRACE’s<sup>12</sup> e das RA’s da ANPEd<sup>13</sup> foi fruto do entendimento da importância destes espaços, pois além de socializarem a maior parte da produção nacional nestas áreas, promovem a formação dos pesquisadores e atuam na interlocução com outras instâncias, como o governo. Já os periódicos são fontes de divulgação de pesquisa por excelência e o Banco de Teses da CAPES, constitui-se como um meio relevante da pesquisa da produção científica brasileira.

Para a pesquisa das teses e dissertações utilizou-se o Banco de Teses da CAPES, cuja busca foi realizada entre os anos de 1987 e 2007, por ser este o período disponível no momento da realização do levantamento. As fontes foram consultadas entre os meses de outubro de 2007 e agosto de 2008. Para a seleção das teses e dissertações, utilizou-se, inicialmente, as palavras-chave “Educação Física”, “Formação de Professores” e “Infância”, conjuntamente. Como esta seleção reuniu poucos trabalhos e não foram encontrados nestes a relação que se estava procurando, foi realizada outra seleção a partir das palavras-chave “Educação Física”, “Formação de Professores” e “Criança”, conjuntamente. Esta segunda seleção também não revelou trabalhos sobre a infância na formação de professores de

---

<sup>12</sup> Sobre a relevância do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) ver Souza e Silva (2005) e Molina Neto et al (2006).

<sup>13</sup> Sobre a relevância da ANPEd ver Ferraro (2005) e Sousa; Bianchetti (2007).

Educação Física. Percebendo a ausência de estudos desta natureza realizou-se uma terceira seleção, mais abrangente, para evidenciar estudos que versassem sobre a concepção de infância na Educação Física, sem o recorte da Formação de Professores. Para isto selecionou-se os trabalhos por meio das palavras-chave “Criança”, “Infância” e “Educação Física”, conjuntamente. Seguiu-se para a leitura do resumo destes trabalhos e realizou-se outra seleção para trazer os estudos que têm relação com a temática desta pesquisa, a saber, da produção acadêmica e científica sobre as concepções de criança e infância na Educação Física. Foram selecionadas três dissertações: Picelli (2001), Oliveira, C. B. (2003) e Oliveira, N. R. C. (2003a). Foi realizada a leitura das dissertações, apresentadas no capítulo dois, e buscou-se relacioná-las com as tendências evidenciadas nos artigos em periódicos e nos anais dos congressos.

Quanto ao grupo bibliográfico correspondente aos periódicos da área da Educação Física e da Educação, iniciou-se selecionando alguns periódicos de expressão nas duas áreas e que, igualmente, obteve-se o acesso na íntegra, a saber: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); a Revista Motrivivência; a Revista de Educação Física da UEM; a Revista Movimento; a Revista Pensar a Prática; Cadernos de Pesquisa; a Revista Educação & Sociedade; Cadernos Cedes; a Revista Perspectiva; e a Revista Brasileira de Educação, todos mapeados desde suas primeiras edições, respectivamente, 1979, 1988, 1989, 1994, 1998, 1971, 1978, 1980, 1983 e 1995. Com este material em mãos destacou-se os artigos que se aproximavam do foco deste estudo, a saber, as publicações que constavam em seu título as palavras criança(s) e/ou infância(s)<sup>14</sup>. Por fim, a partir dos títulos, analisou-se as temáticas destas publicações no intuito de elaborar um panorama da produção e evidenciar a presença e/ou ausência de pesquisas centradas na formação universitária de professores e infância. Vale a pena destacar que a RBCE, até o ano de 1999, publicou os anais das edições do CONBRACE como fascículos da revista. Por isso, a maioria dos trabalhos selecionados nesta revista são resumos das produções apresentadas nos CONBRACE's.

Quanto ao grupo bibliográfico correlativo aos Anais dos CONBRACE's e das RA's da ANPEd, a coleta de dados obedeceu o seguinte caminho: Primeiramente, reuniu-se todos os resumos dos trabalhos (comunicações orais e pôsteres) apresentados nos congressos em questão, no período de 1996 a 2007, totalizando dezoito conjunto de dados, referentes às seis edições do CONBRACE e às doze edições da Reunião Anual (RA) da ANPEd. É importante

---

<sup>14</sup> O rastreamento dos artigos em periódicos da área da Educação foi realizado em parceria com a mestrande Caroline Michele Brunken Karger. Já o rastreamento dos artigos em periódicos da área da Educação Física foi realizado individualmente.

advertir que a busca foi somente sobre os trabalhos apresentados no interior dos Grupos de Trabalho (GT's), não agregando, portanto, os trabalhos ditos: mini-cursos, sessões especiais, palestras e mesas redondas. Como segundo passo, rastreou-se todos os trabalhos que constassem as categorias “criança(s)” e/ou “infância(s)” no título e/ou resumo e/ou palavras-chave, rigorosamente. Como terceiro passo, todos os resumos destes trabalhos foram analisados e identificados sobre os campos que se concentram, nos afins âmbitos: “Ensino Fundamental”; “Educação Infantil”; “Ensino Fundamental e Educação Infantil” conjuntamente; e, ainda, “Projetos Sociais”. Os trabalhos que não se encaixavam nestes campos foram classificados como “Não Especificam”. O quarto passo realizado foi uma segunda leitura, mas atenta, dos resumos, para identificar as tendências da produção.

Todos estes grupos bibliográficos foram posteriormente sistematizados em listas, quadros e gráficos, que podem ser visualizados nos capítulos seguintes e nos apêndices e anexos.

No processo de finalização da pesquisa, optou-se por apresentar os resultados dos grupos bibliográficos da Educação Física, somente. Neste sentido, a produção selecionada a partir dos periódicos da Educação e das RA's da ANPEd não aparecem explicitamente, mas buscou-se, em alguns momentos do texto, fazer relações entre a produção da pesquisa educacional e da pesquisa em Educação Física, principalmente vinculadas às questões da infância.

Como um ponto importante a ser evidenciado na pesquisa, afirma-se a dificuldade de selecionar as teses e dissertações do Banco de Teses da CAPES por meio das palavras-chave, já que a seleção revela trabalhos que não correspondem ao que se quer selecionar. Exemplo disto foi quando se selecionou palavras-chave compostas como “Educação Física” e “Formação de Professores”. Na seleção apareceram trabalhos que versavam sobre a “Educação” e o Ensino de “Física”, a “Educação” e a violência “física”, a “formação” do psicólogo nas escolas e o diálogo com os “professores”, dentre outros trabalhos que estavam fora do foco desta pesquisa.

Outra dificuldade encontrada foi o conteúdo expresso nos resumos, tanto das teses e dissertações como, principalmente, nos artigos de periódicos e dos congressos. A grande maioria dos resumos não apresentou a abordagem teórica e as categorias centrais do estudo.

Para análise das reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, no período de 1975 a 2006, utilizou-se alguns dados e documentos que foram coletados na pesquisa de conclusão de curso da graduação desta pesquisadora. Outros dados e documentos mais recentes como: Projeto Político Pedagógico (PPP) do atual curso;

Parecer do NEPEF sobre este PPP; e, Programa de Ensino e Plano de Ensino da disciplina “Educação Física na Infância”, foram encontrados no site do Centro de Desportos (CDS)<sup>15</sup> e/ou disponibilizados por servidores do Departamento de Educação Física (DEF) desta universidade e, ainda, via comunicação eletrônica com a professora ministrante da disciplina em questão.

O referencial bibliográfico selecionado para a discussão dos resultados da pesquisa foi elencado a partir do levantamento inicial da pesquisa, mas também de acordo com a orientação, das disciplinas realizadas no mestrado e do acervo disponível nas bibliotecas desta universidade.

Finalizando, gostar-se-ia de esclarecer algumas condições objetivas que limitaram a pesquisa. Como já mencionado anteriormente, pontua-se a fragilidade do sistema educacional que reflete da fragmentação na formação, fazendo-se insuficiente o tempo de dois anos para a construção da pesquisa. Destaca-se também o inchaço das cargas horárias dos professores e a atribuição de funções a estes que deveriam ser destinadas a técnicos. Isto dificulta a dedicação do professor à atividade de pesquisa e fez com que a orientadora desta pesquisa avançasse, em muito, sua carga horária de trabalho, para possibilitar a orientação. Ainda, realça-se a condição particular desta pesquisadora, mas que também é realidade de outros estudantes, sem bolsa de financiamento de pesquisa em grande parte da realização do mestrado, condição esta que fez desdobrar suas atividades para realizar seu sustento como ser humano e pesquisadora<sup>16</sup>.

Como último ponto, esclarece-se o porquê do subtítulo desta pesquisa, a saber, “a emergência de uma disciplina”. Durante o processo de análise das reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, deparou-se com uma disciplina curricular, que possui como objeto as relações entre Educação Física e infância. Neste sentido, ressalta-se esta disciplina como resultado, ainda incipiente, do processo de debate e embate das categorias criança e infância no âmbito da produção acadêmica e científica na área da Educação Física.

Apresenta-se no **primeiro capítulo** um breve panorama histórico da Educação Física como componente curricular e de suas relações com a formação de professores e a escola, tendo como objetivo identificar e analisar o modo como a infância foi incorporada por esta disciplina ao longo de sua trajetória.

---

<sup>15</sup> [www.cds.ufsc.br](http://www.cds.ufsc.br)

<sup>16</sup> Esta pesquisadora teve bolsa de financiamento de pesquisa somente no período de agosto de 2008 a fevereiro de 2009.

O **segundo capítulo** apresenta um panorama da pesquisa educacional e em Educação Física, bem como traz a análise das tendências da pesquisa sobre a infância e a criança, a partir dos grupos bibliográficos selecionados: teses e dissertações do Banco de Teses de CAPES, os artigos de periódicos da Educação Física e trabalhos dos CONBRACE's.

No **terceiro capítulo** descreve-se o processo das reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC e expõe-se uma breve análise sobre a disciplina do novo currículo, a saber, “Educação Física na infância”. Finalmente, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa.

## 1 A FORMAÇÃO (UNIVERSITÁRIA) DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: DA “APTIDÃO FÍSICA” À “CULTURA CORPORAL”.

“E quem garante que a História é carroça abandonada, numa beira de estrada, ou numa estação inglória?

A História é um carro alegre, cheio de um povo contente, que atropela indiferente, todo aquele que a negue”. (*Pablo Milanês e Chico Buarque*)

A Educação Física como prática social concreta surgiu de necessidades sociais concretas. No âmbito escolar, ela surgiu na Europa no final do século XVIII e início do século XIX (COLETIVO DE AUTORES, 1992), para atender, entre outros, as necessidades da sociedade capitalista emergente. Para esta nova sociedade a força física era essencial já que esta se transforma em força de trabalho que era vendida como mercadoria, única fonte geradora de mais-valia (MARX, 2006b). Assim, os exercícios físicos eram vistos como receita e remédio para a manutenção da fonte de lucro dos capitalistas: “Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreta que devia ser respondida pela sociedade do século XIX” (COLETIVO DE AUTORES, op. cit., p. 51).

No Brasil, segundo Quelhas; Nozaki (2006), a Educação Física aparece na escola em 1851, a partir da reforma de ensino para a instrução primária e secundária do Município da Corte, que incluiu a ginástica como parte do currículo nas escolas públicas do ensino primário<sup>17</sup>.

Em seu estudo, Oliveira, V. M. (1998) constata que até o início da República não havia um processo sistemático para a formação destes professores de ginástica. Assim sendo, neste período, o quadro de professores era formado em outros países e, em sua maioria, por militares e civis que se utilizavam de um autodidatismo proporcionado, entre outros, por escassas obras sobre a matéria.

Equiparado aos professores de ginástica, estavam os professores de desenho, música e dança. Segundo Oliveira, V. M. (op. cit.), ficava bem clara a distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual, sendo que este último, incluindo os professores acima citados, era, e continua, cada vez mais desvalorizado.

---

<sup>17</sup> Nesse período, ginástica era sinônimo de Educação Física.

Até 1882, o denominado método alemão de ginástica era utilizado tanto em estabelecimentos militares, como nas escolas civis<sup>18</sup>. O primeiro protesto veemente contra a utilização do método alemão nas escolas civis foi apresentado no Parecer Rui Barbosa no Projeto n. 224, intitulado “Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares de Instrução Pública”, de 1882 (CASTELLANI FILHO, 1983). A partir de então, o método alemão continuou a vigorar somente nos estabelecimentos militares, sendo que nas escolas civis foi instituído o método sueco. Essencialmente, a diferença entre o método alemão e o método sueco era que o primeiro possuía um viés militarista, enquanto o segundo possuía um viés higienista.

Entretanto, esta mudança não reflete uma alteração substancial na finalidade formativa da Educação Física na escola. Segundo o Coletivo de autores (1992), estes métodos de ginástica contribuíram de alguma forma, para que a Educação Física passasse “a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, ‘fortalecidos’ pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos, assim como com a prosperidade da pátria” (ibid., p. 52). Neste sentido, a Educação Física continua na escola justificando-se como instrumento de manutenção e reprodução da ordem social, econômica e política.

Esta ausência de uma identidade pedagógica afetava diretamente a relação professor e estudante. O professor na maioria das vezes era um militar e seguia o método militar de ginástica. Neste caso, cabia ao professor-instrutor trazer exercícios de forma a uniformizar, normatizar e disciplinar os corpos de seus estudantes. Ao estudante cabia o papel de recruta, a saber, obedecer sem questionar. Acontecia, deste modo, uma relação marcada por uma pedagogia que ignorava, entre outros, a condição social de ambos os sujeitos.

O Parecer de Rui Barbosa extrapola a indicação de mudança de método ginástico, demonstrando-se como um verdadeiro tratado de valorização da Educação Física. Castellani Filho (2007, p. 48) relata que suas propostas

foram desde a *instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal* (inciso primeiro), até a equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de Ginástica aos de todas as outras disciplinas (inciso quarto), passando pela proposta de inclusão da Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio e depois das aulas (*grifos meus*).

---

<sup>18</sup> Sobre os métodos de ginástica ver Soares (1994) e Oliveira, N. R. C. (2003a).

Pode-se perceber nestas palavras de Rui Barbosa uma importância dada à formação de professores, já que previu a instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal. Entretanto, esta prática não se concretizou, nem demonstrou relevância para as políticas de governo da época. Um exemplo de como a formação destes professores não abarcava as prioridades de alguns dirigentes, pode ser observado no Relatório da Secretaria do Interior do Estado de São Paulo, de 1896: “eis o que convém às crianças e que, sem grande despesa, e *sem uma habilitação especial do mestre*, se pode organizar em todos os grupos escolares. Tem o governo procurado obter um manual que se preste de roteiro dos professores” (*grifos meus*) (apud OLIVEIRA, V. M., 1998, p. 09). Subjaz neste documento a importância da ginástica, no âmbito empirista, mas pode-se observar a pouca importância dada à formação dos professores. Este movimento reporta-se à idéia de criança pautada claramente numa concepção rousseauiana, onde esta era vista como tábula rasa, folha de papel em branco, incapaz e dependente.

A primeira iniciativa de formação de professores de Educação Física, ainda que não em nível superior, encontrada por Oliveira, V. M. (op. cit.) é datada de 1906, no estado do Amazonas. Anexa à Diretoria Geral de Instrução Pública é criada a cadeira de Educação Física, com o objetivo de orientar os professores normalistas, já que eram responsáveis por esta disciplina no seu estado.

Em 1907 realiza-se a fundação da Primeira Escola de Educação Física, pela missão militar francesa. Sobretudo, esta escola será conhecida mais tarde, em 1936, como a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo (OLIVEIRA, V. M., op. cit. 1998). Como prática de “revigoramento físico e eugenizadora”, a defesa da Educação Física na escola continuava a crescer, mas somente em 1914 é que se formaram os primeiros instrutores de ginástica e esgrima, junto às escolas militares.

Ainda permanecia a divisão entre os professores de trabalho intelectual e trabalho manual. Exemplo disto é a Reforma Carlos Maximiliano, de 1915, onde estabeleceu a distinção entre os professores catedráticos do Colégio Pedro II e os simplesmente professores: “chamam-se professores, simplesmente, os que ensinarem trabalhos gráficos, música ou ginástica, os quais estão sujeitos, em concurso, apenas à prova prática e a didática” (MARINHO apud OLIVEIRA, V. M., op. cit., p. 10).

O ano de 1921 representa um novo impulso à formação de professores de Educação Física no Brasil. Neste ano, as Forças Armadas rompem definitivamente com o método alemão e institui a ginástica francesa como método oficial a vigorar no Brasil. Segundo Oliveira, V. M. (op. cit.), no ano seguinte (1922), é criado o Centro Militar de Educação

Física, com o objetivo de divulgar este novo método, o francês. Apesar deste centro não concretizar ações em torno de um curso de formação de professores, serviu de inspiração para a fundação da Escola de Educação Física do Exército, escola esta que em 1929 ministrou um Curso Provisório de Educação Física, que formou, entre 145 militares, 20 professores civis (QUELHAS; NOZAKI, 2006).

Contudo, a instituição do método francês não foi vista com bons olhos por todos. Segundo Schneider, O. (2004), a Associação Brasileira de Educação (ABE) mostrou-se contrária a sua adoção, a partir do que foi apresentado no anteprojeto originário do Ministério da Guerra em 1929. “A principal crítica da ABE era que o método fora criado para ser aplicado na caserna. Assim, não fazia sentido que fosse utilizado na educação das crianças” (ibid., p. 51). Apesar das críticas, o método francês perdurou até os anos 50.

Fora das instituições militares, mas fortemente imbricada à hegemonia militar, concretizou-se os primeiros cursos superiores da área, em 1934 e 1939, respectivamente, na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, na Universidade do Brasil (RJ), junto à Faculdade de Medicina. Contudo, a Educação Física ainda não constituía uma identidade pedagógica, nem um corpo de conhecimentos científicos sistematizados, já que, como expõe Sousa<sup>19</sup> (1992, p. 01) “[...] entrava na escola mecanicamente, sem constituir-se em saber escolar”.

Mas qual o perfil de profissional de Educação Física queria se formar? Fernando de Azevedo, educador de grande expressão vinculado a ABE, nutria muito respeito e admiração por Rui Barbosa. É a partir das idéias gestadas por Rui Barbosa que Fernando de Azevedo vai ocupar-se da Educação Física e estabelecer o que se esperava de um profissional desta área:

À nova orientação da Educação Física não tem sempre correspondido, mesmo em alguns países em que a questão mais se ventila, uma orientação nova na formação do pessoal do ensino e na escolha de Diretores de Educação Física.

Da seleção destes, no entanto, e da preparação daqueles é que depende o maior êxito desta grande obra de recuperação da saúde e robustez, e que ficará baldada, estéril, quando não contraproducente, se, de todo cientes da completa missão que lhes compete, não tiverem os professores sólida instrução teórica e prática, e não forem superiormente orientados por um educador, que deve ser, além de

---

<sup>19</sup> O trabalho de Sousa (1992), conjuntamente com outras produções do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) deste período, foi de extrema relevância por questionar o modelo de Educação Física Escolar até então vigente e propor elementos críticos para a elaboração de outra teoria pedagógica para esta. Dentre outros trabalhos importantes destaca-se: Taffarel (1982), Pires (1990) e Wiggers (1990).

psicólogo avisado, um ‘engenheiro biologicista’ teoricamente documentado e de uma competência técnica acima de toda a crítica.

[...]

Ao professor de Educação Física compete, pois (e não há exagero algum nesta afirmativa) dirigir, orientar os exercícios de modo que influam enérgica e eficazmente sobre cada organismo, ordená-los em série gradual, harmonizá-los com o período de evolução orgânica, inculcando o prazer ou, ao menos, evitando o tédio, e constatar, enfim, pelos processos vários de mensuração corporal, os resultados de seu ensino, fazer, em uma palavra, o registro dos benefícios que provieram dos exercícios, e dos inconvenientes que determinaram. São as atribuições que todos os entendidos lhe demarcam (AZEVEDO apud CASTELLANI FILHO, 1983, p. 97).

Interessante destacar que neste momento o Brasil está vivendo sob a égide do Estado Novo. Segundo Pesavento (1994), o Estado Novo representava o ingresso do país em um momento de consolidação do poder burguês, com um objetivo claro de manutenção da hegemonia burguesa sobre a nação e o estabelecimento do consenso burguês. A partir do que foi apresentado no parágrafo anterior, vê-se claramente qual o papel vivido pela Educação Física. Sempre ancorada e aliada aos princípios da segurança e da ordem nacional, ela cumpre a função que lhe é destinada: o adestramento físico e moral de seus estudantes<sup>20</sup>.

Com a derrota do nazifascismo, em 1945, a Educação Física até então apregoada aos valores militaristas precisou se reciclar, despojando-se dos argumentos mais fortemente imbricados com o espírito belicoso. Segundo Ghiraldelli Júnior (2007), no período do pós-guerra (1945-1964) uma concepção de Educação Física Pedagógica toma força. Impregnada das teorias psicopedagógicas de Dewey e da sociologia de Durkheim,

A Educação Física Pedagógica está preocupada com a juventude que freqüenta as escolas. A ginástica, a dança, o esporte etc., são meios de educação *do alunado*. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, *o culto as riquezas nacionais* etc (*grifos meus*) (ibid., p. 19).

---

<sup>20</sup> É assim que é atribuída a função da Educação Física, de acordo com a Carta Magna, promulgada em 10 de novembro de 1937. Em seus artigos 131 e 132 instituem, respectivamente, que: “A Educação Física, o Ensino Cívico e os Trabalhos Manuais, serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça àquela exigência”, e “O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim, organizar para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhes a disciplina moral e o *adestramento físico*, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação” (*grifos meus*) (CASTELLANI FILHO, 1997, p. 21).

Entretanto, se esta concepção apresenta avanços quanto à concepção de Educação Física Militarista, ainda continua cumprindo seu papel de aliada dos interesses do Estado, buscando o ajustamento dos indivíduos através de seu processo educativo e formativo.

De qualquer modo, tal concepção inaugura outra postura do professor de Educação Física. Segundo Ghiraldelli Júnior (op. cit.), este professor, responsável pela disciplina que aparece como o “centro vivo” da escola, passa a ser o responsável por várias tarefas educativas como a fanfarra, os jogos intra e interescolares, os desfiles cívicos e, até mesmo, a função de líder comunitário. Este professor passa a ser alguém além das queixas políticas, sujeito destinado, por excelência, a formar o chamado cidadão.

Estes novos contornos irão influenciar uma concepção de criança e infância também. A partir de algumas recomendações sobre o papel da Educação Física no ensino pré-primário e primário apresentadas por Inezil Penna Marinho em 1945 e 1946, foi possível perceber de que modo a criança era considerada neste período<sup>21</sup>. Neste, o autor expõe que deve ser respeitado o momento em que a criança está nesta fase de desenvolvimento, momento este em que ela vive em um mundo inteiramente seu, distante da realidade social que a cerca. Para isso é preciso “[...] libertar os seus movimentos naturais, compreender as suas necessidades, adivinhar os seus interesses e corresponder aos seus desejos” (MARINHO, 2005, p. 46). Nesta direção, o autor aponta para uma concepção de criança homogênea, que vive em harmonia consigo mesma e com a natureza, distante das relações sociais e responsável por sua educação. Afinal serão seus desejos que farão impulsionar o método de ensino<sup>22</sup>.

A Educação Física segue cumprindo seu papel de homogeneização e ampliando o seu raio de ação por vários graus de ensino. Com a Reforma Capanema (1942-1946) ela passa a ser obrigatória nos cursos primários e médio até a idade de 21 anos. Com a LDBEN de 1961 (Lei n. 4024), ela continua sendo obrigatória, contudo somente até a idade de 18 anos. Mesmo com uma mudança de perfil, na primeira reforma com o objetivo de capacitação física do

---

<sup>21</sup> Inezil Penna Marinho (1915-1987) foi uma personalidade importante para a Educação Física. Formou-se Instrutor de Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (1938), Técnico desportivo pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (1941), Psicólogo pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil (1941), Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1943), Livre-Docente pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (1949) e Filósofo pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (1958). Atuou como fundador e presidente da Associação de Professores de Educação Física (1946-1950), fundador e presidente da Federação Brasileira de Associações de Professores de Educação Física (1946-1948) e presidente da Confederação Brasileira de Desportos Universitários (1949-1950). Possui uma vasta obra publicada em livros e periódicos nacionais e internacionais (GOELLNER, 2005).

<sup>22</sup> Relacionando com a formação de professores em geral, Silva, A. C. da (2003) destaca o movimento histórico no qual emerge a Escola Nova, que, colocando a criança como foco de suas preocupações, busca aporte nas ciências experimentais para compreender a criança em seus aspectos biológico, psicológico e social.

educando e na segunda com o objetivo de capacitação física do trabalhador, a Educação Física mantém o seu papel de contribuir para a denominada formação de cidadãos, úteis à nação.

Voltando à formação do licenciado em Educação Física, Quelhas; Nozaki (2006) expõem que esta, desde suas origens, constituiu-se de maneira diferenciada das outras áreas. Enquanto exigia-se para a entrada na Escola Nacional de Educação Física e Desportos o curso secundário fundamental (antigo ginásio), para a entrada em outros cursos exigia-se o curso secundário complementar (antigo segundo grau). Também quanto à duração do curso existiam diferenças entre a licenciatura em Educação Física, realizada em dois anos, e os demais cursos, realizados em quatro anos. As diferenças não param por aí. Quanto ao conteúdo, os cursos de Educação Física não possuíam disciplinas de cunho pedagógico. Este quadro modificou-se somente em 1969 que, de acordo com o Parecer 672/69 do Conselho Federal de Educação (CFE), incluiu as disciplinas pedagógicas do currículo mínimo, a saber: Psicologia da Educação; Didática; Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º graus; e, Prática de Ensino.

A partir da década de 60, a função da Educação Física na escola vai sendo redimensionada. O método de Educação Física Desportiva Generalizada, divulgado no Brasil por Auguste Listello nos fins da década de 40, toma corpo e o esporte passa a ser o conteúdo determinante nas aulas de Educação Física. Neste sentido, modifica também a relação professor e estudante, já que o professor passa do papel de instrutor para o papel de treinador e divulgador do esporte e o estudante do papel de recruta para o papel de atleta e consumidor do ideário esportivo. A infância é encarada como um período transitório e a criança como possível talento esportivo. Entretanto vale ressaltar que estas modificações não foram substanciais, já que permaneceram as relações de domínio e submissão. Segundo Quelhas; Nozaki (2006, p. 73),

Uma vez mais, a Educação Física se coadunava com os interesses do Estado, agora sob os auspícios da ditadura militar que governou o país após o golpe militar de 1964. Caberia à Educação Física, via uma subordinação ao esporte de rendimento, elevar os níveis de aptidão física da população, fornecer campeões que pudessem fazer a propaganda do governo e desviar as atenções para as dissidências e as barbaridades cometidas pela repressão<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Sobre a atualidade do esporte como instrumento político e ideológico ver o texto “Como iludir o povo com o esporte para o público”, de Taffarel; Santos Jr (2009).

Foi neste contexto de ditadura e exaltação do esporte de rendimento, com finalidade na formação de “campeões”, que é fixado o decreto-lei 705/69<sup>24</sup>, que altera a redação do artigo 22 da lei 4024/61, estendendo a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis e áreas de ensino<sup>25</sup>. Neste momento, são criados novos cursos de Educação Física, dentre eles, em Santa Catarina, no ano de 1974, é criado o Curso de Licenciatura em Educação Física na UFSC, com o objetivo de formar e aprimorar o maior número de profissionais, em nível superior, para dar atendimento ao ensino de 1º e 2º graus do Estado. A partir da Portaria n. 470/GR/74 de 07 de outubro de 1974, deu-se a criação do curso e este foi reconhecido com o Decreto-lei n. 81759 de 06 de junho de 1978<sup>26</sup>.

Com relação ao movimento mais geral da formação de professores localiza-se a Resolução 03/87 do CFE. Esta resolução trouxe alguns avanços para a área, a saber: a ampliação da duração e carga horária do curso; a exigência da monografia de conclusão de curso; e, a ampliação das áreas do conhecimento denominadas de filosóficas, humanas, sociológicas e técnicas (QUELHAS; NOZAKI, 2006). Entretanto, é possível demarcá-la como a efetivação do início da fragmentação profissional a partir do mercado de trabalho, já que previu a possibilidade da divisão dos cursos em licenciatura e bacharelado. Apesar desta resolução não atingir significativamente a Educação Física, uma vez que poucos cursos de bacharelado foram criados, este foi o início da abertura no Brasil para as políticas neoliberais no intuito de formar profissionais flexíveis às demandas das agências multilaterais do capital internacional, expressos em uma formação fragmentada a partir das necessidades do mercado de trabalho.

É também nos anos 80 que começam a aparecer vários movimentos que se centram na crítica ao paradigma da aptidão física, até então orientador das aulas de Educação Física, para formular outras propostas para a metodologia do ensino de Educação Física na escola. Dentre eles, destacam-se inicialmente: - a “Abordagem Desenvolvimentista”, que, apoiada na psicologia do desenvolvimento, objetiva oferecer à criança experiências de movimento que

---

<sup>24</sup> Mais tarde em 1º de novembro de 1971 foi promulgado o Decreto n. 69450 que regulamentou a Educação Física nos três níveis de ensino, sendo que esta era facultada aos estudantes que trabalhassem mais de seis horas por dia e estudassem a noite, aos estudantes com mais de trinta anos de idade, aos estudantes que estivessem prestando serviço militar na tropa e aos estudantes que estivessem fisicamente incapacitados. Seis anos depois, através da Lei n. 6503, de 13 de dezembro de 1977, é acrescentada mais duas alíneas no item sobre a facultatividade para com a prática da Educação Física: aos estudantes de pós-graduação e às estudantes com prole.

<sup>25</sup> Segundo Castellani Filho (1997, p. 30) a inclusão da Educação Física obrigatória no Ensino Superior, conjuntamente com a Educação Moral e Cívica, serviu para “colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil”.

<sup>26</sup> Sobre isto ver o capítulo três desta dissertação.

contribuam para o seu “desenvolvimento normal”<sup>27</sup>; - a “Psicomotricidade”, que, também apoiada na psicologia do desenvolvimento, objetiva trabalhar o movimento como mero instrumento para a aprendizagem de outros saberes transmitidos na escola<sup>28</sup>; e - a “Educação Física Humanista”, que objetiva trabalhar o movimento como mero instrumento para promover melhores relações interpessoais entre as crianças, mediante valores éticos e morais<sup>29</sup>. Apesar de alterar em alguma medida a relação pedagógica entre professor e estudante, a prática pedagógica ainda é instrumentalizada e ancorada em idéias e valores naturalizantes, que descaracterizam a condição histórica das práticas corporais e dos sujeitos envolvidos. Também, estas propostas não tiveram a preocupação de revelar o papel ideológico da educação na sociedade capitalista.

É somente no final da década de 80 e início da década seguinte que aparecem outras propostas pedagógicas, preocupadas em fazer a crítica ao papel da educação na sociedade vigente, a saber: - a “Concepção de Aulas Abertas”, que visa a co-participação dos estudantes nas decisões didáticas das aulas de Educação Física, precursora das duas propostas seguintes<sup>30</sup>; - a “Educação Física Crítico-superadora”, que, baseada na teoria marxista e na Pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani, entende ser a cultura corporal o objeto da área do conhecimento da Educação Física<sup>31</sup>; e - a “Educação Física Crítico-emancipatória”, que, influenciada pela fenomenologia de Merleau-Ponty e pela pedagogia de Paulo Freire, entende ser a cultura de movimento o objeto da área do conhecimento da Educação Física<sup>32</sup>.

Por “cultura corporal”, o Coletivo de autores (1992) compreende o amplo, complexo e rico campo da cultura que abrange a produção de práticas humanas expressivo-comunicativas, externalizadas pela expressão corporal. Neste sentido, reconhece os dados da realidade como historicamente construídos e situados. Ainda e como ponto crucial que distancia esta proposta das outras, corroborando com o pensamento de Freitas, L. C. (1987), esta explícita com que projeto histórico está comprometido: com os interesses da classe trabalhadora e a construção

---

<sup>27</sup> Os autores principais desta proposta são os professores Go Tani, Edison de Jesus Manoel e Ruy Jornada Krebs (BRACHT, 1999).

<sup>28</sup> Existem várias críticas a esta proposta. Algumas delas são colocadas por Sayão (2002a, p. 55): “Pautada num modelo de criança universal, a Psicomotricidade desconhece as diferenças de gênero, etnia e classe social, entre outras, trazendo, desde a sua gênese, uma idéia de movimento como suporte para as aprendizagens cognitivas. O movimento neste caso, serve de recurso pedagógico visando ao sucesso da criança em outros campos do conhecimento”.

<sup>29</sup> Os princípios desta proposta são colocados por Vitor Marinho de Oliveira, pautado nas teorias da psicologia humanista de Maslow e Rogers (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

<sup>30</sup> Esta proposta tornou-se conhecida no Brasil pelo professor alemão Reiner Hildebrandt.

<sup>31</sup> Esta proposta está sintetizada no livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”, escrito por um coletivo de autores, a saber: Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

<sup>32</sup> O autor formulador desta proposta é o professor Elenor Kunz e esta pode ser visualizada em Kunz (2003).

de um novo modelo societal, o socialista. Nesta proposta, o professor e o estudante, o adulto e a criança, são vistos como sujeitos concretos, sínteses de relações sociais, não ignorando assim, suas condições sociais.

Já a “Educação Física crítico-emancipatória” entende como objeto da área do conhecimento da Educação Física a “cultura de movimento”. Assim, nas aulas de Educação Física deve-se trabalhar a cultura de movimento como uma forma de comunicação com o mundo, transcendendo o “saber fazer” para abarcar também um “saber questionar”, na construção de um sujeito crítico. Entretanto, esta proposta não apresenta preocupação com a historicidade dos fenômenos em sua relação com a totalidade concreta<sup>33</sup>. Também, apesar de estabelecer a crítica ao modelo societal vigente não vislumbra outro modelo de sociedade definido, já que avalia que esta escolha deve partir dos indivíduos. Neste sentido, encara o professor e o estudante, o adulto e a criança, como seres autônomos, conectados com a realidade mais próxima que os rodeia.

É importante ressaltar que no mesmo momento em que surgem questionamentos sobre a prática pedagógica realizada até então e são apresentadas algumas possibilidades de metodologias críticas, tanto na Educação como na Educação Física, setores do governo já estão se preparando para implementar outros projetos vinculados aos novos contornos do capitalismo. Na educação, exemplo disto é a Resolução 03/87, explicitada anteriormente, e a construção da LDBEN.

No centro deste movimento de grande efervescência de idéias e discussões em torno do papel da Educação Física na escola, merece destaque especial o processo de elaboração da LDBEN e seus entrelaçamentos com a Educação Física<sup>34</sup>.

A primeira versão da LDBEN, apresentada pelo deputado Octávio Elísio em dezembro de 1988, não fazia menção à obrigatoriedade da Educação Física. Em sua segunda versão, Substitutivo Jorge Hage de junho de 1990, ela é mencionada da seguinte maneira:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório na Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento do organismo e da personalidade do educando (apud CASTELLANI FILHO, 1997, p. 23).

---

<sup>33</sup> Conceito cunhado por Kosik (1985). Para o autor totalidade concreta significa “[...] realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (idem, p. 35).

<sup>34</sup> Este processo de constituição histórica da Educação Física na Nova LDBEN descrito no texto está embasado no estudo de Castellani Filho (1997).

Neste contexto, o texto deixa evidente o resquício da influência da década de 70, ainda presentes. Contudo, o texto irá sofrer mais alterações.

Em sua terceira versão, aprovada na Câmara dos Deputados em 13 de maio de 1993, a Educação Física consta em seu artigo 34: “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (apud CASTELLANI FILHO, *idem*, p. 24). Firmava-se assim a associação direta entre a Educação Física e a capacitação física do indivíduo.

Esta versão foi encaminhada para o Senado e passou a ser identificada como PLC n. 101/93, constando como seu relator Cid Sabóia. Este Senador encaminha um novo Substitutivo em 12 de dezembro de 1994, que ignora a última redação feita sobre a Educação Física e a substitui pela redação constante no Projeto de Lei n. 67 do Senador Darcy Ribeiro de 1992: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é atividade obrigatória no ensino fundamental e médio, sendo oferecidas progressivamente oportunidades apropriadas para alunos excepcionais” (apud CASTELLANI FILHO, *idem*, p. 24). Esta redação provocou grande insatisfação aos profissionais da área, já que a Educação Física voltava a ter a conotação de atividade curricular, de acordo com o sentido dado ao conceito pelo CFE em 1971, através do Parecer n. 853 e da Resolução n. 08, a saber: “nas atividades, as aprendizagens desenvolver-se-ão antes sobre experiências colhidas em situações concretas do que pela apresentação sistemática dos conhecimentos” (apud CASTELLANI FILHO, *idem*, p. 24). Segundo Castellani Filho (*idem*), isto reforçava a idéia de que esta disciplina, sob forma de atividade, representava uma ação sem expressiva reflexão teórica, esvaziada no ‘fazer pelo fazer’, “[...] enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existente apenas empiricamente” (*ibid.*, p. 25).

Antes que surgissem mais rumores o Senador Darcy Ribeiro faz uma nova investida e elabora um Substitutivo, aprovado em fevereiro de 1996. Neste refere-se à Educação Física no parágrafo primeiro do artigo 24: “Os currículos valorizarão as artes e a educação física de forma a promover o desenvolvimento físico e cultural dos alunos” (apud CASTELLANI FILHO, *idem*, p. 25).

Apesar de, pela primeira vez, a Educação Física aparecer conjuntamente com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos estudantes, talvez pelo fato das artes estarem incluídas na frase, esta redação de 1996 trouxe uma preocupação muito maior aos

professores do que a redação anterior. Segundo Carmo (apud CASTELLANI FILHO, idem, p. 25), falando sobre o Substitutivo Darcy Ribeiro,

[...] ao colocar de forma descomprometida a exigência curricular destes conhecimentos [...] [o senador] desconsiderou toda a história de como os currículos são organizados em nosso ‘sistema’ educacional, [onde] os curriculistas, pressionados pelos planejadores e economistas, trabalham sempre com propostas que possibilitem tanto aos Estados e Municípios, quanto aos dirigentes de instituições privadas, o máximo de economia possível em cada grade curricular. [...] Manter o texto como está é o mesmo que decretar a extinção desses conteúdos dos currículos do ensino fundamental e médio.

Outro ponto a ser considerado, de acordo com Castellani Filho (idem) é que a menção a não obrigatoriedade da Educação Física abre possibilidades para sua promoção como atividade extracurricular, contemplando somente os esportes, sob uma perspectiva de descoberta de talentos esportivos, justificando a cobrança de mensalidade e de investimentos de clubes privados.

Sob esta conjuntura vários setores da sociedade se mobilizaram para modificar a redação final da chamada nova LDBEN, antes de sua aprovação final: sindicatos de professores, entidades científicas e o movimento estudantil<sup>35</sup>.

No entanto, somente na última hora, resultado da pressão realizada pela mobilização nacional, é sancionada a LDBEN, em 20 de dezembro de 1996, fazendo menção à Educação Física em seu artigo 26. Repetindo o texto de sua terceira versão, aprovada na Câmara dos Deputados em 13 de maio de 1993, a Educação Física aparece da seguinte maneira: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (apud CASTELLANI FILHO, idem, p. 27).

À Educação Física é garantida a sua obrigatoriedade, mas esta redação apresenta algumas conseqüências no que diz respeito à função desta disciplina no currículo e sua finalidade formativa. A primeira conseqüência é a volta da relação entre Educação Física e capacitação física, quando a disciplina é colocada como sendo facultativa nos cursos noturnos. Esta relação acaba por deixar de lado a dimensão pedagógica desta, justificando-a como uma prática descolada dos objetivos da escola. A outra conseqüência é que a nova

---

<sup>35</sup> Sobre a mobilização do movimento estudantil na luta contra a redação do artigo 24 do Substitutivo Darcy Ribeiro ver Pinheiro (1996).

LDBEN não definiu critérios para a organização da Educação Física na escola. Segundo Vago (1999), esta ausência de critérios possibilitou um “vale-tudo” dentro das aulas desta disciplina. Sobre isto o autor cita também um movimento de descaracterização da Educação Física no ambiente escolar, já que a lei deu margem, denominando a Educação Física de componente e não disciplina curricular, para substituir as aulas por atividades realizadas em outros horários e ambientes, como em academias e clubes.

Dois anos depois, a Educação Física irá sofrer novamente com os ajustes estruturais impostos para a manutenção do modo de produção capitalista. Em 1º de setembro de 1998, é aprovada a lei 9696/98, que regulamenta a profissão de Educação Física e que cria o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e os respectivos Conselhos Regionais de Educação Física (CREF's). Esta lei surgiu para regulamentar, inicialmente, a profissão do Bacharel em Educação Física, que trabalharia em campos extra-escolares. De acordo com Nozaki (2003, p. 27)

A regulamentação da profissão foi mediada, [...], pelo contexto de crise do capital e reordenamento do mundo do trabalho. Apoiado na materialidade da desvalorização do trabalho no magistério, os defensores dela promoveram, por outro lado, a apologia do trabalho não escolar, dimensão plus da precarização do trabalho contemporâneo. Deste modo, para conseguir consenso na área, discursaram, por fim, uma desqualificação dos trabalhadores de outras áreas, denominando-os de leigos e, mais recentemente promovendo ingerência em vários campos, tais como dança, artes marciais, lutas, capoeira, yoga e até a escola, para onde a Lei Federal 9696/98 nunca se propôs ingerir. Portanto, a regulamentação da profissão foi sustentada por um discurso de naturalização da crise, da precarização do trabalho, da ideologia da empregabilidade, empreendedorismo e, por outro lado, pelo corporativismo de reserva de mercado nada diferente das práticas neoliberais e neofascistas (*grifos do autor*).

Cabe destacar que, no ano seguinte à regulamentação, no XX Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física (ENEFF), em agosto de 1999, na Cidade de Recife/PE, surgiu o Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR). O MNCR possui os seguintes princípios:

*Ser contrário* à tese da regulamentação da profissão, entendendo-a como uma tese fragmentária e corporativista, portanto, ser também contrário a qualquer tentativa de disputa eleitoral em qualquer instância dos conselhos, sejam eles federal ou regionais.

*Ser um Movimento* de caráter amplo, com o conjunto da categoria dos professores, bem como dos estudantes e trabalhadores de um modo geral, tornando-o de âmbito nacional.

*Lutamos* pela defesa dos direitos e conquistas da classe trabalhadora. Lutamos pela regulamentação do trabalho de forma a garantir a todos os trabalhadores (empregados ou não) direitos básicos como: estabilidade, férias, salário e aposentadoria dignos, etc (*grifos dos autores*) (MNCR/MEEF, 2008, p. 05).

Colocando o foco no plano macro da educação, as novas investidas do capital se materializam por meio de reformas do aparelho do Estado, dentre elas: o Projeto de Reforma Universitária e as Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação (Resolução 07/2004 do CFE)<sup>36</sup>. Sobre as Novas Diretrizes Curriculares destacam-se algumas questões, já que afetam diretamente a formação de professores.

As Novas Diretrizes Curriculares prevêem a formação de professores por habilitações, dividindo-os em graduado (bacharel) e licenciado. Apesar de esta conjuntura ser resultado da Resolução 03/87, na atualidade ela se mostra muito mais forte e com outros contornos, como: - a abertura maciça de cursos privados, na direção de uma formação técnica para o mercado; - a criação e manutenção de órgãos de certificação e avaliação como o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES) e Exame Nacional de Desempenho do Estudante (ENADE) e, mais especificamente na Educação Física, do sistema CONFEF/CREF; e - um debate de idéias caracterizado pelos pressupostos da “epistemologia da prática” e do “professor reflexivo”<sup>37</sup>.

A partir das Novas Diretrizes a formação do professor é pensada a partir do modelo de competências, numa dimensão técnico-instrumental, cujo papel do professor é atender a desempenhos específicos. Corroborando com os estudos de Arce (2000, 2001), David (2002), Pimenta (2002), Serrão (2002), Duarte (2003), Quelhas; Nozaki (2006), Taffarel; Teixeira; D’Agostini (2005), Taffarel; Lacks; Santos Júnior (2006) e Taffarel; Lacks (2007), compreende-se que: - a educação deve ser entendida e estudada a partir da perspectiva da formação humana e não a partir do universo local e do mercado; - a docência deve constituir-se como eixo central da formação, independente do campo de atuação; - os conhecimentos teóricos têm importância essencial na formação para uma ampla reflexão sobre o fenômeno

<sup>36</sup> Interessante destacar que, especificamente na Educação Física, o CONFEF teve papel decisivo na construção das Diretrizes Curriculares.

<sup>37</sup> Segundo Tardif (2000, p. 10) a epistemologia da prática é “[...] o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos professores em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar sua tarefa”. O professor reflexivo é aquele que reflete sobre sua prática a partir desta epistemologia. Críticas a este paradigma ver Arce (2001) e Duarte (2003).

educacional (e não apenas a reflexão sobre a sua prática local como prevêm os teóricos da “epistemologia da prática”). Sintetizando as reflexões, destaca-se um excerto de Arce (2001, p. 267):

Não acreditamos que o professor possa ser formado apenas refletindo sobre a sua ação; acreditar neste discurso e apoiá-lo é decretar o fim de nossa profissão, é aceitar que nos tornamos cada vez mais dispensáveis diante do aparato tecnológico que hoje possuímos para transmissão de informação. Também não acreditamos que a formação inicial do professor possa se dar em serviço, não vemos nenhum outro profissional ser formado assim. Por que nós deveríamos admitir que para ser professor qualquer tipo de formação possa ser feita? Por isso, reafirmamos que a formação de professores não pode se eximir de uma bagagem filosófica, histórica, social e política, além de uma sólida formação didático-metodológica, visando formar um profissional capaz de teorizar sobre as relações entre educação e sociedade e, aí sim, como parte dessa análise teórica, refletir sobre a sua prática, propor mudanças significativas na educação e contribuir para que os alunos tenham acesso à cultura resultante do processo de acumulação sócio-histórica pelo qual a humanidade tem passado.

No âmbito deste conjunto das políticas existentes destaca-se a Lei n. 11.114, de 16 de maio de 2005. Esta lei altera os artigos, 6, 32 e 37 da Lei n. 9394/96, com o objetivo de ampliar o Ensino Fundamental para nove anos e tornar obrigatória a matrícula de crianças de seis anos de idade nesta etapa do Ensino Básico.

Esta lei foi recebida com espanto pelos professores tanto da Educação Infantil, como do Ensino Fundamental, pois gerou uma grande preocupação com relação a chamada inclusão das crianças de seis anos na escola do Ensino Fundamental. Tais inquietações apareceram no primeiro documento do MEC sobre o assunto, intitulado “Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações Gerais”. Neste, os autores trazem várias questões a respeito desta criança de seis anos, que agora fará parte do Ensino Fundamental, a saber: “Quem é ela? Que momento ela está vivendo? Quais são os seus direitos, interesses e necessidades? Por que ela pode ou deve ingressar no Ensino Fundamental? Qual é o seu ambiente de desenvolvimento e aprendizado?” (MEC, 2004a, p. 19).

Avalia-se que esta atenção dada à criança de seis anos é importante, mas pensa-se que, guardadas as suas especificidades, merecem também atenção as crianças das outras turmas dos anos iniciais. Esta ampliação de olhar permite o início da efetivação da escola como um

“lugar privilegiado da infância” (QUINTEIRO, 2000), no qual possa permitir a articulação do aprender, do brincar e do participar (QUINTEIRO; CARVALHO, 2007).

No documento “Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade” é mencionada a importância e os objetivos das áreas do conhecimento, dentre elas da Educação Física, para a criança de seis anos. Segundo o documento (CORSINO, 2007, p. 61) o trabalho da Educação Física deve “[...] possibilitar a socialização e a memória das práticas esportivas e de outras práticas corporais”. Entretanto, logo após esta afirmação a autora continua expressando que

O(a) professor(a), ao planejar atividades dessa área para as crianças, precisa escolher aquelas que promovam a consciência corporal, a troca entre elas, a *aceitação das diferenças*, o respeito, a tolerância e a *inclusão do outro*. [...] Vale lembrar que o desenvolvimento dessa área na escola não tem como finalidade classificar ou selecionar atletas. Seu objetivo principal, antes de qualquer intenção de desenvolver habilidades motoras, é *promover a inclusão de todos*. Sendo assim, é importante que os conhecimentos e as atividades dessa área sejam instrumentos de formação integral das crianças e de prática de inclusão social, e proporcionem experiências que valorizem a convivência social inclusiva, que incentivem e promovam a criatividade, a *solidariedade*, a *cidadania* e o desenvolvimento de atitudes de coletividade (*grifos meus*) (ibid., p. 61).

Como fica explícito, o documento não leva em consideração toda a discussão realizada a partir dos anos 90 e reafirma a Educação Física como uma disciplina instrumentalizadora de outros saberes e valores, como nas propostas da “Psicomotricidade” e da “Educação Física Humanista”. O ponto central desta discussão é que esta concepção de Educação Física deixa de lado o que muitos autores (COLETIVO DE AUTORES, 1992; ESCOBAR, 1995) expressam sobre o objetivo da Educação Física na escola, a saber: a transmissão e reflexão sobre a “cultura corporal”, ou seja, sobre a expressão corporal como uma das linguagens.

Este posicionamento tomado no documento com relação à Educação Física reflete a própria constituição da área, já que esta as discussões sobre as metodologias do ensino são recentes e ainda difusas. Ainda, este reflete a conjuntura do política educacional brasileira, que além de não garantir às crianças o acesso ao conhecimento historicamente produzido, contribui para um modelo de educação que tem como foco a invalidação dos conflitos sociais e a manutenção do *status quo*. Neste sentido, o professor e a criança são tratados como sujeitos individualmente responsáveis por seu sucesso ou fracasso.

Encerrando este capítulo, é possível afirmar que a constituição histórica da Educação Física foi, por muito tempo, impulsionada a partir dos valores militaristas e higienistas, tendo a aptidão física como objeto da prática pedagógica. Os resquícios desta constituição ainda estão presentes na escola e na formação universitária do professor de Educação Física. Entretanto, esta área já se encaminha para outras perspectivas, que buscam pensar a prática pedagógica da Educação Física na escola como espaço de socialização dos elementos da “cultura corporal”, encarados como direitos sociais e instrumento de humanização e transformação social.

O próximo capítulo apresenta um panorama da pesquisa educacional e em Educação Física, bem como analisa as tendências da pesquisa em Educação Física sobre a infância, a partir dos grupos bibliográficos selecionados: teses e dissertações do Banco de Teses de CAPES, os artigos em periódicos da Educação Física e trabalhos dos CONBRACE's.

## 2 A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA<sup>38</sup>.

“A ciência não é apenas um produto da razão, mas um produto da sociedade, que nasce das necessidades da produção material”. (*Tsygankov*)

O objetivo deste capítulo é identificar e analisar o “lugar” que ocupa a infância na produção acadêmica na área da Educação Física. Para contemplar este objetivo, num primeiro momento apresenta um panorama da pesquisa educacional e em Educação Física. Num segundo momento traz a análise das tendências da produção acadêmica da Educação Física sobre a criança e a infância a partir de teses e dissertações selecionadas no Banco da CAPES, artigos em periódicos da Educação Física e trabalhos em Anais dos CONBRACE’s.

Segundo Gatti (1983), estudos sistemáticos no âmbito da pesquisa educacional começam a desenvolver-se a partir do marco da criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 1938 e, mais tarde, na década de 50, a pesquisa educacional ganha forças com a criação da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), ao promover a institucionalização da pesquisa.

Inicialmente, o foco das pesquisas centrava-se no desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes, nos processos de ensino e na avaliação. Aos poucos, acompanhando o fim do ciclo ditatorial de Vargas e a abertura democrática do país, o foco dos estudos muda para as condições culturais e tendências da sociedade brasileira. “O objeto de atenção mais comum nas pesquisas educacionais passou a ser, nesse momento, a relação entre o sistema escolar e certos aspectos da sociedade” (GATTI, op. cit., p. 17). Na década de 60, sob a ditadura militar e com a efervescência do desenvolvimentismo brasileiro, estudos sobre a educação como investimento ganham fôlego e, segundo André (2001, p. 54) “[...] o interesse se localizava nas situações controladas de experimentação, do tipo laboratório [...]”, já que

---

<sup>38</sup> Algumas das informações a seguir fazem parte do quadro intitulado “Panorama da Pesquisa Educacional no Brasil – 1920-2006”, elaborado pelas estudantes Caroline Machado Costa, Cecília da Silva, Caroline Michele Brunken Karger, Cristina Cardoso Rodrigues, Isabel Azambuja, Isabela Jane Steininger e Rute da Silva, na disciplina de Seminário de Dissertação I, da Linha de Pesquisa/Educação e Infância/PPGE /UFSC, ministrada pela prof. Jucirema Quintero, semestre 2007.1.

importava privilegiar a eficiência e a técnica, no sentido de analisar as variáveis de contexto e seu impacto sobre o produto final (GATTI, op. cit.).

A década de 70 é caracterizada pela institucionalização da pesquisa nas universidades. No final desta década, os trabalhos de alguns cursos de pós-graduação em Educação começam a se consolidar. Isto possibilitou a ampliação das temáticas de estudo, o aprimoramento metodológico e análises de balanço teórico da produção educacional realizada até então. De acordo com Gatti (op. cit., p. 18), “Passou-se a utilizar tanto métodos qualitativos mais sofisticados de análise, como também, quantitativos e, no final desta década, um referencial teórico mais crítico, cuja utilização estende-se a muitos estudos”. Neste momento, com o fim da ditadura militar e o início do processo de abertura política no país, o foco das pesquisas inverte-se: das preocupações com os fatores externos à escola, passa-se a dar uma maior atenção para os estudos sobre o cotidiano escolar, com destaque para os vários aspectos que constituem o fenômeno do fracasso escolar. Esta mudança refletiu também sobre a metodologia de pesquisa, onde a análise das situações reais da sala de aula toma o lugar que era ocupado pelas análises de situações controladas. Além disto, destaca-se a criação, em 1976, da ANPEd.

A criação da ANPEd fez parte de um projeto promovido pela CAPES que tinha como objetivo a institucionalização da pesquisa no Brasil. Contudo, este projeto, refletindo o momento histórico do país, buscava esta institucionalização para legitimar a política nacional vigente, fazendo com que as instituições criadas operassem como braços do governo. Entretanto, afirmam Souza; Bianchetti (2007), aos poucos, a ANPEd vai destituindo esta subordinação e caminhando para a constituição de sua autonomia.

Na década de 80, a partir do movimento de reformulações nos currículos dos cursos de graduação, as pesquisas em educação focam sua atenção sobre a formação de professores. Este foco irá penetrar a década de 90, dividindo espaço com os estudos do cotidiano escolar. Sobre a formação de professores Brzezinski; Garrido (2001) identificam a diversidade das temáticas e destacam que

A participação dos professores, enquanto sujeitos dos processos formativos, apareceu em várias pesquisas de formação inicial e continuada, mas, a *voz do aluno* praticamente não foi ouvida pelos investigadores. Aliás, os professores foram estudados pelos formadores-pesquisadores. Não foi analisado o formador do professor. Tampouco foram levantados dados sobre como outros profissionais vêem os professores ou como os *alunos* vêem os docentes. Também nada se

estudou a respeito do que os *alunos* esperam da escola (*grifos meus*) (ibid., p. 95)

Ainda, as autoras apontam a recorrência da temática profissionalização docente, no interior do Grupo de Trabalho (GT) Formação de Professores da ANPEd, no período de 1992 a 1998. Contudo, destacam a ausência de estudos relativos ao direito dos professores à sindicalização e à participação em associações e movimentos de valorização da categoria.

Com relação ainda à formação de professores, Duarte (2003) observa não apenas um aumento das pesquisas, a partir dos anos 90, com esta temática, mas uma mudança de enfoque pedagógico caracterizado pelas apropriações dos estudos internacionais no campo da “epistemologia da prática” e do “professor reflexivo”, campo este representado por autores como António Nóvoa, Donald Schön, Maurice Tardif e Philippe Perrenoud. Tal cenário de apropriação das teorias pós-modernas não se limita apenas às pesquisas sobre formação de professores, mas, também, nas pesquisas educacionais como um todo. Entretanto, este irá instituir-se nos anos 2000.

Os estudos sobre a infância, compreendida como construção social e sobre a criança como sujeito histórico e de direitos, síntese das múltiplas determinações sociais, aparecem como foco da pesquisa educacional brasileira, como já exposto na introdução, na década de 40 com Florestan Fernandes, em seu trabalho intitulado “As Trocinhas de Bom Retiro”. Porém, somente nas últimas décadas do século XX, e mais precisamente, a partir dos anos 2000 é que as pesquisas sobre a infância começam a aparecer de forma mais expressiva, o que levou Quinteiro (2009a) a apontar para “um campo de estudos em construção”, tanto no Brasil como no resto do mundo. Explicitando melhor esta evidência, a autora expõe que:

Nas duas últimas décadas, a produção sobre o tema infância no campo da educação no Brasil parece ter ampliado o seu campo de intervenções e, também, adquirido algum estatuto teórico-metodológico. Os estudos sobre a infância como uma questão pública e não apenas privada começam a pipocar na produção acadêmica brasileira. Constata-se uma produção caracterizada por diversidade de temas, pautados por estudos empíricos e ausência de debates teóricos, voltados a problemas relativos à história social da infância, às péssimas condições de vida e existência das crianças e de suas famílias, ao profundo desrespeito por parte do Estado à criança como sujeito de direitos e, sobretudo, aos diversos aspectos e especificidades que envolvem a educação e a proteção da criança de zero a seis anos de idade (ibid., p. 20-21).

Sob esta conjuntura onde a infância é entendida como representação social e direito da criança, tais questões irão refletir diretamente na formulação de políticas e legislações para a proteção “mínima” das crianças. Segundo Quinteiro (2004, p. 166),

[...] até o final da década de 80, nenhuma constituição havia ainda se referido aos direitos específicos da criança. Historicamente, tais direitos aparecem relacionados e justificados no Direito à Família e à Assistência. No Brasil, a partir da Constituição de 1988 registam-se (sic) pela primeira vez os direitos específicos da criança. Logo depois, o governo brasileiro sancionou a Lei n.º 8.069 de 13 de Julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e, através do Decreto Legislativo n.º 28 de 14 de setembro 1990, aprovou o texto da Convenção sobre os Direitos da Criança – CDC, adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em Novembro de 1989.

Quanto à produção científica e pedagógica na área da Educação Física, a trajetória é mais recente. Conforme foi demonstrado no capítulo anterior, a Educação Física no Brasil, até a primeira metade do século XX, apresentava-se como uma disciplina “exclusivamente prática”, não se justificando um campo teórico-científico que estabelecesse uma identidade pedagógica própria (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Observa-se que nas décadas de 40 e 50, sob a política do desenvolvimentismo brasileiro, surgem demandas para a pesquisa em Educação Física e vários estudos são realizados no sentido de legitimar esta disciplina a partir do paradigma da aptidão física. Também aparecem muitos estudos baseados na comparação de modelos com outros países.

Somente em 1969, com o Parecer 672 do CFE é que o curso de licenciatura em Educação Física equipara-se aos outros cursos de licenciatura, abarcando disciplinas de cunho científico e pedagógico. Contudo, apenas na década de 70 é que se inicia uma política de incentivo à pesquisa científica e pedagógica, na Educação Física. Com relação a isto, Bracht (1993) destaca o “Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos” realizado pelo MEC em 1969/1970 como um marco que gerou a “criação e implantação de cursos de pós-graduação, incentivo à capacitação docente, financiamento e fomento da pesquisa científica” (ibid., p. 111). Entretanto, segundo Taffarel (2007), esta política de incentivo não aconteceu uniformemente em todo país: “[...] Em tal política, não cabiam os grupos do Nordeste do Brasil e, assim, nesses trinta anos acentuaram-se as desigualdades” (ibid., p. 32). As regiões Norte e Centro-oeste também ficaram alheias a este incentivo, tendo este se concentrado nas regiões Sul e Sudeste.

Sob esta conjuntura política de incentivo à pesquisa, ressalta-se a criação do CBCE, em 1978. Aliado ao paradigma da aptidão física da época, o CBCE surgiu a partir de um entendimento interno na Federação Brasileira de Medicina do Esporte (FBME). Segundo Pereira (2007, p. 13),

Na segunda metade da década de 1970, os ‘não-médicos’ apresentavam mais trabalhos nos congressos do que os médicos, mas a Federação só aceitava médicos como sócios. Criar uma sociedade mais abrangente foi a saída para atender às áreas não contempladas pela FBME.

Inicialmente organizada no modelo do “American College of Sports Medicine”, o CBCE instituiu-se como um importante espaço de produção e divulgação das pesquisas em Educação Física, pautadas nos princípios da eficiência, produtividade e racionalidade. O foco inicial das pesquisas estava relacionado às técnicas e ao desempenho atlético e, as metodologias empregadas advinham da concepção de neutralidade e objetividade científica.

Em 1979, final da Ditadura Militar, realizou-se o I CONBRACE, em São Caetano do Sul/SP, sob o tema “A criança brasileira e a atividade física”. Após análise da extensa e densa programação deste congresso, destaca-se o painel que leva o nome do tema do evento, com a participação de reconhecidos professores na área: Lamartine Pereira da Costa, José Elias Proença, Ana Maria Paes Almeida Tara Panoff e Darcimires do Rego Barris, que ministraram as seguintes palestras: “Educação Física Permanente”; “Paralelo entre o desenvolvimento físico e o jogo em função da educação”; “Curvas e desenvolvimento motor de escolares”; e, “A criança brasileira e a atividade física”, respectivamente. Além destes, salta a vista outras questões, apresentadas como temas livres, sob os títulos: “O treinamento e a competição precoce e suas influências psicológicas em crianças de 7 a 12 anos”, apresentado por cinco professores da Escola de Educação Física da USP; “Uma revisão da socialização da criança no esporte”, apresentado por três professores do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul/SP; e, “Estudo da pressão arterial sanguínea em crianças e adolescentes em contraste com adultos”, apresentado por nove professores do Centro Interdepartamental de Pesquisa em Educação Física da Escola de Educação Física da USP.

É interessante observar, que segundo Kramer (1996), o ano de 1979 pode ser considerado o marco do início da produção acadêmica sobre a criança e a infância brasileira<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Apesar de estudos, como o de Florestan Fernandes, serem anteriores a esta data, o ano de 1979 expressa o início da pesquisa, a partir de um coletivo de pesquisadores, sobre a criança e a infância, no Brasil.

[...] a definição pela UNESCO de que 1979 seria o Ano Internacional da Criança que forneceu o pretexto [para que um grupo de pesquisadores mestrandos em educação] para o mergulho no trabalho teórico com *o objetivo de compreender a visão de infância presente no senso comum e na pedagogia (grifos meus)* (ibid., p. 15).

Neste período, no campo educacional, os estudos apresentam-se voltados, predominantemente, às questões concernentes às crianças das camadas populares e à criança marginalizada, aos processos de construção de “estereótipos” e à aquisição de habilidades motoras e cognitivas para a aprendizagem<sup>40</sup>. Destaca-se a edição Número 31 do “Cadernos de Pesquisa” que teve como tema “A situação da criança brasileira e suas interfaces com a pesquisa” (1979).

A década de 80 será marcada pela crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva, até então orientador da prática pedagógica. É neste momento também, conforme exposto no capítulo anterior, que começam a surgir movimentos propondo outras abordagens para a metodologia do ensino da Educação Física.

Mais do que isto, a quase uma década do I CONBRACE, cujo tema foi “A criança brasileira e a atividade física”, pautado predominantemente por análises sobre medidas e avaliações do desempenho físico e motor da criança, destaca-se o V CONBRACE, realizado na cidade de Olinda/PE, no mês de setembro de 1987, por trazer mais uma vez, a criança como tema central do evento: “A criança e o esporte no Brasil”.

Dentre as atividades presentes na programação do evento destacam-se: duas conferências: “O Esporte e a socialização da criança”, e, “Esporte e criança: fazer e compreender”, proferidas pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão e pela professora de Educação Física Vera Costa, respectivamente; três Mesas Redonda sob os temas: “O esporte da criança em uma perspectiva interdisciplinar”, “As teses equivocadas na formação profissional de EF/esportes”, e, “A criança e o esporte no currículo de formação profissional”, ministradas pela pedagoga Ivani Catarina Fazenda, pelo professor de Educação Física Haimo Fensterseifer e pela pedagoga Micheli Ortega Escobar, respectivamente; e, um Painel de Psicologia do Esporte, intitulado “O significado do esporte para a criança”, apresentado por Gracita Didier e Rubem Rosadas<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Tais afirmações baseiam-se em um levantamento e análise de artigos realizado por esta pesquisadora junto a cinco periódicos existentes na área da Educação, no período de 1971 a 2007, a saber: Cadernos de Pesquisa, Educação e Sociedade, Cadernos Cedes, Perspectiva e Revista Brasileira de Educação – com o objetivo de subsidiar esta investigação. Entretanto, por razões que não cabem aqui explicitar, decidiu-se deixar de fora deste texto.

<sup>41</sup> **RBCE**, v. 09, n. 01, set. 1987.

Sob uma conjuntura política marcada pela Assembléia Nacional Constituinte, pelo mais baixo salário mínimo da história do País, pelo crescimento da mortalidade infantil, do desemprego e da violência no campo e na cidade, o V CONBRACE, instala-se apresentando, em seu Editorial, os seguintes desafios:

Que relações podemos estabelecer entre os temas a serem abordados neste congresso e a realidade que está aí, nas ruas, nas praças, nas favelas, nas cestas-básicas que já não podem ser compradas?

Como refletir a criança e o esporte?

De que criança estamos falando? Daquela criança abstrata, dos livros, das teses, laboratórios e de nossas intenções pedagógicas?

Ou será que tivemos a humildade de refletir a criança no seu contexto sócio-econômico, político e cultural, compreendendo seu universo no mundo social mais amplo das relações de produção marcadas pela exploração, pela desescolarização, pelo trabalho precoce, pela prostituição aos milhares já aos 10, 12, 15 anos, como sobrevivência, pelo vício, enfim?

[...]

Como situar nossos compromissos com a criança enquanto ser humano, e com o esporte, enquanto prática social na sociedade brasileira que está aí, à nossa frente, à nossa volta?

Finalmente, a década de 90 caracteriza-se mais pelas discussões acerca do estatuto epistemológico da área e menos sobre a infância e a criança na Educação Física. Tais discussões evidenciam-se nas temáticas centrais de cinco edições do CONBRACE, a saber:

Em 1991, em Uberlândia/MG, a temática central foi a *Produção e veiculação do conhecimento na Educação Física, esporte e lazer no Brasil: análise crítica e perspectivas*; em 1993, em Belém/PA, o Conbrace interrogava sobre *Que ciência é essa? Memória e Tendências*; em 1995, em Vitória/ES, a temática intitulava-se *Interdisciplinaridade, ciência e pedagogia*; em 1997, em Goiânia/GO, a temática foi *Renovação, modismos e interesses*; em 1999, em Florianópolis/SC, a temática intitulava-se *Educação física/ciências do esporte: Intervenção e conhecimento (grifos dos autores)* (NÓBREGA et al, 2003, p. 175-176).

Quanto às matrizes epistemológicas das pesquisas em Educação Física, resultados encontrados por Souza e Silva (1997) demonstram que a maioria das pesquisas da área, na década de 90, é realizada a partir da abordagem empírico-analítica (66,22%) e, em menor grau, aparecem as abordagens fenomenológico-hermenêuticas (21,62%) e crítico-dialética

(12,16%)<sup>42</sup>. É importante ressaltar que tal panorama não sofreu alterações substanciais nos anos 2000. Conforme podemos visualizar no estudo de Molina Neto et al (2006) ainda as pesquisas realizadas a partir da abordagem empírico-analítica abarcam a maioria da produção na área<sup>43</sup>. Uma evidência importante demonstrada no estudo de Molina Neto et al (op. cit.), é a relação existente entre a matriz epistemológica das pesquisas e o financiamento por meio de bolsas de produtividade. Neste, os autores realçam que:

As pesquisas de matriz crítico-dialética situam-se [...] em um patamar bem inferior às outras duas matrizes – o que reflete, nos parece, a influência e o peso dos campos e métodos originários das ‘ciências duras’ como modelos de maior investimento por parte dos órgãos financiadores de pesquisa (ibid., p. 159-160).

Entretanto, o estudo realizado por Gamboa; Chaves; Taffarel (2007) indica que a produção da pesquisa em Educação Física no Nordeste brasileiro, apresenta uma inversão neste quadro, a saber: a abordagem empírico-analítica (16%) é superada pelas abordagens crítico-dialética (46%) e fenomenológica (34%), demonstrando perspectivas de mudança no estatuto epistemológico da pesquisa na área<sup>44</sup>.

Estabelecendo uma relação entre a pesquisa educacional e em Educação Física, apesar das duas surgirem em momentos diferentes, é interessante destacar que o foco das pesquisas, tanto na Educação como na Educação Física, acompanhou o momento histórico no qual viveu o país. Somente nas últimas décadas do século XX é que estas duas áreas começam a questionar o papel do Estado e de suas políticas, estabelecendo um debate no sentido desvendar o caráter ideológico destas políticas, no caminho da construção de outras possibilidades para encaminhar a formação humana.

Até aqui, foi apresentado um panorama geral de como se constituiu os campos da pesquisa em Educação e, em especial, em Educação Física no Brasil, buscando estabelecer

---

<sup>42</sup> Nesta pesquisa a autora analisa a produção nacional através das dissertações de mestrado dos cursos de pós-graduação do sul e sudeste brasileiro, no período de 1988 a 1994. Estes cursos correspondem a quase total produção da área.

<sup>43</sup> Nesta pesquisa os autores analisam as teses de doutorado produzidas nos programas de Pós-graduação em Educação Física brasileiros e as dissertações de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, no período de 2000 a 2005. Relacionam estas informações com os documentos do CNPq sobre as bolsas de produtividade e os trabalhos científicos apresentados nos CONBRACE's de 2001, 2003 e 2005.

<sup>44</sup> A pesquisa apresenta um balanço da produção no Nordeste brasileiro produzida por pesquisadores que atuam em Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe. Como ainda não existem programas de Pós-graduação em Educação Física nesta região, a produção analisada corresponde às pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento, como a Educação, e outros programas nacionais e internacionais.

relações entre estes dois campos de pesquisa. Entretanto, cabe investigar como a infância, especialmente, a infância na formação universitária do professor de Educação Física, aparece na produção acadêmica. Para tanto, apresenta-se uma análise da produção acadêmica representada por: teses, dissertações, artigos em periódicos e nos Anais do CONBRACE's.

## 2.1. A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA.

Com o objetivo de identificar e analisar o “lugar” que ocupa a infância na pesquisa em Educação Física e, marcadamente, na formação universitária do professor de Educação Física realizou-se um levantamento junto ao Banco de Teses da CAPES, utilizando como palavras-chave: “Educação Física”, “Formação de Professores” e “Infância”. O resultado de tal levantamento encontra-se no quadro a seguir:

### Quadro 1

Teses e dissertações sobre Educação Física, Formação de Professores e Infância – 1987 a 2007<sup>45</sup>.

<b>Período (década)</b>	<b>1987 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2007</b>	<b>Subtotal</b>
<b>Tipo de produção</b>				
Teses <sup>46</sup> – Banco de Teses CAPES	-	-	03	03
Dissertações – Banco de Teses CAPES	-	-	11	11
<b>Total</b>	-	-	<b>14</b>	<b>14</b>

Como se pode observar (Quadro 1) dos catorze trabalhos, três são teses e onze são dissertações, todos defendidos no período de 2000 a 2007. Em linhas gerais, estes discutem temas relacionados a: representações que os professores e estudantes de graduação em Educação Física têm a respeito das questões que envolvem o corpo e o movimento humano (03); história das práticas corporais (02); processos de inclusão da criança portadora de necessidades especiais na escola (01); condições de trabalho do professor de Educação

<sup>45</sup> Cf. Anexo A.

<sup>46</sup> Importa esclarecer que se incluiu teses de doutorado no levantamento desta pesquisa apenas para identificar esta produção. Não cabe aqui analisar teses, já que se tratar de uma dissertação de mestrado.

Infantil (01); relações entre professor, criança, mídia e tecnologias (01); concepções de infância presentes nas canções infantis (01); violência na infância (01); direito à educação e à cidadania de crianças e adolescentes de escolas públicas (01); memória esportiva e formação docente (01); intervenção e proposta pedagógica do professor de Educação Física na Educação Infantil (01); e, formação continuada de professores de Educação Física na Educação Infantil (01).

Isto posto, é interessante observar que não foi possível identificar nenhum trabalho que estabelecesse uma relação direta com o objeto desta pesquisa, a saber, a infância na formação universitária do professor de Educação Física. Diante disto, foi realizado um segundo levantamento junto ao Banco de Teses da CAPES mediante a substituição da categoria “Infância” por “Criança”. Certamente, o redimensionamento de tais categorias não garante que os trabalhos selecionados sejam rigorosamente distintos, mesmo assim o resultado desta seleção foi surpreendente. De catorze trabalhos passou-se para noventa e nove, o que levanta a hipótese, apresentada por Quinteiro et al (2008), que criança e infância são tratadas como sinônimos e não distintamente. Este resultado pode ser constatado no quadro a seguir:

### Quadro 2

Teses e dissertações sobre Educação Física, Formação de Professores e Criança - 1987 a 2007<sup>47</sup>.

<b>Período (década)</b>	<b>1987 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2007</b>	<b>Subtotal</b>
<b>Tipo de produção</b>				
Teses – Banco de Teses CAPES	-	-	16	16
Dissertações – Banco de Teses CAPES	-	16	67	83
<b>Total</b>	-	<b>16</b>	<b>83</b>	<b>99</b>

Como se pode extrair do quadro acima (Quadro 2) foram selecionados noventa e nove trabalhos, sendo que dezesseis são teses defendidas entre 2000 e 2007, e oitenta e três são dissertações, dezesseis defendidas no período de 1990 a 1999 e sessenta e sete no período de 2000 a 2007. Estes noventa e nove trabalhos, em linhas gerais, discutem sobre: relações entre Educação Física e crianças portadoras de necessidades especiais (14); papel do jogo e da brincadeira para a criança (10); intervenção e proposta pedagógica do professor de Educação

<sup>47</sup> Cf. Anexo B.

Física no Ensino Fundamental (10) e na Educação Infantil (05); formação universitária (07) e continuada do professor de Educação Física (03); Educação, mídias e tecnologias (04); ensino do esporte (04); formação de professores de Educação Infantil (04); ações pedagógicas na Educação Infantil (03); representações que os professores e estudantes de graduação em Educação Física têm a respeito das questões que envolvem o corpo e o movimento humano (02); a alteridade na Educação Infantil (02); relações entre Educação e saúde (02); obesidade infantil (02); formação continuada de professores em geral (01); direito à educação e à cidadania de crianças e adolescentes de escolas públicas (01); concepções de infância presentes nas canções infantis (01); condições de trabalho do professor de Educação Infantil (01); formação de professores de Pedagogia (01); formação de professores em Ciências Naturais (01); formação de professores na Escola Normal (01); Educação de Jovens e Adultos (01); Educação Ambiental (01); avaliação institucional na Educação Infantil (01); história da Educação Infantil (01); violência na infância (01); fracasso escolar (01); progressão continuada (01); classes de aceleração (01); relações entre Educação Física e cultura (01); ensino das Artes (01); ensino de Física (01); Educação à distância (01); gestão (01); relações entre Educação e cidadania (01); relação homem e natureza (01); trabalho do professor de classes multisseriadas (01); lazer e a recreação (01); projetos literários na escola (01); divulgação científica (01); e, relações entre Educação Física e PCN's (01).

Cabe aqui destacar a dissertação de Patrícia C. Ayres Montenegro, intitulada “O sentido de aluno-criança no imaginário de alunos mestres”, defendida em 1994, no Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). Nesta, a autora busca identificar as representações que os futuros professores de Educação Física têm sobre as crianças de escolas públicas. Neste sentido, a autora apresenta, entre outros aspectos, a indefinição, por parte dos estudantes universitários, das finalidades da Educação Física na formação das crianças.

Apesar deste segundo levantamento trazer uma quantidade bastante expressiva de trabalhos e de temáticas relacionadas a formação de professores, a infância ainda não aparece como categoria de análise privilegiada, mas, como referência a uma etapa da vida ou para designar, simplesmente, criança. Diante disto, foi necessário realizar uma terceira seleção, sem a palavra-chave “Formação de Professores”, com o objetivo de ampliar o levantamento e rastrear tais categorias ao máximo a produção existente. Assim, por meio das palavras-chave “Criança”, “Infância” e “Educação Física”, obteve-se o resultado que pode ser visualizado no quadro a seguir:

### Quadro 3

Teses e dissertações sobre Educação Física, Infância e Criança - 1987 a 2007<sup>48</sup>.

<b>Período (década)</b>	<b>1987 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2007</b>	<b>Subtotal</b>
<b>Tipo de produção</b>				
Teses – Banco de Teses CAPES	-	-	20	20
Dissertações – Banco de Teses CAPES	-	08	48	56
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>08</b>	<b>68</b>	<b>76</b>

Dos setenta e seis trabalhos (Quadro 3), vinte são teses, defendidas no período de 2000 a 2007, e cinquenta e seis são dissertações, oito defendidas no período de 1990 a 1999 e quarenta e oito no período de 2000 a 2007. Estes setenta e seis trabalhos, em linhas gerais, discutem sobre: violência na infância (14); avaliação da aptidão física (07); crianças em situação de risco e as relações entre as crianças e os projetos sociais (06); ações pedagógicas na Educação Infantil (04); brincadeiras (03); doenças na infância (03); hábitos alimentares na infância (03); políticas públicas para a Educação Infantil (03); intervenção e proposta pedagógica do professor de Educação Física no Ensino Fundamental (03) e na Educação Infantil (01); relação creche-família (02); relações de gênero (02); produção científica da Educação Física sobre Educação Infantil (02); representações que os professores e estudantes de graduação em Educação Física têm a respeito das questões que envolvem o corpo e o movimento humano (02); desenvolvimento da moral infantil (02); direito à educação e à cidadania de crianças e adolescentes de escolas públicas (02); relação entre Educação Física, mídias e tecnologias (02); relação entre Educação e liberdade (01); saúde bucal na escola (01); saúde na Educação Infantil (01); concepções de infância presentes nas canções infantis (01); Educação Ambiental (01); criança-problema (01); desenvolvimento do raciocínio emocional na infância (01); produção da Educação Física sobre a criança deficiente (01); representações sociais sobre a criança (01); infância na sociedade imperial (01); identidade docente na Educação Infantil (01); educação da sensibilidade (01); doenças cardiovasculares em estudantes de Educação Física (01); condições de trabalho do professor de Educação Infantil (01); e, crianças portadoras de necessidades especiais (01).

Após este minucioso levantamento, foram selecionadas três dissertações para análise por se tratarem de balanços da produção relacionados à criança e à infância na Educação Física, a saber:

<sup>48</sup> Cf. Anexo C.

#### Quadro 4

Dissertações selecionadas para a análise sobre as relações entre Educação Física, Infância e Criança<sup>49</sup>.

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Orientador (a)</b>	<b>Data</b>	<b>Local</b>
1. Produção científica sobre Educação Infantil nos mestrados e doutorados em Educação Física no Brasil.	Lucyelena Amaral Picelli	Rossana Valéria de Souza e Silva	01/12/2001	UFU/MG (Educação)
2. Políticas Educacionais inclusivas para infância: concepções e veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1978-1999).	Cristina Borges de Oliveira	Ivone Garcia Barbosa	01/02/2003	UNICAMP (Educação Física)
3. Concepção de infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações.	Nara Rejane Cruz de Oliveira	Ivone Garcia Barbosa	01/02/2003	UNICAMP (Educação Física)

Importa esclarecer sobre o quadro acima (Quadro 4), que duas dissertações foram defendidas em um Programa de Pós-graduação em Educação Física e somente uma em um Programa de Pós-graduação em Educação<sup>50</sup>. Quanto ao ano de defesa, uma dissertação foi defendida em 2001 e as outras duas em 2003. Quanto à orientação, as duas dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação Física foram orientadas pela mesma professora, que tem formação em Psicologia; já a dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação foi orientada por uma professora que tem formação em Educação Física. Resumindo, todas as três dissertações foram defendidas em Programas de Pós-graduação da Região Sudeste.

Outro destaque é que apesar dos textos focarem a produção acadêmica e científica sobre as concepções de criança e infância na Educação Física, os temas são diversos, bem como as fontes. A dissertação de Picelli (2001) parece desafiar a lógica acadêmica ao definir como objetivo de sua pesquisa de mestrado, analisar as tendências presentes na produção científica tanto em nível de mestrado, como de doutorado em Educação Física, sobre Educação Infantil e as concepções de Educação Infantil e infância subjacentes a estas

<sup>49</sup> Cf. Anexo D.

<sup>50</sup> As dissertações de Oliveira, C. B. (2003) e Oliveira, N. R. C. (2003a) foram encontradas na internet, estando disponíveis nas páginas dos respectivos programas de pós-graduação. Somente uma dissertação não estava disponível na internet, Picelli (2001), e, foi preciso entrar em contato com a autora, via correio eletrônico, para acessar a pesquisa. A autora, prontamente, enviou a dissertação via documento eletrônico.

produções, no período compreendido entre 1979 a 2000. O estudo de Oliveira, C. B. (2003) traz a análise das concepções de criança, infância e deficiência na produção do CBCE, no período de 1978 a 1999. Já Oliveira, N. R. C. (2003a) analisa a concepção de infância na Educação Física pré-escolar brasileira, a partir de livros e artigos das décadas de 80, 90 e início de 2000.

Com relação aos campos de investigação, constata-se que a maioria dos estudos (dois) centra-se na Educação Infantil e um abrange a Educação Infantil e o Ensino Fundamental conjuntamente.

2.1.1 Características do estágio atual da produção sobre infância na Educação Física: qual o “lugar” da formação universitária de professores?

Primeiramente apresenta-se a dissertação de Picelli (2001), defendida na área da Educação, para depois apresentar as de Oliveira, C. B. (2003) e Oliveira, N. R. C. (2003a), defendidas na área da Educação Física.

O texto de Picelli (op. cit.), tem como objetivo,

*analisar as tendências das pesquisas desenvolvidas nos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação Física no Brasil, cujas temáticas estiveram voltadas para Educação Infantil no período de 1979 a 2000, no que se refere a: frequência do tema Educação Infantil; temáticas dominantes; objetivos priorizados pelos autores e concepções de Infância e Educação Infantil, contidas nos textos das dissertações e teses (grifos meus) (p. 14).*

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, sendo que a análise dos dados foi do tipo quantitativo-qualitativo. O estudo é composto por três capítulos, além de uma introdução e uma conclusão.

Na pesquisa de Picelli (op. cit.) foram selecionadas vinte e oito dissertações e três teses que versam sobre a temática da Educação Infantil. Estas dissertações e teses correspondem respectivamente, a 2,57% e 3% da produção total dos mestrados e doutorados em Educação Física do Brasil.

A partir da análise dos textos selecionados a autora identificou as seguintes temáticas:

- Nas dissertações a maioria dos textos teve sua temática direcionada à área pedagógica (onze dissertações), apresentando como subtemas os processos de ensino-aprendizagem e o currículo. O restante das dissertações aproximou-se da área psicológica (nove dissertações), da denominada área sócio-histórico-filosófica (quatro dissertações) e da área biológica (quatro dissertações);
- Nas teses, duas tiveram suas temáticas voltadas para a área psicológica e uma para a área sócio-histórico-filosófica. A autora ressalta que nenhum trabalho foi apresentado na área pedagógica com o subtema formação profissional<sup>51</sup>.

Analisando os textos a partir dos anos de defesas dos mesmos, Picelli expõe que na década de 80 e início da década de 90, a maioria dos textos possui o enfoque nos estágios de desenvolvimento, aquisição de habilidades e desenvolvimento motor da criança. Em meados da década de 90 este quadro começa a diversificar-se, trazendo trabalhos sobre a brincadeira e o currículo da Educação Física.

Picelli analisou também os objetivos apresentados pelos autores nos respectivos textos. Segundo a autora, os objetivos centram o interesse no diagnóstico do desempenho motor, físico e psicossocial das crianças; na relação entre os fatores biológicos, sociais e culturais das crianças; na comparação de currículos; e, na identificação de atividades motoras realizadas pelas crianças em ambientes diversos. É nesta direção que a autora constata “[...] que interesses mais críticos voltados para questões de ordem sócio-econômico-políticas que afetam a criança em idade pré-escolar, não foram evidenciados nos objetivos” (ibid., p. 78).

Por último a autora apresenta uma análise das principais concepções de infância evidenciadas nos textos. Primeiramente, Picelli identifica um grande grupo que entende a infância como um período de aquisição de habilidades motoras, cognitivas e afetivas, como um período de maturação no qual a criança necessita de contatos bem sucedidos para um desenvolvimento pleno. Tais constatações refletem uma concepção de criança como um ser incompleto, em contraste ao adulto completo, partindo de uma lógica na qual todas as crianças são iguais.

A autora identifica também um segundo grupo, menor que o primeiro, que representa a infância como um momento de expressão da ludicidade, a partir do qual a criança vive em um mundo imaginário e fantasioso, estando alheia às relações sociais. Esta idéia idealista aproxima-se de uma concepção de criança como ser ingênuo e espontâneo.

---

<sup>51</sup> Segundo Picelli (2001), o subtema “formação profissional” “engloba trabalhos que analisam o processo de formação acadêmica e continuada do profissional que atua com a Educação Física tanto em nível de 1º, 2º e 3º graus, como em clubes recreativos e esportivos de caráter profissional, academias, centros esportivos, etc” (ibid., p. 63).

Picelli expõe que pouquíssimos foram os estudos encontrados que caminham para uma perspectiva crítica da infância. Entretanto, apesar destas pesquisas levarem em consideração que a criança está inserida e participa da sociedade, Picelli expõe que

Em geral, os estudos que apontam para perspectivas mais arrojadas limitam-se, apenas, a chamar atenção para a necessidade de respeitarmos os interesses, necessidades e no máximo as características individuais das crianças. Porém questionamos: de qual criança? De qual sociedade? De qual classe social? Essas questões, parecem ter suscitado, até o momento, o interesse de poucos pesquisadores (ibid., p. 102).

Picelli (2001) parece centrar o debate/embate na realidade social. Neste sentido, a autora alerta que na área da Educação Física ainda são incipientes os estudos sobre a infância a partir da perspectiva da condição social do ser criança, fato este que reflete diretamente na formação universitária do professor de Educação Física, bem como na prática pedagógica deste professor na escola.

O texto de Oliveira, C. B. (2003) apresenta como problemática central de investigação,

as incursões teóricas e práticas que têm norteado a produção científica da Educação Física a respeito da educação da criança deficiente na perspectiva de identificar *as concepções e representações sobre criança, infância e deficiência* que vêm sendo construídas por essa produção (*grifos meus*) (p. vii).

A produção científica em questão representa o conjunto de textos apresentados nos CONBRACE's e nas edições da RBCE, no período de 1978 a 1999. A coleta, organização e análise deste material foram realizadas a partir do método de análise de conteúdo. O trabalho está dividido em três capítulos mais uma introdução e uma conclusão.

Como Picelli (op. cit.), Oliveira, C. B. (op. cit.) também identifica três grupos que correspondem a concepções de criança e infância distintas. Entretanto, no estudo de Oliveira, C. B., o grupo que se destaca com a maior produção selecionada é o grupo correspondente a matriz fenomenológico-hermenêutica (47,05% da amostra). Neste grupo são identificados os textos que apresentam como referencial teórico, essencialmente, os autores da psicomotricidade. A criança é representada “como ser inocente e puro, porém, imperfeito que

deve, por isso, ser educada na perspectiva do alcance da perfeição, essa representada pelo adulto” (ibid., p. 108) e a infância como “um tempo no qual os prazeres do corpo em ação devem ser vividos de forma intensa” (ibid., p. 109). A partir desta matriz, a Educação Física assume o papel de instrumentalizadora para outros saberes, no sentido de sua prática contribuir para que a criança possa desenvolver as habilidades de ler, escrever e contar.

O segundo grupo corresponde aos estudos relacionados à matriz crítico-dialética (29,4% da amostra). Neste, os autores adotam uma perspectiva histórica que possui “como ponto de partida a concepção de criança como um ser que precisa de ajuda e interação com outros seres humanos (mais velhos, mais experientes) para concretizar o seu potencial de desenvolvimento” (ibid., p. 111). Deste ponto de vista, a criança é entendida como um ser inserido num determinado contexto social, econômico, político e cultural. No entanto, a autora salienta que, de um modo geral, não são realizadas nestas pesquisas discussões sobre as teorias pedagógicas que poderiam embasar uma prática pedagógica libertadora para as crianças, especificamente, a criança deficiente.

Outro destaque importante com relação a este grupo é que a autora não apresenta a concepção de infância, mas somente de criança. Aqui cabe a indagação a respeito das razões de tal ausência. Será que os autores analisados não trazem esta concepção? Ou a autora não privilegiou esta distinção entre as categorias criança e infância por estas ainda apresentarem-se difusas na produção do conhecimento nesta área?

O terceiro e último grupo, identificado a partir da matriz empírico-analítica (23,7% da amostra) é representado pelos autores que, em sua maioria, abstiveram-se da discussão, de forma explícita, sobre a infância e a criança. Segundo a autora isto revela a idéia de que a infância é um dado natural, por isso não precisa ser explicitada do ponto de vista teórico. Buscando nas entrelinhas, a autora desvela uma concepção de criança “[...] como um *vir-a-ser* e, portanto, alguém que deve ser preparado para a assunção de funções e posições no mundo adulto” (*grifos da autora*) (ibid., p. 107).

Os resultados apresentados por Oliveira, C. B. diferenciam-se dos de Picelli, apesar das duas pesquisarem, essencialmente, o mesmo período. Uma explicação para esta constatação é que Oliveira, C. B. analisou a produção específica sobre a criança deficiente. A predominância da abordagem fenomenológico-hermenêutica pode explicar-se por uma idéia, discutida pela autora no decorrer do texto, de que a criança deficiente, entendida como incapaz de aprender, deve apenas interagir com outras pessoas. Por isso, a prática com esta criança não deve associar-se com o desenvolvimento e aquisição de habilidades, aquisição

esta apregoada pelas pesquisas empírico-analíticas. Ressalta-se aqui uma concepção acrítica de criança, de escola, de educação e de sociedade, que necessitam ser urgentemente revisadas.

Entretanto, tanto Picelli como Oliveira, C. B. identificam uma fragilidade teórica nos textos analisados. Caracterizados por uma grande confusão conceitual, ao mesmo tempo em que alguns textos apresentam algumas tentativas de avançar na discussão sobre a concepção de infância na Educação Física, tornam frágeis as reflexões propostas por conta deste ecletismo teórico.

Outro destaque, a respeito do estudo de Oliveira, C. B., é que, diferentemente de Picelli, ao longo de seu texto, fica evidente a preocupação com a formação de professores em geral. A autora cita várias vezes em seu texto a relação entre pesquisa, políticas públicas e formação de professores. É nesta direção que a autora aponta para (ibid., p. 93):

[...] a necessidade de mais estudos e pesquisas sobre as possibilidades da criança deficiente nas aulas de Educação Física, de garantir o espaço para a Educação Física nas instituições que atendem esse público e de melhoria na formação de professores para atuação junto às crianças deficientes através da inserção de disciplinas específicas sobre a deficiência.

O estudo de Oliveira, N. R. C. (2003a) teve como objetivo geral identificar o conceito de infância presente na produção acadêmica da Educação Física, por meio de um estudo bibliográfico pautado em livros e artigos sobre a Educação Física Pré-escolar (crianças entre quatro e seis anos de idade). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, a partir da seleção de duas categorias, segundo a autora: a concepção de infância e o projeto educativo inerente. O texto apresenta dois capítulos, além da introdução e da conclusão.

Os resultados encontrados por Oliveira, N. R. C. (op. cit.) acompanham, de certo modo, as constatações de Picelli (op. cit.) e Oliveira, C. B. (op. cit.). A partir da análise de livros e artigos sobre a Educação Física Pré-escolar, a autora encontrou duas posições divergentes quanto à concepção de infância. A primeira, que representa a maioria dos textos selecionados, apresenta uma concepção de infância abstrata e idealista, entendendo a criança como um vir-a-ser e, conseqüentemente, a Educação Física como uma prática baseada essencialmente na psicomotricidade e no desenvolvimento motor. Esta posição foi identificada nos textos da década de 80 e início da década de 90.

Em meados da década de 90, segundo Oliveira, N. R. C., começam a aparecer, na área da Educação Física, estudos críticos sobre a temática da infância. Este período identifica o

segundo grupo destacado pela autora, que traz, em menor proporção que o primeiro, estudos que enfocam a infância como uma construção social e a criança como sujeito de múltiplas relações. “Neste contexto, o papel da Educação Física é o de abordar o conhecimento em sua totalidade, buscando a superação do seu entendimento como prática compensatória ou preparatória” (ibid., p. xiii).

Outro ponto a destacar do texto de Oliveira, N. R. C. (2003a) diz respeito à formação de professores. Na introdução de seu texto, ela reitera o que as pesquisas vêm indicando sobre as lacunas na formação universitária dos professores. Segundo a autora estas lacunas não estão delimitadas a sua formação universitária, mas sim generalizadas na área da Educação Física. Nas considerações de seu texto, conclui que,

ao nosso ver, a temática infância tem historicamente figurado no curso de formação profissional, no entanto, desprovida de criticidade. Em consequência disto os profissionais têm sido formados para atuarem nos mais diversos níveis de ensino sem compreenderem as infâncias, as crianças (ibid., p. 91).

Com relação ao tratamento dado aos conceitos de criança e infância no interior das dissertações de Picelli (2001), Oliveira, C. B. (2003) e Oliveira, N. R. C. (2003a) parece existir um esforço em compreender a criança e a infância como categorias distintas. Entretanto em todos os textos, algumas vezes, a criança e infância aparecem como sinônimos.

Apesar das fragilidades apontadas, os estudos de Picelli (op. cit.), Oliveira, C. B. (op. cit.) e Oliveira, N. R. C. (op. cit.) contribuem para demarcar o estágio atual da produção sobre a infância, especificamente da Educação Infantil e da criança deficiente, bem como apresentam alguns elementos sobre a importância destes estudos na formação de professores de Educação Física.

2.2 ARTIGOS EM PERIÓDICOS: AUMENTA A PRODUÇÃO, OS TEMAS SE DIVERSIFICAM E A INFÂNCIA ADQUIRE VISIBILIDADE COMO CATEGORIA DE PESQUISA.

### Quadro 5

Criança e infância nos artigos em periódicos na área da Educação Física - 1970 a 2007<sup>52</sup>.

Período (década)		1970	1980	1990	2000 a 2007	Subtotal
		Tipo de produção				
Periódicos da área da Educação Física	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	03	17	87	11	118
	Motrivivência	X <sup>53</sup>	-	08	05	13
	Revista de Educação Física da UEM	X	-	07	14	21
	Movimento	X	X	02	05	07
	Pensar a Prática	X	X	-	08	08
<b>Total</b>		<b>03</b>	<b>17</b>	<b>104</b>	<b>43</b>	<b>167</b>

Ao todo foram selecionados cento e sessenta e sete artigos (Quadro 5), a partir de cinco periódicos existentes e avaliados como qualis B, ao longo de quase quatro décadas. Importa ressaltar que o periódico com mais artigos identificados foi a RBCE (118).

No final da década de 70 foram selecionados três artigos, todos na RBCE. As temáticas destes artigos viram em torno das medidas de composição corporal e da iniciação esportiva.

Na década de 80, os estudos têm início com a RBCE e, entre os dezessete artigos selecionados, predominam as pesquisas sobre as medidas e avaliações de composição corporal e desenvolvimento motor. Dois artigos parecem se distanciar destas temáticas: o texto de Valter Bracht (1986) denominado “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista” e o de Micheli Escobar, Jurene Lins e Reize Pessoa (1987) intitulado “A criança portadora de deficiência e suas expectativas na Educação Física e esporte escolar” (Cf. Apêndice A). Destaca-se o artigo de Bracht (1986) já que este se apresenta também como um marco nesta produção, colocando em xeque as concepções de criança e esporte

<sup>52</sup> Cf. Apêndice A.

<sup>53</sup> O símbolo representado pela letra “X” corresponde à identificação de que ainda não existia produção neste campo. Já o símbolo representado pelo traço “-” corresponde à identificação de que existia produção neste campo, porém, não relacionados a esta pesquisa.

predominantes na área de Educação Física, até este período. O autor escreve que muitos professores têm colocado em evidência a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, a partir de uma visão pedagógica do esporte como importante ferramenta para a convivência social, o respeito às regras, a convivência com vitórias e derrotas, a vitória através do esforço pessoal, a independência, a confiança e o sentido de responsabilidade. Contudo, tal autor, demonstra que estes professores não partem de uma análise crítica destes conteúdos, deixando de lado vários aspectos disfuncionais do esporte, de modelo de alto rendimento, que reforçam, segundo Bracht, a manutenção da ordem capitalista.

Outro importante destaque na produção da década de 80 é o Editorial da RBCE de maio de 1986<sup>54</sup>. Apesar desta edição da revista não trazer artigos que tratam, explicitamente, das temáticas da criança e da infância, no Editorial apresenta-se um texto que destaca pontos fulcrais na discussão atual sobre estas categorias, a saber:

Quais são as necessidades de uma criança? Quais são os seus interesses? Como ela; a criança, é entendida em nossa sociedade?

Historicamente vemos a criança ser estudada, ser definida em seu desenvolvimento como se este mesmo desenvolvimento ocorresse de modo natural; define-se uma criança abstrata, afora e a parte daquilo que a situa no mundo, ou seja, sua condição social de classe.

Assim, nós vamos encontrar nos livros uma criança sem passado, sem presente e sem futuro, uma criança solta no tempo e no espaço.

Encontramos também, milhões de explicações de como esta criança abstrata pensa, age, vive e, neste seu viver “mágico”, espontâneo e natural, encontramos muitas “receitas” de como prolongar este fantástico período que é a infância.

Entretanto, quando lançamos os nossos olhos em derredor, nos deparamos com uma outra criança. Aquela com a qual convivemos nas calçadas, nos metrôs, nas praças, nas favelas, nos cortiços, nas escolas públicas ... nos cantos escuros e sombrios da vida da maioria dos brasileiros. Quando nos deparamos com esta criança, a criança real, não encontramos vínculos com a magia, com o “natural” e espontâneo desenvolvimento descrito na maioria dos livros.

E o que é ser criança? O que é a infância num país miserável de 3º mundo? Não é o acontecer “natural” das “fases” de desenvolvimento, porque estas alteram-se pelas condições sociais de vida. Será que podemos chamar vida, a tão somente sobrevivência da maioria das crianças brasileiras? Das crianças que trabalham desde a sua mais tenra

---

<sup>54</sup> O título dos artigos desta edição foram: “A Educação Física no Ensino de 1º grau: Do Acessório ao Essencial”; “Levantamento da Incidência de Cifose Postural e Ombros caídos em alunos de 1ª à 4ª séries escolar”; “Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo”; “Influência do início da medição da altura do salto vertical na precisão do resultado final”; e, “Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários”.

idade, da criança que brinca e que joga quando o tempo do trabalho lhe permite o jogar e o brincar?

Os alegres folguedos, os amigos, os grupos, os passeios pelo sol, as brincadeiras na chuva, não são a vida de nossos milhões de crianças, mas, são fragmentos, pedacinhos de felicidade forjados na sua luta para sobreviver.

Ser criança no Brasil não é um privilégio, não é fantasia, não é sonho. Ser criança já é ser força produtiva, mão de obra barata, exército de reserva.

É preciso que a criança seja criança, que o adulto seja adulto, que o homem seja humano. Mas, é preciso também a clareza de que esta humanização, só poderá existir numa sociedade onde as pessoas tenham o direito à VIDA, a qual, é muito mais que o simples sobreviver.

Interessante destacar que no ano seguinte (1987), como já apresentado anteriormente neste capítulo, o Editorial da RBCE, que traz os anais do V CONBRACE, também apresenta uma preocupação para com as categorias criança e infância a partir de uma perspectiva histórica e de classe<sup>55</sup>. Tal preocupação não aparece explicitamente na produção analisada, o que sugere que as questões expostas nos editoriais apresentaram-se como um esforço da Diretoria do CBCE, do Biênio 1985/1987, que teve como Presidente o professor Laércio Elias Proença e como diretores Alberto dos Santos Puga Barbosa, Willian Peres Lemos, Apolônio Abadio do Carmo, Lino Castellani Filho, João Ricardo Tuma Magni, José Alberto Aguiar Cortez, Emedio Bonjardim e Celi Nelza Zulke Taffarel.

Com o aprofundamento do processo de democratização no país, com destaque para a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, ainda, do crescimento e ampliação do campo da Educação Infantil, a década de 90 apresenta um aumento considerável na produção de artigos na Educação Física sobre a criança e a infância. De dezessete artigos passa-se para cento e quatro, sendo que oitenta e sete foram publicados pela RBCE. Apesar da maioria dos estudos continuarem sob a perspectiva da avaliação física e do desempenho motor, destacam-se os textos: “O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lazer? O gato comeu!!!”, de Maurício Roberto da Silva (1995); “Pequenos trabalhadores: sobre a Educação Física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social”, de Fábio Machado Pinto (1995); “A Educação Física e a questão da criança e adolescente em situação de risco no Brasil”, de Marcelo Andrade (1999); e, “Educação Física das crianças do MST: na luta pela garantia do lúdico”, de Sandra Dalmagro (1997) – por relacionarem a temática do trabalho infantil e de outras condições precárias

---

<sup>55</sup> Sobre infância e perspectiva de classe ver Engels (1985), Galeano (1999) e Snyders (2005).

vividas pelas crianças, com a área da Educação Física. Destaca-se ainda o artigo de Verônica Regina Müller (1997), intitulado “A criança cidadã e outras crianças: história europeia e atualidade brasileira”, por apresentar um estudo histórico sobre a categoria criança (Cf. Apêndice A).

Sob a temática da formação de professores realça-se os seguintes trabalhos: “Criança real ou ideal – um estudo de caso sobre a representação da criança segundo alunos mestres do curso de Educação Física da UGF”, e, “A criança no imaginário de futuros professores de Educação Física”, de Patrícia Montenegro e Helder Guerra de Rezende (1993 e 1995, respectivamente), resultados da dissertação de mestrado já apresentada neste capítulo; “O mundo vivido pela criança X conhecimento do professor de Educação Física”, de Patrício Antônio de Souza (1995); “A infância no imaginário sócio-educacional (conceitos, contextos e transformações)”, de Jussara Dias (1999); e, “Integrando licenciando e licenciado: refletindo a realidade escolar: infância – trabalho – educação física”, de Rosicler Goedert et al (1999) (Cf. Apêndice A). Tais trabalhos merecem destaque por focarem as categorias criança e infância na formação de professores de Educação Física, sob diversas abordagens, a saber: O texto de Patrício Antônio de Souza (1995) analisa como o professor de Educação Física utilizará seus conhecimentos para levar em conta na sua prática pedagógica o “universo de vida e de experiência” da criança. Já o texto de Jussara Dias (1999) analisa como os profissionais de uma creche conceituam a infância e como isto reflete em suas práticas pedagógicas. Por último, o texto de Rosicler Goedert et al (1999) relata a experiência de um projeto que integra estudantes de Pedagogia e Educação Física, suscitando discussões sobre a realidade escolar e a prática pedagógica com as crianças.

Finalmente, nos primeiros sete anos dos anos 2000, observa-se certo decréscimo na produção, totalizando quarenta e três artigos, porém, tal produção aparece melhor distribuída entre todos os periódicos selecionados para esta análise. Este decréscimo se justifica pela mudança nas características da RBCE que, até o ano de 1999, publicava como exemplar da revista os anais dos CONBRACE's, mas, a partir do ano 2000, passa a publicar somente textos sob o critério de inéditos.

Entretanto, é possível afirmar que, os estudos de caráter biologicistas diminuem numericamente, neste período, para dar lugar aos estudos sobre a história da infância e da escolarização, as políticas públicas, os movimentos sociais, o brincar e a brincadeira, gênero e sexualidade, mídias e etnias. Também aparece um número considerável de artigos acerca da Educação Física na Educação Infantil. Destaca-se as edições Volume 05, de 2002, da Revista Pensar a Prática e Volume 26, de maio de 2005, da RBCE que trouxeram como

temática a “Educação Física e Infância”. Destas edições sublinha-se os textos “Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física ‘para’ e ‘com’ as crianças”, de José Alfredo Debortoli, Meily Assbú Linhales e Tarcísio Mauro Vago (2002) e “Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações”, de Nara Rejane Cruz de Oliveira (2005) (Cf. Apêndice A).

O texto de Debortoli; Linhales; Vago (2002) versa sobre as questões da Educação Física como conhecimento escolar, a formação de professores e suas relações com a infância. Considerando a importância de uma discussão sobre a infância na formação de professores de Educação Física, os autores sugerem algumas questões, a saber:

[...] Quais os olhares historicamente construídos sobre a infância? Consideramos nossos *alunos* apenas como sujeitos que podem “vir a ser atletas”, reduzindo o conteúdo das aulas a uma repetição descontextualizada de gestos, padrões de movimento ou capacidades coordenativas? Como “massinhas amorfas” a serem gradativamente modeladas pelas prescrições contidas nas apostilas de psicomotricidade? Como sujeitos indisciplinados, sem limites e hiperativos, que devem fazer Educação Física para disciplinar seus corpos e ficar mais calmos, menos agressivos e em melhores condições de frequentar a escola, respondendo às suas exigências e conteúdos preestabelecidos?

Julgamos nossos *alunos* incapazes para a reflexão e a compreensão sócio-histórica das práticas que realizam e, assim, em nome de uma idéia de lúdico reduzida à imagem de uma escola que deve se transformar em tempo e espaço de consumo de atividades prazerosas, ou da idéia de uma abstrata “espontaneidade” das crianças, acabamos por reduzir a aula a um brincar pelo brincar, ao passatempo, à recreação, ou mesmo ao abandono das crianças às suas próprias relações e construções? (*grifos meus*) (ibid., p. 102).

Tais idéias circulantes na área demonstram uma preocupação de se pensar como a Educação Física historicamente tem tratado as crianças e encaminham para o início de um debate sobre a infância como uma construção histórica.

O texto de Nara Rejane Cruz de Oliveira (2005) é a síntese de sua dissertação de mestrado já apresentada neste capítulo.

Como é possível visualizar, ao longo de quase quatro décadas, a produção de artigos em periódicos sobre criança e infância apresenta não apenas uma crescente, em termos quantitativos, mas também as temáticas vão se diversificando e distanciando-se do enfoque puramente biológico priorizado inicialmente pelas pesquisas da Educação Física. Entretanto, a

maioria dos artigos foi elencada a partir da categoria “criança(s)” (84,43%). Uma produção mais expressiva sobre a categoria “infância(s)” aparece somente a partir dos anos 2000.

### 2.3 ANAIS DOS CONBRACE’S E AS IDÉIAS CIRCULANTES DE INFÂNCIA.

#### Quadro 6

Trabalhos dos CONBRACE’s que possuem em seu título e/ou resumo e/ou palavras-chave as categorias criança(s) e/ou infância(s), no período de 1997 a 2007.

CONBRACE’S (1997 – 2007)									
Edição/Ano	Total de trabalhos apresentados no ano	Categorias			Campos				
		Criança	Infância	Criança e infância	Ensino Fundamental	Educação Infantil	Ensino Fundamental e Ed. Infantil	Projetos Sociais	Não especificam
X CONBRACE (1997)	294	29	01	02	10	04	-	06	12
XI CONBRACE (1999)	638	91	01	10	32	12	02	26	30
XII CONBRACE (2001)	469	48	04	06	11	07	-	13	27
XIII CONBRACE (2003)	315	28	01	04	04	01	02	11	15
XIV CONBRACE (2005)	421	24	05	05	08	06	-	08	12
XV CONBRACE (2007)	366	20	05	05	06	06	01	05	12
<b>TOTAL</b>	<b>2503</b>	<b>240</b>	<b>17</b>	<b>32</b>	<b>71</b>	<b>36</b>	<b>05</b>	<b>69</b>	<b>108</b>
		289			289				

Inicialmente, cabe esclarecer o porquê da delimitação do ano de 1996 como ponto de partida para a análise da produção nos CONBRACE’s. Além da década de 90 apresentar um expressivo aumento na produção sobre a criança e a infância, é também nesta década que, em 20 dezembro de 1996, é sancionada a nova LDBEN (Lei 9394/96).

A nova LDBEN trouxe várias modificações na área educacional que refletiram, entre outros aspectos, diretamente na Educação Física. Como primeiro ponto, destaca-se a flexibilização do currículo e a autonomia escolar. O segundo ponto diz respeito à inclusão da

Educação Infantil como etapa do Ensino Básico. Por último, observa-se a obrigatoriedade da Educação Física em todas as etapas do Ensino Básico, porém tal obrigatoriedade apresenta-se desvinculada de critérios para a sua organização escolar. Neste sentido a nova LDBEN representa um marco importante, pois este novo ordenamento legal atentou os profissionais para várias questões e, em especial, para a discussão sobre as relações entre Educação Física e a infância.

De 1997 a 2007, as seis edições do CONBRACE investigadas somam um total de 2503 trabalhos apresentados. Deste total foram selecionados 289 trabalhos a partir das categorias “criança(s)”; “infância(s)”; e, “criança(s) e infância(s)”, sendo que, em sua maioria, foram elencados a partir da categoria “criança(s)”. Contudo, todas as edições apresentaram trabalhos que constavam a categoria “infância(s)”, sendo esta apresentada sozinha ou conjuntamente com a categoria “criança(s)”. Reunindo as categorias “infância(s)” e “criança(s) e infância(s)” conjuntamente em um bloco e contrastando este com a categoria “criança(s)”, pode-se visualizar que dos 289 trabalhos selecionados, 240 correspondem ao bloco identificado pela categoria “criança(s)”, ou seja, representam 83,04% da amostra, e 49 correspondem ao bloco identificado pelas categorias “infância(s)” e “criança(s) e infância(s)” conjuntamente, representando 16,96% da amostra. Estes dados estão bem próximos dos dados apresentados anteriormente na análise dos artigos em periódicos (84,43% dos artigos selecionados nos periódicos da área da Educação Física foram elencados a partir da categoria “criança(s)”), revelando a escassa produção sobre a infância.

Tais trabalhos estão distribuídos nos seguintes campos: Ensino Fundamental (71), Educação Infantil (36), Ensino Fundamental e Educação Infantil (05), Projetos Sociais (69) e Não especificam (108). Uma indicação para a constatação de os trabalhos selecionados estarem, em sua maioria, nos campos do Ensino Fundamental e dos Projetos Sociais, está no fato destes representarem importantes campos de intervenção profissional do professor de Educação Física. Também porque a inserção legal da Educação Física na Educação Infantil só aconteceu a partir de 1996, o que sugere uma área de intervenção profissional nova, que ainda não se consolidou como um campo de estudo. Ainda, esta constatação, principalmente no que concerne aos Projetos Sociais, é reflexo da inserção da Educação Física nos movimentos sociais.

Quanto à distribuição dos trabalhos selecionados no interior dos GTT's do congresso em questão, no transcorrer do período analisado, elaborou-se o quadro a seguir:

### Quadro 7

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, distribuídos pelos GTT's.

CONBRACE's (1997-2007)							
GTT's	Edições						TOTAL
	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	
Escola	07	23	12	01	04	05	52
Políticas Públicas	01	04	02	01	-	02	10
Comunicação e Mídia	02	-	02	01	04	04	13
Processo de Ensino-Aprendizagem	06	19	X	X	X	X	25
Formação Prof./ Mundo do Trabalho	-	06	03	02	02	-	13
Recreação e Lazer	04	14	12	05	04	04	43
Atividade Física e Saúde	04	04	07	04	05	01	25
Treinamento/ Rend. de Alto Nível	-	02	02	02	01	02	09
Portadores de Necessidades Especiais	05	10	10	09	03	02	39
Movimentos Sociais	02	14	07	07	04	03	37
Epistemologia	01	-	-	-	02	03	06
Memória, Cultura e Corpo <sup>56</sup>	X	06	01	01	05	04	17
Pós-Graduação	X	X	-	-	-	X	-
<b>TOTAL</b>	32	102	58	33	34	30	<b>289</b>

O quadro 7 demonstra que os trabalhos que constam as categorias “criança(s)” e/ou “infância(s)” nos CONBRACE's distribuem-se em quase todos os GTT's, com exceção do GTT “Pós-graduação”. Interessante destacar que os trabalhos selecionados estão diluídos no interior dos GTT's, não possuindo nenhum GTT específico sobre a temática da infância. Os GTT's em que mais aparecem estes trabalhos são: “Escola” (52); “Recreação e Lazer” (43); “Portadores de Necessidades Especiais” (39); “Movimentos Sociais” (37); “Processo de Ensino-Aprendizagem” (25); e “Atividade Física e Saúde” (25). Esta constatação confirma o exposto anteriormente sobre os campos de intervenção da área da Educação Física. Além disso, historicamente a criança e infância vêm sendo estudadas a partir da escola, da família e de seus brinquedos, mas também, a partir das péssimas condições de existência das crianças e de suas famílias.

Ainda cabe destacar a quantidade de trabalhos apresentados no GTT “Portadores de Necessidades Especiais”. Sobre isto Cristina Oliveira (2003) expõe que a presença da palavra criança para designar o sujeito na Educação Física pode ser por uma idéia de que a criança

<sup>56</sup> A partir da edição de 2005 o GTT denominado “Memória, Cultura e Corpo” subdividiu-se em: “Memória da Educação Física e do Esporte” e “Corpo e Cultura”. Contudo, agregou-se o trabalho dos dois GTT's neste item.

portadora de necessidades especiais é vista como alguém que deve apenas interagir com outras pessoas e não na figura de estudante, aluno ou educando.

Detalhando as tendências apresentadas no interior de cada edição do CONBRACE destaca-se que no ano de 1997 apresentam-se trabalhos, em sua maioria, sobre os estágios de desenvolvimento motor da criança; sobre a recreação e o lazer; e, sobre a Educação Física para portadores de necessidades especiais. Em menor número apresentam-se outras temáticas como: a relação entre “cultura corporal” e “indústria cultural”; a exploração do trabalho infantil; a relação criança e adulto; a relação entre mídia, tecnologia e Educação Física; o ensino do esporte; e, a Educação Física na Educação Infantil.

No ano de 1999, os trabalhos do CONBRACE continuam apresentando as temáticas predominantes da edição anterior, mas acrescentam a estas a inserção das crianças em projetos sociais e os conteúdos da Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também apresenta um aumento de trabalhos cuja temática é a relação entre a criança e o esporte (algumas vezes apresentada sob a perspectiva da descoberta do talento esportivo: Teixeira; Mechia (1999) e Queiroz; Assis; Araújo (1999) (Cf. Apêndice B)) e a Educação Física na Educação Infantil. Em um número menor aparecem os estudos cujas temáticas são: exploração do trabalho infantil; educação indígena; avaliação; representações sociais; movimentos sociais; gênero; e, formação de professores. Sublinha-se o texto de Deborah Thomé Sayão (1999), intitulado “Educação Física e infância: entre as crianças e as profissionais”, pois realiza uma discussão sobre a importância da Educação Física na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, vinculada à formação de professores, e o texto de Jussara de Jesus Dias (1999), já mencionado no item anterior deste sub-capítulo (Cf. Apêndice B).

Na edição do CONBRACE de 2001, permanecem vários artigos ligados à Educação Física e sua relação com os projetos sociais; à Educação Física para portadores de necessidades especiais; à recreação e ao lazer; ao esporte; e, às propostas de inserção da Educação Física na Educação Infantil. Outras temáticas discutidas são: composição corporal; indústria cultural; mídia; gênero e sexualidade; classe; movimentos sociais; políticas públicas; exploração do trabalho infantil; e, formação de professores. Nesta edição lança-se o olhar sobre o texto de Alexandre Fernandez Vaz, Deborah Thomé Sayão e Fábio Machado Pinto (2001), intitulado “A Prática de Ensino e a infância na formação de professores/as de Educação Física”, no qual os autores apresentam um debate sobre a disciplina Prática de Ensino, dentro do curso de formação de professores, e sua relação com as questões da infância (Cf. Apêndice B).

Em 2003, as temáticas do CONBRACE dão continuidade ao que se apresentou em anos anteriores. Entretanto, são apresentados poucos estudos sobre a relação entre a criança e o esporte e sobre propostas de inserção da Educação Física na Educação Infantil. Outras temáticas apresentadas são: qualidade de vida; mídias; movimentos sociais; ginástica; e, desempenho motor. Neste evento, novamente aparece um texto de Nara Rejane Cruz de Oliveira (2003b), apresentando os resultados de sua dissertação de mestrado já discutida neste capítulo.

No ano de 2005 as temáticas são bem diversificadas, mas destacam-se as seguintes: movimentos sociais; mídias; e, desempenho motor. As temáticas que predominavam nas edições anteriores (Educação Física para portadores de necessidades especiais; recreação e lazer; e inserção da Educação Física na Educação Infantil) permanecem, mas em menor número, juntando-se a outras temáticas: gênero; subjetividade; história da infância e da escolarização; e, exploração do trabalho infantil.

Na edição do CONBRACE de 2007 os estudos sobre a relação da Educação Física com os projetos sociais e a inserção da Educação Física na Educação Infantil voltam a predominar. Permanecem os estudos sobre a relação entre a criança e as mídias. Em menor proporção apresenta as temáticas: linguagem; história da infância; interdisciplinaridade; inclusão; indústria cultural; desempenho motor; e, saúde.

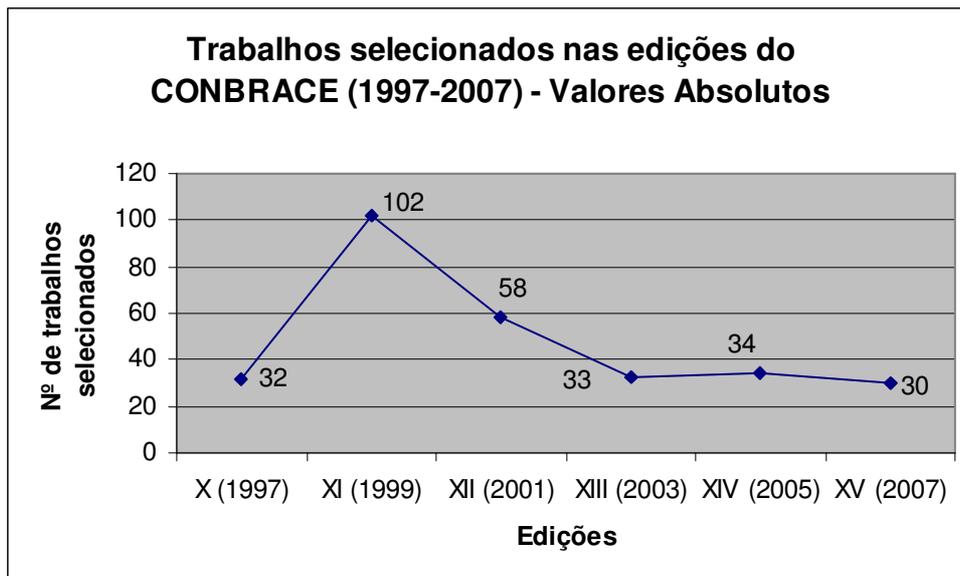
Durante todo o período investigado poucos trabalhos (22,84% da amostra selecionada) apresentaram em seus resumos o referencial teórico adotado. Os autores destacados e a quantidade de vezes que foram citados foram: Coletivo de autores (6), Lev Semenovitch Vygotsky (6), Henri Wallon (5), João Batista Freire (4), Maurice Merleau-Ponty (3), Nelson Marcellino (2), Bernard Aucouturier (2), Joana Pinto Guedes (2), Reiner Hildebrandt/Ralf Laging (2), Elenor Kunz (2), Jean Le Bouch (2), Gilles Brougère (2), Dieter Brodtmann (2), Cornelius Castoriadis (2), Norbert Elias (2), Charles Sanders Peirce (2) e perspectiva histórico-cultural (2). Vários outros autores foram citados somente uma vez, apresentando uma variedade teórica que vai de Karl Marx a Rubem Alves.

Realizando uma síntese destas produções é possível constatar que, na produção científica da Educação Física, a criança e a infância foram estudadas, principalmente, sob a ótica do desenvolvimento motor; da recreação e do lazer; dos projetos sociais; e, dos portadores de necessidades especiais, ou seja, fora da escola e distante da formação do professor. Em menor número aparecem os trabalhos sobre a intervenção da Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil.

No que diz respeito à quantidade de trabalhos selecionados nos congressos em questão, no transcorrer do período analisado, apresenta-se alguns destaques, que podem ser visualizados nos gráficos a seguir:

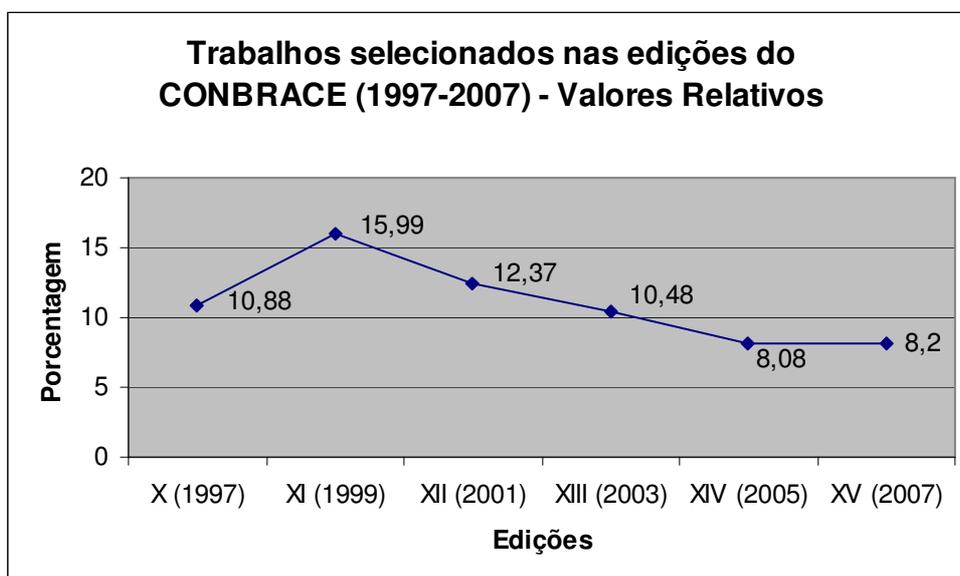
**Gráfico 1**

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, em valores absolutos.



**Gráfico 2**

Trabalhos selecionados dos CONBRACE's, no período de 1997 a 2007, em valores relativos.



O primeiro destaque é o número de trabalhos selecionados: 1997 (32), 1999 (102), 2001 (58), 2003 (33), 2005 (34) e 2007 (30). Os anos 1999 e 2001 apresentaram um maior número de trabalhos selecionados, tanto em valores absolutos como em valores relativos, entretanto, também apresentaram um número total de trabalhos apresentados maior que nos outros anos. Sobre o ano de 1999, no qual foram selecionados mais trabalhos, sugere-se que a cidade-sede do congresso (Florianópolis) contribuiu para este número. Nesta cidade encontravam-se vários estudiosos da relação infância e Educação Física, dentre os quais: Deborah Thomé Sayão, Maurício Roberto da Silva, Alexandre Fernandez Vaz, Elenor Kunz, Fábio Machado Pinto. Vários trabalhos selecionados são destes professores e seus orientandos. Ainda, na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a Educação Física já está inserida na Educação Infantil desde o ano de 1982, o que sugere um maior debate sobre as questões da infância.

Sintetizando o que foi exposto neste capítulo, é possível perceber que diferentemente do que aconteceu na pesquisa educacional, onde a criança e a infância começam a ser estudadas a partir da problemática da “criança pobre”, na pesquisa em Educação Física, a criança começa a ser estudada a partir da perspectiva da aptidão física e do “talento esportivo”. Uma discussão sobre a infância na Educação Física aparece somente nos anos 2000. Entretanto, o objeto desta dissertação, a saber, a infância na formação universitária do professor de Educação Física, não figura estas produções.

O próximo capítulo apresenta o processo de reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC e suas relações com as questões da infância, com o objetivo de compreender como o curso está inserido no panorama apresentado, no sentido de dar subsídios para a reflexão sobre o lugar que a infância tem ocupado na formação de professores.

### **3 A INFÂNCIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA!**

“Se o professor pensa que sua tarefa é ensinar o ABC e ignora a pessoa de seus estudantes e as condições em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez irá agir politicamente em termos conservadores, prendendo a sociedade aos laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia”. (*Florestan Fernandes*)

Este capítulo busca analisar as reformulações curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, vinculadas às questões sobre o fenômeno da infância na aprendizagem da profissão docente. Para tanto, o texto se divide em quatro itens. O primeiro item discorre sobre a criação deste curso e sua primeira grade curricular. O segundo trata da análise da segunda grade curricular e apresenta alguns resultados do trabalho de conclusão de curso de graduação<sup>57</sup>. No terceiro item destaca-se o processo de reformulação do curso, a partir das Novas Diretrizes Curriculares (MEC, 2002a, 2002b, 2004b), apresentando as mudanças ocorridas neste processo em relação às questões da infância. O último trata da análise da disciplina: “Educação Física na infância”, presente no currículo atual.

#### **3.1 1974 - CRIAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: PRIMEIRA GRADE CURRICULAR.**

Conforme exposto no Capítulo I, e sob a Ditadura Geisel, a partir da Portaria n.470/GR de 07 de outubro de 1974, deu-se a criação do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC. Este só foi reconhecido pelo Decreto-lei n.81759, em 06 de junho de 1978. Vale lembrar que foi neste período, a partir do Decreto-lei n.705/69, que a Educação Física passou a ser obrigatória em todos os níveis e áreas de ensino. Interessante observar que, segundo Castellani Filho (1997), o papel da Educação Física, sob esta conjuntura, era de

---

<sup>57</sup> SILVA, C. da. “O que você vai ser quando crescer?”: a infância e a criança no Curso de Licenciatura em Educação Física/CDS/UFSC. Monografia apresentada ao Centro de Desportos, UFSC, novembro de 2005.

desmobilizar qualquer movimento de contestação política, em especial, o movimento estudantil. Para isto era necessária a abertura de cursos de licenciatura em Educação Física para formar professores que pudessem atender as demandas exigidas pelo Decreto-lei n.705/69.

A primeira turma de estudantes a serem formados sob esta pedagogia de caráter autoritário e militarista ingressou no primeiro semestre de 1975 e tinha um currículo que atendia às exigências da Resolução n. 69/69. Segundo esta resolução o currículo deveria ser constituído pelas seguintes matérias: (a) básicas – Biologia, Anatomia, Fisiologia, Cinesiologia, Biometria e Higiene; (b) profissionais – Socorros Urgentes, Ginástica, Rítmica, Natação, Atletismo, Recreação e matérias pedagógicas de acordo com o Parecer n.672/1969 (Psicologia da Educação, Didática, Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º graus e Prática de Ensino). Esta resolução estabeleceu também que a duração mínima do curso deveria ser de três anos e máxima de cinco anos, com carga horária referente a 1800 h/a.

É relevante ressaltar também que somente em 1969, os cursos de formação de professores em Educação Física do Brasil equiparam-se às outras licenciaturas, ajustando-se a partir do Parecer n.672/69 do CFE. Entretanto, este ajuste não garantiu uma formação de professores que abarcasse uma dimensão essencialmente pedagógica, já que os princípios advogados naquele momento eram os princípios da pedagogia tecnicista, ou seja, apesar de se constituir como um curso de licenciatura a formação estava voltada exclusivamente para a técnica, sendo que, por exemplo, no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC previa-se a titulação de licenciado e técnico em desportos.

Para obter o título de licenciado em Educação Física era necessário cursar todas as disciplinas correspondentes ao primeiro ciclo - básico (1ª e 2ª fases) e ao segundo ciclo – profissionalizante (3ª a 6ª fases). Para obter a habilitação em técnicos em desportos, além de cursar as disciplinas das seis primeiras fases era indispensável cursar uma carga horária de 396 horas/aula, correspondentes às disciplinas de Condicionamento Físico I e II e Metodologia Técnica e Tática em dois esportes a escolher (Cf. Anexo E).

Ao analisar as disciplinas das seis primeiras fases deste primeiro currículo, constata-se que este era formado essencialmente por disciplinas de cunho esportivo<sup>58</sup> e biológico<sup>59</sup>. Estas disciplinas ocupavam 2/3 do currículo, restando apenas 1/3 para as chamadas disciplinas pedagógicas e de pesquisa. Pelo que se pôde observar, a preocupação com o ensino do antigo

---

<sup>58</sup> Cinco disciplinas de Atletismo, duas de Voleibol, três de Natação, uma de Handebol, duas de Basquetebol e duas de Esportes Complementares.

<sup>59</sup> Cinco disciplinas de Ginástica, uma de Biologia, uma de Anatomia, uma de Higiene, uma Fisiologia, uma de Socorros Urgentes, uma de Biometria e uma de Cinesiologia.

1º grau, no primeiro currículo, se restringia ao antigo ginásio (5ª a 8ª séries), não aparecendo disciplinas que tratassem sobre a Educação Física para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nem disciplinas sobre a Educação Física no âmbito da Educação Infantil.

Apesar de toda discussão encaminhar-se a partir do desempenho, da eficiência e da racionalidade, neste mesmo período, o I CONBRACE (1979) já traz a criança como tema central do evento: “A criança brasileira e a atividade física”. Entretanto, a partir da análise já realizada no capítulo anterior, é possível afirmar que toda discussão sobre a temática fica circunscrita à área das Ciências da Saúde e sob o paradigma da aptidão física. Neste sentido, ainda não aparece uma discussão sobre a infância, mas somente sobre a criança, criança esta entendida como uma espécie de organismo essencialmente biológico.

Já a década de 80 é reconhecida, na Educação Física, pela crítica ao paradigma da aptidão física, orientador da pesquisa e da prática pedagógica até então. Esta tensão fica evidente nas discussões do V CONBRACE, realizado em 1987, cujo tema volta a ser a criança: “A criança e o esporte no Brasil”. Diferentemente do I CONBRACE, os participantes e conferencistas não estão mais restritos à área das Ciências da Saúde e o debate começa a ampliar-se para as áreas das Ciências Humanas e Sociais. Apesar da maioria da produção acadêmica sobre a criança continuar sob a perspectiva das medidas e avaliações do desempenho motor e composição corporal, alguns trabalhos começam a investigar a criança sob outros enfoques.

Neste mesmo ano (1987), o CFE divulga a Resolução n.03 que exige a reformulação dos cursos de graduação. Devido a isto, as pesquisas em educação centram o foco na formação de professores. O Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC também realiza a sua reforma curricular e inaugura, em 1988, sua segunda grade curricular.

### 3.2 1988 – REFORMA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: SEGUNDA GRADE CURRICULAR.

Catorze anos depois da criação do curso, realiza-se, no período pós-ditadura militar, a reforma curricular que se deu motivada com a promulgação do Parecer n.215/87 do CFE e da Resolução n.03/87, que repassou para as Instituições de Ensino Superior (IES) a responsabilidade de criar e elaborar seu próprio PPP e currículo para o curso. Outras alterações impostas por esta legislação foram a fixação do prazo de quatro anos, como

mínimo para a conclusão do curso; a exigência da monografia de conclusão de curso; a ampliação das áreas do conhecimento (filosóficas, humanas, sociológicas e técnicas); e, a possibilidade da divisão dos cursos em licenciatura e bacharelado.

Diferentemente da orientação pedagógica autoritária de 1974, nesta proposta de 1988, o curso passa a formar professores generalistas, sob a perspectiva humanista, para atuarem, prioritariamente, no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. O curso de Educação Física passa de uma carga horária de 1800 h/a para 2925 h/a e é dividido em duas partes: uma de formação geral (80%) e outra de aprofundamento de conhecimentos (20%). Na etapa de formação geral, obrigatória para todos os estudantes deste curso, eram apresentadas as bases gerais da Educação Física, sua história, seus conteúdos e suas metodologias. Na etapa de aprofundamento de conhecimentos os estudantes poderiam optar por um dos três aprofundamentos, a saber: Educação Física pré-escolar e de 1ª a 4ª séries; Educação Física Especial; e, Esportes (Cf. Anexo F).

Acompanhando a produção do conhecimento na área, o curso tenta incorporar as contribuições das Ciências Humanas e Sociais, mas ainda apresenta resquícios do paradigma da aptidão física, materializado, entre outros, no aprofundamento denominado “Esportes”.

Na etapa de formação geral, ficam evidentes as modificações quanto às disciplinas. As disciplinas esportivas e biológicas têm sua carga horária diminuída, dando mais espaço às disciplinas pedagógicas. Neste período e neste currículo já aparece certo interesse, da parte dos professores universitários, com relação aos estudos da criança, mesmo que de teor biologicista. Assim, criam-se as duas disciplinas intituladas: Desenvolvimento Motor e Aprendizagem Motora.

Na etapa de aprofundamento de conhecimentos, cria-se o aprofundamento em Educação Física pré-escolar e de 1ª a 4ª séries. Este irá surgir devido à necessidade de se estudar sobre a Educação Física como componente curricular, já que esta, especialmente no município de Florianópolis, estava em processo de consolidação tanto nos anos iniciais, como na Educação Infantil<sup>60</sup>. Neste sentido, criam-se as disciplinas Recreação Infantil, Ginástica Escolar, Atividades Rítmicas e Estudos Individuais em Educação Física Infantil.

No trabalho intitulado “O que você vai ser quando crescer?": A infância e a criança no curso de licenciatura em Educação Física/CDS/UFSC” (2005), foram selecionadas para análise cinco disciplinas do currículo do presente curso que tratavam da infância e da criança,

---

<sup>60</sup> Vale ressaltar que, conforme Gaspar (2008), a partir de 1982 a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis passou a trabalhar com professores de Educação Física na Educação Infantil. Entretanto, de acordo com o Grupo de Estudos Ampliados de Educação Física (1996), somente em 1987 foi instituído o concurso público para o cargo de professor de Educação Física na Educação Infantil.

no interior dos programas e planos de ensino, a saber: Desenvolvimento Motor I; Psicologia da Educação I<sup>61</sup>; Aprendizagem Motora; Recreação Infantil (do Aprofundamento em Educação Física pré-escolar e de 1ª a 4ª séries); e, Atletismo III<sup>62</sup>, para representar o conjunto de disciplinas esportivas. Para a análise destacou-se as ementas e programas de ensino destas disciplinas, bem como as entrevistas com os professores ministrantes destas. A partir de algumas ferramentas da análise de conteúdo (BARDIN, s/d) foi possível identificar quatro categorias correspondentes às concepções de infância. São elas: a) a infância enquanto etapa incompleta da vida; b) a infância como tempo de alegria, prazer e lúdico; c) o desaparecimento da infância (POSTMAN, 1999); e, d) a infância como construção social (PINTO, M., 1997).

a) A “infância como etapa incompleta da vida”, foi a categoria mais presente e que mais se destacou nos programas de ensino e nas falas dos professores. Nesta, a infância é entendida como uma etapa inicial da vida, regada pelos valores de preparação para a vida adulta, sendo que acompanha um processo de desenvolvimento linear e homogêneo. Já a criança é o ser que passa por esta etapa e fica caracterizado como um sujeito incompleto e só estará completo quando se tornar adulto. Um exemplo desta visão se expressa nesta fala de uma professora: “[...] ela é aquela semente, né? que estourou, tá começando a dar os seus raminhos, né? e ela tá começando a aparecer, a surgir. (entrevista professora C)” (SILVA, C., 2005, p. 51).

b) A segunda categoria que teve destaque foi a “infância como tempo de alegria, prazer e lúdico”. A partir de uma visão romântica, a infância é considerada como um tempo de fruição, onde a criança é uma pessoa ingênua, inocente, livre e alheia às relações sociais que as rodeia. A fala de uma professora anuncia esta concepção: “[...] desse tempo aí da alegria, sem nenhum comprometimento com a sociedade produtiva com que a gente tem. (entrevista professora B)” (SILVA, C., 2005, p. 39).

c) Outra categoria presente nos programas e falas dos professores foi o “desaparecimento da infância” (POSTMAN, 1999). A idéia de um desaparecimento da infância pode estar relacionada aos novos valores e novas configurações da sociedade em consequência também de uma visão romântica de infância como tempo da alegria, prazer e lúdico. Este dado pode ser identificado a partir da fala de um professor (SILVA, C., 2005, p. 32):

---

<sup>61</sup> Em razão da deflagração da greve dos servidores públicos federais (2005) não foi possível estabelecer contato com a secretaria do curso de Psicologia e com a professora ministrante da disciplina, tornando inviável a análise da mesma.

<sup>62</sup> Esta disciplina foi selecionada por dedicar uma atenção particular às questões do esporte para crianças.

[...] na minha geração ainda tive infância. Eu tive liberdade pra brincar, de fazer as coisas que, né? que eram diretamente ligadas ao meu interesse que era o lúdico, que era o brincar. [...] Hoje este brincar está completamente transformado. [...] com o advento da tecnologia, o brincar da criança ficou um brincar mais voltado a essa sociedade tecnológica, através dos videogames, do computador. (entrevista professor D)

d) A “infância como construção social” (PINTO, M., 1997) foi a categoria que menos apareceu nos programas e falas dos professores. Somente uma professora destacou a importância de entender a historicidade das categorias criança e infância, ainda que de forma difusa, voltando, algumas vezes, à idéia da infância como tempo de alegria, prazer e lúdico. Sobre a infância como construção social, a professora entrevistada discorre que (SILVA, C., 2005, p. 42)

Infância [...] entraria nesse aspecto de como esse ser criança vive, né? Sobre quais condições ele vive, entra aí na questão da infância e aí como a sociedade lida e entende essa etapa da vida, né? Aí é mais um constructo social, né? Sócio-cultural que, esse entendimento vai tá variando de acordo com a sociedade, o tempo histórico. (entrevista da professora B)

Como se pode observar a criança e a infância aparece neste currículo, essencialmente, sob dois aspectos: natural e romântico. Esta idéia da infância como um dado natural e romântico que não precisa ser explicitado do ponto de vista teórico, já foi identificado também nas pesquisas de Picelli (2001), Oliveira, C. B. (2003) e Oliveira, N. R. C. (2003a), demonstrando que esta visão figura não somente na formação de professores, mas igualmente na produção do conhecimento científico da área<sup>63</sup>.

É interessante destacar que este currículo perpassa toda a década de 90 e início dos anos 2000 sem alterações substanciais, momento este de grande efervescência na Educação Física e nas questões sobre a criança e a infância, tanto na pesquisa como nas políticas públicas. É bom lembrar que: todas as edições do CONBRACE, na década de 90, estão debruçadas sobre o questionamento: Que ciência é essa?, com o objetivo de debater sobre o estatuto epistemológico da área; vários pesquisadores da Educação Física focam seus estudos no sentido de elaborar metodologias de ensino; em 1990 é lançado o ECA; em 1996 é

---

<sup>63</sup> Para um estudo sobre o fenômeno da naturalização da criança e da infância ver Charlot (1979) e Miranda (1984).

sancionada a LDBEN, colocando a Educação Física como componente curricular obrigatório no Ensino Básico (agora compreendendo a Educação Infantil); começam a aparecer definitivamente, na Educação Física, estudos que ultrapassam o paradigma da aptidão física, e que colocam a criança e a infância como foco central das pesquisas (exemplo disto são as edições de 2002 da Revista Pensar a Prática e de 2005 da RBCE).

É sob esta conjuntura que, no ano de 2005, o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, já sob o governo Lula, vai sofrer uma segunda reforma, dando origem a sua terceira grade curricular.

### 3.3 2005 - REFORMA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSC: TERCEIRA GRADE CURRICULAR.

O estabelecimento das Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação (Resoluções n.01/CNE/2002<sup>64</sup> e n.02/CNE/2002<sup>65</sup>) e, especialmente, em Educação Física (Resolução n.07/CNE/2004<sup>66</sup>), motivou o Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, a decidir nomear uma comissão no final do ano de 2004, para montar uma proposta de reformulação curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física e uma proposta de criação do Curso de Bacharelado em Educação Física (FENSTERSEIFER et al, 2005).

No final do mês de março de 2005, a comissão composta pelos professores Alex Fensterseifer, Joaquim Felipe de Jesus, Juarez Vieira do Nascimento e Markus Vinicius Nahas, apresentou para este Colegiado uma proposta de Curso de Bacharelado em Educação Física e, no final do mês de abril do mesmo ano, uma proposta de reformulação curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Deixando de lado a discussão sobre a proposta de criação do Curso de Bacharelado em Educação Física, não por considerá-la menos importante, mas para garantir o foco deste estudo, segue uma análise sobre a reformação curricular de 2005 do Curso Licenciatura em Educação Física.

---

<sup>64</sup> Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

<sup>65</sup> Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

<sup>66</sup> Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena.

A primeira versão da proposta foi divulgada à comunidade acadêmica no final do mês de abril, sendo que a comissão estipulou o prazo de um mês para o corpo docente e discente levantarem considerações sobre a mesma. O NEPEF, que na ocasião não foi chamado para fazer parte da comissão de reformulação curricular, apresentou suas considerações demonstrando, de antemão, que não concordava com este processo estava acontecendo<sup>67</sup>.

Comprometemo-nos de entregar este documento no prazo estipulado pela comissão embora sejamos da opinião de que não seja necessário este encaminhamento apressado do curso de licenciatura, uma vez que o curso já existe. Por isto mesmo gostaríamos de propor a continuidade dos estudos, reflexões e discussões para esta reformulação uma vez que consideramos [...] de máxima importância uma ampla e profunda discussão/reflexão sobre o curso de Licenciatura no CDS/UFSC e sua reformulação. Sugerimos assim que a comissão discuta e esclareça publicamente sua proposta à comunidade do CDS. O NEPEF se propõe a organizar junto ao corpo docente, discente e técnico-administrativo uma oportunidade para este fato (NEPEF, 2005, p. 01).

Esclarecida esta posição, o NEPEF tece suas considerações a respeito da primeira versão da proposta. Alguns pontos merecem destaque, a saber: concepção do curso, concepção de estudante, perfil profissional e disciplinas do currículo.

Quanto à concepção do curso, o primeiro destaque que o Núcleo faz é a semelhança deste com a formulada anteriormente para a criação do Curso de Bacharelado em Educação Física. Em primeira instância, esta concepção fere com as orientações do Parecer n.009/CNE/2001, parecer este que distingue a terminalidade e a integralidade própria de um curso de licenciatura, em relação ao bacharelado. Em segunda instância, apregoa, como na proposta para a criação do curso de Bacharelado, uma formação voltada ao mercado, ao projeto neoliberal, conforme o Núcleo demonstra em uma citação desta primeira versão:

Nesta nova era, o profissional de Educação Física assumiria um novo papel na sociedade, deixando de lado a posição cômoda e estável de assalariado da administração pública ou de um organismo privado. Ocupará o seu espaço se impondo como profissional liberal, gerenciando o seu próprio desenvolvimento no mercado de trabalho. (PROJETO DE REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA apud NEPEF, 2005, p. 06)

---

<sup>67</sup> Interessante destacar que os professores do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) também atuaram neste momento no Colegiado do CDS. No entanto, não se encontrou registros de suas participações.

Um segundo ponto, ainda sobre a concepção do curso, diz respeito à definição da “Atividade Física” como sendo o objeto de estudo da Educação Física. Seguindo esta concepção a Educação Física seria entendida como uma “Ciência da Atividade Física”, que iria organizar e orientar as diferentes “manifestações da cultura das atividades físicas”. Diante desta concepção o NEPEF expõe sua posição (ibid., p. 10):

Embora este conceito já tenha sido um dos principais assuntos debatidos no projeto de curso do Bacharelado, consideramos, mais uma vez, a referência as “manifestações da cultura das atividades físicas” como de todo, paradoxal, uma vez que as “atividades físicas”, pela sua definição epistêmica, dificilmente podem ser consideradas como uma manifestação ou expressão e sim propriamente como trabalho ou esforço físico. A *atividade física* acaba sendo um conceito por demais reduzido que limita e dificulta o diálogo entre as diferentes abordagens presentes na área, como também a estruturação curricular do curso (*grifo dos autores*).

Cabe, neste momento, esclarecer como o conceito de “Atividade Física” tem sido expressado na Educação Física. A maioria dos pesquisadores que defendem a “Atividade Física” como objeto de estudo da Educação Física, entendem-na somente a partir do paradigma da aptidão física, ou seja, a partir de uma visão biologicista, positivista e funcionalista. Ainda, utilizando uma expressão de Kosik (1985), justificam-na a partir de uma práxis utilitária, que não leva em conta a essência, mas somente a forma fenomênica do fenômeno. Silva; Pires; Matiello Júnior (2005, p. 16) apresentam um exemplo disto:

[...] *a área da Atividade Física relacionada à saúde*, centrando-se na compreensão da categoria *estilo de vida*, elege o sedentarismo como fator de risco e como verdadeiro inimigo a ser extirpado, mas, no entanto, termina combatendo também aos sedentários, na medida em que naturaliza o comportamento humano e as dimensões sociais, dificultando ou descaracterizando as manifestações da cultura corporal/de movimento, além de ocultar, [...], outro tipo de cultura corporal que ela não privilegia na sua perspectiva teórica, como por exemplo, as caminhadas e corridas *doentias* dos desempregados atrás de trabalho com dignidade. Dessa forma, no primeiro caso, tal *estilo de vida* é tomado ingenuamente como falta de vontade e estímulo (atitude), resultado da ignorância e do abuso dos recursos tecnológicos acionados por controle remoto, sem se dar conta de que a maior parte das pessoas não têm (sic.) acesso a esses recursos, bem como não se percebe que as mudanças advindas da modernidade são bem mais profundas e danosas do que a hipocinesia considerada (*grifos dos autores*).

Neste sentido, reafirma-se o posicionamento do NEPEF de que a referência as “manifestações da cultura das atividades físicas” é paradoxal, já que os pesquisadores da “Atividade Física” encaram a Educação Física em uma perspectiva unicamente biologicista, desvinculando-a de sua constituição histórica e cultural.

Outra questão apontada por este Núcleo é a concepção de estudante. Segundo a primeira versão do Projeto de Reforma Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física (apud NEPEF, op.cit., p. 12), os graduandos não devem ser “tratados como crianças”, no sentido de entendê-los como sujeitos que não devem ser dependentes e submissos no processo de ensino. De acordo com o Núcleo, além do documento não argumentar de forma consistente sobre esta concepção de estudante, revela uma concepção de criança como incapaz, concepção esta que, segundo o Núcleo, já se apresenta superada nos estudos sobre a infância.

Articulada à questão da concepção de estudante apresentada, o NEPEF questiona também sobre como a infância (a partir das questões da Educação Infantil) será contemplada no projeto de reformulação curricular. Neste ponto, o Núcleo questiona (ibid., p. 12):

Como fica esta questão na reformulação do curso de licenciatura em Educação Física no CDS? Onde ela foi contemplada? Não necessitaria uma discussão mais aprofundada sobre a inserção de nossa área neste contexto de ensino? O que a Educação Física já contribuiu e tem a contribuir para com a educação infantil, além da oferta de brincadeiras e jogos, sob o rótulo de *recreação infantil*, normalmente oferecidos de forma exageradamente *didatizada* e sem a devida teorização? Enfim, é imprescindível que esta temática fosse levantada desde a construção da concepção de curso até a grade de disciplinas (*grifos dos autores*).

Outro ponto com relação a isto é que mesmo considerando a relevância da temática, o NEPEF propõe apenas algumas alterações em uma disciplina já posta sobre a infância. Já com relação à saúde, elabora uma argumentação e sugere a alteração de alguns conceitos de duas disciplinas, bem como indica a inclusão de mais duas disciplinas sobre a temática. Cabe aqui esclarecer que não se está desconsiderando a relevância da discussão sobre a saúde, em uma perspectiva crítica, urgente num currículo de formação<sup>68</sup>. O que se pretende demonstrar é a carência de um olhar mais atento sobre as questões da infância. Parece que este documento apresentado pelo Núcleo foi elaborado às pressas, já que o Colegiado do curso não deixou muitas opções para o debate e, assim algumas das discussões apresentadas no texto são partes

---

<sup>68</sup> Sobre isto ver Silva; Pires; Matiello Júnior (2005).

de um esforço individual ou de pequenos grupos de professores. Isto reflete uma posição autoritária daquele Colegiado, o que colaborou para a não efetivação de um currículo de formação ampliada.

Quanto ao perfil profissional, o Núcleo identifica uma contradição deste com a concepção de curso anteriormente exposta. Apesar de a primeira versão apresentar uma concepção de curso bastante restrita, o perfil profissional aponta para “[...] a formação de um profissional com a máxima competência, acadêmica, científica e profissional e ainda ser um profissional com capacidade crítica e reflexiva e com plena autonomia para a profissão” (ibid., p. 16). Entretanto, a atuação do profissional, segundo o perfil e os objetivos específicos do curso, fica restrita a sua prática pedagógica no espaço restrito das relações da sala de aula, deixando de lado as transformações sociais, políticas e econômicas que envolvem a sociedade (NEPEF, 2005).

Com relação às disciplinas do currículo, o NEPEF sugeriu várias alterações. Neste texto destacam-se três: as disciplinas sobre a temática saúde, a disciplina “Educação Física Adaptada” e a disciplina “Educação Física Infantil”.

Sobre as disciplinas que possuem como temática a saúde, o Núcleo expressa a importância de mais disciplinas que dêem conta de estudar e intervir sobre o fenômeno da saúde. Também reivindicam que as disciplinas ministradas devem abordar a saúde sob diversas perspectivas e não somente a partir do paradigma da “atividade física”, pelo entendimento, já exposto neste capítulo, de que este paradigma ignora a constituição histórica das práticas corporais e das relações sociais. Nesta direção, sugerem a mudança do nome da disciplina “Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida” para “Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida”. Também recomendam a inclusão de mais duas disciplinas obrigatórias: “Educação Física e Saúde Coletiva” e “Educação Física Escolar e Saúde”. No rol de disciplinas optativas indicam a mudança do nome da disciplina “Emergências em Educação Física” para “Saúde e Urgências na Escola”.

Com relação à disciplina “Educação Física Adaptada”, o Núcleo recomenda a substituição do nome para “Educação Física e Portadores de Necessidades Educacionais Especiais” para seguir a tendência nacional. Esta mudança de nome também é justificada pelo fato de o Núcleo entender que existem especificidades para se efetivar uma educação inclusiva e que somente uma mera “adaptação” da Educação Física não contempla tais questões.

Sobre a disciplina “Educação Física Infantil”, Núcleo sugere a mudança de nome para “Educação Física na Educação Infantil”, para atender à legislação vigente sobre os níveis de

ensino. Ainda, o Núcleo apresenta uma proposta de ementa e bibliografia básica (NEPEF, op. cit., p. 36):

**DEF 5866 - EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

(obrigatória, 72 horas/aulas, 04 créditos – 5ª fase)

**Ementa:** características, necessidades e prioridades da criança; natureza, propósitos e significados do movimento na infância; a produção do conhecimento sobre infância e lúdico; análise dos espaços e da cultura lúdica com ênfase nas possibilidades participativas, críticas e expressivas.

**Bibliografia:**

KISHIMOTO, T. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança**. Abordagens de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde (org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

A partir das colocações apresentadas pelo NEPEF, ainda cabe questionar: Afinal, o que é infância e lúdico para este Núcleo? Em algum outro momento do currículo é sugerida uma reflexão sobre a infância na escola? Ou esta reflexão está restrita à Educação Infantil? Ou, ainda, a esta disciplina somente?

Outro ponto a destacar são as bibliografias sugeridas. Tais referências bibliográficas são insuficientes e demonstram a influência de certa literatura utilizada pela Educação Infantil no Brasil, que se encaminham, em sua maioria, para uma visão idealizada de infância.

Apresentadas as proposições encaminhadas pelo NEPEF, passa-se agora para a análise do projeto final de reformulação curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC. Para a apresentação seguem-se os mesmos passos da apresentação feita sobre as considerações do NEPEF, buscando visualizar o que foi incorporado e o que foi descartado pela comissão indicada pelo Colegiado do Curso em questão.

Como primeiro ponto, é preciso esclarecer que no currículo proposto o objetivo do curso é formar professores para atuar na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e na Educação Profissional. Neste sentido, este currículo deixa explícito que o professor de Educação Física estará sendo formado para atuar, marcadamente, na escola, ao contrário do que acontecia no currículo anterior, já que o estudante tinha a possibilidade de escolher um aprofundamento nas duas últimas fases (Educação Física pré-escolar e de 1ª a 4ª séries; Educação Física Especial; e, Esportes) que não correspondia,

necessariamente, a atuação pedagógica na escola. Assim, os aprofundamentos desaparecem neste novo currículo, dando lugar a um currículo comum a todos os licenciados, da primeira até a última fase (Cf. Anexo G).

Sobre a concepção do curso, apesar de não aparecer explicitamente a formação voltada para o mercado de trabalho, o modelo de formação profissional aparece focado nas competências e habilidades do profissional. Segundo David (2002, p. 124), este modelo de formação focado nas competências

[...] não deve ser traduzido como formação humana ampliada que envolve o desenvolvimento das capacidades do sujeito do ponto de vista biológico, cultural, estético e social, mas num horizonte instrumental que se adequa à nova lógica do desenvolvimento capitalista dentro de uma conformada educação técnica de resultados.

Sob este modelo baseado em competências, apresenta a defesa dos órgãos de certificação como o sistema CONFEF/CREF quando expõe que “[...] quem assume uma função sem a preparação correspondente estaria roubando o exercício profissional da função de uma pessoa preparada para tal” (FENSTENSEIFER et al, 2005, p. 15). Segundo Nozaki (2003), este corporativismo de reserva de mercado, está impregnado da lógica neoliberal e neofascista, onde sustenta um discurso ideológico de empregabilidade, empreendedorismo e naturalização da crise, que contribui para a precarização do trabalho.

Ainda sobre a concepção do curso, o documento foi alterado no que diz respeito ao objeto de estudo da Educação Física. Neste, os autores apresentam o “movimento humano” como objeto e não mais a “atividade física”. Justificam esta opção para “[...] acompanhar a terminologia adotada nas Diretrizes dos Cursos de Graduação em Educação Física (Resolução nº 07/CNE/2004) bem como as Diretrizes do ENADE da Educação Física” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 36).

Quanto à concepção de estudante, o documento altera a redação exposta, mas permanece com a mesma concepção. Não utilizando mais a expressão “não devem ser tratados como crianças”, os autores baseiam-se no conceito de Andragogia<sup>69</sup>. Segundo Teixeira (2005) este conceito é cunhado por Knowles e significa "arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem dos adultos". Este

---

<sup>69</sup> No documento os autores dizem estar fundamentados nos princípios da Andragogia expostos por “Costa (1997)”, entretanto este estudo não aparece na lista de referências do projeto. Neste sentido, buscou-se artigos sobre o assunto e selecionou-se o artigo de Teixeira (2005) para compreender estes princípios.

conceito parte da idéia de que a Pedagogia seria o processo de ensino-aprendizagem dos adultos para com as crianças, por isso não caberia ao processo de formação dos futuros professores, já que se estaria falando de um processo de ensino-aprendizagem de adultos para com os adultos. Neste sentido, expõe que a educação dos adultos deve se diferenciar das crianças por quatro características que distinguem o adulto:

- 1 - Modifica o seu auto-conceito deixando de ser um indivíduo dependente (conforme a Pedagogia) para ser um independente, auto dirigido;
- 2 - Acumula uma crescente reserva de experiências e conseqüentemente um maior volume de recursos de aprendizagem;
- 3 - Tem sua motivação de aprendizagem cada vez mais orientada para buscar desenvolver seus papéis sociais;
- 4 - Modifica sua "perspectiva de tempo" em relação à aplicação de conhecimentos; para os adultos o maior interesse é de conhecimentos de aplicação mais imediata e em conseqüência a sua aprendizagem deve deixar de ser centralizada no conteúdo para centralizar-se no problema (TEIXEIRA, 2005).

Como é possível visualizar, esta proposta apresenta uma idéia de criança e adulto idealizados. A criança é entendida como ser dependente, incapaz e alheio às condições impostas pela sociedade. Já o adulto é entendido como um ser reflexivo que busca conhecimentos para satisfazer um pragmatismo imediato. Tal teoria ignora ainda toda discussão realizada na área da Educação que busca conceituar a Pedagogia como “teoria geral da Educação” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1996).

O perfil profissional permanece no mesmo formato anterior, de um profissional crítico e reflexivo, circunscrito ao local específico de trabalho. Não foram levadas em conta as sugestões do NEPEF sobre uma formação que contemplasse a reflexão sobre as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais do contexto amplo da sociedade.

Em relação às disciplinas da área da saúde foram incorporadas as sugestões do NEPEF, com exceção da presença da disciplina “Educação Física e Saúde Coletiva”. Interessante ressaltar que a relevância desta disciplina não foi aceita, enquanto disciplinas como “Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura” foram mantidas como obrigatórias no currículo, uma expressão da formação voltada para o mercado e seus modismos, em seu sentido imediatista e utilitarista.

A sugestão de mudança de nome da disciplina “Educação Física Adaptada” também não foi aceita, permanecendo intacta no atual currículo.

A disciplina “Educação Física Infantil” apresenta-se sob outra nomenclatura que não da sugestão do NEPEF, a saber, “Educação Física na Infância”. Além de constar mais elementos na ementa, também são acrescentadas duas bibliografias básicas: “Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget”, de Kamii; Devries (1991) e “Jogos na educação: criar, fazer, jogar”, de Lopes (2001). Estas duas referências bibliográficas apresentam-se como manuais de jogos e correspondem a teorias que entendem que exista um modelo universal de criança, sob uma perspectiva desenvolvimentista, que ignoram a criança como ser humano capaz e a infância como construção social.

Antes de analisar a emergência da disciplina “Educação Física na Infância”, apresenta-se um quadro sobre as mudanças ocorridas no currículo, a partir da última reforma curricular:

### Quadro 8

Disciplinas da segunda e da terceira grade curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC<sup>70</sup>.

<b>Dimensões biodinâmicas do movimento humano<sup>71</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
BEG 5102 Biologia Celular Básica 54 h/a	
MOR5203 Anatomia Aplicada 72 h/a	MOR5219 Anatomia Aplicada 72 h/a
CFS5147 Fisiologia Humana 72 h/a	CFS5148 Fisiologia Humana 72 h/a
DEF5128 Adaptações Orgânicas 54 h/a	DEF5897 Adaptações Orgânicas 72 h/a
DEF5314 Cinesiologia 54h/a	DEF5898 Biomecânica 54 h/a
<b>Dimensões comportamentais do movimento humano<sup>72</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5121 Desenv. Motor I 54 h/a	DEF5892 Crescimento e Desenvolvimento Humano 72 h/a
DEF5122 Desenv. Motor II 36 h/a	
DEF5310 Aprendizagem Motora 54 h/a	DEF5893 Ap. e Controle Motor 72 h/a
PSI5105 Psic. da Educação I 54 h/a	PSI5137 Psicologia Educacional: Desenvolvimento e Aprendizagem 54 h/a
PSI5106 Psic. da Educação II 54 h/a	

<sup>70</sup> Na apresentação do quadro acima as disciplinas estão divididas em eixos curriculares propostos no atual PPP do presente curso, a saber: **Dimensões Biodinâmicas do Movimento Humano; Dimensões Comportamentais do Movimento Humano; Dimensões Sócio-Antropológicas do Movimento Humano; Dimensões Pedagógicas do Movimento humano; Dimensões Científico-Tecnológicas do Movimento Humano; Dimensões das Manifestações da Cultura do Movimento Humano; e Dimensões Técnico-Funcionais Aplicadas ao Movimento Humano.**

<sup>71</sup> “Conhecimentos sobre o ser humano nos aspectos morfológicos, fisiológicos e biomecânicos” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 36).

<sup>72</sup> “Conhecimentos sobre mecanismos e processos do desenvolvimento humano, contemplando, entre outros, aspectos motores, aquisição de habilidades e fatores psicológicos intervenientes” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 36).

<b>Dimensões sócio-antropológicas do movimento humano<sup>73</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5115 Introdução à Ed. Física 54 h/a	DEF5884 Fund. Histórico-Ped. da EF 54 h/a
DEF5702 Fund. Humanísticos da EF 54 h/a	DEF5807 Fund. Sócio-Antrop. da EF 54 h/a
DEF5701 Princípios de Conduta Prof. 36 h/a	DEF5808 Princípios de Conduta Prof. 54h/a
SPO5171 Sociologia da Educação 54 h/a	
ANT5308 Antropologia Cultural 54 h/a	
<b>Dimensões pedagógicas do movimento humano<sup>74</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
MEN5138 Didática Geral 72 h/a	MEN5603 Didática Geral 72 h/a
DEF5127 Teoria e Prática na EF 54 h/a	DEF5871 Met. do Ens. De EF 72 h/a ou MEN5186 Met. do Ens. De EF 72 h/a
DEF5129 Est. e Func. de 1º e 2º graus 72 h/a	EED5187 Organização Escolar 72 h/a
FIL5132 Filosofia da Educação I 54 h/a	EED5331 Teorias da Educação 72 h/a
MEN5235 Prática de Ensino em Educação Física Escolar I 108 h/a	DEF5872 Estágio Sup. em EF I 252 h/a ou MEN5321 Estágio Sup. em EF I 252 h/a
MEN5236 Prática de Ensino em Educação Física Escolar II 108 h/a	DEF5873 Estágio Sup. em EF II 252 h/a ou MEN5322 Estágio Sup. em EF II 252 h/a
DEF5238 Est. Ind. em EF Infantil 90 h/a	
DEF5419 Ginástica Escolar 54 h/a	
DEF5226 Recreação Infantil 54 h/a	
	DEF5870 Sem. Pedagógico em EF 36h/a ou MEN5164 Sem. Pedagógico em EF 36 h/a
	DEF5885 Ed. Física na Infância 72 h/a
	EED5188 Seminário Temático em Educação e Processos Inclusivos 36 h/a
<b>Dimensões científico-tecnológicas do movimento humano<sup>75</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5233 Met. Trab. Científico 54 h/a	DEF5894 Met. Trab. Acadêmico 36 h/a
DEF5235 Inic. à pesquisa em EF 54 h/a	DEF5826 Met. da Pesquisa em EF 72 h/a
DEF5160 Seminário de Monografia 90 h/a	DEF5874 Sem. Conc. de Curso I 72 h/a DEF5872 Sem. Conc. de Curso II 72 h/a
LLE5105 Inglês Instrumental 72 h/a	
<b>Dimensões das manifestações da cultura do movimento humano<sup>76</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5416 Ginástica I 54 h/a	DEF5835 Teoria e Metodologia da Ginástica 72 h/a
DEF5417 Ginástica II 54 h/a	
DEF5214 Atletismo I 54 h/a	DEF5829 Teoria e Metodologia do Atletismo I 72 h/a
DEF5215 Atletismo II 54 h/a	
DEF5216 Atletismo III 72 h/a	
DEF5140 Metodologia da Dança 54 h/a	DEF5887 Fund. Teo.-Met. Da Dança 72 h/a

<sup>73</sup> “Conhecimentos filosóficos, antropológicos, sociológicos e históricos que enfocam aspectos éticos, culturais, estéticos e epistemológicos” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 37).

<sup>74</sup> “Conhecimentos de fundamentos didático-pedagógicos, princípios gerais e específicos de gestão e organização escolar, e intervenção profissional no componente curricular Educação Física na educação básica e profissional” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 37).

<sup>75</sup> “Conhecimentos sobre técnicas de estudo e pesquisa” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 37).

<sup>76</sup> “Conhecimentos das diferentes manifestações e expressões da cultura do movimento humano nas suas formas de jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas, lazer, recreação e outros” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 37).

<b>Dimensões das manifestações da cultura do movimento humano (cont.)</b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5425 Recreação e Lazer 72 h/a	DEF5886 Fund. Teo.-Met. Do Lazer 72 h/a
DEF5311 Natação I 54 h/a	DEF5831 Teo. e Met. da Natação I 72 h/a
DEF5312 Natação II 54 h/a	
DEF5118 Handebol 72 h/a	Teo. e Met. dos Esportes Coletivos I 72 h/a (DEF5843 Futebol ou DEF5844 Handebol)
DEF5123 Futebol 54 h/a	
DEF5108 Basquetebol 72 h/a	Teo. e Met. dos Esportes Coletivos II 72 h/a (DEF5845 Basquetebol ou DEF5846 Futsal)
DEF5119 Voleibol 72 h/a	Teo. e Met. dos Esp. Coletivos III 72 h/a (DEF5847 Voleibol ou DEF5848 Tênis)
DEF5418 Ginástica Esportiva 54 h/a	
	Teoria e Metodologia das Lutas 72 h/a (DEF5849 Judô ou DEF5850 Capoeira)
	DEF5869 Jog. e Brinq. da Cult. Pop. 72 h/a
	DEF5840 Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados 72 h/a
	DEF5841 Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura 72 h/a
<b>Dimensões técnico-funcionais aplicadas ao movimento humano<sup>77</sup></b>	
<b>Currículo antigo</b>	<b>Currículo Atual</b>
DEF5223 Org. de Comp. Esportivas 54 h/a	DEF5810 Plan. e Org. de Eventos 72 h/a
DEF5132 Medidas e Avaliação EF em 54 h/a	DEF5821 Medidas e Avaliação EF 72 h/a
DEF5141 Educação Física Especial 54 h/a	DEF5818 Ed. Física Adaptada 72 h/a
	DEF5890 EF, saúde e QV 72 /a
DEF5234 Rítmica 72 h/a	
DEF5325 Emergência em Ed. Física 54 h/a	
DEF5126 T. e M. Cond. Físico 54 h/a	
DEF5133 Treinamento Esportivo I 36 h/a	
DEF5135 Atividades Rítmicas 54 h/a	

Com o objetivo de demonstrar algumas alterações consubstanciais, no âmbito geral da formação do professor de Educação Física, destaca-se que: - a carga horária das disciplinas de “Prática de Ensino” passa de 108 h/a para 252 h/a; - as disciplinas esportivas oferecidas são mais diversificadas; - aparecem mais disciplinas sobre Educação Física para portadores de necessidades especiais; - a disciplina “Seminário de Monografia” é desmembrada em duas disciplinas de 72 h/a cada; - as disciplinas de “Sociologia da Educação” e “Antropologia Cultural”, existentes no currículo anterior, não aparecem no novo currículo; e – surge a disciplina obrigatória “Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura”.

Com relação às disciplinas que pressupõem relações com o estudo da criança e da infância, as modificações foram as seguintes: - as disciplinas de “Desenvolvimento Motor I”

<sup>77</sup> “Conhecimentos articuladores dos fundamentos teórico-metodológicos e a intervenção profissional no âmbito das diferentes manifestações e expressões do movimento humano” (FENSTENSEIFER et al, op. cit., p. 37).

(54 h/a) (dedicada exclusivamente ao processo de desenvolvimento da criança) e “Desenvolvimento Motor II” (36 h/a) são condensadas na disciplina “Crescimento e Desenvolvimento Humano” (72 h/a); - as disciplinas “Psicologia da Educação I” (54 h/a) (dedicada exclusivamente às questões sobre a criança) e “Psicologia da Educação II” (54 h/a) são condensadas na disciplina “Psicologia Educacional: desenvolvimento e aprendizagem” (54 h/a); - as disciplinas do aprofundamento em Educação Física Pré-escolar e de 1ª a 4ª séries do antigo currículo, a saber, “Estudos Individuais em Educação Física Infantil” (90 h/a), “Atividades Rítmicas” (54 h/a), “Ginástica Escolar” (54 h/a) e “Recreação Infantil” (54 h/a) desaparecem nomeadamente do atual currículo, tendo seus conteúdos distribuídos em outras disciplinas; e - surgem as disciplinas “Jogos e Brinquedos da Cultura Popular” (72 h/a) (trata sobre a cultura infantil) e “Educação Física na Infância” (72 h/a).

A partir da análise das ementas das disciplinas que compõem o currículo do curso, além da “Educação Física na Infância”, aparecem as palavras criança ou infância ou infantil em outras quatro disciplinas. São elas: “Psicologia Educacional: desenvolvimento e aprendizagem” (aparece a palavra infância quando expõe que irá tratar do processo de desenvolvimento e aprendizagem na infância, adolescência e idade adulta); “Jogos e Brinquedos da Cultura Popular” (aparece a palavra infantil quando expõe que irá tratar da contextualização histórica do brincar infantil); “Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida” (aparece a palavra infância quando expõe que irá tratar da educação para um estilo de vida ativo na infância e adolescência); e a disciplina eletiva “Atividades Rítmicas e Expressão” (aparece a palavra criança quando expõe que irá tratar das atividades rítmicas e a criança). Com exceção da disciplina “Jogos e Brinquedos da Cultura Popular”, as outras disciplinas citam a criança ou a infância apenas para identificar a faixa etária da criança.

Conforme escrito anteriormente, o currículo antigo não dava conta das discussões relacionadas às temáticas da criança e da infância, nem na perspectiva filosófica, nem pedagógica. Quando estas eram apresentadas estavam ligadas a concepções naturalizantes e idealistas, em sua maioria. O que é foi possível visualizar a partir da comparação do currículo antigo com o atual foi que o número de disciplinas que de algum modo abordam a criança e a infância e suas cargas horárias sofreram uma grande diminuição. Neste sentido, cabe indagar: existe mesmo um “lugar” da infância na formação de professores de Educação Física? O que este espaço, circunscrito a pouquíssimas disciplinas, tem a contribuir para pensar a relação entre Educação, Educação Física, infância e formação de professores?

Tentando responder a estas questões, segue análise sobre o programa e o plano de ensino da disciplina “Educação Física na Infância”.

### 3.4 A EMERGÊNCIA DE UMA DISCIPLINA: A “EDUCAÇÃO FÍSICA NA INFÂNCIA”.

Considerando que a formação universitária do professor de Educação Física no Brasil é recente e ainda carente de uma identidade pedagógica capaz de superar o caráter autoritário herdado desde sua criação, conforme apresentado no capítulo I, e que uma discussão sobre a criança e a infância na formação universitária do professor de Educação Física, para além de uma perspectiva puramente biológica e idealista, não aparece explícita nem nas políticas educacionais, nem figura declaradamente na prática pedagógica da Educação Física na escola, retoma-se novamente a questão apresentada neste capítulo: existe mesmo um “lugar” para a infância na formação universitária do professor de Educação Física?

Considerando o breve panorama apresentado no capítulo II, sobre a infância na pesquisa educacional e na Educação Física, onde a infância como construção social apresenta-se como uma categoria muito recente na pesquisa e onde a criança e a infância apresentam-se, entre outros aspectos, como sinônimos e/ou da infância como o modo de indicar a faixa etária da criança, cabe indagar: Qual o reflexo desta produção na formação universitária do professor de Educação Física?

Finalmente, considerando a análise realizada sobre as diferentes reformulações curriculares, de 1974 a 2005, do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, apresentadas neste capítulo, onde estas acompanham, de certo modo, a constituição da Educação Física como disciplina escolar e a produção do conhecimento na área, questiona-se: na atualidade, vislumbra-se alguma possibilidade de se pensar a infância na formação universitária do professor de Educação Física?

A disciplina “Educação Física na Infância” parece apresentar-se como uma resposta preliminar a estas questões, já que emerge a partir deste contexto. Cabe aqui uma análise sobre esta.

A disciplina “Educação Física na Infância”, criada no ano de 2005, é uma disciplina obrigatória da quinta fase do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC. Para cursá-la, o estudante deve antes cumprir como pré-requisito a disciplina “Crescimento e desenvolvimento humano”, da primeira fase do curso. Sua carga horária é de 72 horas/aula,

sendo que 54 h/a são destinadas às aulas teóricas e práticas e 18 h/a são destinadas às Práticas Pedagógicas como Componente Curricular<sup>78</sup> (PPCC).

A disciplina apresenta a seguinte ementa:

Conceitos de criança e infância. Características, necessidades e prioridades da criança. Natureza, propósitos, significados da Educação Física na infância. Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância. Análise dos espaços e da cultura lúdica com ênfase nas possibilidades participativas, críticas e expressivas. Planejamento, orientação, organização, desenvolvimento e avaliação dos componentes curriculares da Educação Física na Infância.

A ementa abarca várias questões relevantes no que concerne às relações entre Educação Física e Infância. Fica explícito que a disciplina está comprometida em conhecer quem são sujeitos do processo educativo e discutir sobre o ensino da Educação Física a partir de uma perspectiva crítica que abarque a participação da criança como elemento importante no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta direção questiona-se o nome dado à disciplina, a saber: Educação Física “na” Infância. Esta conceituação parece destoar do que foi apresentado na ementa, já que esta parece sugerir que exista somente uma infância ou, ainda, que ela queira designar, exclusivamente, a faixa etária da criança. A mudança de nome para Educação Física e Infância, contemplaria de forma mais fidedigna a apresentação desta disciplina.

Outro ponto relacionado à ementa é o tópico “Conceitos de criança e infância”. Voltando aos questionamentos apresentados na introdução, pergunta-se: A infância é um conceito? Ou é uma categoria empírica? Ao falar-se de conceito de infância vislumbra-se uma abordagem histórica da condição social do ser criança? De acordo com Quinteiro (2009b) é preciso

[...] compreender a infância não como um conceito, mas sim como uma representação social do adulto sobre a criança e sobre a sua condição social concreta numa perspectiva histórica, permitindo entender a infância como construção cultural que expressa o modo pelo qual as

---

<sup>78</sup> Segundo o PPP do curso as PPCC são experiências de trabalho vivenciadas “[...] através de experiências de ensino (com os colegas de turma ou com a comunidade no horário da aula) ou na forma de projetos de extensão universitária (com a comunidade, fora do horário da aula), [e] corresponde[m] uma iniciativa da formação inicial que está inserida dentro de disciplinas de diferentes eixos curriculares ou como atividades curriculares complementares” (FENSTERSEIFER et al, 2005, p. 75-76).

diferentes sociedades organizam a reprodução de suas condições materiais [...].

Também é apresentado na ementa um tópico, intitulado: “Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância”. Diante da conjuntura histórica da Educação Física apresentada no Capítulo I, cabe indagar: Será que já existem elementos para abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na infância?

Avançando na apresentação desta disciplina, expõem-se seus objetivos:

**OBJETIVO GERAL:**

Compreender concepções e metodologias referentes à Educação Física na Infância que contemplem as ações pedagógicas na escola.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Conhecer conceitos, características, necessidades, refletindo sobre criança e infância, considerando o contexto sócio-histórico-cultural;
- Fornecer suporte teórico e pedagógico para o ensino da Educação Física na Infância;
- Refletir sobre os espaços lúdicos e as possibilidades de desenvolvimento da criatividade, expressividade e sensibilidade;
- Observar e refletir sobre as práticas pedagógicas no ensino da Educação Física na Infância (Práticas Pedagógicas como Componentes Curriculares).

Como é possível perceber, os objetivos contemplam os tópicos apresentados na ementa. Ainda, nos objetivos específicos vai se delineando sobre qual perspectiva será considerada a criança, a saber, a partir de seu contexto social, histórico e cultural.

A partir destes objetivos, o conteúdo programático desta disciplina está estruturado em três unidades, a saber:

**UNIDADE I**

- Aspectos sócio-culturais do desenvolvimento histórico da criança.
- Concepções e significados de infância.
- Características e necessidades e prioridades da criança.

**UNIDADE II**

- Propósitos da Educação Física na Educação Infantil.
- Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância.
- A brincadeira como espaço lúdico de formação criativa, expressiva e sensível.

**UNIDADE III**

- Planejamento e elaboração de práticas pedagógicas em ambientes educacionais.

Tanto na ementa como nos objetivos e, ainda, na apresentação do conteúdo programático, fica evidente a preocupação em articular teoria pedagógica e exercício docente. Esta articulação é muito importante e atualmente apresenta-se, entre outros aspectos, como uma grande dificuldade nos cursos de formação. Entretanto, cabe ressaltar que este programa de ensino constitui-se no “plano das idéias” e que nesta pesquisa não se tem elementos suficientes para afirmar que esta articulação realmente aconteça.

No item correspondente à bibliografia básica (apresentada tanto no Programa quanto no Plano de Ensino) são apresentadas cinco bibliografias: “As cem linguagens da criança”, de Edwards (1999); “Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget”, de Kamii; Devries (1991); “Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação”, de Kishimoto (1997); “Jogos na educação: criar, fazer, jogar”, de Lopes (2001); e, “Os fazeres da educação infantil”, de Rossetti-Ferreira (2003) (Cf. Anexo H e I).

Como já foi exposto anteriormente, todas estas bibliografias, com exceção de Kishimoto (1997), são voltadas à Educação Infantil<sup>79</sup>. Os textos de Kamii; Devries (1991) e Lopes (2001) são manuais, que apregoam uma idéia de criança universal e da Educação Física como consumidora de práticas e brincadeiras descontextualizadas. O texto de Rossetti-Ferreira (2003) apresenta textos de professores de uma creche, que relatam suas experiências na prática pedagógica. O texto de Edwards (1999) traz a experiência de um programa para a primeira infância realizado em Reggio Emilia (na Itália). Arce (2004) expõe a relação deste e outros textos de Edwards com as teorias pós-modernas, que se encaminham para a fetichização da infância e a desvalorização do trabalho do professor da Educação Infantil<sup>80</sup>.

Como bibliografia complementar (apresentada no Plano de Ensino) são expostos os seguintes textos: “História social da criança e da família”, de Ariès (1978); “Escola Alternativa: pedagogia da participação”, de Bastiani (2000); “Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil”, de Sayão (2002a); “A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil”, de Sayão (2002b); “Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da zona da mata canavieira pernambucana”, de Silva, M. R. (2002); “A Educação Física na educação infantil”, do Grupo de Estudos Ampliados de Educação Física (1996);

---

<sup>79</sup> Apesar desta autora ser reconhecida por sua produção na área da Educação Infantil, este trabalho (KISHIMOTO, 1997) não está circunscrito a este nível de ensino.

<sup>80</sup> Importante destacar que, apesar da maioria das referências bibliográficas encaminharem para uma concepção naturalizada e idealizada de infância, o texto de Kishimoto (1997) se propõe em outra direção, a saber, a infância como categoria histórica.

“Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações”, de Steinberg (s/d); “Jogo, brincadeira e a Educação Física na pré-escola”, de Kishimoto (1996); e, “Brinquedo e Companhia”, de Brougère (2004) (Cf. Apêndice I).

Das nove bibliografias apresentadas quatro estão circunscritas as temáticas da Educação Física na Educação Infantil, são elas: Sayão (2002a, 2002b), Grupo de Estudos Ampliados de Educação Física (1996) e Kishimoto (1996). Os outros cinco textos apresentam temáticas diversas: O texto de Ariès tornou-se uma referência obrigatória no estudo sobre a história da infância, apesar das críticas expostas por vários autores como Pinto, M. (1997) e Corazza (2002). O texto de Bastiani (2000) trata-se de uma análise de uma escola alternativa da cidade de Florianópolis, a Escola Sarapiquí. O texto de Silva (2002) expõe a análise da relação entre infância, juventude, trabalho, lúdico e gênero. Os textos de Steinberg (s/d) e Brougère (2004) apresentam as relações entre mídia, brinquedo, consumo e educação.

O que revelam estas bibliografias? Qual a relevância destas para a reflexão sobre as relações entre Educação, Educação Física, Infância e Formação de Professores?

O que se percebe é que não foram levados em consideração os estudos produzidos dentro da própria área da Educação Física. Na bibliografia básica isto fica evidente. Já com relação à bibliografia complementar são considerados alguns textos escritos por professores de Educação Física. Entretanto, muitas produções importantes ficaram de fora desta seleção.

É importante considerar as produções do CBCE, unidade científica que agrega vários pesquisadores da área da Educação Física no país, mediante os artigos apresentados nos CONBRACE's e nas RBCE's. Sobre este ponto destaca-se o Volume 26, de maio de 2005, desta revista, a qual é dedicada à temática Educação Física e Infância. Além da produção do CBCE, destaca-se a importância das produções de outras revistas científicas da área e de teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do país. Neste sentido, assinala-se o Volume 05, de 2002, da Revista Pensar a Prática, cuja temática é a Educação Física e a Infância, e ainda as dissertações de Oliveira, N. R. C. (2003a) e Picelli (2001).

Outro ponto de destaque diz respeito ao objeto de estudo da disciplina: a Educação Física na infância. Como foi possível visualizar nos objetivos, bem como na ementa, o documento não restringe as relações da Educação Física e a Infância à Educação Infantil. Ainda, no objetivo geral expõe que a disciplina deve contemplar “as ações pedagógicas na escola” (*grifos meus*). Partindo do entendimento de Tragtenberg (1982), da escola como organização social complexa, compreende-se que tanto a Educação Infantil, como o Ensino Fundamental englobam a escola. Levando em conta o GTT – Escola do CBCE, também pode-se entender que esta instituição abarca os dois níveis de ensino, já que o GTT, sob a titulação

de “Escola”, engloba os debates e pesquisas sobre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Ainda no item “conteúdo programático”, vai se delineando uma direção no que diz respeito ao nível de ensino com que está comprometida. Em alguns momentos reporta-se à Educação Física na infância, em outros à Educação Física na Educação Infantil e, ainda, à Educação Física em ambientes educacionais. Isto leva a compreender que a disciplina tratará das questões da infância tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental. Entretanto, o referencial bibliográfico presente no programa e plano da disciplina, basicamente voltado à Educação Infantil, sugere novamente que esta disciplina, ao menos no “plano das idéias”, tratará das questões referentes somente à Educação Infantil.

Considerando todos estes aspectos do problema aqui investigado, pode-se concluir que:

1. A formação universitária do professor de Educação Física é recente e ainda possui vários resquícios de sua constituição autoritária;

2. A criança e a infância têm sido estudadas na Educação Física, em grande parte da história, a partir de perspectivas naturalizantes e idealistas;

3. A infância como construção social aparece como categoria muito recente na pesquisa em Educação Física, já nos anos 2000, ainda que, muitas vezes, a criança e a infância sejam tratadas como sinônimos;

4. As questões concernentes à infância apresentam-se, na formação universitária do professor de Educação Física, limitadas a uma disciplina, e dentro desta disciplina, circunscritas à Educação Infantil.

O que fazer diante deste fenômeno?

Certamente não será, somente, a inclusão de mais disciplinas sobre a temática que farão com que a infância enquanto categoria histórica esteja presente na formação do professor de Educação Física, mas antes se faz necessária uma reformulação radical dos cursos de licenciatura em Educação Física, já que se compreende que a formação humana deve estar comprometida não com o “homem de novo tipo” neoliberal apresentado na introdução desta dissertação, mas a partir de uma compreensão de homem que

[...] não é um produto do meio, nem é o resultado das lições que lhe são ministradas em casa ou na escola. Para compreender o ser humano em sua atividade é imprescindível entender em que condições materiais ele está agindo, quais são as questões concretas a que ele está respondendo; mas basta conhecer o condicionamento objetivo da sua ação, é preciso

entender o sentido das suas iniciativas, o movimento subjetivo que ele realiza. Uma vez realizado este movimento, ele pode ser compreendido em seu sentido histórico, um sentido que nunca é inteiramente predeterminado (KONDER, 2002, p. 20).

Diante desta concepção de homem e formação humana, como encaminhar a formação universitária do professor de Educação Física? Como bem expuseram Quelhas; Nozaki (2006), não será a manutenção do atual modelo de licenciatura plena, em detrimento da divisão da formação entre licenciatura e bacharelado, que resolverá o problema da formação de professores de Educação Física. Este modelo atual de licenciatura plena não avança no sentido de dar sustentação à formação de um indivíduo “[...] preparado para intervir e interagir nas contradições do mundo do trabalho, perspectivando a superação da sociedade capitalista” (ibid., p. 80). Por outro lado, também não será a divisão entre licenciatura e bacharelado que fará com que estes objetivos sejam alcançados.

Neste momento, a partir de pesquisadores como Quelhas; Nozaki (2006), Taffarel; Teixeira; D’Agostini (2005), entre outros, retoma-se a defesa histórica de Faria Júnior (1987) do professor licenciado e generalista, ou seja, da licenciatura como formação identificadora do professor de Educação Física, independente de seu campo de atuação.

Avançando a partir desta concepção, apresenta-se o estudo de Dantas Júnior; Taffarel (2007), para realizar a defesa da reconstrução do currículo de formação de professores a partir da História como matriz científica. Os autores citam vários estudos (Taffarel (1993), Lacks (2004) e Santos Júnior (2005)) que analisam e diagnosticam a ausência da compreensão histórica dos elementos da cultura corporal, bem como a dicotomia entre teoria e prática nos currículos de formação de professores.

Mas, o que implica a reconstrução do currículo de formação de professores de Educação Física a partir da História como matriz científica? Qual a sua relevância? Sobre isto Dantas Júnior; Taffarel (2007, p. 405) expõem que

O que vimos reconhecendo em nossos estudos é que, diante do desenvolvimento e da tendência à destruição das forças produtivas, ou seja, das forças que garantem a existência humana (trabalho, trabalhador, meio ambiente, ciência e tecnologia), a História, sua compreensão e a ação humana na construção das condições da existência são fundantes na produção e reprodução da vida. Entendemos, portanto, que a cultura, enquanto produção material humana e, por seu termo, a cultura corporal, não tem como ser entendida, explicada e transformada fora da referência da História.

Esclarecida esta questão, como encaminhar uma formação a partir desta concepção? Corroborando com os estudos de Taffarel; Teixeira; D'Agostini (2005), Quelhas; Nozaki (2006), Taffarel; Lacks; Santos Júnior (2006) e Taffarel et al (2007) apresenta-se alguns elementos para consolidação deste projeto de formação de professores, a saber:

1. Sólida formação teórica multidisciplinar e interdisciplinar, com base em uma organização curricular que não fragmente e separe as disciplinas de conteúdo específico com as disciplinas pedagógicas;
2. Indissociabilidade entre teoria e prática, ensino e pesquisa;
3. Gestão democrática na organização e produção do trabalho pedagógico;
4. Compromisso social do profissional, com ênfase na concepção sócio-histórica do educador, estimulando a análise política da educação e das lutas históricas pela superação da sociedade capitalista;
5. Trabalho coletivo, solidário e interdisciplinar;
6. Formação continuada de qualidade, em contraposição à idéia de currículo extensivo;
7. Avaliação permanente como parte integrante das atividades curriculares, de responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do Projeto Político Pedagógico.

Articulado a todos estes elementos deve estar a idéia do ato pedagógico (ensinar) como elemento constitutivo essencial da formação. Neste sentido, o profissional de Educação Física será reconhecido por ser um professor, independente de seu campo de atuação.

Ainda, a partir desta concepção de formação, o professor é reconhecido como um sujeito que parte de uma leitura da realidade em sua totalidade e que age para alcançar seu horizonte teleológico, a saber, a superação da destruição do ser social, na construção de uma sociedade socialista. Isto posto, como explica Carvalho (1991), não cabe mais afirmar que o professor é aquele que age além das ideologias e que Educação Física não constitui uma ligação orgânica com os interesses da classe dominante, a partir de uma 'teoria da desideologização do professor'. Segundo Fernandes (1987, p. 31)

O professor precisa se colocar na situação de um cidadão de uma sociedade capitalista subdesenvolvida e com problemas especiais e, nesse quadro, reconhecer que tem um amplo conjunto de potencialidades, que só poderão ser dinamizadas se ele agir politicamente, se conjugar uma prática pedagógica eficiente a uma ação política da mesma qualidade.

A ausência de uma perspectiva histórica está presente também nas disciplinas técnicas e esportivas, nas quais são evidenciadas as técnicas e táticas das práticas corporais sem, no entanto, localizar e compreender “[...] a gênese de tais práticas no contexto do desenvolvimento histórico das forças produtivas, ou seja, das forças criadas e desenvolvidas pela humanidade para garantir a sua existência” (DANTAS JÚNIOR; TAFFAREL, 2007, p. 416). Esta supremacia da técnica descaracterizada de sua construção histórica, como se a técnica existisse independente do homem, leva a uma questão: de acordo como estão sendo encaminhadas estas disciplinas, os sujeitos do processo educativo, a saber, o professor e o estudante, e o próprio processo educativo são considerados como objetos de estudo relevantes na formação do professor?

Neste sentido, a discussão sobre a infância dentro do currículo de formação de professores de Educação Física deve ser encaminhada na direção de uma perspectiva histórica que abarque todo o curso. Assim, todas as disciplinas deveriam garantir a discussão sobre o processo educativo, levando em consideração as especificidades de seus estudantes, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos.

Entretanto, uma mudança radical do currículo é somente um dos passos. Quando o professor de Educação Física encara a realidade social concreta das escolas públicas, percebe que, apesar de realizar uma prática comprometida com a formação humana, onde os elementos da cultura corporal sejam encarados como direitos sociais e instrumento de humanização, esta só será efetivada quando a escola também estiver comprometida com esta formação.

Nesta direção, finaliza-se este texto com um trecho do Editorial da RBCE de 1987, que expõe sobre como encaminhar nossas ações:

Reafirmar nossos compromissos é, ao mesmo tempo, de um lado, produzirmos, trabalharmos, sermos competentes e de outro, nos engajarmos no movimento da história, seja através da ação docente propriamente dita, da função de pesquisadores, bem como da condição de cidadãos, nas nossas organizações sindicais, culturais, científicas e políticas, buscando um País onde a criança, o jovem, o adolescente, o adulto e idoso, homens e mulheres possam ser felizes e onde o esporte, como todos os demais direitos sociais seja instrumento democrático de humanização e transformação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais, com uma citação de Picolli (2006, p. 98), pois acredito que esta expressa o presente momento no qual vivencio ao término da pesquisa:

Alguns fatores ou aspectos são determinantes para que se enuncie a finalização de uma dissertação: a resposta à questão ou à hipótese formulada, o tempo que se esgota, os limites de quem escreve, o esgotamento do tema, entre outros. Certamente do conjunto de motivações que podem levar a que se escreva que se chegou ao final, neste trabalho específico, o esgotamento da questão que desencadeou o processo da pesquisa não compõe o leque das possíveis explicações. Respostas foram encontradas. Novas e instigantes questões, no entanto, foram se delineando a ponto de, em um aspecto, não existir dúvida: este ponto de chegada é provisório, determinado por contingências. Em relação à dissertação, o que se pode afirmar é que esta finalização, este ponto de chegada – o retorno ao *concreto pensado* – caracteriza-se como um ponto de partida, um recomeço, certamente em patamar diverso daquele que marcou o início formal da pesquisa (...) (*grifos da autora*).

Vale lembrar que esta dissertação está embasada no modelo de *monografia de base* exposto por Saviani (2002). Neste sentido, a dissertação traz vários elementos para pensar as relações entre infância, formação de professores e Educação Física, entretanto não esgota a temática, mas antes abre caminhos para outras pesquisas.

Neste sentido, aponta-se alguns caminhos para novas pesquisas, a saber: - Aprofundar o estudo do currículo do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC; - Realizar um acompanhamento da disciplina Educação Física na Infância, para analisar como se materializam os programas e planos de ensino; - Pesquisar o currículo de outros cursos de graduação, no sentido de mapear a presença/ausência das questões referentes à infância; - Aprofundar o estudo dos artigos selecionados; - Aprofundar o estudo sobre a relação Educação Física, Infância e Escola; - Aprofundar a questão sobre o currículo e os conteúdos da Educação Física, tanto na Educação Infantil, quanto nas séries iniciais do Ensino Fundamental; - Estudar sobre a relação entre Educação Física e Infância, frente à implementação do Ensino Fundamental de Nove Anos.

Assim, longe de concluir o debate, concluiu-se esta dissertação na expectativa de que ela possa fornecer subsídios para outras pesquisas que se encaminhem na direção da construção de uma sólida formação de professores de Educação Física que tome em

consideração a importância da presença das questões concernentes à infância. Este é o início do caminho. Como fazê-lo? Mário Quintana responde:

*“Era um caminho que de tão velho, minha filha,  
já nem mais sabia aonde ia...  
Era um caminho velhinho, perdido...  
Não havia traços de passos no dia  
em que por acaso o descobri:  
pedras e urzes iam cobrindo tudo.  
O caminho agonizava, morria sozinho...  
Eu vi...  
Porque são os passos que fazem os caminhos!”*

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. P. de. A Educação Física e a questão da criança e adolescente em situação de risco no Brasil. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1149-1152, set. 1999.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

ANTUNES, K. M. As dimensões política e pedagógica da participação da criança na escola: um estudo de caso etnográfico. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 117-137.

ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)**. Campinas: Autores Associados, 2004.

ARCE, A. A formação de professores sob a ótica construtivista: primeiras aproximações e alguns questionamentos. In: DUARTE, N. (org.). **Sobre o construtivismo**. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 41-62.

\_\_\_\_\_. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 251-283, abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Infância ou Fetichismo da Infância? In: DUARTE, N. (org.). **Crítica do fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.

BASTIANI, M. L. **Escola alternativa: pedagogia da participação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

BATISTA, E. M. A ausência da criança na produção acadêmica sobre a escola: um estudo de caso. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 219-234.

BOLLE, W. Walter Benjamin e a cultura da criança. In: BENJAMIN, W. **Reflexões a criança, o brinquedo e a educação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1984, p. 13-16.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 48, p. 69-88, 1999.

\_\_\_\_\_. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 02, p. 62-68, jan. 1986.

\_\_\_\_\_. Educação Física/Ciências do Esporte: Que Ciência é essa? **RBCE**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 111-118, mai. 1993.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Companhia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BRZEZINSKI, I.; GARRIDO, E. Análise dos trabalhos do GT Formação de Professores: o que revelam as pesquisas do período 1992-1988. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.18, p. 82-100, set./dez. 2001.

CARDOSO, M. L. Questões sobre educação. In: GOULART, C. (org.). **Dimensões e horizontes da educação no Brasil**. Ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Niterói: EdUFF, 2004.

CARVALHO, M. de. **A miséria da Educação Física**. Campinas: Papyrus, 1991.

CASTELLANI FILHO, L. A (des) caracterização profissional-filosófica da Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 04, n. 03, p. 95 – 101, mai. 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

\_\_\_\_\_. Os impactos da reforma educacional na educação física brasileira. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 20 – 33, set. 1997.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORAZZA, S. M. Percurso pela história da infância. In: **Infância & Educação**. Era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: MEC. **Ensino Fundamental de Nove Anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília: MEC, 2007.

DALMAGRO, S. Educação Física das crianças do MST: na luta pela garantia do lúdico. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 09, n. 10, p. 190-199, dez. 1997.

DANTAS JÚNIOR, H. S.; TAFFAREL, C. N. Formação de professores de Educação Física: a história como matriz científica. In: HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; TAFFAREL, C. Z. (orgs.). **Currículo e Educação Física: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas nas Escolas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

DAVID, N. A. N. A formação de professores para a educação básica: dilemas atuais e seus desdobramentos para a Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 23, n. 02, p. 119-133, jan. 2002.

DEBORTOLI, J. A.; LINHARES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, p. 92-105, 2002.

DIAS, J. de J. A infância no imaginário sócio-educacional (conceitos, contextos e transformações). **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1505-1506, set. 1999.

DUARTE, N. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (Por que Donald Schön não entendeu Luria). **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 601-625, ago. 2003.

EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ENGELS, F. Os diferentes ramos da indústria. In: **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

ESCOBAR, M. O. Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 07, n. 08, p. 91-102, dez. 1995.

ESCOBAR, M. O.; LINS, J. P.; PESSOA, R. M. C. A criança portadora de deficiência e suas expectativas na Educação Física escolar. **RBCE**, Campinas, v. 09, n. 01, p. 26, set. 1987.

FALLEIROS, I. Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica e a construção de uma nova cidadania. In: NEVES, L. M. W. (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005, p. 209-235.

FARIA JÚNIOR, A. G. de. Professor de Educação Física, Licenciado Generalista. In: OLIVEIRA, V. M. (org.). **Fundamentos Pedagógicos educação física 2**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.

FENSTERSEIFER, A. et al. Projeto de Reformulação do curso de licenciatura em Educação Física. Centro de Desportos, UFSC, julho de 2005. In:  
**<http://www.portalcds.ufsc.br/arquivos/Projeto%20Curso%20de%20Licenciatura.pdf>**.  
Acesso em: 15 jul. 2008.

FERNANDES, F. A formação política e o trabalho do professor. In: CATANI, D. et al (orgs.). **Universidade, escola e formação de professores**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERRARO, A. R. A ANPEd, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, s/v, n. 30, p. 47-69, set./dez. 2005.

FREITAS, L. C. de. Projeto histórico, ciência pedagógica e didática. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 27, p. 122-139, set. 1987.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Júlio C. F.; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (orgs.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GAMBOA, S. S.; CHAVES, M.; TAFFAREL, C. A pesquisa em Educação Física no Nordeste Brasileiro (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), 1982-2004: balanços e perspectivas. **RBCE**, Campinas, v. 29, n. 01, p. 89-106, set. 2007.

GASPAR, R. A. Educação Física na Educação Infantil: reflexões decorrentes da prática de ensino. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E MOSTRA DE TRABALHOS ACADÊMICOS DA UFSC, 9., 2008. Florianópolis, **Anais eletrônicos...** Florianópolis, PET.

GATTI, B. A pós-graduação e a pesquisa em educação no Brasil, 1978-1981. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 44, p. 03-41, fev. 1983.

GEPIEE. **Grupo de Estudos e Pesquisas Infância, Educação e Escola**. CED/UFSC: mimeo, 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista**. A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é Pedagogia?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOEDERT, R. T. et al. Integrando licenciando e licenciado: refletindo a realidade escolar: infância – trabalho - Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1534, set. 1999.

GOELLNER, S. V. **Inezil Penna Marinho**. Coletânea de textos. Porto Alegre: UFRGS/CBCE, 2005.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 6. d. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis/SC**. Florianópolis: o Grupo, 1996.

HASCKEL, S. Gestão democrática na Educação Infantil: tecendo a história da participação política dos professores nas creches e pré-escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 139-162.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo: Trajetória cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brincadeira e a Educação Física na pré-escola. **Motrivivência**. Florianópolis, Ano VIII, n. 09, 1996, p. 66-77.

\_\_\_\_\_. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KONDER, L. Marx e a Sociologia da Educação. In: TURA, M. de L. R. (org.). **Sociologia para educadores**. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002, p. 11-23.

KOSIK, K. Dialética da Totalidade Concreta. In: **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1996, p. 13-38.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

LACKS, S. **Formação de professores: a possibilidade da prática articuladora do conhecimento**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

LIMA, K. R. de S.; MARTINS, A. S. Pressupostos, princípios e estratégias. In: NEVES, L. M. W. (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005, p. 43-67.

LOPES, M.G. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARINHO, I. P. Lugar da Educação Física no plano educacional. In: GOELLNER, S. V. **Inezil Penna Marinho**. Coletânea de textos. Porto Alegre: UFRGS/CBCE, 2005.

MARX, K. Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006a, p. 45-59.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. 24. ed. Livro 1. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b.

MEC. Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações Gerais. Brasília: MEC, 2004a. In: <http://portal.mec.gov.br/seb>.

\_\_\_\_\_. Resolução n.01/CNE/2002. Brasília: MEC, 2002a. In: <http://portal.mec.gov.br/>.

\_\_\_\_\_. Resolução n. 02/CNE/2002. Brasília: MEC, 2002b. In: <http://portal.mec.gov.br/>.

\_\_\_\_\_. Resolução n. 07/CNE/2004. Brasília: MEC, 2004b. In: <http://portal.mec.gov.br/>.

MIRANDA, M. G. de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 125-135.

MNCR/MEEF. **10 anos de CONFEF/CREF's: enganando a sociedade, sucateando a profissão**. Porto Alegre: Tristeza Ltda, 2008.

MOLINA NETO, V. et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte. **RBCE**, Campinas, v. 28. n. 01, p. 145-165, set. 2006.

MONTENEGRO, P. C. A. Criança real ou ideal – um estudo de caso sobre a representação da criança segundo alunos-mestres do curso de Educação Física da UGF. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 109, set. 1993.

\_\_\_\_\_. **O sentido de aluno-criança no imaginário de alunos-mestres**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 1994.

MONTENEGRO, P. C. A.; RESENDE, H. G. de. A criança no imaginário de futuros professores de Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 57, set. 1995.

MULLER, V. R. A criança cidadã e outras crianças: história européia e atualidade brasileira. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 54, set. 1997.

NEPEF. Análises, considerações e sugestões para a Reformulação Curricular (Curso de Licenciatura) em Educação Física do CDS/UFSC. Maio de 2005. In: [www.nepef.ufsc.br](http://www.nepef.ufsc.br). Acesso em: jan. 2009.

NEVES, L. M. W.; SANT'ANNA, R. Gramsci, o estado educador e a nova pedagogia da hegemonia. In: NEVES, L. M. W. (org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005, p. 19-39.

NÓBREGA et al. Educação Física e epistemologia: a produção do conhecimento nos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte. **RBCE**, Campinas, v. 24, n. 02, p. 173-185, jan. 2003.

NOZAKI, H. T. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho**: mediações da regulamentação da profissão. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

\_\_\_\_\_. Formação Profissional ou Formação Humana? Mediações do Mundo do Trabalho. Grupo de Trabalho Temático "Formação Profissional ou Formação Humana?". XXIV Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física, Curitiba, 2003. Disponível em: <http://www.mncr rg3.net>.

OLIVEIRA, C. B. de. **Políticas Educacionais inclusivas para infância**: concepções e veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1978-1999). Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

OLIVEIRA, N. R. C. de. **Concepção de infância na Educação Física brasileira**: primeiras aproximações. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003a.

\_\_\_\_\_. Concepção de infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003b. Caxambu, **Anais eletrônicos...** Caxambu, CBCE.

\_\_\_\_\_. Concepção de infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 95-109, mai. 2005.

OLIVEIRA, V. M. de. Formação profissional: primeiras influências. **RBCE**, Florianópolis, v. 19, n. 02, p. 04 – 13, jan. 1998.

PENNA, A. M. **Sistema CONFEEF/CREF's**: a expressão do projeto dominante de formação humana na Educação Física. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PEREIRA, L. E. Tempos antigos do CBCE... In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. **Política científica e produção do conhecimento em Educação Física**. Goiânia: CBCE, 2007, p. 13-16.

PESAVENTO, S. J. **O Brasil Contemporâneo**. 2. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

PETEF. O PET Educação Física do CDS/UFSC. In: [http://www.cds.ufsc.br/pet/o\\_pet.htm](http://www.cds.ufsc.br/pet/o_pet.htm). Acesso em: ago. 2008.

PICELLI, L. A. **Produção científica sobre Educação Infantil nos mestrados e doutorados em Educação Física no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PICCOLLI, Josiana. **O processo de mercadorização do brinquedo e as implicações para a educação na infância**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-52.

PINHEIRO, M. do C. M. Educação Física e Artes na LDB: como fica esta situação? **RBCE**, Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 294, mai. 1996.

PINTO, F. M. Pequenos trabalhadores: sobre a Educação Física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 07, n. 08, p. 225-228, dez. 1995.

PINTO, M. A infância como construção social. In: **As crianças**. Contextos e identidades. Portugal: Bezerra editora, 1997.

PINTO, M. R. B. Tempos e Espaços escolares: o (des)confinamento da infância. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 91-115.

PIRES, G. D. L. **Educação Física Escolar: concepção e prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUEIROZ, L. B.; ASSIS, J. P. G. de; ARAÚJO, S. T. de. Descoberta de talentos desportivos: uma avaliação da aptidão física relacionada as habilidades atléticas de jovens de 7 a 14 anos de Rio Branco/AC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999. Florianópolis, **Anais...** Caderno 2. Florianópolis, CBCE.

QUELHAS, A. de A.; NOZAKI, H. T. A formação do professor de Educação Física e as Novas Diretrizes Curriculares frente aos avanços do capital. **Motrivência**, Florianópolis, ano 18, n. 26, p. 69-87, jun. 2006.

QUINTEIRO, J. A emergência de uma sociologia da infância no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003. Poços de Caldas/ Minas Gerais, **Anais eletrônicos...** Poços de Caldas/ Minas Gerais, ANPEd.

\_\_\_\_\_. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2009a, p. 19-47.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Infância para educadores**. Palestra proferida na UNICAMP, São Paulo, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. Tese de doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. O direito à infância na escola: por uma educação contra a barbárie. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004, p. 163-179.

QUINTEIRO, J. et al. Infância e criança na pesquisa educacional brasileira – 1993/2006: questões para o debate. In: ANPEdSul, 07., 2008. Itajaí/ Santa Catarina, **Anais eletrônicos...** Itajaí/ Santa Catarina, ANPEdSul.

QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007.

**RBCE**, v. 01, n. 01, set. 1979.

**RBCE**, v. 07, n. 03, mai. 1986.

**RBCE**, v. 09, n. 01, set. 1987.

RODRIGUES, A. T. Gênese e sentido dos Parâmetros Curriculares Nacionais e seus desdobramentos para a Educação Física escolar brasileira. **RBCE**, Campinas, v. 23, n. 02, p. 135-147, jan. 2002.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS JÚNIOR, C. de L. **A formação de professores de Educação Física: a mediação dos parâmetros teórico-metodológicos**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005.

SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jun. 2005.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escola e Democracia**. 21. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. **Pensar a prática**, vol. 5, Jul/jun – 2002b, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Educação Física e infância: entre as crianças e as profissionais. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 2, set. 1999.

\_\_\_\_\_. Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (orgs.). **Educação do corpo e formação de professores**:

reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002a.

SAYÃO, D. T.; VAZ, A. F.; PINTO, F. M. A Prática de Ensino e a infância na formação de professores/as de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001. Caxambu/ Minas Gerais, **Anais eletrônicos...** Caxambu/ Minas Gerais, CBCE.

SCHNEIDER, M. L. Brincar na escola: limites e possibilidades dessa experiência em uma escola pública. In: QUINTeiro, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola.** Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 189-217.

SCHNEIDER, O. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da educação física nas décadas de 1930 e 1940 – um estudo a partir da revista Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 25, n. 02, p. 39-54, jan. 2004.

SERRÃO, M. I. B. **Aprender a ensinar: a aprendizagem do ensino no curso de pedagogia sob o enfoque histórico-cultural.** São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Superando a racionalidade técnica na formação: sonho de uma noite de verão. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 151-160.

SILVA, A. C. da. **As concepções de criança e infância na formação de professores catarinenses nos anos de 1930 e 1940.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, C. da. **“O que você vai ser quando crescer?”: a infância e a criança no Curso de Licenciatura em Educação Física/CDS/UFSC.** Monografia apresentada ao Centro de Desportos, UFSC, novembro de 2005.

SILVA, M. R. da. O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lazer? O gato comeu!!! **Motrivivência**, Florianópolis, ano 07, n. 08, p. 229-235, dez. 1995.

\_\_\_\_\_. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e mulheres-meninas da zona da mata canavieira pernambucana. **Caderno Cedes**, Campinas, ano XXII, n. 56, p. 23-52, abr. 2002.

SILVA, M. R. da; PIRES, G. D. L.; MATIELLO JÚNIOR, E. Editorial: A “saúde” da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 17, n. 24, p. 09-22, jun. 2005.

SNYDERS, G. **Escola, classe e luta de classes**. São Paulo: Centauro, 2005.

SOARES, C. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUSA, I. S. de. **Elementos críticos para elaboração de uma teoria pedagógica da Educação Física escolar: um estudo nas escolas públicas no município de Aracajú (SE)**. Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1992.

SOUSA, S. Z.; BIANCHETTI, L. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil: o protagonismo da ANPEd. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 389-409, set./dez. 2007.

SOUZA, P. A. de. O mundo vivido pela criança x conhecimento do professor de Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 121, set. 1995.

SOUZA E SILVA, R. V. de. O CBCE e a produção do conhecimento em Educação Física em perspectiva. In: FERREIRA NETO, A. **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações metodológicas**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

STEINBERG, S. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVS, L. H. et al (org.) **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: PMPA, p. 98-145.

STROISCH, S. R. G. Aprender a participar: um estudo de caso sobre a participação da criança na atividade de ensino. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES, 2007, p. 163-187.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da Educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física**. Tese de Doutorado, faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade e Educação Física**: um investigação sobre métodos criativos nas aulas de Educação Física no 1º grau. Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1982.

\_\_\_\_\_. Política científica e produção do conhecimento na Educação Física/ Ciência do Esporte: a conjuntura, as contradições e as possibilidades de superação. In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. **Política científica e produção do conhecimento em Educação Física**. Goiânia: CBCE, 2007, p. 17-71.

TAFFAREL, C. Z.; LACKS, S. Formação humana e formação de professores: contribuições para a construção do projeto histórico socialista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007. Recife/ Olinda, **Anais eletrônicos...** Recife/ Olinda, CBCE.

TAFFAREL, C. Z.; LACKS, S.; SANTOS JÚNIOR, C. de L. Formação de Professores de Educação Física: estratégias e táticas. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 18, n. 26, p. 89-111, jun. 2006.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JR, C. L. Como iludir o povo com esporte para o público. In: <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/>. Acesso em: out. 2009.

TAFFAREL, C. N. Z.; TEIXEIRA, D. R.; D'AGOSTINI. Cultura corporal e território: uma contribuição ao debate sobre reconceitualização curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 17, n. 25, p. 89-111, dez. 2005.

TAFFAREL, C. Z. et al. Uma Proposição de Diretriz Curricular para a Formação de Professores de Educação Física. In: HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; TAFFAREL, C. Z. (orgs.). **Currículo e Educação Física**: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas nas Escolas. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

TEIXEIRA, G. A Andragogia e seus princípios. Publicado em 28/03/2005. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=22>. Acesso em: 09 mar. 2009.

TEIXEIRA, R. T. S.; MECHIA, J. M. Projeto atividades desportivas infantis: vivências e experiências para o futuro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999. Florianópolis, **Anais...** Caderno 2. Florianópolis, CBCE.

TRAGTENBERG, M. A escola como organização complexa. In: **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982, p. 35-54.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 48, p. 30-51, 1999.

WIGGERS, I. D. **Ideologia e prática da Educação Física Escolar**. Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

**APÊNDICE A – Levantamento dos artigos das revistas selecionadas da área da  
Educação Física sobre a criança e a infância.**

• **Década de 70**

*1979*

BONJARDIM, E. et al. O treinamento e a competição precoce e suas influências psicológicas em crianças de 7 a 12 anos. **RBCE**, Campinas, v. 01, n. 01, p. 35, set. 1979.

GONÇALVES, M. et al. Estudo da pressão arterial sanguínea em crianças e adolescentes em contraste com adultos. **RBCE**, Campinas, v. 01, n. 01, p. 44, set. 1979.

OSSE, C. M. C.; SILVA, D. A. M.; CAVASINI, S. M. Uma revisão da socialização da criança no esporte. **RBCE**, Campinas, v. 01, n. 01, p. 56, set. 1979.

• **Década de 80**

*1981*

MOLIN KISS, M. A. et al. Nível sócio-econômico, desempenho físico e índice nutricional de Viswewara em crianças de 7 anos. **RBCE**, Campinas, Suplemento n. 01, set. 1981.

SILVEIRA, M. T. Avaliação biométrica em crianças de 7 a 12 anos da cidade de Viçosa-MG. **RBCE**, Campinas, Suplemento n. 01, set. 1981.

*1983*

MATSUDO, V. K. R. Atividades aeróbicas em crianças e adolescentes. **RBCE**, Campinas, v. 05, n. 01, p. 28, set. 1983.

PELLEGRINI, A. M. O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas. **RBCE**, Campinas, v. 04, n. 02, p. 45-52, jan. 1983.

*1985*

CAVALLARO, G. A. et al. Evolução do padrão fundamental de movimento correr em crianças de 6 a 8 anos. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 49, set. 1985.

ISOBE, T. D. et al. Intercorrências de problemas posturais em crianças de 9 a 12 anos. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 50, set. 1985.

LEITE, M. M. Avaliação do desenvolvimento psico motor em crianças de idade pré-escolar. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 27, set. 1985.

MELLO, J. R. M. de; CAVASINI, S. M.; PALAFOX, G. H. M. Desenvolvimento da noção direita/esquerda em crianças de 6 a 8 anos: um estudo piloto. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 27, set. 1985.

PELLEGRINI, A. M. Fatores determinantes do envolvimento da criança em atividade física. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 49, set. 1985.

ROCHEFORD, R. S. Análise das variáveis que interferem na prática continuada das crianças de voleibol. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 32, set. 1985.

XAVIER, B. M. A influência do jardim de infância no desempenho motor da criança. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 01, p. 27, set. 1985.

*1986*

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **RBCE**, Campinas, v. 07, n. 02, p. 62-68, jan. 1986.

*1987*

BRIGUETTI, V.; BANKOFF, A. D. P. Avaliação postural em crianças de 1ª a 4ª séries. **RBCE**, Campinas, v. 09, n. 01, p. 18, set. 1987.

ESCOBAR, M. O.; LINS, J. P.; PESSOA, R. M. C. A criança portadora de deficiência e suas expectativas na Educação Física escolar. **RBCE**, Campinas, v. 09, n. 01, p. 26, set. 1987.

FRANÇA, N. M. de. Efeitos do estado nutricional sobre a performance de crianças no salto horizontal – Estudo Piloto. **RBCE**, Campinas, v. 09, n. 01, p. 23, set. 1987.

*1989*

BERNET, J. M. Diagnóstico das intenções dos pais frente às aulas de natação para bebês quanto ao objetivo da mesma e a incidência de ingresso das crianças às aulas quanto a faixa etária. **RBCE**, Campinas, v. 11, n. 01, p. 72-73, set. 1989.

GIOVANI, A. et al. Estudo piloto da composição corporal e somatotipia entre crianças de 11 a 13 anos. **RBCE**, Campinas, v. 11, n. 01, p. 85-86, set. 1989.

- **Década de 90**

*1990*

FERRAREZE, M. P. de S. A saúde escolar como responsabilidade da escola: investigação e acompanhamento da saúde ocular em crianças na idade pré-escolar. **RBCE**, Campinas, v. 11, n. 03, p. 224, 1990.

INCARBONE, O. El niño y el deporte infantil. **RBCE**, Campinas, v. 11, n. 02, p. 118-122, jan. 1990.

*1991*

LEÃES FILHO, W. Análise crítica do mundo de movimento da criança na idade escolar. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 02, n. 01, p. 24-26, 1991.

PIRES NETO, C. S.; ATTERBOM, H. Gordura corporal de crianças brancas e negras entre 7 e 14 anos de idade no sul do Brasil. **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 01, p. 206, set. 1991.

PEREIRA, V. R. Estudo da influência de um programa desportivo-motor centrado no andebol sobre o desenvolvimento psicomotor das crianças em idade escolar (9 a 10 anos). **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 01, p. 148, set. 1991.

SANTOS, A. C.; SILVA, F. M. da. As atividades físicas na recuperação de crianças portadoras de deficiência respiratória. **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 01, p. 215, set. 1991.

SANTOS, A. R. R. A altura da rede de vólibol para crianças de 9 a 13 anos das escolas particulares de Recife-PE. **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 01, p. 157, set. 1991.

SANTOS, J. S. TV: a criança na arte do enquadramento. **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 01, p. 170, set. 1991.

1992

BERNAL, G. C. R. Estudo das lesões agudas da ginástica artística feminina na infância, a partir da população em treinamento em Campinas, SP. **RBCE**, Campinas, v. 14, n. 01, p. 48, set. 1992.

BORGES, C. M. F. A Educação Física na vida das crianças: significados. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 03, n. 01, p. 62-66, 1992.

FREIRE, J. B. Da criança, do brinquedo e do esporte. **RBCE**, Campinas, v. 13, n. 02, p. 299-307, jan. 1992.

RESENDE, J. A.; SANCHES, D. Avaliação dos desvios posturais em crianças em idade escolar de 11 a 16 anos. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 03, n. 01, p. 21-26, 1992.

1993

CARVALHO, L. M. de G.; DUARTE, E. Brinquedo e brincadeira: uma chance para a criança com paralisia cerebral. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 73, set. 1993.

CASAGRANDE, M. M. R. L. As vivências motrizes na socialização da criança de 07 (sete) anos: o significado atribuído pela família e pelo Lar Infantil em Bogotá. **RBCE**, Campinas, v. 14, n. 03, p. 149, mai. 1993.

CASAGRANDE, M. M. R. L. As vivências motrizes na socialização da criança de 07 (sete) anos: o significado atribuído pela família e pelo Lar Infantil em Bogotá. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 67, set. 1993.

DINOÁ, M. A. Avaliação antropométrica em crianças das creches municipais de Campina Grande – PB. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, set. 1993.

FREIRE, J. B. Da criança, do brinquedo e do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 04, n. 04, p. 22-29, jun. 1993.

GUEDES, M. da G. de S. Contributo para o estudo da relação entre a motricidade e o desenvolvimento da inteligência em crianças de 5 anos de idade. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 132, set. 1993.

GUEDES, M. da G. de S.; SILVA, L. A. P. da. Aptidão física: uma capacidade própria da criança ou uma aquisição programada? **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 131, set. 1993.

LEÃES FILHO, W.; KUHN, R. Análise interpretativa do mundo vivido da criança de rua. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 117, set. 1993.

MONTENEGRO, P. C. A. Criança real ou ideal – um estudo de caso sobre a representação da criança segundo alunos-mestres do curso de Educação Física da UGF. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 01, p. 109, set. 1993.

PAIVA, F. Atividades corporais na infância: comentários às perspectivas de Lê Boulch, Wallon e Luria. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 04, n. 04, p. 182-187, jun. 1993.

*1994*

CANFIELD, M. de S. Aprendizagem da tarefa de rebater sob duas condições diferentes de incerteza ambiental, em crianças de 6 a 9 anos de idade. **RBCE**, Campinas, v. 16, n. 01, p. 62, out. 1994.

CASTRO, A. et al. Comportamentos mnésicos em crianças nos processos de evocação e reconhecimento de objetos. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 05, n. 01, p. 40-43, 1994.

KRUG, A. Estudo da influência de padrões fundamentais de movimentos na aprendizagem de uma habilidade específica em crianças com 10, 11 e 12 anos de idade. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 03, p. 271, jun. 1994.

MENDONÇA, J. G. R. Crianças saudáveis, pais neuróticos? A intervenção dos especialistas entre 1940 e 1960. **RBCE**, Campinas, v. 15, n. 03, p. 279, jun. 1994.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. Estudo das principais correntes teóricas do desenvolvimento da criança. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 05, n. 01, p. 55-62, 1994.

*1995*

CANFIELD, M. de S.; NETO, C. A. F. Aprendizagem da tarefa de rebater sob duas condições diferentes de incerteza ambiental, em crianças de 6 a 9 anos de idade. **RBCE**, Campinas, v. 16, n. 02, p. 114-121, jan. 1995.

CARDOSO, M. S.; GAYA, A. C. A. As preocupações e o grau de importância atribuído por crianças e jovens ao complexo corpo, saúde, aspecto e condição física. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 61, set. 1995.

DAMÁZIO, M. da S. et al. Cultura corporal de crianças e adolescentes da zona rural do município de Terezópolis (3º Distrito). **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 102, set. 1995.

FARIAS, G.; ROCHA, A. M. P. A produção de violência na corporeidade de crianças de e na rua na cidade de Pelotas. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 101, set. 1995.

FUMES, N. de L. F.; CANFIELD, J. T. O papel da escolarização e de mediadores externos na memória de crianças portadoras de deficiência mental. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 39, set. 1995.

GUTIERRES FILHO, P. J. B. Programa sistematizado de atividades aquáticas em uma criança com síndrome de down. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 116, set. 1995.

MARQUES, A. C. et al. Natação como parte no desenvolvimento de crianças deficientes visuais. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 48, set. 1995.

MARTINS, M. B. Diferenças individuais no equilíbrio e sua relação com rendimento escolar de crianças na faixa etária de 7 anos. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 121, set. 1995.

MONTENEGRO, P. C. A.: RESENDE, H. G. de. A criança no imaginário de futuros professores de Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 57, set. 1995.

MONTINNI, A. et al. A intervenção do profissional de Educação Física na recreação de crianças hospitalizadas. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 87, set. 1995.

MULLER, U. Interferência da motivação intrínseca no desempenho motor de crianças da 5ª série de escolas públicas e particulares. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 98, set. 1995.

PASSINI, M. A. Ideologia sexista nas atividades motoras de crianças das séries iniciais. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 50, set. 1995.

PEREZ, A. J. Influência dos efeitos de treinamento competitivo de natação em crianças. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 110, set. 1995.

PINTO, F. M. Pequenos trabalhadores: sobre a Educação Física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 07, n. 08, p. 225-228, dez. 1995.

SÁEZ, A.; GAIO, R. A dança no contexto do projeto de formação integral da criança (PROFIC). **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 105, set. 1995.

SANTOS, P. L. dos; BONFIM, T. A criança do Mundo de Oz à Jornada nas Estrelas. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 58, set. 1995.

SILVA, M. F. et al. Normatização de testes de proficiência motora para crianças em idade escolar para o estado do Rio Grande do Sul. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 99, set. 1995.

SILVA, M. R. da. O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lazer? O gato comeu!!! **Motrivivência**, Florianópolis, ano 07, n. 08, p. 229-235, dez. 1995.

SILVA, S. M. M. da; CAVICCHIA, D. de C. Perfil do desenvolvimento neuromotor e detecção de atrasos em crianças desnutridas graves na primeira infância: um estudo de caso. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 56, set. 1995.

SILVA, S. M. M. da; MARCO, A. de. Construção e avaliação de um programa de estimulação para crianças desnutridas graves no primeiro ano de vida. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 56, set. 1995.

SOUZA, P. A. de. O mundo vivido pela criança x conhecimento do professor de Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 01, p. 121, set. 1995.

*1996*

BONFIM, R. V. do. Uma proposta de práxis pedagógica significativa de Educação Física “adaptada” às necessidades de crianças com síndrome de down. **RBCE**, Campinas, v. 18, n. 01, p. 75, set. 1996.

CUNHA JÚNIOR, C. F. F. da. Jogos, brinquedos e brincadeiras: investigando relações de gênero na experiência de crianças do colégio Pedro II. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 08, n. 09, p. 236-245, dez. 1996.

FERES NETO, A. A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte: suas influências na vivência lúdica com a criança, em especial com o brinquedo. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 08, n. 09, p. 108-117, dez. 1996.

FERES NETO, A. Interesses físicos no lazer: a influência do esporte de rendimento para a criança na relação lazer-escola-processo educativo. **RBCE**, Campinas, v. 17, n. 02, p. 203, jan. 1996.

MARCELINO, N. C. Elementos para o entendimento do uso do tempo na infância, nas suas relações com o lazer. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 08, n. 09, p. 78-88, dez. 1996.

*1997*

AFONSO, C. L.; CARRARO, G.; DAVI, N. N. Projeto Cris – Acampamento para crianças vítimas de queimaduras. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 106, set. 1997.

BASTOS, D. A expressão do movimento cultural “Mangue Beat” na dança. Uma experiência com crianças e jovens na Kidlink House de Pernambuco, Projeto Expressão. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 79-80, set. 1997.

CAPITONI, C. B. A Educação Física e a teoria sócio-histórica: um trabalho com crianças surdas em classe de alfabetização. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 110, set. 1997.

DALMAGRO, S. Educação Física das crianças do MST: na luta pela garantia do lúdico. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 09, n. 10, p. 190-199, dez. 1997.

FERREIRA, M. H. C. Efeitos de um programa ludo-motivado no desenvolvimento perceptivo-motor de crianças com déficits mentais. **RBCE**, Campinas, v. 18, n. 02, p. 155, jan. 1997.

FONSECA, R. Capoeira e criança: uma inter-relação através do jogo. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 122, set. 1997.

GOMES, I. M.; MULLER, V. R. Cultura corporal das crianças de uma escola pública de Maringá: um estudo de caso. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 55, set. 1997.

Grupo de Pesquisa da Disciplina “O lúdico e a educação”, da FEF-UNICAMP, 1º semestre de 1997. A criança, a educação e o lazer: discutindo ludicamente uma Pedagogia da Animação. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 80, set. 1997.

HERMIDA, J. F. As expressões simbólicas nas atividades lúdicas realizadas com as crianças na pré-escola. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 54, set. 1997.

LEAL, D. M.; BRAUNER, M. F. Estimulação precoce e Educação Física no contexto da criança com problemas de desenvolvimento. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 109-110, set. 1997.

LEITNER, J. Determinação da força de preensão manual da infância à terceira idade. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 102, set. 1997.

MONTEIRO, M. A. de O. A criança e o esporte: análise dos aspectos motivacionais. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 80, set. 1997.

MORAES, F. C. de C. O controle do corpo da criança na escola. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 53, set. 1997.

MULLER, V. R. A criança cidadã e outras crianças: história européia e atualidade brasileira. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 54, set. 1997.

OTTI, J. A. et al. Comparação de performance física entre crianças de diferentes localidades que fazem Educação Física com aulas cientificamente sistematizadas e sem sistematização científica. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 100, set. 1997.

SILVA, L. A. P. da et al. Aquisição físico-motora de base: como estão crianças brasileiras e portuguesas? **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 08, n. 01, p. 91-96, 1997.

SILVA, L. A. P. da et al. Bateria de testes de aptidão físico-motoras de base: como se distribuem os resultados em termos de performances das crianças no conjunto das provas. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 100-101, set. 1997.

SOUZA, J. X. de. A relação criança e adulto: Dominação ou ...? **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 01, p. 74, set. 1997.

WERNECK, C. L. G. A criança e o esporte: o lúdico como proposta. **RBCE**, Campinas, v. 18, n. 02, p. 103-110, jan. 1997.

1998

FERREIRA, M. E. C. Efeitos de um programa ludo-motivado no desenvolvimento perceptivo motor de crianças com déficits mentais. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 03, p. 117, mai. 1998.

FERRONATO, A.; CANDOTTI, C. T.; PINTO, R. S. A incidência de alterações do equilíbrio estático da cintura escapular em crianças entre 7 a 14 anos. **Movimento**, Porto Alegre, a. 05, n. 09, p. 24-30, dez. 1998.

SOUZA, E. R. de. Criança brinca... A Educação Física no resgate da cultura lúdica infantil: considerações teóricas e possibilidades pedagógicas. **RBCE**, Campinas, v. 19, n. 02, p. 50, jan. 1998.

TAUBE, M. L. Estudo qualitativo do desenvolvimento da capacidade rítmica da criança – ritmo espontâneo e ritmo métrico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 05, n. 09, p. 24-30, dez. 1998.

1999

ALVES, V. de F. N. De que brincam as crianças Maxakali? **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 2, set. 1999.

ANDRADE, M. P. de. A Educação Física e a questão da criança e adolescente em situação de risco no Brasil. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1149-1152, set. 1999.

BOATO, E. M. Intervenção pedagógica numa criança portadora de deficiência mental associada a deficiência visual embasada na teoria das emoções de Henri Wallon. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1023-1030, set. 1999.

BOATO, E. M. Por uma pedagogia do prazer: ensaio sobre a Educação Física para crianças. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1502, set. 1999.

BORELLI, S.; ALMEIDA, V. de. A dança e a criança down. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1062-1064, set. 1999.

BRÊTAS, A. A atividade física para crianças de 0 a 6 anos e a psicologia genética de Henri Wallon: uma relação possível? **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1498, set. 1999.

CARVALHO, N. C. Brincadeiras populares e ludicidade: em busca da cultura da criança. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 2, set. 1999.

CAVALCANTI, P. S. C.; SILVA, F. M. da. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre a idade de iniciação desportiva. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1585, set. 1999.

CECCO, L. H. de; PICH, S.; BAECKER, I. M. Projeto Criança cidadã/1998: um relato de experiência. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1607-1608, set. 1999.

DIAS, J. de J. A infância no imaginário sócio-educacional (conceitos, contextos e transformações). **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1505-1506, set. 1999.

GOEDERT, R. T. et al. Integrando licenciando e licenciado: refletindo a realidade escolar: infância – trabalho - Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1534, set. 1999.

GOMES, I. M.; MULLER, V. R. Cultura corporal no cotidiano de crianças maringaenses: o caso de alunos do colégio Dr. Gastão Vidigal. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 10, n. 01, p. 23-31, 1999.

GOMES, L. A. dos S. As particularidades no trato da recreação no sentido de resgatar a vivência do mundo infantil junto as crianças que fazem tratamento de câncer. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 2, set. 1999.

JAEGER, A. A. Corpo e cultura: um olhar a partir das crianças e dos adolescentes em situação de rua. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1624-1625, set. 1999.

LUDORF, S. M. A. O ensino do tênis para crianças, uma proposta alternativa. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1487, set. 1999.

MALHEIROS, M. C. de M. A política social no setor esportivo: investigando propostas municipais de atendimento às crianças e aos adolescentes da camada social empobrecida. **RBCE**, Campinas, v. 20, n. 02/03, p. 177, abr./set. 1999.

MARQUES, A. C. et al. Atividades aquáticas para crianças com síndrome de down – Projeto Carinho – ESEF/UFPEL. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1604-1605, set. 1999.

MATTHIESEN, S. Q. Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich sobre frustração e satisfação pulsional. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1453, set. 1999.

PALMA, L. E.; CARVALHO, S. Comunicação: um jogo de movimentos entre a Educação Física e a criança surda. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1594, set. 1999.

PARDO, E. et al. Educação Física Infantil: quando as crianças se multiplicam. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1427-1428, set. 1999.

PÉREZ, J. S.; AMAURI, A. B.; ARAVENA, C. J. O. Didática da Educação Física: A criança em movimento, jogo, prazer e transformação. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1517, set. 1999.

PINHEIRO, R. C. Jogos populares na perspectiva de construção da memória cultural e social: estudo comparativo dos jogos praticados por crianças nas décadas de 60 e 90 na cidade de Jequié-BA. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1631-1632, set. 1999.

PRADO JÚNIOR, M. V. do et al. A importância do professor conhecer quem é a criança nas aulas de Educação Física no ensino fundamental. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1469, set. 1999.

RODRIGUES, A. R. de A.; ROCHA, V. M. Avaliação do conhecimento corporal de crianças portadoras de síndrome de down através do desenho da figura humana. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 995-1001, set. 1999.

SAYÃO, D. T. Educação Física e infância: entre as crianças e as profissionais. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 2, set. 1999.

SOUZA, S. de C. P. de; MELO, J. P. de. Avaliação do conhecimento corporal de crianças portadoras de deficiência mental leve. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1599, set. 1999.

WUO, A. E.; IWANOWICZ, J. B. O clown visitador: revelação da veia cômica de crianças hospitalizadas. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1560, set. 1999.

ZYBELBERG, T. P. Possibilidades da inteligência corporal cinestésica na educação da criança. **RBCE**, Campinas, v. 21, n. 01, caderno 3, p. 1504, set. 1999.

- **Anos 2000**

2000

GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. **Movimento**, Porto Alegre, a. 07, n. 13, p. 01-14, dez. 2000.

MOREIRA, N. R.; FONSECA, V. da; DINIZ, A. Proficiência motora em crianças normais e com dificuldade de aprendizagem: estudo comparativo e correlacional com base no teste de proficiência motora de bruininks-oseretsky. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 11, n. 01, p. 11-26, 2000.

2001

MATTHIESEN, S. Q. Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich. **RBCE**, Campinas, v. 22, n. 02, p. 133-153, jan. 2001.

ORNELAS, M. A.; SOUZA, C. A contribuição do profissional de Educação Física na estimulação essencial em crianças com síndrome de down. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 12, n. 01, p. 77-88, 2001.

PINHEIRO, M. do C. M. “Quietinho, sentado, obedecendo à professora”: a representação do corpo da criança na pré-escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 04, p. 166, 2001.

SILVA, D. R. da; FERREIRA, J. S. Intervenções na Educação Física em crianças com síndrome de down. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 12, n. 01, p. 69-76, 2001.

2002

BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 13, n. 01, p. 99-107, 2002.

DEBORTOLI, J. A.; LINHARES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, p. 92-105, 2002.

GARANHANI, M. C. A Educação Física na escolarização da pequena infância. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, p. 106-122, 2002.

GOTZE, M. M.; BECKER JÚNIOR, B. A comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos esportivos – a perspectiva dos sujeitos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 08, n. 03, p. 47-62, set./dez. 2002.

MASCARENHAS, F.; RODRIGUES, A. T. Educação Física e Infância (editorial). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, 2002.

RUBINSTEIN, S.; RAMALHO, M. H. da S.; NETTO, F. C. O desenvolvimento da criança com Paralisia Cerebral no ambiente familiar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 08, n. 03, p. 33-45, set./dez. 2002.

SAYÃO, D. T. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, p. 01-14, 2002.

SILVA, L. A. de P. A educação da infância entre os trabalhadores rurais sem terra. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 05, p. 58-70, 2002.

VAZ, A. F. Aspectos, contradições e mal-entendimentos da educação do corpo e a infância. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 13, n. 19, p. 135-143, dez. 2002.

VAZ, A. F.; PETERS, L.; LOSSO, C. D. Identidade cultural e infância em uma experiência curricular integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 13, n. 01, p. 71-77, 2002.

### 2003

FALKENBACH, A. P. A inclusão de crianças com síndrome de down na psicomotricidade relacional: um estudo de caso. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 14, n. 02, p. 113-122, 2003.

GARCIA, A. F. et al. Obesidade em crianças e adolescentes do ensino fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, da zona urbana de Cianorte – PR. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 14, n. 02, p. 57-63, 2003.

MENEZES, J. A. S.; SANTOS, L. A. M.; KUHN, R. NUPECI – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Corporeidade e da Infância. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 15, n. 20/21, p. 257-268, mar./dez. 2003.

### 2004

FARIAS, G. C. de. Intervenção precoce: reflexões sobre o desenvolvimento da criança cega até dois anos de idade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 07, n. 01, p. 85-102, 2004.

LISBÔA, M. M.; PIRES, G. De L.. Televisão, representações sociais e cultura de movimento: tecendo reflexões de uma trama no contexto da infância. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 23, p. 119-141, dez. 2004.

MARIA, J. L. de; SILVA, M. R. da. Em busca das pistas sobre a historiografia da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 23, p. 191-216, dez. 2004.

OLIVEIRA, C. B. de. Concepções e veiculações sobre a criança deficiente no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **R BCE**, Campinas, v. 25, n. 03, p. 71-84, mai. 2004.

VAROTTO, M. A.; SILVA, M. R. da. Brinquedo e indústria cultural: sentidos e significados atribuídos pelas crianças. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 23, p. 169-190, dez. 2004.

VIEIRA, L. F. et al. Análise da aprendizagem perceptivo-motora de crianças de 7 e 8 anos da rede de ensino público de Maringá – PR. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 15, n. 02, p. 39-48, 2004.

2005

ALVES, W. F. Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920), de Tarcísio Mauro Vago (resenha). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 08, n. 02, p. 257, 2005.

CHIVIACOWSKY, S. et al. Aprendizagem motora em crianças: efeitos da frequência autocontrolada de conhecimento de resultados. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 177-190, mai. 2005.

DANAIOLOF, K. Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 25-40, mai. 2005.

GUARAGNA, M. M.; PICK, R. K.; VALENTINI, N. C. Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 01, p. 89-117, jan./abr. 2005.

MULLER, V. R.; MARTINELLI, A. P. O estatuto da criança e do adolescente: um instrumento legal do professor de Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 09-24, mai. 2005.

OLIVEIRA, N. R. C. de. Concepção de infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 95-109, mai. 2005.

RAMALHO, M. H. da S.; ZANANDREA, M. de F. Viver a infância: a criança surda no contexto da brincadeira. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 16, n. 01, p. 79-84, 2005.

RICHTER, A. C.; VAZ, A. F. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 79-93, mai. 2005.

ROZENGARDT, R. Aprendizaje, juego y niño: um modo de entender la educación física. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 111-126, mai. 2005.

SILVA, M. R. da. Infância empobrecida no Brasil, o neoliberalismo e a exploração do trabalho infantil: uma questão para a Educação Física. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 41-57, mai. 2005.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOSNURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **RBCE**, Campinas, v. 26, n. 03, p. 159-176, mai. 2005.

VASCONCELOS, I. Q. A. de. et al. Associação entre o IMC e o VO<sub>2</sub> máx em crianças do sexo feminino nos estágios iniciais da puberdade. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 16, n. 01, p. 21-25, 2005.

ZOBOLI, F.; SANTOS, A. R. dos. A inclusão de crianças obesas: um desafio para a Educação Física. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 16, n. 01, p. 85-90, 2005.

2006

ANDRADE FILHO, N. F. de; SILVA, R. L.; FIGUEIREDO, Z. C. C. O brincar/jogar como fenômeno transicional na construção da autonomia e da identidade da criança de zero a seis anos. **RBCE**, Campinas, v. 27, n. 02, p. 75-90, jan. 2006.

BRAGA, V. M. da S. de et al. Relação entre índices antropométricos e resposta da pressão arterial em crianças. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 17, n. 01, p. 19-26, 2006.

MEDINA, J.; ROSA, G. K. B.; MARQUES, I. Desenvolvimento da organização temporal de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 17, n. 01, p. 107-116, 2006.

2007

NICOLETTI, G.; MANOEL, E. de J. Inventário de ações motoras de crianças no playground. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 18, n. 01, p. 17-26, 2007.

SILVA, A. M. da; DAOLIO, Jocimar. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por grupos de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca de significados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 01, p. 13-37, jan./abr. 2007.

**APÊNDICE B – Trabalhos selecionados das edições do CONBRACE, no período de 1997 a 2007, distribuídos pelos GT's.**

Legenda:

- Os trabalhos que foram selecionados através da categoria *criança(s)* estão destacados em **negrito**.
- Os trabalhos que foram selecionados através da categoria *infância(s)* estão destacados em *itálico*.
- Os trabalhos que foram selecionados através da categoria *criança(s) e infância(s)* conjuntamente estão destacados em sublinhado.

<b>CONBRACE 1997</b>	
<b>GTT 1 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E ESCOLA (40 TRABALHOS)</b>	
<b>O controle do corpo da criança na escola.</b>	<b>MORAES, Fernando César de Carvalho</b>
<u>A criança cidadã e outras crianças: história europeia e atualidade brasileira.</u>	<u>MÜLLER, Verônica Regina</u>
<u>As expressões simbólicas nas atividades lúdicas realizadas com as crianças na pré-escola.</u>	<u>HERMIDA, Jorge Fernando</u>
<b>A Educação Física participando da construção de uma proposta de Educação Infantil.</b>	<b>DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira BORGES, Kátia Euclides de Lima e</b>
<b>A Educação Física na perspectiva da construção da cidadania.</b>	<b>OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de</b>
<b>Cultura corporal das crianças em uma escola pública de Maringá: um estudo de caso.</b>	<b>GOMES, Ivan Macedo MÜLLER, Verônica Regina</b>
<b>Prazer de competir: relato de experimentos críticos/sociais na construção de uma metodologia de jogos internos escolares.</b>	<b>MARTINS, Marcelo Fernando Bulhões</b>
<b>GTT 2 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS (24 TRABALHOS)</b>	
<b>Trabalho infantil, lazer e evasão escolar: um estudo de caso no município de Santana do Cariri/CE.</b>	<b>MELO, Edílson Almeida de</b>
<b>GTT 3 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE, COMUNICAÇÃO E MÍDIA (13 TRABALHOS)</b>	
<b>Brincadeiras de ontem e de hoje: os jogos populares no espaço e no tempo ao redor do mundo.</b>	<b>DIAS, Marisa de Oliveira CONSERVA, Neide Gomes de Souza</b>
<b>Fundamentos teórico-metodológicos para o estudo da mediação da experiência lúdica pela tecnologia.</b>	<b>NETO, Alfredo Feres</b>
<b>GTT 4 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM (34 TRABALHOS)</b>	
<b>A relação criança e adulto: dominação ou ...?</b>	<b>SOUZA, Janísio Xavier de</b>
<b>Educação Física, alfabetização e psicologia sócio-histórica: a educação com movimento.</b>	<b>BRÊTAS, Ângela</b>
<b>A expressão do movimento cultural “mangue beat” na dança: uma experiência com crianças e jovens na Kidlink House de Pernambuco – Projeto Expressão.</b>	<b>BASTOS, Daniela</b>
<b>A criança, a educação e o lazer: rediscutindo ludicamente uma pedagogia da animação.</b>	<b>Grupo de Pesquisa da disciplina “O lúdico e a educação”, da FEE/UNICAMP/1º semestre de 1997</b>

A criança e o esporte: análise dos aspectos motivacionais.	MONTEIRO, Márcia Álvares de Oliveira
Comparação da precisão do chute entre alunos de uma escola especializada em futebol e alunos da Educação Física curricular de uma escola da Rede Particular de Ensino de Goiânia – GO.	GONÇALVES, Guillermo de Ávila MELO, Helder CRUZ, Marco Aurélio de Rezende BORGES, Ricardo Vilela
<b>GTT 5 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CAMPO DE TRABALHO (40 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 6 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E LAZER (27 TRABALHOS)</b>	
Projeto Brincadeira é coisa séria?	ANDRADE, Ana Inês Bezerra de GALLINDO, Iana Maria Wanderley CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo ALBERT, leidjane Alves de Menezes BRASILEIRO, Livia Tenório FERRAZ, Maria de Fátima Ribeiro ROSA, Marileide Sampaio C. Camarotti
Consolidação e implementação da ludoteca.	MAMUS, Luciana Mara BISINELLA, Tânia Mara
A atuação profissional e suas possíveis implicações na programação de lazer de um acampamento de férias.	STOPPA, Edmur Antonio
Utilização dos espaços urbanos: vivências da cultura corporal e esportiva no âmbito do lazer por alunos da escola pública.	VERAS, Adriana Perboire Almeida FRANÇA, Tereza
<b>GTT 7 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E SAÚDE (23 TRABALHOS)</b>	
Comparação da performance física entre crianças de diferentes localidades que fazem Educação Física com aulas cientificamente sistematizadas e sem sistematização científica.	OTTI, Josiane Angel SILVA, Luiz Antonio Pereira da SILVA, Ângela Maria Serapio da ALVIM, Vera Regina Ferreira SILVA, Marsal Pereira da MIRANDA, Célia Mara
Bateria de testes de aptidão físico-motoras de base: como se distribuem os resultados em termos de performances das crianças no conjunto das provas.	SILVA, Luiz Antonio Pereira da SILVA, Ângela Maria Serapio da OTTI, Josiane Angel MIRANDA, Célia Mara SILVA, Marsal Pereira da
<i>Determinação da força de preensão manual da infância à terceira idade.</i>	<i>LEITNER, Jocaí</i>
Projeto Cris – Acampamento para crianças vítimas de queimaduras.	AFONSO, Cristina Lopes CARRARO, Gílian DAVI, Nivaldo Nogueira
<b>GTT 8 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E RENDIMENTO DE ALTO NÍVEL (11 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 9 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS (13 TRABALHOS)</b>	
Estimulação precoce e Educação Física no contexto da criança com problemas de desenvolvimento.	LEAL, Débora Munhoz BRAUNER, Maira Fabiana
A Educação Física e a teoria sócio-histórica cultural: um trabalho com crianças surdas em classe de alfabetização.	CAPITONI, Carmen Barbosa
Reflexões sobre a atividade do deficiente visual no contexto escolar.	FARIAS, Gerson C. de
Tratamento por estimulação precoce: como profilaxia.	CRUZ, Cândida Luisa Pinto
Por uma Educação Física com sabor.	BOATO, Elvio Marcos

<b>GTT 10 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E GRUPOS/MOVIMENTOS SOCIAIS (36 TRABALHOS)</b>	
<b>Educação Física e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra: as atividades lúdicas em busca da consciência corporal.</b>	ANDRADE, Chrystiane Vasconcelos LACKS, Solange
<b>Capoeira e criança: uma inter-relação através do jogo.</b>	FONSECA, Rodrigo
<b>GTT 11 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E EPISTEMOLOGIA (33 TRABALHOS)</b>	
<b>O movimento sensível no vivenciar da corporeidade.</b>	PIRES, Edmilson Ferreira

<b>CONBRACE 1999</b>	
<b>GTT 1 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E ESCOLA (126 TRABALHOS)</b>	
<b>A dança como conteúdo da Educação Física escolar nas séries iniciais (1ª a 4ª séries) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.</b>	SOARES, Andresa Silveira
<b>Esporte em amostra grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola.</b>	MORAES, Antônio Carlos
<b>Brincando na Faculdade de Educação Física – FEF/UFG.</b>	SOUZA, Nilva Pessoa de FIGUEIREDO, Valéria Maria C.
<b>O lúdico e o meio ambiente prazer em conhecer: uma proposta educativa numa escola ribeirinha.</b>	SANTOS, Anacleto SANTOS, Patrícia Araújo dos
<b>Educação Física escolar e ludicidade no Ensino Fundamental.</b>	BUSTAMANTE, Glênia Oliveira ISAYAMA, Hélder Ferreira
<b>Repensando os conteúdos da Educação Física nas séries iniciais no Ensino Fundamental.</b>	CUPOLILLO, Amaparo Villa LEAL, Roberto Guanabara
<b>Brincar para aprender a andar ou aprender a nadar para brincar? Relato de uma experiência na escola.</b>	BORGES, Maria Lorena Mayorka
<b>Educação Física Infantil: quando as crianças se multiplicam.</b>	PARDO, Eliane BORGES, Rodrigo GONÇALVES, Andréa SILVEIRA, Tatiana NOGUEIRA, Maria de Lourdes RODRIGUES, César Augusto ORTEGA, Roberta
<b>Jogos e brincadeiras: análise das concepções e significados presentes no imaginário social dos professores de Educação Física da pré-escola.</b>	ARANTES, Milna M. FERREIRA, Jovino O. FERREIRA, Clímene R.
<b>A professora primária e as atividades lúdico-corporais: relação conturbada ou falta de conhecimento?</b>	MATTOS, Luiz Otavio Neves
<b>A Educação Física nas séries iniciais de ensino e o desafio da legitimação pedagógica.</b>	MELO, José Pereira
<b>Brincar aprendendo, o lúdico na escola.</b>	SILVA, Ana Paula Salles da
<b>Criança, corpo e educação: fragmentos da obra de Wilhelm Reich sobre frustração e satisfação pulsional.</b>	MATHIESEN, Sara Quenzer
<b>A Educação Física presente na Educação Infantil: sua singularidade e diálogos possíveis.</b>	DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira ALTERTHUM, Camila Carvalhal
<b>Projeto pedagógico para a Educação Infantil: contribuições da Educação Física para atividades em creches.</b>	SILVA, Luzia A. de Paula
<b>O jogo e o brinquedo na Educação Física Infantil.</b>	FERNANDES, Mauro da Costa
<b>A avaliação interativa nas aulas de Educação Física: relato de experiência na Escola Henfil com a ginástica brasileira.</b>	COSTA, Ana Verônica da

Determinação dos fatores intervenientes na não-participação dos alunos da 1ª fase do 1º grau nas aulas de Educação Física em escolas públicas da rede municipal de ensino de Goiânia-GO.	GONÇALVES, Guillermo de Ávila GONZAGA, Luís Augusto Bontempi Martins
A organização dos jogos e brincadeiras no primeiro ciclo de escolarização como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física.	MAIA, Juliana
A importância do professor conhecer quem é a criança nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.	JÚNIOR, Milton Vieira do Prado BARTOLO, Daniela Maciel FILHO, Francisco Wilson Pereira RIBEIRO, Lívia Garcia GITIRANA, Luis Gustavo Dias
Inserção da Educação Física no Ensino Fundamental, a partir do conhecimento específico e de pesquisa aplicada ao cotidiano escolar.	ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza SILVA, Etienne Pereira da SGARBI, Fernanda JOSUÉ, Liene Mílcia Aparecida PARENTE, Luciana Pegoraro
Reflexão da prática pedagógica da Educação Física na pré-escola.	MENDES, Marciane Maria FREITAS, Palmira Sevignani de
A prática pedagógica da Educação Física na escola pública: relato de experiência nas séries iniciais.	DIEHL, Vera
<b>GTT 2 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS (31 TRABALHOS)</b>	
Esporte e recreação à comunidade universitária.	TEIXEIRA, Clarice Alves SILVA, Maria de Conceição DIAS, Vera Felicidade MAGRO, Jane Maria Remor
O lúdico no judô infantil: a introdução de festivais do RN pela Academia de Judô Higashi.	MONTEIRO, Márcia Álvares de Oliveira MONTEIRO, José Eudes Perez OLIVEIRA, Luiz Tarcísio Bezerra de
Agito em família.	MAMUS, Luciana Mara FÁVARO, Cleber Cristian ROCHA, Érica Patrícia Marson SANCHES, Rosiane ELIAS, Simone Reis
Práticas desportivas de lazer e o acesso desigual: o caso do bairro Mathias Velho-Canoas/RS.	HERBSTRIH, Jean Carlo Mahfuz SILVA, Thalise Luiz da PIUCO, Marcelo SANTOS, Edmilson Santos dos
<b>GTT 3 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE, COMUNICAÇÃO E MÍDIA (21 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 4 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM (68 TRABALHOS)</b>	
O ensino do voleibol na escola, integração entre a teoria e a prática: as formas jogadas.	KRUG, Arno
<u>Educação Física e infância: entre as crianças e as profissionais.</u>	SAYÃO, Déborah Thomé
Do faz-de-conta ao jogo de regras: conhecimentos necessários.	VOLPATO, Gildo SHIGUNOV, Viktor
O desenho da figura humana como instrumento de avaliação para a Educação Física escolar nas séries iniciais de ensino.	MELO, José Pereira de SOUSA, Kaio Flávio
O ensino do tênis para crianças, uma proposta alternativa.	LUDORE, Sílvia Maria Agatti
“...Eu vim lá da Vila Brás, junto com os meus irmãos...”.	FILHO, Ednaldo da Silva Pereira SANTOS, Éderson Costa dos

<u>Jogos e brincadeiras na Educação Infantil.</u>	<u>Gil, Flávia Ceccon Moreira</u> <u>VIEIRA, Maria Ângela Moreira</u> <u>FERREIRA, Maria Elisa Caputo</u>
<b>Brincando com o brinquedo que a gente faz: Riacho Doce, espaço de facilitação e construção.</b>	<b>CORDEIRO, Renata Vivi</b> <b>BAHIA, Mirleide Chaar</b> <b>RIBEIRO, Cristiane F.</b> <b>GONÇALVES, Daise S.</b> <b>NASCIMENTO, Edianni Felícia do</b> <b>SILVA, Jocileide C. da</b> <b>GONÇALVES, Karine E.</b> <b>MATTOS, Lúcio de</b>
<u>A construção do conhecimento no projeto de extensão “Vivências em capoeira”.</u>	<u>SIQUEIRA, Cristiano Tierno de</u> <u>JUNIOR, Luiz Gonçalves</u>
<b>Natação – desenvolvendo a psicomotricidade.</b>	<b>KUWANO, Vanessa Gracieli</b> <b>ARROYO, Cristiane Takaki</b>
<b>A atividade física para crianças de 0 a 6 anos e a psicologia genética de Henri Wallon: uma relação possível?</b>	<b>BRÊTAS, Angela</b>
<b>Educação Física escolar e contação de história: que história é essa? Era uma vez ...</b>	<b>PINTO, Rubia-Mar Nunes</b> <b>SILVA, Maristela Rosa da</b> <b>MEDEIROS, Patrícia Pereira de</b>
<b>Prática psicomotora educativa da ação à representação – o prazer de transformar.</b>	<b>SOUZA, Liliane Carvalho de</b>
<b>A expressão corporal e o meio ambiente: relato de uma experiência da oficina de mímica da Kidlink House de Pernambuco – Projeto Expressão.</b>	<b>SANTOS, Edílson Laurentino dos</b> <b>JÚNIOR, Lamartine Peixoto Melo</b> <b>TAFFAREL, Celi Nelza Zulke</b>
<b>Possibilidades da inteligência corporal cinestésica na educação da criança.</b>	<b>ZYLBERBERG, Tatiana Passos</b>
<u>Por uma pedagogia do prazer: ensaio sobre a Educação Física para crianças.</u>	<u>BOATO, Elvio Marcos</u>
<b>A importância da Shantala em atividades de creche.</b>	<b>SÁ, Juliene Oliveira Celestino</b> <b>SILVA, Rosângela Alves da</b> <b>DAVID, Nivaldo Antônio Nogueira</b>
<b>O brincar na natação.</b>	<b>LIMA, Andréa de Melo</b>
<u>A infância no imaginário sócio-educacional (conceitos, contextos e transformações).</u>	<u>DIAS, Jussara de Jesus</u>
<b>GTT 5 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CAMPO DE TRABALHO (83 TRABALHOS)</b>	
<b>Projeto Atividades desportivas infantis: vivências e experiências para o futuro.</b>	<b>TEIXEIRA, Roseli Terezinha Selicani</b> <b>MECHIA, João Marin</b>
<b>Didática de Educação Física: a criança em movimento, jogo, prazer e transformação.</b>	<b>GALLARDO, Jorge Sergio Pérez</b> <b>OLIVEIRA, Amauri A. B. de</b> <b>ARAVENA, César Jaime Oliva</b>
<b>Educação Física na curso normal: subsídios para uma nova atuação.</b>	<b>VEIGA, Eduardo Alexandre Dantas</b>
<b>Educação Física: atividade integrada para o desenvolvimento do pré escolar das creches de Londrina.</b>	<b>POMIN, Maria Inez P.</b> <b>MORTARI, Kátia Simone M.</b> <b>RAMON, Jusy Ferraz</b> <b>SOUZA, Maria Olívia M. de</b>
<u>Integrando licenciando e licenciado: refletindo a realidade escolarização: infância – trabalho – Educação Física.</u>	<u>GOEDERT, Rosicler Terezinha</u> <u>SILVA, Sidney José Queiroz da</u> <u>VAVRUK, Gisele Jaqueline</u> <u>FONSECA, Rodrigo</u>
<b>Reflexões sobre o esporte escolar: questões de formação e competências.</b>	<b>SHIGUNOV, Viktor</b>

<b>GTT 6 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E RECREAÇÃO/LAZER (45 TRABALHOS)</b>	
Brincadeiras populares e ludicidade: em busca da cultura da criança.	CARVALHO, Nazaré Cristina
As particularidades no trato da recreação no sentido de resgatar a vivência do mundo infantil junto as crianças que fazem tratamento de câncer.	GOMES, Luiz André dos Santos
De que brincam as crianças maxakali?	ALVES, Vânia de Fátima Noronha
Universo lúdico no hospital: perspectivas da recreação dentro do ambiente hospitalar infantil com base no processo sócio-histórico-cultural.	PIMENTEL, Rafaela Garcia
Cada macaco no seu galho.	PERES, Aline Thomazelli CAVALCANTI, Ingrid Bárbara MENEGALDI, José Luís CARNIEL, Leila MORESCHI, Misley OLIVEIRA, Rogério Massarotto
Projeto Férias 100%.	VALADARES, Florence Rodrigues GOMES, Kleber Pereira
Recreação e lazer como suporte de integração entre comunidade e Universidade Estadual de Londrina.	BARLETTA, Eurídia PEIXOTO, Elza
Jogando com as bolinhas de gude: uma possível visita do sagrado e do profano.	FONSECA, Ingrid Ferreira
Brincando e aprendendo: a ludicidade no processo de escolarização.	FERREIA, Simone Rechia FURTADO, Rafael
Recriando com jornal – uma proposta de “brinquedo”.	MELO, Cristiane Ker de
O clown visitador: revelação da veia cômica de crianças hospitalizadas.	WUO, Ana Elvira IWANOWICZ, J. Barbara
Vivenciando trilhas ecológicas.	CHAGAS, Kadydja Karla Nascimento DANTAS, Eduardo Ribeiro ARAÚJO, Josean Pierre Cardoso de CAVALCANTI, Kátia Brandão
Brinquedoteca no hospital.	MENEZES, José Américo S.
Nadar: possibilidades de linguagens entre homem/mulher e o meio líquido.	BARROS, Adriana Ribeiro SILVA, George Anderson Gomes da CAVALCANTI, Leonardo Luizines de França FRANÇA, Tereza Luiza de
<b>GTT 7 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E SAÚDE (55 TRABALHOS)</b>	
A flexibilidade em idade escolar: verificação do grau de flexibilidade de escolares de 7, 10 e 13 anos de idade da Escola Estadual Ipiranga da cidade de Maringá-PR.	SHIROMOTO, Cristiane Eri
Lesões no Ballet clássico.	GUIMARÃES, Adriana C. de Azevedo ZIMERMANN, Ana Cristina FARIAS, Sidney Ferreira
<i>Índice de Massa Corporal e a razão cintura/quadril de praticantes de atividade aeróbica moderada.</i>	AMER, N. M. MORAES, S. M. F. de SANCHES, D.
Pessoas com deficiências respiratórias à luz da natação profilática.	LIMA, Cezar Aparecido Correa de TEIXEIRA, Clarice Alves
<b>GTT 8 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E RENDIMENTO DE ALTO NÍVEL (30 TRABALHOS)</b>	
Desporto para crianças e jovens: um estudo sobre a idade de iniciação desportiva.	CAVALCANTI, Patrícia Sarmiento Cunha SILVA, Francisco Martins da

Descoberta de talentos desportivos: uma avaliação da aptidão física relacionada as habilidades atléticas de jovens de 7 a 14 anos de Rio Branco/AC.	QUEIROZ, Lucicleia Barreto ASSIS, João Petrolitano G. de ARAÚJO, Shirley Torres de
<b>GTT 9 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS (45 TRABALHOS)</b>	
Avaliação do conhecimento corporal de crianças portadoras de síndrome de down através do desenho da figura humana.	RODRIGUES, Ana Raquel de Almeida ROCHA, V. M.
A atuação da Educação Física no contexto do Centro de Referência de Educação Especial do estado de Sergipe.	CRUZ, Cândida Luísa Pinto ANDRADE, Chrystiane Vasconcelos MELO, Eliana Santos Lima SOUZA, José Wagner Silva
Intervenção pedagógica numa criança portadora de deficiência mental associada a deficiência embasada na teoria das emoções de Henri Wallon.	BOATO, Elvio Marcos
A dança e a criança down.	BORELLI, Solange ALMEIDA, Vivian de
Síndrome de down: possibilidades de trabalho no âmbito da motricidade.	MENDES, Marcelo Marcio PEREIRA, Vanildo Rodrigues
Avaliação do conhecimento corporal de crianças portadoras de deficiência mental leve.	SOUZA, Shirley de Cássia Palmeira de MELO, José Pereira de
Comunicação: um jogo de movimentos entre a Educação Física e a criança surda.	PALMA, Luciana Erina CARVALHO, Sergio
Downdança uma expressão de alegria e movimento. Projeto carinho – ESEF/UFPEL.	SPOTORNO, S. MARQUES, A. C. DA SILVA, F. C. M.
Atividades aquáticas para crianças com síndrome de down – Projeto carinho – ESEF/UFPEL.	MARQUES, A. C. ALFONSO, M. R. DA SILVA, F. C. M. MENDONÇA, L.
Centro de referência de educação especial do estado de Sergipe: implantação e ações.	CRUZ, Cândida Luísa Pinto ARAÚJO, Maria das Graças ANDRADE, Chrystiane Vasconcelos MELO, Eliana Santos Lima SOUZA, José Wagner Silva
<b>GTT 10 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E GRUPOS/MOVIMENTOS SOCIAIS (46 TRABALHOS)</b>	
<u>O mito da erradicação do trabalho infantil via escola.</u>	JÚNIOR, Cláudio de Lira Santos
Lazer e educação: intervenção e conhecimento com meninas e meninos de rua na cidade de Goiânia.	MASCARENHAS, Fernando LOBO, Pitias Alves OLIVEIRA, Renato Mendes de
A cultura corporal indígena: um desafio para a formação do professor índio.	GRNADO, Beleni Saléte
A Educação Física e a questão da criança e adolescente em situação de risco no Brasil.	ANDRADE, Marcelo Pereira
Corporeidade e lazer: perspectivas de integração social intergerações com alunos do primeiro grau menor e idosos institucionalizados.	MONTEIRO, Márcia Álvares de Oliveira TINOCO, Elizabeth Jatobá Bezerra
Projeto Criança cidadã/1998: um relato de experiência.	CECCO, Luciana Homrich de PICH, Santiago BAECKER, Ingrid Marianne
Educação Infantil e movimentos sociais: uma intervenção da Educação Física.	GARANHANI, Marynelma Camargo INGLAT, Mariluz JANATA, Natacha Eugênia SILVA, Marlos Soares da MIGLIANTE, Luciana GOYAZ, Marília de

Programas de atividades recreativas nos núcleos educacionais e comunitário (NUEC'S) na cidade de Goiânia.	SOUZA, Nilva Pessoa de FIGUEIREDO, Valéria Maria C.
Integração social através da dança: estudo de um projeto pedagógico.	CORREIA, Adriana Martins ASSIS, Monique Ribeiro de FERREIRA, Nilda Teves
Projeto Amizade: quem abraça amigo é.	PARDO, Eliane FIGUEIREDO, Marcio MELLO, T. CUNHA, A. MESEB, H. PINTO, R. GASPERIN, P. CENTENO, M. MAURICIO, R. ANDERSON, R. FURTADO, L. RASERA, W. VEINZKE, F. PEREIRA, A. NIEDERMEYER, R. DE DAVID, S.
Programa de desenvolvimento do esporte (Projeto Esporte)/UFRN.	AMORIM, João Batista
A aprendizagem social em experiências orientadas no coletivo.	LAMB, Marcelo Eder CECCO, Luciana Homrich de
Meninas e meninos de rua: Agente ta no CONBRACE.	MASCARENHAS, Fernando FILHO, Ari Lazzaroti OLIVEIRA, Renato Mendes de
Posso brincar? Mas é jogo de menino ou de menina?	VOLPATO, Gildo SHIGUNOV, Viktor
<b>GTT 11 – EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE E EPISTEMOLOGIA (28 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 12- -EDUCAÇÃO FÍSICA/ ESPORTE, MEMÓRIA, CULTURA E CORPO (60 TRABALHOS)</b>	
Enraizamento da “gymnastica” na primeira cultura escolar de Minas Gerais – 1906/1920.	VAGO, Tarcísio Mauro
Corpo e cultura: um olhar a partir das crianças e dos adolescentes em situação de rua.	JAEGER, Angelita Alice
Jogos populares na perspectiva de construção da memória cultural e social. Estudo comparativo dos jogos praticados por crianças nas décadas de 60 e 90 na cidade de Jequié-BA.	PINHEIRO, Robério Chaves
Jogos e significações: notas sobre um caminhar no sertão de Alagoas.	TERRA, Vinícius Demarchi Silva
O corpo como possibilidade de linguagem.	PINHEIRO, Maria do Carmo Morales
Pernambuco, fonte de cultura nordestina: nossos jogos – danças e brincadeiras.	FRANÇA, Tereza BASTOS, Daniela

<b>CONBRACE 2001</b>	
<b>GTT 1 – ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE (64 TRABALHOS)</b>	
Sociedade, infância e esporte.	<u>WEIDUSCHADT, Patrícia /UFPEL</u>
Identificação do nível de qualidade de vida para crianças de 06 a 11 anos praticantes de ginástica rítmica desportiva em Londrina.	<u>PEREIRA, Lígia Andréa</u> <u>LOURENÇO, Márcia R. A.</u> <u>GAIO, Roberta /UNIMEP</u>

Devemos usar o método de bioimpedância na avaliação da composição corporal de meninas brasileiras?	MARQUES, Martim Bottaro /UCB PAIVA, Cláudio Roberto Escovar /UFRGS
Composição corporal e sua relação com a estimativa de demanda e consumo energético em escolares de 11 a 14 anos de ambos os sexos: resultados do projeto piloto.	GONÇALVES, Hécio R. GORLA, José Irineu ARRUDA, Miguel de MONTEIRO, Alexandre B. GRACEZ, Daniel /UNIPAR
Aspectos motivacionais que influenciam na escolha da modalidade esportiva por crianças.	OLIVOTO, Robson Ruiz OLIVEIRA, Alessandro Araújo /CESUFOZ-PR
Um estudo sobre a especificidade da etapa de adaptação ao meio líquido dirigida a adultos.	CARDOSO, Rogério MESQUITA, Fernanda /UFRJ
As representações de saúde veiculadas a partir da produção cultural de um programa de esporte/educação/saúde para crianças e adolescentes.	MOLINA, Rosane Kreuzburg SILVA, Lisandra Oliveira SILVEIRA, Fabiano Vaz /UNISINOS
<b>GTT 2 – COMUNICAÇÃO E MÍDIA (20 TRABALHOS)</b>	
<i>Imagens do corpo impostas à infância nas pedagogias culturais em circulação.</i>	SCHWENGBER, Maria Simone Vione /URNRGS
Mundo da (in)formação sobre a cultura corporal: desafios e caminhos para superar o modelo do mito.	ZYLBERBERG, Tatiana Passos /EFEI/MG NISTA-PICCOLO, Vilma Leni /UNICAMP
<b>GTT 3 – EPISTEMOLOGIA (36 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 4 – ESCOLA (69 TRABALHOS)</b>	
Orientação sexual nos PCNs.	ALTMANN, Helena /PUC
Educação Física na Educação Infantil: uma questão para o debate.	OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de /UNICAMP
<i>Brincar é preciso: reflexões sobre a brincadeira na escola.</i>	PETERSON, Susana /RMEPOA
Sistematização do ensino do futsal para crianças de 9 a 12 anos de idade: análise parcial de dados.	MARQUES, Renato Francisco Rodrigues
Os saberes trabalhados na Educação Física e as concepções que fundamentam a escolha destes: um estudo exploratório na Educação Infantil.	PIRES, Michele Silva /UFMS
Possibilidades do ensino do esporte na Educação Infantil.	PESSOA, Nilva SANTOS, Rosirene Campelo dos
Efeitos da análise específica e geral da tarefa motora na execução de padrões fundamentais do movimento em crianças escolares: análise preliminar.	OLIVEIRA, Jorge Alberto de PALERMO, Cássia regina FRANKINI, Emerson PINTO, Elisangela Souza SILVA, Jane Aparecida de Oliveira /UNIPA
Composição coreográfica em ginástica geral.	UGAYA, Andresa TRUZZI, Luciano /UNICAMP
As manifestações da corporiedade vivida criativamente no brincar das crianças.	BARROS, João Luiz da Costa MOREIRA, Wagner Wey /UNIMEP
Brincando com a UEPA – uma intervenção lúdica na escola.	PERES, Lana Virginia Carneiro /UEPA
Análise da ausência da disciplina de Educação Física em cursos de Pedagogia: implicações para a prática profissional do professor PI.	LIMA, Josiene Pinheiro de /UNESP
A construção de uma proposta pedagógica para a Educação Física na Educação Infantil: nossa experiência de intervenção e formação.	SOARES, Amanda Fonseca MATOS, Amanda Tadeu A. SOUZA, Cristiano Brandão F. de MOREIRA, Rosilene Batista /UFMG

<b>GTT 5 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CAMPO DE TRABALHO (49 TRABALHOS)</b>	
<i>A Prática de Ensino e a infância na formação de professores/as de Educação Física.</i>	VAZ, Alexandre Fernandez SAYÃO, Deborah Thomé PINTO, Fábio Machado /UFSC
<i>Formando professoras brincantes: um diálogo com suas memórias da infância.</i>	WÜRDIG, Rogério Costa FERRAZ, Adriane Santos DUARTE, Alisson Jorge BOURSCCHILD, Guilherme Mateus SILVEIRA, Raquel Moreira PETERSON, Susana /UFPEL
<b>A Educação Física Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis – SC.</b>	<b>FERREIRA, Adélir Pazetto ABREU, Christiani Maria Domingos de /DEI/SME Florianópolis</b>
<b>GTT 6 – MEMÓRIA, CULTURA E CORPO (57 TRABALHOS)</b>	
<u>Relações de gênero e infância: a Prática de Ensino em Educação Física numa abordagem investigativa.</u>	SCHMITZ, Roselei SAYÃO, Deborah Thomé /UFSC
<b>GTT 7 – MOVIMENTOS SOCIAIS (52 TRABALHOS)</b>	
<b>Recolhendo cacós na escola: reflexões sobre a educação a partir do olhar de crianças que vivem em lixões.</b>	ALTERTHUM, Camila Carvalho /UFMG
<b>Projeto: “Educação Física: práticas pedagógicas em movimento – uma experiência com o MST”.</b>	LORDELO, Petry Rocha /UFBA
<b>A inclusão escolar da criança em conflito com a lei e do adolescente infrator: movimentos sociais nacionais e internacionais (anos 70 e 80).</b>	CRUZ, Cristina Pedrosa GONÇALVES NETO, Wenceslau /UFU
<u>A educação da infância entre os trabalhadores rurais sem terra do acampamento Dom Hélder Câmara: um estudo de caso.</u>	SILVA, Luzia A. de Paula BARBOSA, Ivone Garcia /UFG
<b>Relato de uma experiência com Educação Física não-formal nos assentamentos rurais de Sumaré – SP.</b>	SANTOS, Gilbert de Oliveira /UNICAMP
<b>Projeto Paraíso.</b>	Acadêmicos do curso de licenciatura em educação Física da UEPG
<b>Estudo da consciência histórica e identidade cultural dos jovens da comunidade do calabar – Salvador/BA: uma experiência de interação universidade/comunidade.</b>	CHAMONE, Samir da Silva CARVALHO, Marize de Souza SÁ, Kátia Oliver de /UFBA
<b>GTT 8 – PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (29 TRABALHOS)</b>	
<b>Prática psicopedagógica em crianças com necessidades educativas especiais: abordagem psicomotora.</b>	CHICON, José Francisco
<b>Inclusão ou exclusão? Um estudo de caso de uma menina surda em uma turma regular de Educação Física.</b>	GONÇALVES, Gisele Carreirão VAZ, Alexandre Fernandez FERNANDES, Luciano Lazzaris /UFSC
<b>Aprendizagem de natação para portadores de síndrome de down: uma proposta de inclusão.</b>	SORRILHA, Rosana TONELLO Maria Georgina Marques /UNAERP
<b>A criança portadora de deficiência visual na brinquedoteca.</b>	MUNSTER, Mey de Abreu Van ALMEIDA, José Júlio Gavião de /UNICAMP
<b>A inserção do profissional de Educação Física no processo de reabilitação do paralisado cerebral.</b>	SANTOS, Carolina BENJAMIN, Leonardo Almeida PEREIRA, Eveline Torres MAFFIA, Roseny Maria /UFV
<b>A competência interpessoal: uma matriz interpretativa para o estudo da comunicação entre a criança ouvinte e a surda na perspectiva da atividade motora.</b>	RAMALHO, Maria Helena da Silva ZANADREA, Mirian de Fátima /ULBRA
<b>Um estudo do tipo etnográfico: a recreação e o lazer em Laranjal do Jarí – AM.</b>	CAPUTO, Maria Elisa /UFJF

Educação Física e aprendizagem: contribuições da abordagem psicopedagógica para crianças portadoras de necessidades especiais.	LIMA, Andréa de Melo /UFRJ
O processo interativo do portador de síndrome de down nas aulas de Educação Física.	MÜLLER, Solange Azulim RAMALHO, Maria Helena da Silva /ULBRA
Aprendizagem do basquetebol sobre rodas: relato de experiência.	SILVA, Claudinei Pereira da SILVA, Marcelo da
<b>GTT 9 – POLÍTICAS PÚBLICAS (21 TRABALHOS)</b>	
Políticas públicas de esporte: a relação estabelecida entre a construção e apropriação de conhecimento e a construção e apropriação da prática social.	SOUZA, Maristela da Silva
Investigando uma proposta municipal do setor esportivo de atendimento às crianças e aos adolescentes da camada social empobrecida.	MALHEIROS, Maria Cristina de Meneses
<b>GTT 10 – PÓS-GRADUAÇÃO (04 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 11 – RECREAÇÃO/LAZER (55 TRABALHOS)</b>	
Vivenciando jogos e brinquedos populares: um estudo de caso.	LUCENA, Sávila Maria da Paz Oliveira
O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar. Onde está o lazer? O gato comeu!!!???	SILVA, Maurício Roberto da /UFSC
Jogos tradicionais infantis: o estudo do jogo da bola de gude.	FONSECA, Ingrid Ferreira /USO/RJ
Jogo, historicidade e cultura: um ensaio.	JOÃO, Fabiano Augusto TAVEIRA, Luciano Romancini /Mackenzie
Entre a casa e a rua, a escola circo: representações sobre trabalho e lazer.	MATOS, Lucília da Silva /UFPA
Brincando de boneca: um olhar sobre o lúdico e o mundo da boneca.	COELHO, Eliete Maria Cardozo /UGF
Trilhas ecológicas: encontro e encanto do ser com a natureza.	CHAGAS, Kadydja Karla N. VERDE, Hanier Gustavo Villa /UFRN
PAR – Programa de Atividades Recreativas nos NUC's: um projeto de ensino, extensão e pesquisa.	GAYAZ, Marília de /UFG
O lúdico e a água: uma proposta de inclusão do elemento lúdico nas aulas de natação.	FREIRE, Marília ANDRIES JÚNIOR, Orival /UNICAMP
Jogos populares de Camaragibe: a realização de um projeto coletivo.	ARAÚJO, Alexandre Viana SANTOS, Ana Lúcia Félix dos /UFPE
Brincalhão: uma brinquedoteca itinerante do sonho a concretude e reflexão lúdica.	FEIX, Eneida /UFRGS
A criança e a vivência lúdica: relatando experiências da Educação Física em um ambiente hospitalar.	Coletivo CELAR/DEF/UFMG
<b>GTT 12 – RENDIMENTO DE ALTO NÍVEL (36 TRABALHOS)</b>	
Planejamento a longo prazo: uma proposta para a natação.	REIS, Ricardo Gomes SILVA, Nádia Lima da /UEPA
Aspectos psicológicos na ginástica artística.	CAMPOS, Patrícia Afonso de /UNICAMP

<b>CONBRACE 2003</b>	
<b>GTT 1 – ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE (15 TRABALHOS)</b>	
Análise do crescimento e composição corporal em indivíduos de 7 a 10 anos de ambos os sexos participantes do Projeto Capoeira nas Escolas Municipais da Cidade de Cascavel-PR.	MOREIRA, Sérgio Rodrigues /FAG SILVA, Joacyr Ulanowicz /FAG PELEGRINI, Andréia /FAG GULAK, Andréia /FAG SILVA, Karina Elaine Souz /FAG RONQUE, Enio Ricardo Vaz /UNICAMP
Estudo comparativo do crescimento físico de capoeiristas de 7 a 10 anos de ambos os sexos da rede pública de ensino do município de Cascavel-PR.	SILVA, Joacyr Ulanowicz /FAG MOREIRA, Sérgio Rodrigues /FAG PELEGRINI, Andréia /FAG MACHADO, Setembrino /FAG CRISBACH, Maria Cristina /FAG SILVA, Karina Elaine Souz /FAG RONQUE, Enio Ricardo Vaz /UNICAMP
A atividade física participando da construção de comunidades saudáveis: a interação no Centro Vedruna, Campinas, SP.	MARRANO, Maristela N. de Oliveira SANTANA, Fabiana Aparecida M. GONÇALVES, Aguinaldo /UNICAMP
A relação entre as horas assistidas de TV e o IMC em escolares do sexo masculino e feminino, de 7 e 8 anos, da rede pública e particular de ensino de Curitiba-PR.	MASCARENHAS, Luis P. G. MACHADO, Hinaiana dos S. CAMPOS, Wagner de BRUM, Vilma P. C. NUNES, Gabriel F. ALMEIDA, Emílio S. de TRIPOLI, Candice A. de /UFPR
<b>GTT 2 – COMUNICAÇÃO E MÍDIA (29 TRABALHOS)</b>	
Dança em projetos sociais: análise da construção de sentidos no discurso jornalístico.	CORREIA, Adriana ASSIS, Monique /UGF
<b>GTT 3 – EPISTEMOLOGIA (24 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 4 – ESCOLA (29 TRABALHOS)</b>	
Concepção de infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações.	OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de /UNICAMP
<b>GTT 5 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CAMPO DE TRABALHO (38 TRABALHOS)</b>	
Formação e prática pedagógica: a capoeira em uma instituição social.	PENHA, Vinicius /UFES
O percurso histórico e os novos desafios de um projeto de ginástica rítmica.	RINALDI, Ieda Parra Barbosa SANTOS, Vânia C. dos GERALDO, Pierina P. MENOCCI, Elaine C. CRUZ, Patrícia V. de SERON, Taiza D. SILVA, Ezequiel M. da GOMES, Débora /UEM
<b>GTT 6 – MEMÓRIA, CULTURA E CORPO (57 TRABALHOS)</b>	
<i>Ginástica historiada por Guiomar Meirelles Becker.</i>	OLIVEIRA, Marília Cruz /UFMG
<b>GTT 7 – MOVIMENTOS SOCIAIS (23 TRABALHOS)</b>	
Atividades físicas e esportivas para crianças e adolescentes carentes: contribuições para o desenvolvimento social.	DELAI, Dario /FDB ANTUNES, Alfredo César /FAG
Reflexões sobre a prática educativa com meninos e meninas em situação de “risco social”.	SILVA, Rogério Goulart da /Universidade de Barcelona COSTA, Maria Regina Ferreira da /UFPR

Projeto Criança de Canudos.	FERNANDES, Luiz Fernando Framil SANFELICE, Gustavo Roesse CAUDURO, Maria Teresa MENEZES, Francisco Carlos Lemes de
<u>Projeto Ciranda da Criança: inclusão social pela cultura corporal e artística.</u>	<u>ARAUJO, Silvana Martins de /UFMA</u> <u>CARVALHO, Diana Maria Arruda /GDH</u> <u>SILVA, Marileide M. dos S. /UFMA</u> <u>LEDA, Denise Bessa /UFMA</u>
<b>Análise e interpretação dos significados da ginástica geral na proposta do Grupo Ginástico UNICAMP em instituição sócio-educativa.</b>	CHAPARIM, Fernanda Célia Alcântara Silva PAOLIELLO, Elizabeth /UNICAMP
<b>Movimentos sociais, Educação Física e formação profissional: uma experiência do Programa Licenciador da UFPR.</b>	AVILA, Astrid Baecker /UFPR MÜLLER, Herrmann Vinicius de Oliveira /UFMS BOSCHILIA, Bruno /UFPR BAHNIUK, Caroline /UFPR FELIPE, Cassandra Bettega /UFPR SANTOS, Fabiano Antonio dos GONÇALVES, Felipe Sobczynski /UFPR SILVA, Juliana Goeldner /UFPR KUBIÇA, Izabel Sofia /UFPR PYKOSZ, Lausane Corrêa /UFPR ALVES, Melina /UFPR CAMARGO, Michaela /UFPR
<u>O significado da educação da infância no acampamento Oziel – MST/GO.</u>	<u>SILVA, Luzia Antônia de Paula /UFG</u>
<b>GTT 8 – PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (23 TRABALHOS)</b>	
<b>A contribuição da dança na qualidade de vida de crianças e adolescentes com síndrome de down.</b>	ADAMOLI, Angélica Nickel MOURA, Janaina Beauvalet de MARQUES, Alexandre Carriconde /Projeto Carinho/UFPEL
<b>Jogos, brincadeiras e brinquedos populares: a mediação pedagógica do educador na perspectiva da inclusão.</b>	CHICON, José Francisco /UFES
<b>A Educação Física escolar numa perspectiva inclusiva: um estudo de caso.</b>	FERREIRA, Maria Elisa Caputo /UFJF
<b>O jogo no contexto da Educação Física como estratégia de intervenção pedagógica para o deficiente mental.</b>	OLIVEIRA, Valéria Manna /UNICAMP
<b>Ginástica geral: uma proposta de lazer para crianças portadoras de deficiência mental.</b>	BUARQUE, Maria Augusta /UFRJ
<u>Comparando o desenvolvimento cognitivo, motor e social de duas adultas cegas.</u>	<u>SILVA, Ernesto Pereira da /UFG</u> <u>FARIAS, Gérson Carneiro de /UERJ</u>
<b>Aspectos procedimentais no processo de inclusão em atividades motoras: algumas correlações necessárias.</b>	RODRIGUES, Graciele Massoli /UPM
<b>Dança-educação: uma possibilidade de inclusão.</b>	RODRIGUES, Cristiani SILVÉRIO, Katiúscia Rodrigues
<b>Ginástica rítmica para crianças portadoras de necessidades especiais: um estudo preliminar.</b>	DALQUANO, Ane Beatriz FERNANDES, Carlos Alexandre Molena MARTINELLI, Telma Adriana P. /UEM
<b>GTT 9 – POLÍTICAS PÚBLICAS (18 TRABALHOS)</b>	
<b>O Programa Cates e a violência esportiva.</b>	MEZZADRI, Fernando Marinho /UFPR WALTER, Márcia /Pref. Mun. Curitiba
<b>GTT 10 – PÓS-GRADUAÇÃO (3 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	

<b>GTT 11 – RECREAÇÃO/LAZER (42 TRABALHOS)</b>	
<b>Recreação hospitalar: da passividade à atividade.</b>	HAX, Gabriela Padilha DUCA, Giovani Firpo Del KREMER, Marina Marques VIEIRA, Roberta Brussa /UFPel
<b>Brincando como antigamente: uma possibilidade de integração com a comunidade.</b>	OLIVEIRA, Andréa Flávia Santos de RODRIGUES, Arizângela da Silva CHAVES, Márcia ALBUQUERQUE, Joelma de Oliveira AMORIM, Maria Guadalupe Soares de GAMBOA, Silvio Sánchez SILVA, Tereza Izabel Pereira de Melo PIRES, Thaís Simões Nobre /UFAL
<b>Colorindo o céu: a pipa como instrumento de produção cultural da criança.</b>	ROMANSINI, Leandro Augusto MELO, Cristiane Ker de /UFSC
<b>Jogos e brincadeiras populares infantis: análise das redes de comunicação motrizes.</b>	COSTA, V. M. L. COSTA, M. R. M. SANTOS, F. N. L. SOUSA, F. R. /UGF
<b>Lazer, práticas lúdicas e psicologia: tríade interdisciplinar de pesquisa: as influências sobre atitudes em crianças.</b>	CORREIA, Silvana Cristina França CORREIA, Sandra Cristhianne França FRANÇA, Tereza /UFPE
<b>GTT 12 – RENDIMENTO DE ALTO NÍVEL (14 TRABALHOS)</b>	
<b>Análise da potência anaeróbica de crianças pré púberes do sexo masculino em um exercício supramáximo de 30s realizado em cicloergômetro.</b>	SILVA, Karina Elaine de Souza /FAG SANTOS, Suziane Peixoto dos /UFMG ÁVILA, Aline /UFMG LENTZ, Liliane /UFMG PRADO, Luciano Sales /UFMG
<b>Influência da técnica de relaxamento de jacobson na velocidade de metabolização do lactato sanguíneo e no desempenho de atletas petiz de natação.</b>	SILVA, Nádia Souza Lima da /UEP RIBEIRO, Luiz Carlos Scipião /UGF

<b>CONBRACE 2005</b>	
<b>GTT 1 – ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE (37 TRABALHOS)</b>	
<b>Crescimento estatural na ginástica artística no âmbito escolar: um estudo de caso.</b>	FILHO, R. A. F. /USP MASSA, M. /USP
<b>Iniciação esportiva e especialização: opiniões e fatos.</b>	TSUKAMOTO, M. H. C. NUNOMURA, M. FILHO, R. A. F. /USP
<b>A relação entre aptidão física e a prática de atividades físicas extracurriculares.</b>	TADEU, Tiago Palma VARGAS, André da Silva SPERLING, Christian Borges KREMER, Marina Marques AZEVEDO JÚNIOR, Mário Renato de /UFPel
<b>Avaliação da aptidão física de crianças e jovens escolares da cidade de Pelotas-RS.</b>	XIMENDES, Taís Romeo DEL DUCA, Giovani Firpo SILVA, Flávia Maria Betemps Vaz da ULGUIM, Fernanda Oliveira MELLO, Cláudia Andréia Fuentes Mello AZEVEDO JÚNIOR, Maria Renato /UFPel
<b>Influência da potência de membros inferiores nas habilidades acrobáticas de crianças destreinadas.</b>	ÁLVARES, Flávia Mendonça OLIVA, João Carlos OLIVA, Rubiane Severo SANTOS, LÍlian Borges dos GALVÃO, Simone Lunelli /PUC/RS

<b>GTT 2 – COMUNICAÇÃO E MÍDIA (35 TRABALHOS)</b>	
<b>A violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças.</b>	MUNARIM, Iracema /UFSC
<b>Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa.</b>	COSTA, Alan Queiroz da Betti, Mauro /UNESP
<b>Estudo das possíveis relações entre comportamentos agressivos/violentos de escolares e a programação da televisão.</b>	GIASSI, Rita de Cássia ERBS, Clarete /UFSC
<u>Televisão, representações sociais e cultura de movimento: tecendo reflexões de uma trama no contexto da infância.</u>	<u>LISBÔA, Mariana Mendonça /UFSC</u>
<b>GTT 3 – CORPO E CULTURA (48 TRABALHOS)</b>	
<b>As questões de gênero como influenciadoras na decisão dos responsáveis por crianças de 4 a 6 anos, com distúrbios articulatórios, na conduta motora oral, que buscam auxílio da fonoaudiologia.</b>	FEITOSA, Julia Gonçalves ROMERO, Eliane /UCB
<i>Educação Física Infantil, corpo e gênero: analisando relações e interferências.</i>	CARBINATTO, Michele ZUZZI, Renata Pascoti /UNIMEP
<b>Futebol à tardinha: notas sobre educabilidade.</b>	FIGUEIREDO, Michele Braun /FAE GUIDOTTI, Flávia Garcia /UNISINOS PROENÇA, Luciano Silveira /UFPEL MARTINS, Roger Tavares /UFPEL
<b>O jogo em espaço aberto praticado por crianças de comunidades empobrecidas do litoral catarinense.</b>	FEIJÓ, Atagy T. M. SCOPEL, Evânea J. GODA, Ciro FREIRE, João Batista /UDESC
<b>GTT 4 – EPISTEMOLOGIA (36 TRABALHOS)</b>	
<u>Comunicação, linguagem e expressão corporal na Educação Física Infantil: uma consideração epistemológica.</u>	<u>SILVA, Eliane Gomes de /UFSC SANT'AGOSTINHO, Lúcia H. F. /USP</u>
<b>Função mediadora da ação corporal na brincadeira simbólica: a significação do movimento.</b>	RANGEL, Denise Inazacki /FEEVALE
<b>GTT 5 – ESCOLA (56 TRABALHOS)</b>	
<b>A educação do corpo em ambientes educacionais.</b>	FILHO, Ari Lazzarotti /UFG BANDEIRA, Liliam Brandão /UFG JORGE, Antonio Chadud /UFG
<i>Educação Física e infância nas salas de pré-escola.</i>	MORAIS, Denis Souza de /UFG
<i>Infâncias, alteridades e culturas corporais.</i>	SILVA, Cecília da /UFSC
<u>Os saberes de educadoras da pequena infância sobre o movimento do corpo infantil.</u>	<u>GARANHANO, Marynelma Camargo /UFPR</u>
<b>GTT 6 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CAMPO DE TRABALHO (48 TRABALHOS)</b>	
<b>Atletismo: uma possibilidade de desenvolver competências.</b>	DEON, Vivian da Rosa MÜRMAN, Cínara Valency Enéas GRASEL, Letânia Martiele HAAB, Guinther Antonio /URI
<i>Infância e a educação do corpo: os parques infantis de Mário de Andrade.</i>	DANAIOLOF, Kátia SOARES, Carmen Lucia /UNICAMP
<b>GTT 7 – MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE (31 TRABALHOS)</b>	
<u>A educabilidade da infância: prescrições para a Educação Física elementar no VII Congresso brasileiro de educação (1935).</u>	<u>LINHALES, Meily Assbú /UFMG</u>
<b>GTT 8 – MOVIMENTOS SOCIAIS (27 TRABALHOS)</b>	
<b>O lúdico e o revolucionário no movimento dos trabalhadores rurais sem terra – a prática pedagógica no encontro dos sem terra.</b>	FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida /UFPE
<u>A Educação Física e a pedagogia do movimento: uma aproximação a partir da cultura corporal.</u>	<u>SANTOS, Fabiano Antonio dos MARQUES, Hellen Jaqueline /UFPR</u>

O processo de educação da luta pela terra do MST – alguns apontamentos para uma escola em movimento.	CAPELA, Paulo Ricardo do Canto /UFSC FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino /UFPeI
<i>Reflexões sobre lúdico, trabalho, gênero e classe na formação da identidade de jovens-meninas do MNMMR.</i>	PERIM, Marcelo Fagundes SILVA, Maurício Roberto da /UFSC
<b>GTT 9 – PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (29 TRABALHOS)</b>	
A Educação Física e suas contribuições em um programa de orientação e mobilidade para crianças deficientes visuais.	OLIVEIRA, Ana Carolina Gonçalves de SOUZA, Cíntia Moura de DUARTE, Edson /UNICAMP
Influência de um programa de intervenção motora inclusiva no desenvolvimento social de crianças portadoras e não portadoras de necessidades educacionais especiais.	PICK, Rosiane Karine VALENTINI, Nadia Cristina /UFRGS
Síndrome do miado de gato na psicomotricidade relacional.	FALKENBACH, Atos Prinz DREXSLER, Greice WERLW, Verônica /UNIVATES
<b>GTT 10 – POLÍTICAS PÚBLICAS (14 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 11 – PÓS-GRADUAÇÃO (6 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 12 – RECREAÇÃO/LAZER (33 TRABALHOS)</b>	
A escola e os espaços lúdicos.	BALERSKI, Andrei eduardo PIKUSSA, Rosane Fátima SANTOS, Talita Marques SEBBEN, Thiago Felipe RECHIA, Simone /UFPR
Exploração do trabalho infantil, Foz do iguaçu – Paraná: em busca dos sinais do lúdico.	SCHWARZ, Liamara /UFSC
O LABRINCA do ponto de vista dos alunos das séries iniciais do Colégio de Aplicação da UFSC.	GONÇALVES, Marise Matos /SME PETERS, Leila Lira /UFSC ANDRADE, Marcela de /UFSC
Projeto Gente: em busca dos impactos na vida das crianças e adolescentes participantes.	PEREIRA, Rafael Fernandes SILVA, Silvio Ricardo da /UFV
<b>GTT 13 – RENDIMENTO DE ALTO NÍVEL (21 TRABALHOS)</b>	
Estudo da densidade mineral óssea e composição corporal em crianças atletas de ginástica olímpica.	ÁLVARES, Flávia Mendonça OLIVA, João Carlos OLIVA, Rubiane Severo SANTOS, Lílian Borges dos GALVÃO, Simone Lunelli /PUC/RS

<b>CONBRACE 2007</b>	
<b>GTT 1 – ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE (30 TRABALHOS)</b>	
Saúde e ludicidade: um olhar diferenciado para a forma de cuidar.	LADVOCAL, Márcia Barçante /UGF
<b>GTT 2 – COMUNICAÇÃO E MÍDIA (38 TRABALHOS)</b>	
Televisão e brincadeira: as mediações e o imaginário na cultura de movimento das crianças.	MUNARIM, Iracema /UFSC
Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças.	LISBÔA, Mariana Mendonça /UFSc
A mídia e a criança: a permanência dos jogos tradicionais.	CUNHA, Camila Tenório
Discurso televisivo e possibilidades pedagógicas na Educação Física Infantil.	COSTA, Martha Benevides /UFBA

<b>GTT 3 – CORPO E CULTURA (47 TRABALHOS)</b>	
<i>Educar e cuidar do corpo: dispositivos biopolíticos de higienização em uma instituição de atendimento à pequena infância.</i>	RICHTER, Ana Cristina VAZ, Alexandre Fernandez /UFSC
<i>O corpo e a estética do alimento por uma educação sensível.</i>	LIMA, Analwik Tatielle Pereira de PEREIRA, Wani Fernandes /UFRN
<b>GTT 4 – EPISTEMOLOGIA (31 TRABALHOS)</b>	
<b>A semiótica peirciana e o se-movimentar infantil: semioses.</b>	SILVA, Eliane Gomes da /ISEOL SANT'AGOSTINO, Lucia Helena Ferraz /ITE/Bauru
<b>Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!</b>	NÓBREGA, Terezinha Petrucia de /UFRN
<b>Promoção da saúde e Educação Física escolar: a produção de conhecimento através do discurso ideológico.</b>	SILVA, Marcos Antonio Carneiro da /UFRJ
<b>GTT 5 – ESCOLA (40 TRABALHOS)</b>	
<b>Saberes mobilizados pelos professores de Educação Física na prática pedagógica com crianças de zero a três anos.</b>	FREITAS, Luana Luzia L. de ANDRADE FILHO, Nelson F. de /UFES
<b>Saúde renovada, promoção da saúde e Educação Física escolar: a produção de conhecimento através do discurso ideológico da parte pelo todo.</b>	SILVA, Marcos Antonio Carneiro da /UFRJ
<u>Uma investigação sobre a educação do corpo na rotina de uma creche: notas sobre a Educação Física e seu lugar.</u>	RICHTER, Ana Cristina /UFSC
<u>Por uma Educação Física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil.</u>	SOUZA, Marcílio de /UFRN
<i>A Educação Física em uma escola da infância de tempo integral: construindo um projeto político-pedagógico.</i>	COELHO, Luciano Silveira /UFMG LIMA, Cláudio Rodrigues /UNIBH
<b>GTT 6 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES/MUNDO DO TRABALHO (45 TRABALHOS)</b>	
Nenhum trabalho encontrado sobre o tema.	
<b>GTT 7 – MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO E ESPORTE (28 TRABALHOS)</b>	
<i>Tecendo o futuro: a educação do corpo infantil na São Paulo dos anos 1930.</i>	DANAIOLOF, Kátia /UNICAMP
<i>A educação da infância nas décadas de 1930 e 1940: representações na Revista Educação Physica.</i>	BERTO, Rosianny Campos SCHNEIDER, Omar FERREIRA NETO, Amarílio /UFES
<b>GTT 8 – MOVIMENTOS SOCIAIS (14 TRABALHOS)</b>	
<b>Reflexões sobre a realidade em Curitiba: necessidades de uma “Capital Social”.</b>	MARTINES, Isabel Cristina /UFPR
<b>Reflexões sobre a prática educativa com meninos e meninas em situação de risco.</b>	SILVA, Rogério Goulart da COSTA, Maria Regina Ferreira da
<u>Buscando aproximação entre os campos disciplinares da Educação Física e da Geografia: um percurso de pesquisa com crianças no contexto urbano contemporâneo.</u>	DEBORTOLI, José Alfredo MARTINS, Maria de Fátima Almeida MARTINS, Sérgio NEVES, Vanessa Ferraz Almeida PIMENTA, Jennifer Ayres BARBOSA, Raquel Souza /UFMG
<b>GTT 9 – PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (12 TRABALHOS)</b>	
<b>A escola e a Educação Física diante da inclusão.</b>	FALKENBACH, Atos Prinz WERLE, Verônica DREXSLER, Greice /UNIVATES
<b>A formação e a prática vivenciada dos professores de Educação Física diante da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum.</b>	FALKENBACH, Atos Prinz BATTISTELLI, Gisele MEDEIROS, Juliana APELLANIZ, Amanda /UNIVATES/IPA
<b>GTT 10 – POLÍTICAS PÚBLICAS (29 TRABALHOS)</b>	

<b>Projeto Segundo Tempo: configurando um modelo.</b>	<b>Coletivo GEPEC/FURG</b>
<b>Programa Escola Aberta e juventude: uma prática de esporte e lazer na escola pública.</b>	<b>SANTOS, Laurecy Dias dos /UFPE</b>
<b>GTT 11 – RECREAÇÃO/LAZER (34 TRABALHOS)</b>	
<u>Infância e lazer na cultura do consumo: um estudo sobre os shoppings centers em uma nova espacialidade urbana.</u>	<u>RESENDE, Leandra Fernandes</u> <u>DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira</u> <u>/UFMG</u>
<u>Shopping centers: institucionalização e construção social de infância no contemporâneo.</u>	<u>RESENDE, Leandra Fernandes /UFMG</u>
<b>A formação profissional dos brinquedistas: a ONG Campo em Ação.</b>	<b>RESENDE, Filipe Figueiredo de Brito</b> <b>FONSECA, Ingrid Ferreira /UGF</b>
<b>Educação para o lazer: um estudo empírico sobre a importância do lazer para a formação de crianças e jovens.</b>	<b>SANTOS, Eryka da Silva</b> <b>LUCENA, Pollyana Rocha de Oliveira</b> <b>CELY, Danielle Guerra do Nascimento</b> <b>BRASILEIRO, Maria Dilma Simões</b> <b>/UFPB</b>
<b>GTT 12 – TREINAMENTO ESPORTIVO (18 TRABALHOS)</b>	
<b>Correlação entre o índice de massa corporal e o nível de atividade física habitual em crianças de 7 a 10 anos.</b>	<b>SANTOS, Marcos André Moura dos</b> <b>PARZIANELLO, Ronise Pelisson /UGF</b>
<b>A relação dos níveis de auto-estima com a vitalidade de crianças do Centro Rexona Ades de voleibol.</b>	<b>OKAZAKI, Fábio Heitor Alves</b> <b>OKAZAKI, Victor Hugo Alves</b> <b>PETRUNKO, Vinicius Afonso</b> <b>CASTANHEIRA, Maria Auxiliadora</b> <b>Villar /Instituto Compartilhar</b>

**ANEXO A – Dissertações e teses coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Formação de Professores e Infância.**

• **Dissertações**

1. ADRIANA MARIA PEREIRA WENDHAUSEN. O processo de formação continuada dos professores e professoras de educação física que atuam na educação física que atuam na educação infantil no município de Florianópolis: 1993-2004 - 01/10/2006
2. ALVARO REGO MILLEN NETO. Alfredo Gomes de Faria Junior e a educação física brasileira nos anos 1960 a 1970: uma história que se conta - 01/02/2006
3. BEATRIZ HELENA FURLANETTO. Infância em pauta - um estudo histórico sobre as concepções de infância presentes nas canções e na formação de professores - 01/06/2006
4. CARMEN LUCIA NUNES VIEIRA. Memória esporte e formação docente em educação física - 01/04/2007
5. DAIANE TOIGO TRENTIN. Experiências de movimento e a formação inicial em educação física: implicações nas vivências do currículo - 01/03/2007
6. DIOGO RODRIGUES PUCHTA. A formação do homem forte: Educação Física e Gymnástica no ensino público primário paranaense (1882-1924) - 01/08/2007
7. GIZELA BASTOS DA MOTA ALMEIDA. História e memória: um estudo sobre violência e infância em Goiás na primeira metade do século XX - 01/08/2007
8. JOSÉ LUIS DE FREITAS. Uma Problematização do Processo da Inclusão de Alunos Asmáticos na Educação Física Escolar – Um Caso de Interlocação entre Limites e Possibilidades - 01/05/2005
9. KÁTIA REGINA BAZZANO DA SILVA ROSI. O "Stress" do Educador Infantil: Sintomas e Fontes - 01/08/2003
10. MILNA MARTINS ARANTES. Educação Física Infantil: Concepções e Práticas de Professores - 01/02/2003
11. RUBIA-MAR NUNES PINTO. Os professores e a produção do corpo educado: o contexto da prática pedagógica - 01/12/2002

• **Teses**

1. CELIA MARIA ONOFRE SILVA. Cognição-afetividade e interatividade criança-professor-computador na transição da educação infantil ao ensino fundamental. - 01/01/2006
2. FERNANDA DA COSTA GUIMARÃES CARVALHO. Práticas político-pedagógicas e a questão do direito à educação e a cidadania das crianças e adolescentes pobres no cotidiano da escola pública de Olinda - 01/02/2006

3. MARYNELMA CAMARGO GARANHANI. Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância: os saberes sobre o movimento corporal da criança - 01/04/2004

**ANEXO B – Dissertações e teses coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Formação de Professores e Criança.**

• **Dissertações**

1. ALCILENE MARIA BENVINDO FERREIRA. Ações Pedagógicas Pré-Escolas Públicas Estaduais em Jesus-Piauí - 01/08/1996
2. ALEXANDRE APOLO DA SILVEIRA MENEZES LOPES. Treinamento integrado como intervenção pedagógica no ensino do futebol. - 01/12/2006
3. ANA IRIS FERNANDES CAMELO. Educação inclusiva: uma visão sobre as necessidades dos docentes - 01/09/1999
4. ANDREIA VEDOIN CIELO. Educação ambiental, representações sociais e formação de professores(as): de volta a escola com Monteiro Lobato. - 01/09/2006
5. ÂNGELA PEREIRA TEXEIRA VICTÓRIA PALMA. O Desenvolvimento do Conhecimento Humano na Educação Infantil: O Discurso do Professor de Educação Física - 01/06/1997
6. ANGÉLICA VIANA DA HORA. Educação Física e Cultura: um estudo sobre a Arete Grega. O papel do Professor de Educação Física na Formação de Caráter dos Alunos - 01/03/2004
7. ANSELMO BARCE FURINI. Processo de inclusão: a criança com necessidade educativa especial e os envolvidos - 01/01/2006
8. ÁUREA OTTONI DE OLIVEIRA. O professor e a criança deficiente auditiva - 01/01/2003
9. BEATRIZ HELENA FURLANETTO. Infância em pauta - um estudo histórico sobre as concepções de infância presentes nas canções e na formação de professores - 01/06/2006
10. CARLOS ALBERTO PORTAS. O jogo como instrumento educativo: sua presença em duas escolas de Ensino Fundamental de São Paulo. - 01/01/2006
11. CÍNTIA APELLANIZ DUBOIS MONTEIRO. O Conhecimento do Ser Professor de Educação Infantil: a afetividade e a ludicidade no ato de educar pela pesquisa - 01/11/2003
12. CIRLEI EVANGELISTA SILVA. Formação continuada de educadoras infantis: uma proposta de intervenção. - 01/02/2004
13. CRISTIANE PEREIRA MARQUEZINI. Brincar e desenvolvimento: um estudo sobre as concepções de professores de educação infantil - 01/12/2005
14. CRISTINA NOGUEIRA DE MENDONÇA. Organização do trabalho pedagógico na educação infantil: relato de experiência como subsídio para mudança curricular - 01/02/2003

15. DENISE D'ASSUMPCÃO CARDOSO. Atribuição de uma Mostra Científica para o Ensino da Física nos Cursos de Formação de Professores - 01/05/1998
16. DOUGLAS APARECIDO DE CAMPOS. O professor de Educação Física e a produção de saberes em sua prática pedagógica - 01/09/2001
17. DULCE MARIA ROSA CINTRA. A inserção da dança escolar como possibilidade de educação integral - 01/05/2007
18. EDINEA JERONIMO DOS SANTOS DE SOUZA. Formação continuada em pediculose: Quando o piolho invade a aula e o professor afasta o aluno - 01/04/2006
19. ELCIO ANTONIO ADAMI TERRA. Análise das habilidades e competências para o ensino da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental - 01/06/2005
20. ELIANE DOS SANTOS CAVALHEIRO. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil - 01/09/1998
21. ENNY VIEIRA MORAES. A presença do ideário higienista no curso de formação em educação física da Universidade Federal de Alagoas - 01/08/1996
22. FERNANDA GONÇALVES DORO. Limites e possibilidade de Projetos Literários desenvolvidos em duas escolas municipais de Juiz de Fora, MG - 01/10/2007
23. FRANCINE MARCONDES CASTRO OLIVEIRA. A relação entre homem e natureza na pedagogia Waldorf - 01/03/2006
24. GERALDO DIAS PEDROSO. Educação física escolar: jogo educativo e jogo competitivo (o caso dos JEM, Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa, PR) - 01/01/1996
25. GERONIMO MIGUEL CARDIA. Jogos e brincadeiras na educação infantil: opinião de professoras. - 01/12/2007
26. GILMARA DA SILVA. As oportunidades de aprendizagem na alfabetização mediadas pelo uso do computador como estratégia de ensino. - 01/03/2006
27. GIOVANI DE LORENZI PIRES. Educação Física escolar: concepções e prática pedagógica. - 01/12/1990
28. GISELI BARBIERI DO AMARAL LAUAND (M). Acessibilidade e formação continuada na inserção escolar de crianças com deficiências físicas e múltiplas - 01/11/2000
29. GIZELA BASTOS DA MOTA ALMEIDA. História e memória: um estudo sobre violência e infância em Goiás na primeira metade do século XX - 01/08/2007
30. GRACI MARLENE PAVAN. Educação Física nas séries iniciais: processos de formação e práticas de professores - 01/03/2001
31. JEAN CARLO RIBEIRO. Paidéia: A Iniciação Esportiva a partir da Corporeidade - 01/02/2007

32. JOÃO BOSCO DE CASTRO GUERRA. Pedagogia do esporte na escola: uma intervenção com base no modelo da iniciação esportiva universal - 01/08/2002
33. JOSÉ PORFÍRIO DE SOUZA. Formação do profissional de Educação Física: o caso da UNIOESTE - 01/12/2007
34. JULIANA ZANTUT NUTTI. "Concepções sobre as possibilidades de integração entre Saúde e Educação: um estudo de caso" - 01/03/1996
35. JULIO CESAR BARRANTES MONGE. Estruturas interpessoais de escolares obesos nas aulas de educação física - 01/03/1999
36. JUSSARA MARIA MARCHIORO STUMPF. O jogo dos dizeres e fazeres dos professores de educação física que atuam nas séries iniciais - 01/11/2000
37. KÁTIA REGINA BAZZANO DA SILVA ROSI. O "Stress" do Educador Infantil: Sintomas e Fontes - 01/08/2003
38. LIGIA ANDRÉA PEREIRA. Ginástica rítmica: uma proposta pedagógica para crianças de 07 a 10 anos de idade - 01/09/2003
39. LILIAN FERREIRA RODRIGUES BRAIT. Atividades rítmicas e linguagem corporal na educação infantil. - 01/03/2006
40. LILIAN REIS ROLIM. O professor de educação física na educação infantil: uma revisão bibliográfica - 01/09/2004
41. LINA MARIA DE MORAES CARVALHO. Importância da brincadeira no desenvolvimento infantil segundo professores de pré-escolas (Terezina-PI) - 01/11/1999
42. LUCIANA DE OLIVEIRA SOUZA MENDONÇA. A utilização de brincadeiras como possibilidade metodológica para favorecer a construção do conceito de número na Educação Infantil - 01/12/2000
43. LUCIANA RIBEIRO BARROS. As diferenças em dialogicidade no contexto escolar: um olhar sócio-histórico - 01/02/2003
44. LUCIANE PORTO FRAZÃO DE SOUSA. Orquestrar a gestão para respostas educativas na diversidade - 01/07/2007
45. LUIZ ANTONIO SILVA CAMPOS. Análise do processo de construção dos saberes docentes do supervisor e do estagiário na Prática de Ensino em Educação Física. - 01/12/1999
46. MANOEL FERREIRA DOS SANTOS JUNIOR. A festa do lúdico no ensino fundamental - concepções de duas categorias - 01/05/2003
47. MANOEL PERES SOBRINHO. Educação e Cidadania: uma experiência na prática de ensino infantil em escola do município de Votorantin-SP - 01/08/2004

48. MARCELO CREPALDI LEITÃO. Jogos e atividades lúdicas nas aulas de Educação Física: contribuições para o desenvolvimento cognitivo da criança. - 01/03/2006
49. MÁRCIA R VITAL. A Priorização dos Conteúdos Escolares em Detrimento das Atividades Lúdicas na Educação Infantil - 01/06/2003
50. MARIA CRISTINA MOIANA DE TOLEDO. O malabarista: um estudo sobre o professor de sala multisseriada por meio do município de Jussara-GO. - 01/09/2005
51. MARIA DAS GRAÇAS PATRICIO GONZALES. Iniciativas das escolas públicas e particulares na prevenção da obesidade infantil no município de Amparo-SP - 01/03/2007
52. MARIA DE FÁTIMA MENDONÇA HOLMES. Prática pedagógica mediada pela ludicidade na educação de jovens e adultos - 01/11/2006
53. MARIA FÁTIMA PAIVA DA SILVA. Educação e lazer - uma contribuição à análise do programa clube escolar (1993-1997) - 01/10/1998
54. MARIA LEONOR BRENNER CEIA RAMOS. Repensando a disciplina de educação física no ensino fundamental de 1ª a 4ª séries/1º e 2º Ciclos nos processos de autoformação do ser humano, da aprendizagem e das relações sociais - 01/03/2002
55. MARIA LUISA DE ARAUJO MAIA. Um estudo do desenvolvimento da autonomia nas classes de aceleração. - 01/07/2000
56. MARIA VALCIDEA DO NASCIMENTO MACIEL. Programa de Formação Docente/MAGISTER-UFC: verso e reverso das Práticas Educativas do Ensino em Artes. - 01/11/2007
57. MARIA VERA LÚCIA BARBOSA KLEIJN (M). Avaliação das condições escolares para o desenvolvimento de habilidades sociais em alunos com retardo mental - 01/10/2001
58. MARTA UBEDA MIRANDA DE SOUZA. Aperfeiçoamento de recursos humanos na pré-escola mediante educação a distância: subsídios para um programa. - 01/05/1993
59. MAURÍCIO JOSÉ DE SIQUEIRA CAGNO. Um processo de conscientização: reflexão sobre a práxis educativa na formação de professores de educação física - 01/10/1998
60. MAURO DA COSTA FERNANDES. Procurando um lugar para o brincar na Educação Física na Educação Infantil: reflexões a partir da análise de uma turma de 3º período. - 01/05/2002
61. MIRYAM BONADIU PELOSI. "A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do rio de janeiro: formação de professores e caracterização dos alunos com necessidades educacionais". - 01/05/2000
62. NAIRE JANE CAPISTRANO. A educação física na escola infantil: saberes e fazeres de professores - 01/05/2003

63. NÉLMA DE CASSIA SANDES GALVÃO. Inclusão de crianças com deficiência visual na educação infantil - 01/12/2004
64. NILCE HELENE POIATTI DANAGA. Desenvolvimento de um programa educacional de formação continuada - o tornar-se educador a partir de reflexões e (trans)formações em busca de melhoria do ensino e da aprendizagem - 01/03/2004
65. PATRICIA C. AYRES MONTENEGRO. O sentido de aluno-criança no imaginário de alunos mestres. - 01/11/1994
66. PATRÍCIA DE FÁTIMA RODRIGUES MARCON. Exclusão Escolar: representações sociais de professores e gestores escolares - 01/12/2006
67. PRISCILA O. DA COSTA VILAR. Da competição à cooperação: a formação do professor de educação física e o desenvolvimento psicológico da criança durante a prática de educação física escolar. - 01/06/2001
68. RICARDO LUIZ DE SOUZA. A educação física em uma escola regular inclusiva: um estudo do imaginário social de - 01/03/2007
69. RICARDO MOURA SALES. A educação física no ensino fundamental e o PCN: um estudo sobre casos na região de Santo André - São Paulo. - 01/11/2005
70. RITA DE CÁSSIA ALVES RODRIGUES PEREIRA. Educação infantil: tv e vídeo - mediação pedagógica. - 01/09/2002
71. RITA DE CÁSSIA DUYPRATH DE ANDRADE. UNICA- Universidade da Criança e do Adolescente: Uma experiência de divulgação científica em Salvador - 01/08/2007
72. ROBERTA GALASSO NARDI. Inclusão da Informática na Educação: perspectivas de mudança na escola especial - 01/11/2001
73. RUBIA-MAR NUNES PINTO. Os professores e a produção do corpo educado: o contexto da prática pedagógica - 01/12/2002
74. SEBASTIÃO ÁLVARO GALDINO. Professora multidisciplinar e educação física em escolas estaduais do 1º ciclo: ensino fundamental - 01/08/2005
75. SERAFIM CARLOS DIAS POUZA. A progressão continuada: movimento e mudança na gestão da Secretaria de Educação do Município de São Vicente - 01/12/2004
76. SIDIMAR LUCATO. Iniciação e prática esportiva escolar e suas dimensões sócio-culturais na percepção dos pais. - 01/12/2000
77. SILVIO SENA. O jogo como precursor de valores no contexto escolar - 01/11/2007
78. SUELY MARIA SANTOS DA SILVA FRANCA. O processo de inclusão escolar de um aluno deficiente mental na escola regular: um estudo de caso. - 01/05/2003

79. SUZANA BASTOS RIBAS KOREN. A Ginástica Vivenciada na Escola Analisada na Perspectiva da Criança - 01/02/2004
80. VALENTINA PIRAGIBE. Formação continuada em educação física para professores de educação infantil: a técnica do diário de aula - 01/03/2006
81. VILMA PAVANELLI FARÁVOLA. Educação pelo movimento corporal: Brincadeira ou Necessidade? - 01/09/2006
82. VIVIAM SANTIN TREMEA. O processo de inclusão de um aluno com síndrome de down na aula de educação física em uma escola particular do município de são José-SC: um estudo de caso - 01/02/2004
83. ZELIA GUERRA DI PIETRO. Educação infantil no município de Osvaldo Cruz: análise de uma trajetória. - 01/03/2005

- **Teses**

1. ANA CLAUDIA PINTO BREDARIOL. Suporte ambiental: uma estratégia para educação infantil inclusiva - 26/04/2006
2. CELIA MARIA ONOFRE SILVA. Cognição-afetividade e interatividade criança-professor-computador na transição da educação infantil ao ensino fundamental. - 01/01/2006
3. ELISA TOMOE MORIYA SCHLÜNZEN. Mudanças nas Práticas Pedagógicas do Professor: Visando um Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo para crianças com Necessidades Especiais Férias - 01/11/2000
4. FERNANDA DA COSTA GUIMARÃES CARVALHO. Práticas político-pedagógicas e a questão do direito à educação e a cidadania das crianças e adolescentes pobres no cotidiano da escola pública de Olinda - 01/02/2006
5. JOSE FRANCISCO CHICON. Inclusão na educação física escolar: construindo caminhos - 01/12/2005
6. LAIS HELENA MALACO. A Formação de Educadores e a Afetividade dos Estagiários de Educação Física em Relação à Prática Docente. - 01/11/2004
7. LENITA MARIA JUNQUEIRA SCHULTZ. A criança em situação de berçário e a formação do professor para a Educação Infantil - 01/12/2002
8. LUCIANA MARIA VIVIANI. Formação de professoras e escola normal: a biologia necessária. - 01/08/2003
9. LUIZ GONZAGA PONTES PESSOA. A formação de professores de ciências naturais para as últimas quatro séries do ensino fundamental - 01/05/2003
10. MARIA APARECIDA MELLO. A atividade mediadora nos processos colaborativos de educação continuada de professores: educação infantil e educação física - 01/04/2001

11. MARIA INÊS CRNKOVIC OCTAVIANI. As concepções de "educar" das profissionais de educação infantil: um ponto de partida para a formação continuada na perspectiva histórico-cultural - 01/04/2003
12. MARIA INES MAFRA GOULART. A exploração do mundo físico pela criança: participação e aprendizagem - 01/08/2005
13. MARIA ISABEL BATISTA SERRAO. Estudantes de Pedagogia e a "atividade de aprendizagem" do ensino em formação - 01/03/2004
14. MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA. Qualidade na educação infantil: proposta de avaliação institucional em busca de novos rumos. - 01/11/2003
15. MARYNELMA CAMARGO GARANHANI. Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância: os saberes sobre o movimento corporal da criança - 01/04/2004
16. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR. A Prática da Educação Motora na Primeira Série Escolar, à Luz da Teoria Ecológica. - 01/02/2001

**ANEXO C – Dissertações e teses coligidas no Banco de Teses da CAPES, a partir das palavras-chave Educação Física, Infância e Criança.**

• **Dissertações**

1. ANA PAULA PEREIRA DE CASTRO. Relações de Gênero na Educação Infantil: uma Análise a Partir da Atividade Lúdica. - 01/05/2006
2. ANGELA REGINA POLETTO. Hábitos de vida, estado nutricional, perfil de crescimento e aptidão física referenciada à saúde: subsídios para o planejamento de educação física e esportes na escola cidadã. - 01/05/2001
3. BEATRIZ HELENA FURLANETTO. Infância em pauta - um estudo histórico sobre as concepções de infância presentes nas canções e na formação de professores - 01/06/2006
4. CAE RODRIGUES. Educação física, educação ambiental e educação infantil no contexto escolar : uma sinergia possível. - 01/08/2007
5. CLARISSA GÓES MAGALHÃES. Impacto de Programa Educativo nos Conhecimentos, Preferências e Hábitos Alimentares: Ensaio Randonizado Controlado - 01/05/2002
6. CLEIDE VITOR MUSSINI BATISTA. Educação Infantil: Subsídios a elaboração de uma proposta filosófico -educacional, para a Pré-Escola da UEL. - 01/06/1999
7. CRISTINA BORGES DE OLIVEIRA. Políticas Educacionais Inclusivas para Infância: Concepções e Veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte 1978-1999 - 01/02/2003
8. DANIEL CARLOS GARLIPP. Dimorfismo sexual e estabilidade no crescimento somático e em componentes da aptidão física. Análise longitudinal em crianças e adolescentes. - 01/05/2006
9. DANIELA CRISTINA ROSSETTO CAROBA. A escola e o consumo alimentar de adolescentes matriculados na rede pública de ensino - 01/10/2002
10. DARCI GOMES DE MELO. Política de Educação Infantil no Recife: O texto e o contexto 1996 a 2001. - 01/10/2002
11. EDJANE MARIA VALE LINHARES. A violência nossa de cada família: notas sobre a violência intrafamiliar contra a criança. - 01/11/2004
12. ELIANE GOMES DA SILVA. Educação (Física) infantil: se-movimentar e significação - 01/02/2007
13. ELOISE SANTUCCI RIBEIRO. Energia e nutrientes na dieta de escolares: contrastes entre municípios brasileiros. - 01/03/2005

14. FLÁVIA PATRÍCIA SENA TEIXEIRA SANTOS. Caracterização dos pacientes com diagnóstico de artrite reumatóide juvenil do serviço de reumatologia do hospital das clínicas da UFMG, com fatores determinantes do prognóstico - 01/02/2006
15. GABRIEL GUSTAVO BERGMANN. Crescimento somático, aptidão física relacionada à saúde e estilo de vida de escolares de 10 a 14 anos: um estudo longitudinal. - 01/07/2006
16. GERMANA REIS DE ANDRADE GUIMARÃES. Promoção da Saúde na Escola: A Saúde Bucal como Objeto de Saber - 01/06/2003
17. GIZELA BASTOS DA MOTA ALMEIDA. História e memória: um estudo sobre violência e infância em Goiás na primeira metade do século XX - 01/08/2007
18. JAIME TOLENTINO MIRANDA NETO. Perfil antropométrico e da composição corporal de jovens escolares de 10 a 14 anos da cidade de Joáima-Vale do Jequitinhonha-MG. - 01/11/2002
19. JULIANA COELHO PINA. Acolhimento às crianças menores de cinco anos de idade em uma unidade de saúde da família: contribuições da estratégia atenção integrada às doenças prevalentes na infância - 01/02/2007
20. JULIANA KRIEGER EICKHOFF. Brincando com Materiais Diversificados - 01/02/2004
21. JÚLIO CÉSAR SALOMÃO. Infância e educação infantil nos documentos e legislações nacionais e internacionais. - 01/12/1999
22. KÁTIA ADAIR AGOSTINHO. O espaço da creche: que lugar é este? - 01/06/2003
23. KÁTIA REGINA BAZZANO DA SILVA ROSI. O "Stress" do Educador Infantil: Sintomas e Fontes - 01/08/2003
24. LARISSA RAFAELA GALATTI. Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. - 01/12/2006
25. LÍLIA IÊDA CHAVES CAVALCANTE. Violação de direitos da criança e do adolescente: cenas familiares - 01/11/2003
26. LILIA IEDA CHAVES CAVALCANTE. Violação de Direitos da Criança e do Adolescente: cenas familiares - 01/02/2006
27. LILIAN PAULA DEGOBBI BERGAMO. Maus-tratos físicos de crianças: contribuições para a avaliação de fatores de risco psicossocial - 01/11/2007
28. LÍVIA FONSÊCA DA SILVA CARVALHO DE AZÊVEDO SANTANA. Intervenções educativas em asma na infância e na adolescência: revisão sistemática da literatura. - 01/10/2004

29. LOURDES HELENA DUMMER VENZKE. Professoras das Escolas Municipais de Educação Infantil de Pelotas: identidades em construção - 01/12/2004
30. LUCI YARA PFEIFFER MIRANDA. Construção de um perfil epidemiológico da violência contra crianças e adolescentes na cidade de Curitiba - as histórias que o mundo adulto não deveria produzir - 01/12/2006
31. LUCYELENA AMARAL PICELLI. Produção científica sobre educação infantil nos mestrados e doutorados em educação física no brasil. - 01/12/2001
32. LUIZANE GUEDES MATEUS. Pivetes, delinquentes e contadores de história: a fala não autorizada dos vencidos. - 01/08/2003
33. MARIA CRISTINA MEIRELLES TOLEDO CRUZ. Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos - 01/03/2006
34. MARIA HELENA HASSELMAN. Violência Familiar e Desnutrição Severa na Infância: Modelo Teórico e Estudo de Confiabilidade de Instrumentos. - 01/10/1996
35. MARIANA DE AGUIAR FERREIRA MUAZE. A descoberta da infância: A construção de um habitus civilizado na boa sociedade imperial - 26/08/1999
36. MARIANA HERZOG RAMOS. Prevalência de fatores de risco cardiovascular em estudantes de educação física da UFES - 01/08/2004
37. MARLI BUENO DE CASTRO OLIVEIRA. Rorschach: um estudo correlacional da carateropatía transgressiva da epilepsia infantil. - 01/06/2001
38. MARTHA BENEVIDES DA COSTA. Texto televisivo e Educação Infantil: conhecimento cotidiano e trabalho pedagógico na Educação Física. - 01/12/2007
39. MAYSA BARRETO ORNELAS PEREIRA. A biblioteca na educação infantil: que espaço é esse? - 01/12/2002
40. MENISSA CÍCERA FERNANDES DE OLIVEIRA BESSA CARRIJO. Educação infantil e políticas públicas na contemporaneidade: avanços e limitações no discurso legal e na dinâmica educacional - 01/08/2005
41. MICHELE ABDO MERLONE DOS SANTOS TOLEDO. Crianças Vítimas de Violência em Campo Grande-MS: Estudo de uma Instituição de Atendimento à Violência Infantil Através dos Agentes Violadores, das Vítimas e de seus Profissionais. - 01/06/2003
42. NARA REJANE CRUZ DE OLIVEIRA. Concepção de Infância na Educação Física Brasileira: Primeiras Aproximações - 01/02/2003
43. NAZARÉ CRISTINA CARVALHO. O Brincar, A Cultura da Criança e a Escola: Possibilidades do Conhecimento na Educação Física Escolar - 01/08/1998

44. NILTON RODRIGUES DA COSTA. Avaliação de crianças de 7 a 10 anos do ensino fundamental, portadoras de dificuldades respiratórias e submetidas a aulas especiais de educação física, na cidade de Sorocaba - SP - 01/06/2005
45. OZANIRA FERREIRA DA COSTA. Com os pés no chão das ruas e praças: uma análise da prática educativa das ONGs de educação de rua do Recife - 01/03/1999
46. REGINA HELENA DE CAMPOS MARCIANO. Projeto Sol Morumbi-Paulínia: As Lembranças da Infância e Adolescência pelos Caminhos da Educação Física. - 01/06/2006
47. RITA TATIANA CARDOSO ERBS. Pais no primeiro contato com instituições de educação infantil - 01/03/2001
48. RUBENS LEITE DO CANTO BRAGA. O atletismo escolar no desenvolvimento integral. - 01/12/1990
49. RUBIA-MAR NUNES PINTO. Os professores e a produção do corpo educado: o contexto da prática pedagógica - 01/12/2002
50. SILVANA MICARONI. A Educação física nos parques infantis da cidade de São Paulo: 1947-1957. - 01/04/2007
51. SIMONE APARECIDA DOS SANTOS. Raciocínio Emocional e Regulação Afetiva numa perspectiva desenvolvimental na infância - 01/04/2005
52. TACIANA MENEZES SILVA. Um olhar sobre a discursividade moral infantil - 01/04/2007
53. THIAGO DEL CORONA LORENZI. Testes de corrida/caminhada de 6 a 9 minutos: validação e determinantes metabólicos em adolescentes. - 01/11/2006
54. VANNÚZIA LEAL ANDRADE PERES. Famílias de crianças em situação de rua: modos de vida, relacionamento familiar e práticas educativas. - 01/11/1997
55. WILTON CARLOS DE SANTANA. A Pedagogia do Esporte e a Moralidade Infantil - 01/12/2003
56. YMARA LUCIA CAMARGO VICTOLO. Crenças e atitudes educativas dos pais associadas a problemas de saúde mental em escolares das três primeiras séries do ensino fundamental - 01/12/2004

- **Teses**

1. ANA LAURA GODINHO LIMA. O Espectro da irregularidade ronda o aluno: um estudo da literatura pedagógica e da legislação sobre a criança-problema - 01/05/2004
2. ANAMARIA SILVA NEVES. A violência física de pais e mães contra filhos: cenário, história e subjetividade - 01/02/2005

3. ÂNGELA MARIA MIEKO YANO. As práticas de educação em famílias de crianças com paralisia cerebral diplética espástica e com desenvolvimento típico pertencentes a camadas populares da cidade de Salvador - 01/05/2003
4. CARMEN LUCIA DE ABREU ATHAYDE. Atuação do ginecologista infanto-puberal frente ao abuso sexual. - 01/03/2007
5. CELIA MARIA ONOFRE SILVA. Cognição-afetividade e interatividade criança-professor-computador na transição da educação infantil ao ensino fundamental. - 01/01/2006
6. CLAUDIA BROETTO ROSSETTI. Preferência lúdica e jogos de regras: um estudo com crianças e adolescentes - 01/11/2001
7. CRISTIANO DA SILVEIRA LONGO. Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA) e educação da afetividade e da moralidade: expressões de sentidos da Palmada na linguagem de desenhos infantis - 01/04/2007
8. DANUSIA APPARECIDA SILVA. Representação da Criança nas Obras de Maria de Lourdes Krieger e Werner Zots - 01/01/2003
9. FERNANDA DA COSTA GUIMARÃES CARVALHO. Práticas político-pedagógicas e a questão do direito à educação e a cidadania das crianças e adolescentes pobres no cotidiano da escola pública de Olinda - 01/02/2006
10. JOSÉ RAIMUNDO DA SILVA LIPPI. Tentativa de suicídio relatada pela história oral associada à violência física, psicológica e sexual contra a criança e o adolescente - 01/07/2003
11. JULIANA FARIAS DE NOVAES. "Fatores associados ao sobrepeso e à hipertensão arterial em escolares do município de Viçosa – MG." - 01/08/2007
12. LOURDES BRAZIL DOS SANTOS ARGUETA. Áreas urbanas segregadas e cidadania da criança: uma proposta de empoderamento. - 01/11/2003
13. MANOEL DIONIZIO NETO. Educação e liberdade em Jean-Jacques Rousseau - 01/02/2004
14. MARIA HELENA HASSELMAN. "Violência familiar e a ocorrência de desnutrição grave na infância: um estudo caso-controle e suas investigações ancilares" - 01/10/2002
15. MARYNELMA CAMARGO GARANHANI. Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância: os saberes sobre o movimento corporal da criança - 01/04/2004
16. MIGUIR TEREZINHA VIECCELLI DONOSO. Violência física na infância: representações sociais - 01/11/2006
17. ROGÉRIO COSTA WÜRDIG. O quebra-cabeça da cultura lúdica - 01/07/2007

18. ROSIMEIRE COSTA DE ANDRADE. A rotina da pré-escola na visão das professoras, das crianças e de suas famílias. - 01/04/2007
19. TANIA MARA CRUZ. Meninas e meninos no recreio: gênero, sociabilidade e conflito - 01/08/2004
20. WESLEY SILVA. Por uma história sócio-cultural do abandono e da delinquência de menores em Belo Horizonte 1921-1941 - 01/08/2007

## ANEXO D – Resumos das dissertações da amostra coligidos no Banco de Teses da CAPES.

### RESUMO

**Lucyelena Amaral Picelli. PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL NOS MESTRADOS E DOUTORADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.. 01/12/2001**

1v. 128p. Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - EDUCAÇÃO

Orientador(es): ROSSANA VALÉRIA DE SOUZA E SILVA

Biblioteca Depositária: UFU

**Email do autor:**

**Palavras - chave:**

Educação Infantil - Prod. Cient. Educação Física Escolar

**Área(s) do conhecimento:**

TÓPICOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO

**Banca examinadora:**

Celi Nelza Zulke Taffarel

**Linha(s) de pesquisa:**

SABERES E PRÁTICAS ESCOLARES Esta Linha de Pesquisa define-se como um campo de investigação científica, vinculado ao desenvolvimento de pesquisas, que visem à produção de novos conhecimentos referentes aos Saberes e Práticas Escolares; à análise das diversas dimensões dos processos d

**Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:**

**Idioma(s):**

Português

**Dependência administrativa**

Federal

**Resumo tese/dissertação:**

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar quais as tendências das pesquisas desenvolvidas nos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação Física no Brasil, cujas temáticas estiveram voltadas para Educação Infantil no período de 1979 a 2000, no que se refere a: frequência do tema Educação Infantil; temáticas dominantes; objetivos priorizados pelos autores e concepções de Infância e Educação Infantil contidas nos textos das dissertações e teses. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, cuja fonte principal de coleta de dados foram as teses e dissertações. Analisamos, inicialmente, com base no levantamento bibliográfico realizado sobre o tema, como foram sendo construídas no decorrer da história as principais concepções de Infância e Educação Infantil. Em seguida, descrevemos com que frequência e a partir de quando surgiu na produção científica dos Mestrados e Doutorados em Educação Física no Brasil o tema da Educação Infantil. Pudemos observar que no período de 1979 a 2000, 1088 dissertações foram defendidas e dentre elas apenas 2,57% corresponderam ao tema da Educação Infantil. Também salientamos que de 1989 a 2000 foram defendidas 100 teses nos doutorados da área e que apenas 3% delas versaram sobre o tema em apreço. Identificamos, ainda, quais as temáticas dominantes nas dissertações e teses da área da Educação Física, voltadas para a Educação Infantil. Percebemos que 39,3% das temáticas das dissertações estiveram voltadas para a área pedagógica, 32,1% para a área psicológica, 14,3% para a área biológica e o mesmo percentual para a área sócio-histórico-filosófica. Analisando as temáticas das teses defendidas nos doutorados, observamos que 67% vinculam-se à área psicológica e 33% à área sócio-histórico-filosófica. Dando continuidade, investigamos os objetivos formulados nas dissertações e teses. Concluímos que perspectivas mais críticas voltadas para questões de ordem sócio-econômico-políticas que afetam a criança em idade pré-escolar, não foram evidenciadas nos objetivos das dissertações e teses analisadas visto que a quase totalidade dos objetivos expostos, expressam interesses dos autores com questões pontuais tais como: o desenvolvimento da criança, o currículo; a educação do movimento ou a consciência corporal, a busca da correlação entre variáveis dentre outros. Em relação às concepções de Infância e Educação Infantil verificamos que: 1) predomina nas pesquisas realizadas uma visão de Educação Infantil restrita a idéia de um espaço e um período preparatório para uma etapa posterior da vida das crianças, qual seja: o período designado ao Ensino Fundamental. A Educação Infantil parece, assim, não ter um fim em si mesmo; 2) Essa concepção esteve intimamente articulada com as concepções de infância expressas na maioria das teses e dissertações. 3) Na maioria dos estudos se faz uma noção de infância como um estágio preparatório para outros momentos da vida; como uma etapa na qual a criança deve adquirir competências, valores, idéias e habilidades que lhe possibilite enfrentar a vida futura: 4) Com exceção de um grupo de estudos, da UGF, a maioria das pesquisas discute a infância e a Educação Infantil de forma descontextualizada, sem referências aos fatores sócio-econômico-político-culturais que marcam e determinam, tanto a Infância quanto a Educação Infantil.

**RESUMO**

**Cristina Borges de Oliveira. Políticas Educacionais Inclusivas para Infância: Concepções e Veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte 1978-1999. 01/02/2003**

1v. 161p. Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador(es): Ivone Garcia Barbosa

Biblioteca Depositária: Biblioteca da FEF

**Email do autor:**

**Palavras - chave:**

Políticas Públicas; Crianças Deficientes; Produção Científica

**Área(s) do conhecimento:**

**Banca examinadora:**

Amarílio Ferreira Neto

Ivone Garcia Barbosa

**Linha(s) de pesquisa:**

Atividade Física para Grupos com Necessidades Especiais Conjunto de práticas de intervenção e de investigação, no âmbito da atividade física, que possam ser aplicadas em grupos com necessidades especiais, tais como os indivíduos portadores de deficiência, idosos, sedentários, entre outros, visando elucidar pro

**Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:**

Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**Idioma(s):**

Português

**Dependência administrativa**

Estadual

**Resumo tese/dissertação:**

Este estudo do tipo bibliográfico adota como problemática central de investigação as incursões teóricas e práticas que têm norteado a produção científica da Educação Física a respeito da educação da criança deficiente na perspectiva de identificar as concepções e representações sobre criança, infância e deficiência que vem sendo construídas por essa produção. Esperamos também compreender as possíveis imbricações e inter-relações da produção da área com as orientações internacionais e as políticas públicas inclusivas. Para tanto, tomamos como objeto de análise a produção teórica divulgada no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte identificando concepções, paradigmas e referências que têm norteado a pesquisa sobre o tema. A análise dos dados bibliográficos foi realizada a partir de uma orientação ensejada no Materialismo Histórico Dialético e de algumas de suas categorias como totalidade, contradição, historicidade, utilizando como procedimento a análise de conteúdo. Com base nessa abordagem buscou-se constituir categorias que foram eleitas a partir da leitura aprofundada nos Anais dos Congressos Brasileiros de Ciência do Esporte (Conbraces) e periódicos Revista Brasileira de Ciência do Esporte (Rbce) no período 1978/1999.

**RESUMO**

**Nara Rejane Cruz de Oliveira. Concepção de Infância na Educação Física Brasileira: Primeiras Aproximações.**  
01/02/2003

1v. 101p. Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador(es): Ivone Garcia Barbosa

Biblioteca Depositária: Biblioteca da FEF

**Email do autor:**

**Palavras - chave:**

Educação Física-Brasil; Infância; Crianças

**Área(s) do conhecimento:**

**Banca examinadora:**

Ivone Garcia Barbosa

**Linha(s) de pesquisa:**

Atividade Física para Grupos com Necessidades Especiais Conjunto de práticas de intervenção e de investigação, no âmbito da atividade física, que possam ser aplicadas em grupos com necessidades especiais, tais como os indivíduos portadores de deficiência, idosos, sedentários, entre outros, visando elucidar pro

**Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:**

Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**Idioma(s):**

Português

**Dependência administrativa**

Estadual

**Resumo tese/dissertação:**

Este trabalho tem o objetivo de identificar o conceito de infância presente na área acadêmica de Educação Física no Brasil, por meio de um estudo bibliográfico referenciado na pesquisa qualitativa. Para tanto, foram elencadas como categorias de análise: a concepção de infância presente na produção analisada, bem como a identificação do projeto educativo a ela inerente. Como ponto de partida, buscou-se apreender o movimento de constituição da Educação Física brasileira, no intuito de possibilitar o trato ao objeto de estudo em sua totalidade. No segundo momento, analisou-se a produção acadêmica da área, a partir das categorias elencadas. Desta forma, foram identificadas duas posições divergentes. A primeira, generalizada, na qual a infância é concebida como fase ou período, numa perspectiva idealista, em que a criança é tratada de forma fragmentada e a Educação Física na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento de funções cognitivas. A segunda, presente na menor parte das produções e particularmente a partir de meados da década de 1990, na qual a infância é tratada numa perspectiva crítica, como constructo social, sendo a criança sujeito de relações sociais e seu desenvolvimento mediado pelas relações estabelecidas com o outro e o meio em vive. Neste contexto, o papel da Educação Física é o de abordar o conhecimento em sua totalidade, buscando a superação do seu entendimento como prática compensatória ou preparatória. Estes dados permitem afirmar, que a concepção de infância na Educação Física brasileira tem apresentado certo avanço, ainda que de forma discreta em relação a outras áreas de conhecimento, a exemplo da Educação.

**ANEXO E – Primeira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.**

1º Ciclo – Básico

2º Ciclo – Profissionalizante

Licenciatura – Masculino

Licenciatura – Feminino

DISCIPLINAS DO 1º CICLO - BÁSICO

<b>1ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
EPB1504	Estudo de Problemas Brasileiros I	02	36	-
FIL1115	Metodologia Científica	02	36	-
LLV1119	Português I-A	04	72	-
LLE1103	Inglês I-B	03	54	-
LLE1203	Francês I-B			
LLE1303	Espanhol I-B			
LLE1403	Alemão I-B			
LLE1503	Italiano I-B			
BLG1106	Biologia V	06	126	-
MOR1215	Anatomia III	06	126	-
DEF1401	Ginástica I	03	54	-
DEF1201	Atletismo	04	72	-
DEF1512	Organização da EF e dos Desportos I	03	54	-

<b>2ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
PSI1207	Introdução à Psicologia da Educação	03	54	-
SPB1516	Higiene III	03	54	-
CFS1512	Fisiologia III	04	72	BLG1106 MOR1215
DEF1402	Ginástica II	03	54	DEF1401
DEF1105	Voleibol I	03	54	-
DEF1513	Organização da EF e dos Desportos II	03	54	DEF1512
DEF1202	Atletismo II	04	72	DEF1201
DEF1408	Rítmica I	03	54	-

DISCIPLINAS DO 2º CICLO - PROFISSIONALIZANTE

<b>3ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
EED1101	Fundamentos da Educação I	03	54	-
PSI1204	Psicologia da Educação II	04	72	PSI1207
MEN1129	Didática I	05	90	PSI1107
NFR1130	Socorros Urgentes	03	54	-
DEF1403	Ginástica III	03	54	DEF1402
DEF1203	Atletismo III	04	72	DEF1202
DEF1409	Rítmica II	03	54	DEF1408
DEF1106	Voleibol II	03	54	DEF1105
DEF1301	Natação I	03	54	-
DEF1803	Biometria	04	72	-

<b>4ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
EED1103	Estrutura e Func. Ensino no 1º grau	03	54	-
DEF1801	Cinesiologia	04	72	-
DEF1404	Ginástica IV	03	54	DEF1403
DEF1204	Atletismo IV	04	72	DEF1203
DEF1410	Rítmica III (feminina)	02	36	DEF1409
DEF1109	Handebol	04	72	-
DEF1302	Natação II	04	72	DEF1301
DEF1101	Basquetebol I	03	54	-
DEF1115	Esportes Complementares I	02	36	-
EPB1505	Estudo dos Problemas Brasileiros II	02	36	-
	Disciplina Optativa	02	36	

<b>5ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
EED1104	Estrutura e Func. Ensino no 2º grau	03	54	EED1103
MEN1356	Prática de Ensino de EF de 1º grau	06	108	MEN1129
DEF1405	Ginástica V	03	54	DEF1404
DEF1205	Atletismo V	04	72	DEF1204
DEF1303	Natação III	04	72	DEF1302
DEF1420	Recreação I	03	54	-
DEF1102	Basquetebol II	03	54	DEF1101
DEF116	Esportes Complementares II	02	36	DEF1115
	Disciplina Optativa	02	36	

<b>6ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
MEN1357	Prática de Ensino em EF de 2º grau	04	72	MEN1356
DEF1421	Recreação II	03	54	DEF1420
DEF1601	Estágio Supervisionado Profissional	07	144	MEN1356

DISCIPLINAS OPTATIVAS

<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF1806	Fisioterapia	02	36	-
DEF1208	Judô	02	36	-
DEF1112	Futebol	02	36	-
DEF1212	Esgrima	02	36	-
DEF1306	Remo	02	36	-

HABILITAÇÃO EM TÉCNICO EM DESPORTOS

<b>7ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
MED1101	Condicionamento Físico I	03	54	-
MED1103	Met. Técnica e Tática do Handebol	08	162	-
MED1104	Met. Técnica e Tática do Voleibol			
MED1105	Met. Técnica e Tática do Atletismo			
MED1106	Met. Técnica e Tática do Remo			

<b>8ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
MED1102	Condicionamento Físico II	03	54	MED1101
MED1107	Met. Técnica e Tática do Futebol	08	162	-
MED1108	Met. Técnica e Tática do Basquetebol			
MED1109	Met. Técnica e Tática da Natação			
MED1110	Met. Técnica e Tática da Ginástica Olímp.			

OBS: A carga horária do curso não inclui os créditos referentes a Estudos de Problemas Brasileiros.

**ANEXO F – Segunda Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.**

**PERÍODO DE CONCLUSÃO**

PRAZO MÍNIMO - 8 SEMESTRES

PRAZO MÁXIMO - 14 SEMESTRES

**CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA:** 3006

**CARGA HORÁRIA OPTATIVA:** 216

**CARGA HORÁRIA TOTAL:** 3222

DISCIPLINAS DO 1º CICLO - BÁSICO

<b>1ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
BEG5102	Biologia Celular Básica	03	54	-
DEF5115	Introdução à Educação Física	03	54	-
DEF5121	Desenvolvimento Motor I	03	54	-
DEF5233	Metodologia de Trabalhos Científicos	03	54	-
DEF5416	Ginástica I	03	54	-
LLE5105	Inglês Instrumental I-B	04	72	-
LLE5205	Francês Instrumental I-B			
LLE5305	Espanhol Instrumental I-B			
LLE5405	Alemão Instrumental I-B			
LLE5505	Italiano Instrumental I-B			
PSI5105	Psicologia da Educação I	03	54	-

<b>2ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5118	Handebol	04	72	-
DEF5214	Atletismo I	03	54	-
DEF5234	Rítmica	04	72	-
DEF5417	Ginástica II	03	54	DEF5416
DEF5701	Princípios de Conduta Profissional	02	36	-
MOR5203	Anatomia aplicada à Educação Física	04	72	BEG5102
PSI5106	Psicologia da Educação II	03	54	PSI5105

DISCIPLINAS DO 2º CICLO - PROFISSIONALIZANTE

<b>3ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
CFS5147	Fisiologia Humana	04	72	MOR5203
DEF5108	Basquetebol	04	72	-
DEF5140	Metodologia da Dança	03	54	DEF5234
DEF5215	Atletismo II	03	54	DEF5214
DEF5223	Organização de Competições Esportivas	03	54	-
DEF5310	Aprendizagem Motora	03	54	-
DEF5325	Emergência em Educação Física	03	54	MOR5203
SPO5171	Sociologia da Educação C	03	54	-

<b>4ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
ANT5308	Antropologia Cultural A	03	54	-
DEF5119	Voleibol	04	72	-
DEF5128	Adaptações Orgânicas ao Exercício	03	54	CFS5147
DEF5216	Atletismo III	04	72	DEF5215
DEF5418	Ginástica Esportiva	03	54	DEF5417
MEN5138	Didática Geral D	04	72	PSI5106
	Disciplina Optativa I			

<b>5ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5123	Futebol	03	54	-
DEF5126	Teoria e Metodologia do Cond. Físico	03	54	DEF5128
DEF5127	Teoria e Prática na Educação Física	03	54	MEN5138
DEF5311	Natação I	03	54	-
DEF5425	Recreação e Lazer	04	72	-
EED5129	Est. e Func. do Ensino de 1º e 2º graus	04	72	1200 horas
FIL5132	Filosofia da Educação I	03	54	-
	Disciplina Optativa II			

<b>6ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5132	Medidas e Avaliação em Educação Física	03	54	-
DEF5133	Treinamento Esportivo I	02	36	DEF5126
DEF5141	Educação Física Especial	03	54	-
DEF5235	Iniciação à Pesquisa em Educação Física	03	54	DEF5115
DEF5312	Natação II	03	54	DEF5311
DEF5314	Cinesiologia	03	54	MOR5203
DEF5702	Fundamentos Humanísticos da Ed. Física	03	54	ANT5308 FIL5132
MEN5235	Prática de Ensino em EF escolar I	06	108	EED5129 MEN5138
	Disciplina Optativa III			

### APROFUNDAMENTO I – ESPORTES

<b>7ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5124	Organização e Adm. na EF e nos Esportes	02	36	DEF5223
DEF5134	Treinamento Esportivo II	03	54	DEF5133
DEF5150	Seminário de Aprofundamento em Dança	03	54	DEF5140
DEF5705	Seminário de Aprof. em Esportes	03	54	DEF5133
DEF5706	Seminário Fund. Psico-sociais do Esporte	02	36	DEF5702
MEN5236	Prática de Ensino em EF escolar II	06	108	MEN5235
	Disciplina Optativa IV			

<b>8ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5160	Seminário de Monografia	05	90	DEF5235
DEF5704	Estudos Individuais em Esportes	05	90	DEF5705 DEF5150

**APROFUNDAMENTO II – EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

<b>7ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5122	Desenvolvimento Motor II	02	36	DEF5121
DEF5135	Atividades Rítmicas	03	54	DEF5234
DEF5226	Recreação Infantil	03	54	DEF5425
DEF5419	Ginástica Escolar	03	54	DEF5417
MEN5236	Prática de Ensino em EF escolar II	06	108	MEN5235
	Disciplina Optativa IV			

<b>8ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5160	Seminário de Monografia	05	90	DEF5235
DEF5238	Estudos Individuais em EF Infantil	05	90	DEF5135 DEF5226 DEF5419

**APROFUNDAMENTO III – EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL**

<b>7ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5122	Desenvolvimento Motor II	02	36	DEF5121
DEF5129	Exercício e Saúde	04	72	DEF5126
DEF5136	Atividade Física para Grupos Especiais	04	72	DEF5234 DEF5310
MEN5236	Prática de Ensino em EF escolar II	06	108	MEN5235
	Disciplina Optativa IV			

<b>8ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5160	Seminário de Monografia	05	90	DEF5235
DEF5239	Estudos Individuais em EF Especial	05	90	DEF5129 DEF5136

DISCIPLINAS OPTATIVAS

<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
BLG5303	Conservação dos Recursos Naturais	03	54	-
DEF5112	Concepção de Aulas Abertas	03	54	-
DEF5130	Adaptações Orgânicas ao Exercício II	03	54	DEF5128
DEF5170	Programa de Intercâmbio I			-
DEF5171	Programa de Intercâmbio II			DEF5170
DEF5219	Educação Física, Esporte e Mídia	03	54	-
DEF5320	Surf	02	36	-
DEF5321	Prev. e Reab. de Doenças Cardíacas	03	54	-
DEF5330	Gênero e Co-educação na Ed. Física	03	54	-
DEF5501	Informática aplicada à Ed. Física	03	54	-
DEF5601	Princípios Básicos do Esoterismo	03	54	-
DPT5108	Des. Bio-psico-social da criança	02	36	-
ECZ5102	Conservação dos Recursos Naturais	03	54	-
EED5121	Planejamento Educacional I	03	54	-
INE5211	Introdução à Informática Empresarial	04	72	-
LLE5106	Inglês Instrumental II-B	04	72	LLE5105
LLE5206	Francês Instrumental II-B	04	72	LLE5205
LLE5306	Espanhol Instrumental II-B	04	72	LLE5305
LLE5406	Alemão Instrumental II-B	04	72	LLE5405
LLE5506	Italiano Instrumental II-B	04	72	LLE5505
LLV5603	Produção Textual Acadêmica I	04	72	-
LLV5610	Produção Textual Acadêmica II	04	72	-
NTR5141	Nutrição e Exercício Físico	03	54	-
PSI5112	Relações Humanas	02	36	-
PSI5524	Psicomotricidade	03	54	-
SPO5234	Ciência Política	04	72	-

DISCIPLINAS OPTATIVAS COMPLEMENTAR – ÁREA DE FORMAÇÃO TÉCNICA

<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5114	Esportes Complementares	03	54	-
DEF5120	Vivências Corporais	04	72	-
DEF5125	Futebol de Salão	03	54	-
DEF5142	Danças Folclóricas	03	54	DEF5140
DEF5143	Expressão Corporal	03	54	-
DEF5145	Corporeidade	03	54	-
DEF5155	Pedagogia do Esporte	03	54	-
DEF5161	Sem. de Atividade Física e Saúde	03	54	-
DEF5210	Judô	03	54	-
DEF5217	Musculação	03	54	-
DEF5218	Ed. Física: Ação Pedagógica na Escola	03	54	-
DEF5221	Tênis de Campo	03	54	-
DEF5225	Capoeira	03	54	-
DEF5307	Remo	03	54	-
DEF5315	Pólo Aquático	03	54	DEF5312
DEF5316	Fisioterapia	03	54	DEF5325
DEF5415	Cineantropometria	03	54	-
DEF5420	Ginástica de Academia	03	54	CFS5147
DEF5710	Tecnologia Esportiva	03	54	-
DEF5711	Regul. e Arbitragem de Voleibol	03	54	-
DEF5712	Regul. e Arbitragem de Futebol de Campo	03	54	-
DEF5713	Regul. e Arbitragem de Futebol de Salão	03	54	-
DEF5714	Regul. e Arbitragem de Handebol	03	54	-
DEF5715	Regul. e Arbitragem de Punhobol	03	54	-
DEF5716	Regul. e Arbitragem de Pólo Aquático	03	54	-
DEF5717	Regul. e Arbitragem de Basquetebol	03	54	-
DEF5718	Regul. e Arbitragem de Gin. Esportiva	03	54	-
DEF5719	Regul. e Arbitragem de Judô	03	54	-
DEF5720	Regul. e Arbitragem de Tênis de Campo	03	54	-
DEF5721	Regul. e Arbitragem de Tênis de Mesa	03	54	-
DEF5722	Regul. e Arbitragem de Xadrez	03	54	-
DEF5723	Regul. e Arbitragem de Salt. Ornamentais	03	54	-
DEF5724	Regul. e Arbitragem de Natação	03	54	-
DEF5725	Regul. e Arbitragem de Atletismo	03	54	-
DEF5866	Ginástica de Estabilização	03	54	-

OBS: - AO OPTAR POR UM APROFUNDAMENTO, O ALUNO PODERÁ CURSAR ATÉ 108 HORAS/AULA DE OUTRO APROFUNDAMENTO COMO OPTATIVAS.

## ANEXO G – Terceira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.

**Objetivo do Curso:** O objetivo do Curso de Licenciatura em Educação Física é formar professores qualificados para intervir, acadêmica e profissionalmente, em instituições públicas e privadas, no componente curricular de Educação Física da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) e Educação Profissional.

O Licenciado em Educação Física deverá estar capacitado para o pleno exercício profissional no componente curricular Educação Física na Educação Básica e Profissional em suas exigências gerais, tais como inserção social da escola, domínio de teorias e processos pedagógicos (ensino-aprendizagem) e de teorias do desenvolvimento dos indivíduos em idade escolar.

**Titulação:** Licenciado em Educação Física

**Diplomado em:** Educação Física

**Período de Conclusão do Curso:**

Mínimo: 8 semestres

Máximo: 14 semestres

**Carga Horária Obrigatória:**

UFSC: 3.480 horas/aula

CNE: 2.800 horas = 3.360 horas/aula

**Número de aulas semanais:**

Mínimo: 12

Máximo: 29

<b>1ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
MOR5219	Anatomia aplicada à Educação Física	04	72	-
DEF5892	Crescimento e Desenvolvimento Humano – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5884	Fund. Histórico-Pedagógicos da EF	03	54	-
DEF5894	Metodologia do Trabalho Acadêmico – PCC 18 horas	02	36	-
DEF5829	Teoria e Metodologia do Atletismo I – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5835	Teoria e Metodologia da Ginástica – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5843	T. e Met. do Futebol(*) – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5844	T. e Met. do Handebol(*) – PCC 18 horas			
	(*) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5843 ou DEF5844			

<b>2ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
CFS5148	Fisiologia Humana – PCC 18 horas	04	72	MOR5219
DEF5893	Aprendizagem e Controle Motor – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5807	Fund. Sócio-Antropológicos da EF – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5870	Seminário Pedagógico em EF(**) – PCC 18 horas	02	36	-
MEN5164	Seminário Pedagógico em EF(**) – PCC 18 horas	02	36	-
DEF5886	Fundamentos Teórico-Metodológicos do Lazer – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5831	Teoria e Metodologia da Natação I – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5845	T. e Met. do Basquete(**) – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5846	T. e Met. do Futsal(**) – PCC 18 horas	04	72	-
	(**) O estudante deverá eleger uma das disciplinas de cada conjunto: (DEF5870 ou MEN5164) e (DEF5845 ou DEF5846)			

<b>3ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5897	Adaptações Orgânicas ao Exercício – PCC 18 horas	04	72	CFS5148
PSI5137	Psicologia Educacional: Desenvolvimento e Aprendizagem – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5810	Planejamento e Organização de Eventos A – PCC 18 horas	04	72	-
EED5331	Teorias da Educação – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5898	Biomecânica – PCC 18 horas	03	54	MOR5219
DEF5847	T. e Met. do Volei(***) – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5848	T. e Met. do Tênis(***) – PCC 18 horas	04	72	-
	(***) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5847 ou DEF5848			
	Disciplina Eletiva I	03	54	

<b>4ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5818	Ed. Física Adaptada – PCC 18 horas	04	72	-
EED5187	Organização Escolar – PCC 18 horas	04	72	-
MEN5603	Didática Geral – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5887	Fundamentos Teórico-Metodológicos da Dança – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5869	Jogos e Brinquedos da Cultura Popular – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5849	T. e Met. do Judô(****) –PCC 18 horas	04	72	-
DEF5850	T. e Met. da Capoeira(****) – PCC 18 horas	04	72	-
	(****) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5849 ou DEF5850			

<b>5ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5821	Medidas e Avaliação em Educação Física – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5871	Metodologia do Ensino de Educação Física (****) – PCC 18 horas	04	72	-
MEN5186	Metodologia do Ensino de Educação Física (****) – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5885	Ed. Física na Infância – PCC 18 horas	04	72	DEF5892
DEF5890	Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5840	Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados – PCC 18 horas	04	72	DEF5818
DEF5841	Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura – PCC 18 horas	04	72	-
	(****) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5871 ou MEN5186			

<b>6ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5826	Metodologia da Pesquisa em Educação Física – PCC 18 horas	04	72	MEN5603
DEF5808	Princípios de Conduta Profissional	03	54	
DEF5872	Estágio Supervisionado em EF I(****)	14	252	DEF5870
MEN5321	Estágio Supervisionado em EF I(****)	14	252	ou MEN5164 EED5331 EED5187 MEN5603 DEF5871 ou MEN5186
	Disciplina Eletiva II	04	72	
	(****) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5872 ou MEN5321			

<b>7ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5874	Seminário de Conclusão de Curso I	04	72	DEF5826
EED5188	Seminário Temático em Educação e Processos Inclusivos – PCC 18 horas	02	36	
DEF5873	Estágio Supervisionado em EF II(*****)	14	252	DEF5872
MEN5322	Estágio Supervisionado em EF II(*****)	14	252	ou MEN5321
	Disciplina Eletiva III	04	72	
	(*****) O estudante deverá eleger uma das disciplinas: DEF5873 ou MEN5322			

<b>8ª FASE</b>				
<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5875	Seminário de Conclusão de Curso II	04	72	Todas as disciplinas do curso, exceto a disciplina optativa
	Disciplina Optativa	04	72	
DEF5899	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (*****)			
	(*****) O estudante deverá desenvolver 240 horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, durante o curso, que será regulamentado pelo Colegiado do Curso			

#### ROL DAS DISCIPLINAS ELETIVAS

<i>Códigos</i>	<i>Disciplinas</i>	<i>Créd.</i>	<i>H/a</i>	<i>Pré-req.</i>
DEF5830	Teoria e Metodologia do Atletismo II – PCC 18 horas	04	72	DEF5829
DEF5843	Teoria e Metodologia do Futebol – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5844	Teoria e Metodologia do Handebol – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5845	Teoria e Metodologia do Basquetebol – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5846	Teoria e Metodologia do Futsal – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5847	Teoria e Metodologia do Voleibol – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5848	Teoria e Metodologia do Tênis – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5849	Teoria e Metodologia do Judô – PCC 18 horas	04	72	-

DEF5850	Teoria e Metodologia da Capoeira – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5832	Teoria e Metodologia do Natação II – PCC 18 horas	03	54	DEF5831
NTR5107	Nutrição e Ex. Físico – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5898	Biomecânica – PCC 18 horas	03	54	MOR5219
DEF5813	Cineantropometria – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5851	Tópicos Avançados em Biomecânica – PCC 18 anos	04	72	-
DEF5833	At. Rítmicas e Expressão – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5834	Informática aplicada à EF – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5867	Corporeidade – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5816	Atividade Física para Grupos Especiais – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5817	Envelhecimento, Atividade Física e Saúde – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5822	Avaliação e Prescrição de Exercícios – PCC 18 horas	03	54	-
INE5119	Introd. à Bioestatística – PCC 18 horas	04	72	-
PSI5415	Psicologia do Esporte e Exercício – PCC 18 horas	03	54	-
DEF5876	Tópicos Avançados em Atividade Motora Adaptada – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5879	EF Escolar e Saúde – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5880	Saúde e Urgências na Escola – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5881	Ed. Física e Mídia – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5882	Ed. Física e Tecnologias de Informação e Comunicação – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5883	Gênero na Ed. Física – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5888	Fundamentos Pedagógicos do Esporte Escolar – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5891	Vivências Corporais – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5836	Teoria e Metodologia da Ginástica Esportiva – PCC 18 horas	04	72	-
DEF5889	Fundamentos Filosóficos da Educação Física – PCC 18 horas	03	54	-

**ANEXO H – Programa de Ensino da Disciplina “Educação Física na Infância”.****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Campus Universitário-Trindade – 88.040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
Fone: (048) 3721-9462 - Fax: (048) 3721-9368 - e-mail: def@cds.ufsc.br

---

**Curso: Licenciatura em Educação Física****PROGRAMA DE ENSINO**

**Código:** DEF 5885

**Disciplina:** Educação Física na Infância

**Carga Horária:** 04 h/a semanais - 72 h/a semestrais (54 h/a teórico/práticas e 18 h/a PCC)

**Pré-requisitos:** DEF 5892

**1. EMENTA**

Conceitos de criança e infância. Características, necessidades e prioridades da criança. Natureza, propósitos, significados da Educação Física na infância. Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância. Análise dos espaços e da cultura lúdica com ênfase nas possibilidades participativas, críticas e expressivas. Planejamento, orientação, organização, desenvolvimento e avaliação dos componentes curriculares da Educação Física na Infância.

**2. OBJETIVO GERAL**

Compreender concepções e metodologias referentes à Educação Física na Infância que contemplem as ações pedagógicas na escola.

**3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- 3.1. Conhecer conceitos, características, necessidades, refletindo sobre criança e infância, considerando o contexto sócio-histórico-cultural;
- 3.2. Fornecer suporte teórico e pedagógico para o ensino da Educação Física na Infância;
- 3.3. Refletir sobre os espaços lúdicos e as possibilidades de desenvolvimento da criatividade, expressividade e sensibilidade;

3.4. Observar e refletir sobre as práticas pedagógicas no ensino da Educação Física na Infância (Práticas Pedagógicas como Componentes Curriculares).

#### **4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

##### **4.1. UNIDADE I**

4.1.1. Aspectos sócio-culturais do desenvolvimento histórico da criança.

4.1.2. Concepções e significados de infância.

4.1.3. Características e necessidades e prioridades da criança.

##### **4.2. UNIDADE II**

4.2.1. Propósitos da Educação Física na Educação Infantil.

4.2.2. Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância.

4.2.3. A brincadeira como espaço lúdico de formação criativa, expressiva e sensível.

##### **4.3. UNIDADE III**

4.3.1. Planejamento e elaboração de práticas pedagógicas em ambientes educacionais.

#### **5. BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KAMII, C. e DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo: Trajetória cultural, 1991.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

LOPES, M.G. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

## ANEXO I – Plano de Ensino da Disciplina “Educação Física na Infância”.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE DESPORTOS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
 Campus Universitário-Trindade – 88.040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
 Fone: (048) 3721-9462 - Fax: (048) 3721-9368 - e-mail: def@cds.ufsc.br

**Curso: Licenciatura em Educação Física**

### PLANO DE ENSINO

**Código:** DEF 5885

**Disciplina:** Educação Física na Infância

**Carga Horária:** 04 h/a semanais - 72 h/a semestrais (54 h/a teórico/práticas e 18 h/a PCC)

#### OBJETIVO GERAL

Compreender concepções e metodologias referentes à Educação Física na Infância que contemplem as ações pedagógicas na escola.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer conceitos, características, necessidades, refletindo sobre criança e infância, considerando o contexto sócio-histórico-cultural;
- Fornecer suporte teórico e pedagógico para o ensino da Educação Física na Infância;
- Refletir sobre os espaços lúdicos e as possibilidades de desenvolvimento da criatividade, expressividade e sensibilidade;
- Observar e refletir sobre as práticas pedagógicas no ensino da Educação Física na Infância (Práticas Pedagógicas como Componentes Curriculares).

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

##### UNIDADE I

- Aspectos sócio-culturais do desenvolvimento histórico da criança.
- Concepções e significados de infância.
- Características e necessidades e prioridades da criança.

##### UNIDADE II

- Propósitos da Educação Física na Educação Infantil.
- Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância.
- A brincadeira como espaço lúdico de formação criativa, expressiva e sensível.

##### UNIDADE III

- Planejamento e elaboração de práticas pedagógicas em ambientes educacionais.

#### METODOLOGIA

- Aulas expositivas
- Aulas práticas
- Seminários
- Elaboração de trabalhos de pesquisa
- Atividades de observação dirigida e experiências de ensino

#### **AVALIAÇÃO:**

- Relatório de observação dirigida
- Trabalho de Pesquisa: produção do conhecimento
- Participação nas aulas
- Resenha
- Prova escrita

**RECUPERAÇÃO:** Será paralela ao período letivo no caso de pesquisas e resenhas. Provas e testes terão recuperação realizada na última semana do semestre letivo.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KAMII, C. e DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo: Trajetória cultural, 1991.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

LOPES, M.G. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BASTIANI, M. L. **Escola alternativa: pedagogia da participação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

SAYÃO, D.T. Infância, prática de ensino de Educação Física infantil. In: Vaz, A. F.; SAYÃO, D.T.; PINTO, F.M. (Orgs.) **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SAYÃO, D.T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Infantil. **Pensar a prática**. Vol. 5, Jul/jun - 2001/2002, p. 1-14.

SILVA, M. R. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da zona da mata canavieira pernambucana. **Caderno CEDES 56 Infância e educação: as meninas**. Campinas: UNICAMP, 2002.

GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **A Educação Física na educação infantil. Diretrizes curriculares para a Educação Física no ensino fundamental**

**e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis/SC.** Florianópolis: NEPEF/UFSC-SME, 1996.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVS, L. H. et al (org.) **Identidade social e a construção do conhecimento.** Porto Alegre: PMPA, p. 98-145.

KISHIMOTO, T.M. Jogo, brincadeira e a Educação Física na pré-escola. **Motrivência.** Florianópolis, Ano VIII, n. 09, 1996, p. 66-77.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Companhia.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.